BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.

480

REG: 1390

LIV: 0001

PÁG: 0040

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

TÍTULO DA PEÇA: "O CAIXEIRO DA TAVERNA"

AUTOR DA PEÇA: "MARTINS PENNA"

DISTRIBUIÇÃO

PROTOCOLOS:

16389/71-DFSP

05179/71-SRA

02213/69-SCDP

02431/69-SCDP

25717/71-DFSP

23778/73-SRA

45359/74-SRA

26920/74-SR/GB

32541/74-SR/SP

15421/78-SRA

01433/80-DCDP

04975-DCDP-81

5552/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 2

Il.mo Sr. Chefe do S.C.D.P. do Departamento de Policia Federal

86

Eu, Judith Real Prado, Diretôra do Ginásio Estadual Tiradentes, abaixo assinada, venho a presença de V. S.ª para solicitar seja examinada a peça teatral " O CAIXEIRO DA TAVERNA", do autor Martins Pena, comédia em um ato, a fim de ser encenada pela Equipe Teatral do Ginásio Estadual Tiradentes , no Teatro de Bolso de Curitiba.

Outrossim, solicito a V.S.ª que após a liberação remeta, por gentileza, à Delegacia Regional do Departamento de Policia Federal em Curitiba.

Nestes Têrmos

P. Deferimento

Curitiba, 13 de junho de 1969

Judith Real Prado
Diretora

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 2213
Em 17/06/1969
Protocolista

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em ___ de _____ de 19___

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 3

97

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Curitiba, 10 de Junho de 1.969

Nº. 022/69-Pr.

A U T O R I Z A Ç Ã O

O abaixo assinado, na qualidade de Representante da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTÔRES TEATRAIS (SBAT), pelo presente, AUTORIZA a Censura da Péça "O CAIXEIRO DA TAVERNA" de autoria de Martins Pena.

ATENCIOSAMENTE

S. B. A. T.
SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Sucursal do Paraná

REPRESENTANTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 4.

M - 1

Estado do Paraná

Secretaria de Educação e Cultura

GINÁSIO ESTADUAL TIRADENTES

87

Diretoria
Of. nº 12/69

Curitiba, 13 de junho de 1969

Da Direção do Ginásio Estadual Tiradentes
Ao Sr. Chefe do S.C.D.P. do Departamento de Policia Federal
Assunto: liberação de uma peça teatral, pede

Pelo presente venho solicitar desse órgão de Censura da Policia Federal a liberação, após ter sido devidamente examinada, da peça teatral "O CAIXEIRO DA TAVERNA", do autor Martins Pena, comédia em um ato e que deverá ser encenada pela Equipe Teatral do Ginásio Estadual Tiradentes.

Sem outro particular para o momento apresento a V.S.ª os meus protestos de elevada estima e consideração.

CORDIALMENTE

Judith Real Prado
Diretora

Il.mº Sr.
C.el Aloysio Muhlethaler de Souza
Chefe do S.C.D.P.
Edificio do B.N.D.E.
Brasilia - D.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 5

GINÁSIO ESTADUAL · CURITIBA · ES

90

O CAIXEIRO DA TAVERNA

Comédia em 1 ato - Martins Pena

Personagens
MANUEL, primeiro caixeiro.
ANGÉLICA, dona da casa.
DEOLINDA, costureira.
FRANCISCO, oficial de latoeiro.
QUINTINO, sargento de fuzileiros.
ANTÔNIO, caixeiro.
JOSÉ, caixeiro, personagem muda.

A cena passa-se no Rio de Janeiro, no ano de 1845.

ATO ÚNICO

O teatro, na antecena, representa uma sala com portas laterais e duas no fundo, pelas quais se vê o interior de uma taverna com seu balcão, onde estará um caixeiro e mais arranjos necessários - tudo distribuído de modo tal, que fiquem bem à vista do espectador as pessoas de diferentes condições que entram na taverna durante a representação. De um e outro lado da sala, haverão algumas pipas, como é costume nas tavernas. No primeiro plano, à esquerda, uma escrivaninha apropriada ao lugar, etc.

Cena I

Ao levantar o pano, Manuel está sentado à escrivaninha, verificando contas.
MANUEL, continuando a somar - ... E 4 são 10, e 9, 19, e 7, 26, soma tudo:... duzentos e sessenta e oito mil trezentos e vinte réis... que deve o Sr. Laurindo da Costa à Viúva Pereira, por gêneros comprados em sua taverna durante cinco meses. Êste é bom pagador, dinheiro seguro. (pegando outra conta): O Major José Félix deve à Viúva Pereira, etc.; cento e vinte e ~~xxxxxxxx~~ nove mil e oitocentos réis... Contem com êste... dinheiro perdido. É isto, querem todos comer a boa manteiga, o queijo frescal, o gordo paio... É só mandar um bilhetinho: Sr. Manuel, mande-me isto; Sr. Manuel, mande-me aquilo; mas quando chega a ocasião de pagar as contas é que são elas. Êste não paga, aquêle desculpa-se, outro descompõe, quer dar no pobre cobrador...É um inferno... Ora, dêste pobre major tenho eu pena. Mal lhe chega o sôldo para pagar casa e educar quatro filhos que tem; mas, bem pensado, a venda de minha ama não é montepio militar... A não que pague! (Chamando) Ó José? Ó José?

Cena II

Entra um menino de doze anos, descalço, em mangas de camisa, calçado de tamancos e muito sujo.
MANUEL - Toma estas contas, vai cobrá-las. Os nomes aí estão. (Dá um maço de papéis). Se algum dos devedores não quiser pagar [illegible] mandarei pôr no Jornal do Comércio. And[illegible] E o que se vê tudo anda pingando. (Levantando-se): É bôa! Quem come, pague! E quem não pode pagar, não coma... Ó Sr. Antônio? Sr. Antônio?
ANTÔNIO - (dentro) - Senhor?
Manuel - Chegue cá.

A SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (S.B.A.T.)
SUCURSAL DO PARANÁ
Autoriza a Turma de Censura do O.P.I. a proceder a Censura desta Obra, cujo autor, é filiado a esta Sociedade.
Curitiba, 6 de 1967
Pela S.B.A.T.

Cena III

Manuel - a Antônio que entra do mesmo modo que José - Chegou a pipa de aguardente que se foi buscar ao Trapiche da Ordem?
Antônio - Já, sim senhor.
Manuel - Pois recolhe-a, e logo à noite tempere-a com quatro barris dágua.
Antonio - Sim senhor.
Manuel - Os direitos estão cada vez mais subidos, e quem não podemos encurtar as medidas, aumentemos o líquido... Em que estado estão aquelas pipas do vinho de Lisboa?
Antônio - Ambas pelo meio.
Manuel - Pois acabe de as encher com água fresca e bote-lhe dentro dois engaços de bananas e uma porção de apu-campestre para lhe dar côr e tom; e quando o vender, diga aos fregueses que é vinho superior da Companhia do Alto-Douro.
Antônio - Sim senhor:
Manuel - E não se esqueça de pendurar à porte êste letreiro. (Tira de sôbre a carteira um rótulo com letras grandes, que digam: UNICO DEPÓSITO DA COMPANHIA DO ALTO-DOURO.) O público deixa-se levar por esta imposturas. Pode ir. (Antônio sai com o rótulo.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 6

Cena IV

Manuel e depois Francisco.

MANUEL - Estou fatigado! Muito custa dirigir-se uma venda bem áfreguesada como esta. Mas, ah, se eu dela fôsse dono, outro galo cantaria... Há seis anos que cheguei do Pôrto e ainda sou caixeiro. Não pensei, quando vim para o Brasil, que fizesse fortuna tão devagar. É verdade que sou o primeiro caixeiro da taverna da viúva de meu amo, mas o que é isto para mim? Para mim, que sou ambicioso? Sim, uma ambição roedora me estraga a alma, dorme e acorda comigo, não mé deixa um só instante tranquilo; traz-me em delírio, confunde-me as idéias. Ah, quantas vêzes tenho eu vendido aguardente de França por aguardente do Reino, linguiças por paios e cebolas por alhos. Ambição, horrível martírio, quando te verei eu satisfeita? (Entra Francisco).

FRANCISCO - Adeus, Manuel.

Manuel - Como estás, Chico?

Francisco - Vamos remando contrá a maré.

Manuel - Chico, tu és bem feliz.

Francisco - Eu? estás enganado; no mundo não se pode ser feliz sem dinheiro, e eu não o tenho.

Manuel - Trabalha e terás.

Francisco - Trabalha! Sou, como bem sabes, oficial de latoeiro, e já por muitas vêzes te tenho dito o que presentemente ganha um oficial de latoeiro. Olha, Manuel, minha avó dizia que no tempo dos vice-reis e mesmo no tempo de el-rei, qualquer que tivesse um ofício ganhava a vida e ainda ajuntava dinheiro. Agora o caso é outro.

Manuel - Deixa-te disso.

Francisco - Ora, dize-me, o que pode fazer um pobre latoeiro do país, quando na rua do Ouvidor está cheia de latoeiros e lampistas franceses? Meu caro, se não fôssem as seringas que fazemos para os moleques brincarem n entrudo, não sei o que seria de nós.

Manuel - Se vocês trabalhassem tão bem como êles...

Francisco - É um engano, é uma mania, e todos vão com ela; é obra estrangeira, e basta! Não se vê por esta cidade senão alfaiates franceses, dentistas americanos, maquinistas inglêses, médicos alemães, relojoeiros suícos, cabeleireiros franceses, estrangeiros de tôdas as seis partes do mundo. E resistam os artistas do país, se são capazes, a éssa torrente! Porém meu pai é que é o culpado de estar eu hoje como estou.

Manuel - Como assim?

Francisco - Em lugar de ensinar-me o seu ofício, como ensinou-mé, podia terme mandado para S. Paulo estudar leis. Bem podia estar deputado.

Manuel - Ah, ah, ah; Dêste modo podemos ser tudo...

Francisco - Manuel, tu és filho de Portugal e não estás bem ao fato da nossa Constituição. Ela diz: A lei é igual para todos. Isto quer dizer qué todos podem ser tudo.

Manuel - Ah, entendes assim?

Francisco - No talento é que está a diferença. O homem de talento pode ser tudo quanto quiser, e tu bem sabes que eu tenho talento... Ainda ninguém pôde fazer, como eu, uma seringa de entrudo que esguiche água mais longe.

Manuel - Ora, Chico (Sorrindo-se)

Fracnsico - Olha, Manuel, não sei o que te diga; às vêzes custa mais fazerme uma seringa de esguicho dó que certas leis.

Manuel - Estás hoje pregador.

Francisco - Estou zangado; tu és feliz.

Manuel - Feliz?

Francisco - Há oito meses que teu amo morreu e a viúva não poderia continuar com a taverna aberta sem o teu auxílio. Eras o único, como primeiro caixeiro, que sabia das transações do defunto.

Manuel, à parte e concentrado - E ainda sou caixeiro.

Francisco - Manuel, um negócio aquí me traz. És meu amigo, devo comunicarto, até porque és nêle interessado.

Manuel - Interessado? E como?

Francisco - Estou resolvido a casar-me.

Manuel - Queres-me dar interêsse no teu casamento?

Francisco - Não. A mulher escolhida por mim é tua ~~xx~~ ama.

Manuel - Minha ~~xx~~ ama?

Francisco - Ela mesma, e tenho razões para supor que lhe não sou indiferent

Manuel, pegando-lhe no braço - Chico, és meu amigo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 7
92

Cena V

Manuel e depois Angélica

MANUEL - Ela vem aí. Estou frio! Ai, que bocado amargoso! Ei-la.
ANGÉLICA - Manuel.
Manuel - Senhora minha ama.
Angélica - Ah, já estava inquieta...
Manuel - Oh, isso é bondade de minha ama. Trabalhava.
Angélica - Não quero que trabalhes tanto, que podes adoecer. Far-me-ias mui
ta falta.
Manuel - Ninguém faz falta.
Angélica - As pessoas como tu fazem sempre falta.
Manuel, à parte - T-mo-la.
Angélica - Não se encontram muitos caixeiros como tu.
Manuel - Oh, minha ama, dá licença que vá ver aquilo lá pelo balcão
como vai.
Angélica - Espera! Tens sempre tanta pressa quando falo contigo...
Manuel - Acudir às minhas obrigações.
Angélica - Já te disse que não quero que te mates. Não acharei outra pessoa
com as tuas qualidades.
Manuel - Oh, a minha ama, não mereço.
ANgélica - Mereces tanto. A experiência do mundo tem-me feito conhecer os h
homens.
Manuel, à parte - Que tal a experiência?
Angélica - É todo meu cúidado zelar a tua saúde.
Manuel - Tanta bondade.
Angélica, suspirando e olhando para êle - Ai, ai!
Manuel - Minha ama, sente alguma coisa?
Angélica - Não.
Manuel, à parte - O caso está mau.
Angélica - Manuel, uma coisa te quero eu pedir.
Manuel - É uma ordem que recebo.
Angélica - Espero que não frequentes certas ruas desta cidade e qu
sobretudo, não arranches para essas patuscadas dos domingos, que fázem os
caixeiros no Járdim Botânico, nos canos da Carioca e nas Paineiras. Tens v
to o resultado.
Manuel - N unca gostei desses pagodes.
Angélica - N em deves do mesmo modo frequentar os bailes mascarados.
M anuel - Bailes? Não sei dançar.
Angélica - Manuel, nos bailes mascarados não se dança, joga-se! Devér-se-i
antes chamar jogos mascárados, ou outro nome que eu não quero di er. Aí é
que a perdição é certa... E o jôgo tem levado muita gente boa à fôrc
vê lá se queres também...
Manuel - Morrer enforcado? Nada!
Angélica - Tu morreres? Ah! (Chegando-se para êle): O que seria de mim, qu
ro dizer, da minha venda, Manuel? Não fales em morrer. (Pegando-lhe na mão
Eu te seguiria...
Manuel, a parte - Oh, homem, até depois de morto!
Angélica, caindo em si, à parte - Ia traindo-me (álto:) Digo-te isto, porq
se me faltares, o meu negócio vai por água abaixo.

Cena VI

Manuel, Angélica e Quintino cóm farda de sargento de fuzileiros.
QUINTINO, entrando - Licença.
MANUEL, à parte - Abençoada visita.
ANGÉLICA - Quem é?
Quintino - Um criado.
Manuel, reconhecendo-o e à parte - Oh, diabo, é o irmão de minha mulher e
meu cunhado sem o saber!
Angélica - Deseja alguma coisa?
Quintino - Dois dedos de conversa ali com o Sr...
Manuel - Comigo?
Quintino - Sim senhor.
Manuel - Pois vamos cá para fora.
Angélica - Espera, Manuel, onde vais?
Quintino - Podemos falar aqui mesmo.
Manuel, à parte - Eu tremo...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 8

Francisco - Duvidas? Experimenta.
Manuel - Desiste dêsse casamento.
Francisco - Que eu desista? E por quê?
Manuel - Por quê? Não te posso dizer.
Francisco - Percebo... Queres-te casar com ela. Pois bem, mostrarei que sou teu amigo. Casa-te; tens mais direito do que eu... já estás em casa.
Manuel, abraçando-o - Obrigado, amigo.
Francisco - Pois bem, casar-me-ei com a nossa vizinha Deolinda.
Manuel - Chico, tu não te casarás com Deolinda!
Francisco - H em
Manuel - Digo-te que não casarás com ela.
Francisco - Essa agora é melhor! Por que não me casarei?
Manuel - A Deolinda já está casada.
Francisco - Casada? E com quem?
Manuel, em voz baixa - Comigo.
Francisco - Contigo? Mas que diabo de trapalhada é essa? És casado e queres casas?
Manuel - Chico, olha atentamente para mim.
Francisco - Estou olhando.
Manuel - Vês em mim um homem profundamente ambicioso...
Francisco - Tu?
Manuel - Sim, eu! E de uma ambição tão frenética qué me levará à sepultura se a não vejo realizada... De uma ambição ambiciosa.
Francisco - Tu me assustas! Acaso queres ser major da Guarda Nacional?
Manuel, com desprêzo - Não.
Francisco - Chefe de legião?
Manuel - Não.
Francisco - Tenente-general?
Manuel - Não.
Francisco - Conde? Marques? Ministro?
Manuel - Não.
Francisco - Manuel, Manuel, que queres tu ser?
Manuel, com mistério - Sócio de minha ama!
Francisco, rindo-se - Ah! ah! ah! É só isso?
Manuel - Só, dizes tu? E que felicidade pode haver no mundo maior para mim? Ah, não sabes que satisfação será a minha, quando escrever em uma conta: Fulano deve a Manuel Pacheco e Viúva Pereira a quantia de tanto, pór gêneros comprados em sua venda. Sua, amigo, sua! Ela será também minha.
Francisco - Enfim, cada um tem la ambição a seu modo.
Manuel - E ainda sou caixeiro! Caixeiro! Sabes tu o que é um caixeiro? É um traste que paga impôsto à Câmara Municipal, como qualquer carruagem ou burro.
Francisco - Mas não vejo por que não queres que eu case com tua ama.
Manuel - Não vês?
Francisco - Logo que estiver casado, prometo dar-te sociedade.
Manuel - Sabes tu se ela te ama?
Francisco - Julgo que não lhe sou indiferente.
Manuel - Pois digo-te que ela não te ama, porque ama-me.
Francisco - A ti?
Manuel - Sim, e de uma maneira desesperada e danada. Amigo, Deus te guarde de amor de uma mulher velha; é pior do que carrapato em orelha de burro. Compreendes agora a minha posição?
Francisco - Ainda não muito bem.
Manuel - Por amor - maldito amor! - casei-me em segrêdo com Deolinda; nem o seu próprio irmão, o Sargento Quintino, o sabe. Pensa agora o que será de mim, se minha ama desconfiar que a desprezei por causa de outra mulher... Raivosa, expulsar-me-á desta casa e minhas esperanças serão malogradas. É preciso enganá-la ate o dia em que assinarmos a escritura de sociedade.
ANGÉLICA, dentro - Manuel?
Manuel - Ela me chama! Vai-te embora!
Francisco - Adeus, e éstimo que sejas bem sucedido.
Manuel - N em palavra...
Francisco - Fica descansado (Sai.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.9

Quintino, pondo a barretiña à cabeça, de lado - Dizem neste quarteirão que o senhor namora minha irmã.
Manuel - Não há tal.
Angélica - Como é lá isso?
Manuel, à parte - Estou arranjado...
Quintino - Foi a primeira notícia que hojé tive, assim que cheguei da Praia Vermelha. O sapateiro da esquina disse-me...
Angélica, enfurecida - Como é isto, Manuel?
Manuel - O senhor está enganado. (Para Angélica:) Não sabe o que diz, está bêbado.
Quintino - O sapateiro da esquina disse-me que o viu entrar ontem à noite lá.
Angélica - Entrar lá?
Manuel - Eo que prova isso?
Angélica - O que prova? E esta!...
Manuel - Sua irmã não cose para fora?
Quintino - Cose, sim senhor, e com muita honestidade.
Manuel - Pois então!? Mandei fazer por ela umas camisas e fui ontem ver se estavam prontas; se quiser, vá perguntar-lhe.
Quintino - Se foi só por isso, o caso é outro...
Manuel - E por que mais havia ser? Importo-me cá com sua irmã? O que tenho eu com sua irmã? Faço lá caso dela? (Á parte:) E não me quer deitar a perder
Angélica - Manuel!
Manuel - Deixe-me.
Quintino - Está bom, homem.
Angélica - Manuel!
Manuel - Estou zangado! Assim se desacrédita ao homem de bem.
Quintino - Em uma palavra, não a namora.
Manuel - Vá-se com todos os diabos você, sua irmã e tôda a sua parentalha.
Quintino - Mais respeito.
Manuel - Pois não me esquente a cabeça! Ora, não tenha eu mais que fazér! Deixar de cuidar nós interêsses de minha boa ama para namorar sua irmã! Era o que me faltava... Diga ao sapateiro que vá cónversar com os defuntos. Irra!
Quintino - Basta. Como não se importa com ela...
Manuel - N em com você, sô barbaças!
Quintino, puxando da espada - Barbaças? (Manuel corre para trás de Angélica)
Angélica, para Quintino - Senhor!
Quintino - Barbaças? Eu te ensinarei.
Angelica - Senhor sargento...
Quintino - Deixe-me sangrá-lo.
Manuel, à parte - Quer fazer a irmã viúva...
Angélica, para Quintino - Tranquilize-se, embainhe a espada.
Quintino, para Manuel - Já eu te rezava por alma. Respeito as senhoras; é o que te salva.
Manuel, à parte - Belo cunhado!
Angélica - O senhor sargento pode ficar descansado: ó Sr, Manuel, meu primeiro caixeiro, não é capaz de desinquietar sua irmã.
Manuel - Que dúvida.
Angélica - Tem outras coisas em que cuidar.
Manuel - Sim, ténho outras muitas coisas (Assim dizendo, pega na mão de Angélica e beija).
Angélica - Ah! (Pondo a mão sôbre o coração).
Quintino - Múito estimo, porque tenha cá certas vistas a seu respeito...Quero casá-la...
Manuel, à parte - Casar minha mulher!
Quintino, continuando - ... com o alferes de minha companhia.
Manuel - Casá-la com o alferes?
Quintino - Sim. E tem que dizer?
Manuel - Casá-la!
Angélica - E o que tens tu com isto?
Manuel, constrangendo-se - Nada, nada! (À parte:) E então? (Alto:) Pode casá-la com quém quiser. (Á parte:) O diabo é se ela se esquece que está casada comigo...
Quintino - Meu menino, esta espada corta muito bem orelhas... E guarde-os Deus (Sai.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 10
95

Cena VII

Manuel e Angélica

MANUEL - Ora, aí está como se bota um homem a perder. Vem o diabo de um Ferrabrás dêstes provocá-lo.
ANGÉLICA - É um desafôro!
Manuel - Se não fôssé o respeito que tenho a esta casa, tinha-lhe atirado com aquela pipa à cabeça.
Angélica - Soldado de tarimba!
Manuel - Case lá a irmã com quem quiser.
Angélica - Mas tu te surpreendeste, quando êle disse que a ia casar com o alferes.
Manuel - Foi surprêsa de compaixão. Quem pode ver de sangue frio entregar uma pobre menina daquelas a um extravagante como é o alferes?
Angélica - É extravagante?
Manuel - Xi, como não faz idéia! Já foi coronel, e por causa de súá má cabeça tem descido de postos; breve estará soldado raso. Mas déixá-lo...
Angélica - Assim o querem, assim o tenham. Tratemos de nós.
Manuel, à parte - Ai!
Angélica - Manuel, eu estou resolvida a dar sociedade nesta minha venda a certa pessoa...
Manuel, à parte - Meu Deus!
Angélica - Uma mulher, por si só, pouco representa. Que dizes do meu projet
Manuel - Que só resta-me sair desta casa.
Angélica - Sair de minha casa?
Manuel - Enquanto sois dela única senhora, sirvo com prazer; mas quando tu verdes um sócio, um homem estranho, não posso, não devo.
Angélica, sorrindo-se - Não seja tão precipitado; éspera um ínstante. Eu vou lá dentro escrever um papel; não te digo mais nada... Lerás... Espera, Manuelinho; espera; lerás... (Sai.)

Cena VIII

Manuel, só e depois Deolinda.

MANUEL - Será possível. Ouviram bem meus ouvidos suas palavras? Espera, Manuelinho, espera e lerás. Ó dita! Ó fortuna! Serei sócio! Sócio! Oh, prazer sufoca-me; daqui a uma hóra já não serei caixeiro, vou andar de cabeça levantada, orgulhoso, ufano... Sócio! Palavra mágica! Ninguém, ninguém no mundo perturbará a minha felicidade.
Deolinda, entrando - Manuel?
Manuel - Oh, qué havia-me esquecido de minha mulher!
Deolinda - Ouve...
Manuel - Vai-te embora!
Deolinda - H em?!
Manuel, empurrando-a - Vai-te embora, vai-te embora, diabo!
Deolinda - Assim mé recebes? Queres que eu me vá?
Manuel - Sim. Sim.
Deolinda - Sabes que mais? Isto assim não pode durar... É preciso que declares o nosso casamento.
Manuel, com cólera, falando baixo - Desgraçada, cala-te, cala-te.
Deolinda - Se és meu marido...
Manuel, tapando-lhe a boca com a mão - Cala-te ou meto-te esta mão pela boca a dentro.
Deolinda, chorando alto - H i, hi, hi.
Manuel, na maior aflição - Se minha ama chega estou arranjado! (Raivoso:) Mulher! (Indo espiar à porta:) H oje me perco! Ainda estará escrevendo? (Com ternura:) Deolinda...
Deolinda - H i! hi! hi!
Manuel - Deolinda, não chores, tem compaixão de teu marido, que tanto te ama.
Deolinda - Deixe-me. Hi! Hi! Hi!
Manuel, à parte - Se a velha chega... (Para Deolinda:) Amanhã ou depois tudo declararei, mas hoje, oh!
Deolinda - E até lá meu irmão estará maltratando-me e atrapalhado-me para que eu me case com o alferes.
Manuel - Mas tu não te casarás!
Deolinda - Quem sabe?
Manuel - Quem sabe? Isso não graças? Vê lá...
Deolinda - Tenho muito mêdo de meu irmão, e demais, meu marido está tão misterioso... Não quer declarar-se...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228 98 P. 11

Manuel - E julgas que eu não tenho razões para assim fazer? Deolinda, minha cara Deolinda! Escuta-me. Minha ama quer dar-se sociedade nesta venda. Mas se ela souber que estou casado tudo desfará. XXXX
Deolinda - E por quê?
Manuel - Ela julga que um homem casado não deve ter sociedade com outra mulher e nem pode dirigir com todo o cuidado uma casa como essa. A mulher, os filhos, a família... tomam tempo...
Deolinda - E logo que fôres sócio...
Manuel - Oh, então declarar-me-ei...
Deolinda - Bem, esperarei visto que êste é o motivo.
Manuel - E que outro poderia ser? Não és tu a minha querida mulher? Dá-me um abraço e vai-te embóra Dá-me (Abre os braços para abraçar Deolinda. Angélica entre neste momento.

Cena IX

Angélica com um papel e os ditos.

ANGÉLICA - Manuel? (Manuel ouvindo a voz de Angélica, fica com os braços abertos na ação de abraçar Deolinda.)
DEOLINDA - Ah!
Angélica - O que é isto? Com os braços abertos?
MANUEL confuso - estáva o comprimento dos braços para a medida das camisas.
Angélica - Ah! a senhora é a Sra. Deolinda que cose para fora e com muita honestidade?
Deolinda - Uma sua criada.
Angélica - E que vem em pessoa tomar medida aos freguêses... em suas próprias casas... e tudo com muita honestidade?...
Manuel, à parte - Elas pegam-se? (Alto:) Minha ama!
Deolinda - Minha Senhora, a honestidade guarda-se em tôda parte que se é honesta; e quando não se é...
Manuel, para Deolinda - Deolinda!
Deolinda, continuando - ... mesmo sem que seja necessário sair-se da casa praticam-se os atos que envergonham...
Angélica - O quê?
Manuel, para Deolinda - Cala-te.
Deolinda - ... e dizem palavras indignas de uma senhora de XXXXXX bem...
Angélica - A menina fala comigo?
Deolinda - ... e só próprias de uma vendilhona!
Angélica - Insolente.
Manuel - Minha ama!
Angélica - Já dessa porta para fora... Já!
Deolinda, com zombaria - Ofendi a duquesa?
Angélica, querendo ir sôbre ela - Desavergonhada!
Manuel, retendo-a - Prudência!
Deolinda - Será ela...
Manuel, afastando-as - Prudência, Senhorá minha ama! Sra. Deolinda!
Angélica - Deixa-me ensinar essa malcriada.
Deolinda - Malcriada será ela, velha de uma figa!
Angélica - Velha (Angélica e Deolinda-forcejam para ir uma contra a outra.)
Manuel, para Deolinda enganando-se - Senhora Minha ama! (Para Angélica do mesmo modo:) Deolinda! Diabos!...

Cena X

Francisco e os ditos.

FRANCISCO -Então o que temos?
Manuel - Prudência que aí vem gente.
Francisco - Senhora Dona Angélica... (á parte vendo Deolinda:) Deolinda por cá? Mau!
Angélica - Sr. Francisco, isto é um horror, um desafôro! O Sr. Manuel traz as suas costureiras - costureiras! - e elas vêm insultar-me.
Manuel - Eú, sra. minha ama? Eu, Manuel Pacheco? Pois bem, hoje mesmo sairei desta casa.
Angélica - Saíres de minha casa?
Manuel - Desconfiam de mim... Que faço aqui? Não faço nada. Vou-me, vou-me, com cem milhões de diabos!
Angélica - Manuel!
Manuel - Adeus, senhora.
Angélica, retendo - Não, tu não sairás. Não posso... meu negócio não pode estar sem ti, XXXXXX

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 12

Manuel - Deixe-me!
ANGélica - Não! Sr. Francisco, ajude-me a segurá-lo.
Francisco - Então, Manuel, o que é isto?
Deolinda - Desgraçada de mim! Ela o ama! (Vai sair pelo fundo:)
Angélica - Manuel, Manuel, não me abandones...

Cena XI

Quintino e os ditos.

QUINTINO, encontrando-se à porta com Deolinda - Espere lá.
Angélica - Quem é?
Manuel, à parte - Meu cunhádo...
Francisco à parte - Temos!...
Quintino, trazendo Deolinda para frente - Preciso de uma explicação.
Deolinda - Deixa-me !
Angélica para Quintino - Mas o que é isto, Sr.?
Manuel - Sim, o que é isto? Assim se entra por uma casa?
Quintino, para Deolinda sem dar atenção aos mais - Não estavas em casa: Mui to estimo encontrar-te aqui. É preciso que tódos me ouçam. Deolinda, disse- ram-me que tu te casaste ocultamente...
Deolinda - Eu?
Manuel, à parte - Mau!
Angélica - Casada!
Quintino - Não procures enganar-me, estou bem informado.
Deolinda - Pois bem, confessarei - sou casada!
Quintino - Ah ! Confessas?
Manuel, á parte - Estou perdido!
Francisco à parte e ao mesmo tempo - No que dará isto?
Angélica - É possível?
Quintino - Agora quero saber quem é teu marido.
Deolinda - Ah, ainda não sabe ?Pois então pergunta ali ao Sr. Manuel.
Manuel - A mim?
Angélica, ao mesmo tempo - A êle?
Deolinda - Sim; diga ao meu irmão quem é o meu marido.
Manuel - Que eu diga?
Angélica - Que horrível desconfiança... E essa escritura? (Querendo rasgar o papel.)
Manuel, pegando-lhe na mão - Espere!
Deolinda, à parte - O que eu ia fazendo?
Manuel, para Quintino - Sr. Sargento, eu queria guardar segrêdo porque assim mo pediram; más como o negócio está meio divulgado, falarei. Fui padrinho do casamento...
Angélica - Tu?
Manuel - E assim, sei quem é o marido.
Quintino - E quem é?
Manuel - O Sr. Francisco.
Francisco - H em!
Deolinda - O que diz?
Angélica, ao mesmo tempo - O Sr. Francisco?
Quintino - Ah, o Sr. é meu cunhado.
Francisco - Eu, Senhor!
Manuel, abraçando-se com Francisco - Amigo, perdoa se falei... (À parte pára êle:) Salva-me, Chico, salva-me! (Alto:) O negócio estava meio sabido... (À parte:) Salva-me, Chico...(Alto:) De que serviria ocultar mais tempo? (À parte:) Dize que te casaste...
Francisco - Mas se tu...
Manuel - Estás zangado por que falei? (À parte:) Salva-me, Chico, salva-me! Francisco, à parte - Tranquiliza-te...(Alto:) Enfim, como já se sabe, que re médio?... Estou casado com a Senhora... A Senhora... é minha mulher... (À parte:) Já que assim quer seu marido...
Angélica, à parte - Aqui há mistério.
Quintino - O que está feito está feito. Lograram-me. Cunhado, aperte essa manopla. Quisera antes que a Deolinda se casasse com o alferes, mas enfim, também és bom rapaz. Vou ao Gradil encomendar um jantar; há de haver bebe- deira grossa. Com licença da companhia; volto (Vai-se.)
Manuel, à parte - Escapei-me de boas!
Angélica - Com quem o Sr. Francisco é casado!
Francisco - O homem sacrifica-se às vêzes.
Angélica, para Manuel - E nunca me disseste nada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 13

98

Manuel - Segrêdo de um amigo.
Deolinda, à parte - Que papel faço eu aqui?
Angélica, à parte - Estou desconfiada; áqui engana-se alguém. Ah, se fôr a mim... (Alto:) Manuel, vem comigo; o Sr. Francisco quererá ficar só, com a mulher...
Manuel - Só, com ela?!
Angélica - E o que tem isso?
Manuel, à parte - Pergunta o que tem?... (Alto:) Nada, nada!
Angélica - Pois segue-me. (À parte:) Há mistério.
Manuel - Eu vou. (À parte, para Francisco:) Chico!... (Angélica sai. Manuel acompanha Angélica, fazendo sinais para Fco.)

Cena XII

Francisco e Deolinda

FRANCISCO - Pobre Manuel, tanto o obriga a ambição!
Deolinda - Belo marido tenho eu, que me entrega a outro.
Francisco - Então, Sra. Deolinda, que me diz a esta? Deve-me estar agradecida; salvei seu marido. D
Deolinda - Que marido! Envergonha-se de ter-me por mulher.
Francisco - Não é vergonha, é mêdo.
Deolinda - Mêdo? Antes me tivesse casado com óutro.
Francisco - Não me quiseste a mim por marido...
Deolinda - Vou-me embora.
Francisco, retendo-a - Espere.
Deolinda - Não posso mais ficar aqui.
Fracnisco - Devagar. Não comprometa seu marido...
Deolinda - Vou-me embora. Deixe-me.
Francisco - Sinto passos; Aí vem ela. Dê-me um abraço (Abraça-a:)
Deolinda, esforçando-se por sair dos seus braços - Senhor!

Cena XIII

Os ditos, Angélica, seguida de Manuel, que traz algumas garrafas. Param à porta vendo Fracnisco abraçar Deolinda.

FRANCISCO - Não se espante. Isto é por conta dêle. Abrace-me que ela nos vê.
Deolinda, vendo Manuel - Ah, pois bem, abracemo-nos. (Abraça-o) Assim me vingarei dêle.
FRANCISCO - Bravo! (Abraçam-se.)
MANUEL, à porta - Isso não pode ser!...
ANGÉLICA, retendo-o - E que te importa que o Sr. Fco. abrace sua mulher?
MANUEL - É indecente!
Angélica - Deixa-os lá e vem comigo. (Vai atravessando a cena e sai. Manuel vai acompanhando Angélica).
Deolinda, correndo e retendo Manuel no momento dêste sair - Vem cá.
Manuel - Traidora!
Deolinda - Ah, está zangado?
Manuel, abraçando-o.
Deolinda - Fiz muito bem; é para teu ensino.
Francisco - Pateta, não vês que era para melhor enganar tua ama?
Manuel - Ah, era para isso? Perdoa-me, Deolinda. Chico, pega nessas garrafas (Dando-as a Fco.) Se soubésses, Deolinda, o que tenho sofrido hoje!
Francisco - Agora abracem-se!
Manuel - Perdoa-me se te dei outro marido; era para nosso bem; dá cá um abraço.
Deolinda, abraçando-o - Sou muito boa em perdoar-te! Francisco enquanto os dois se abraçam, desarrolha uma garrafa e bebe)
Manuel - Minha mulherzinha a!!!

Cena XIV

Angélica e os ditos.

ANGÉLICA, da porta - Que escândalo! Que escândalo! (Francisco, Manuel e Deolinda ficam espantados) Assim deixa abraçar sua mulher? E vê isso bebendo? Que imoralidade! Que escândalo!
Francisco - Foi por distração e sêde.
Manuel - É minha afilhada... Sou padrinho, e bem vê...
Angélica - Sim, é afilhada! (Para Fco.) O senhor, pelo que vejo não é ciumento... E a menino... Está bonito!
Francisco - Entre amigos não deve haver ciúmes - e quando há confiança na amizade, bebe-se.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 14

Angélica - E dorme-se... Tem razão. Mas olhé que há muita gente que assim se pérde pela confiança que tem nos amigos... (À parte:) Eu saberei como isto é. (Para Manuel:) Vai ácabar de arrumar as garrafas.
Manuel, à parte, para Fco. - Cuidado com a bicha. (Vái-se)
Angélica, para Fco. - Tinha que lhe dar uma palávra ... Mas ao senhor só.
Francisco - Deolinda, vai me esperar lá em casa.
Deolinda - Eu vou (À parte, para Fco.:) Diga a Manuel que lá espero. (Sai;)

Cena XV

Angélica e Francisco e depois Mánuel e Quintino.

ANGÉLICA, à parte - Hei de saber como isto é... Empregarei um meio...
Francisco - A sra. D. Angélica está tão pensativa!
Angélica - E tenho motivos para isto. Sr. Francisco, é preciso que eu seja sincera com o Sr.
Francisco - Há muito que isso desejo.
Angélica - O sr. tem-mé dado a entander que minha mão lhe seria agradável...
Fracnsico - Senhora....
Angélica - Não tenho correspondido às suas finezas, porque, emfim..uma mulher vexa-se... esperava poder confessar um dia esse segredo, mas ah, enganei-me, enganei-me!
Francisco - Dona Angélica!
Angélica - Foi uma zombaria! Eu, que o amava...
Francisco - A mim?
Angélica - Sim, ingrato, a ti.
Fracnisco - Oh (À parte:) O Manuel que se arranje como puder; eu falo.
Angélica - A mim, semelhante traição! A mim que já havia feito essa escritura de casamento; vê:.. Só o nome está em branco. O lugar era para o teu.
Francisco - Dá-ma.
Angélica - Agora de nada serve (Quer rasgar.)
Francisco - Não rasgue!
Angélica - Estás casado.
Francisco - Casado! (À parte:) Leve o diabo o Manuel! (Alto:) Angélica, quem te disse que eu estava casado, mentiu.
Angélica - Mentiu?
Francisco - Eu não estou casado.
Angélica - Não estás casado? E quem é o marido de Deolinda?
Francisco - Não lhe posso dizer, mas juró-lhe que estou tão solteiro como quando nasci, Eis-me a seus pés!(Ajoelha.) Dê-me essa promessa.
Angélica - Levanta-te (Quintino aparece a porta do fundo e fica surpreendido, vendo Fco. aos pés de Angélica).
Francisco - Não me levantarei enquanto não me der a sua palavra que me fará ditoso.
Quintino - O marido de minha irmã aós pés de outra mulher?
Angélica - Lá de fora podem ver-nos...
Francisco - E que vejam! Não serei eu seu espôso? (Manuel aparece á porta da direit e, vendo Fco. de jôelhos, fica estupefato.)
Angélica - Talvez, mas levante-se.
Francisco - Não!
MANUEL - Muito bem, muito bem! Amigo falso!
FRANCISCO ,levantando-se - Ah!
Angélica - Ah!
Manuel - Muito bem!
Francisco - Desculpa-me... Ela me ama e eu também a amo.
Quintino, que nesse tempo tem se aproximado, segura e Fco. pela gola da jaqueta, dizendo: - Ah! Tu a amas? E minha irmã, tua mulher?
Francisco - Ai!
Quintino - Assim a enganas, patife!
Francisco - Sua irmã não é minha mulher.
Quintino - Negas?
Angélica, para Manuel - Quem é o marido?
Manuel - Não sei. (Angélica toma a Manuel pelo braço. Quintino faz o mesmo a Francisco, todos falam ao mesmo tempo.)
Angélica, para Manuel - Quem é o marido? Para quem me enganaste? Dize já, quero saber. Ah, não dizes? Eu me vingarei! Não dizes porque tens medo? Ingrato, mal agradecido; eú me vingarei , me vingarei.
Manuel para Angélica - Não sei... Posso lá saber quem é o marido de tôdas as mulheres? Disse o que me disseram; podé ser que me engane, senhora minha [illegible] não me entenderemos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0228, p. 15

Quintino, para Fco., a quem ameaça com a espada - Pensas que assim hás de mangár com o Sargento Quintino? Primeiró hei de tirár-te as tripas, po-las ao sol. Enganar minha irmã! Tira as mãos... Enfio-te... mariola...tira as mãos! Francisco, esforçando-se para sair das mãos de Quintino - Deixe-me, eu não sou o seu cunhado, já lhe disse. Ai, ai, não me mate! Ai, quem me acode. Juro que não é minha mulher! Ai, ai! (Todos acab m gritando).

CENA FINAL - Antônio e José armados de achas de lenha, Deolinda e os ditos.

ANTÔNIO, entrando - O que acónteceu?
DEOLINDA - O que é, Quintino?
ANTÔNIO -Senhora minha ama!
Deolinda - O que foi?
Quintino para Deolinda - O que foi? Vinha encontrar teu maridoaos pés desta senhora.
Deolinda - Meu marido de joelhos a seus pés?
Quintino - Sim, dizendo que a amava.
Deolinda, indo para Manuel - Traidor!
Manuel - Hem! ?
Deolinda - Assim é que me guardavas fidelidade?
Angélica - Ah! XXXX
Quintino - Olha que te enganas.
Deolinda - Não, nao me engano. Êste é o meu marido.
Quintino - Seu marido?
Angélica, ao mesmo tempo - Séu marido?
Manuel, à parte - Ai, ai, ai.
Francisco à parte e ao mesmo tempo - Pobre Manuel.
Angélica para Manuel - Ah, tu eras casado e enganavas-me?
Deolinda - A mim é que enganava
Quintino - Então, com todos os diabos, que é aqui meu cunhado?
Manuel, apontando para Fco - É êle, é êle!
Francisco, apontando para Manuel ao mesmo tempo - É êle, é êle.
Quintino, para Deolinda - Ambos?
Angélica - Espere, sr. srgento, que eu porei estas coisas em ordem (À parte para Manuel:) Ingrato, tudo está explicado e eu me vingarei!
Manuel - Minha ama!
Angélica, repelindo-o com um gesto desprezador - Senhor Francisco, aqui está a escritura de nosso casamento (dá-lhe o papel.)
Francisco - Quanto sóu ditoso!
Manuel - Mas Senhora...
Angélica, interrompendo-o - O sr. Manuel terá a bondade de procurar outro arranjo porque hoje deixa de sér meu caixeiro. Tenho um marido, e nêle um sócio.
Manuel - Um sócio! (Para Fco., na maior desesperação:)Amigo infiel e pérfido, és a causa da minha desgraça e perdição!
Francisco - Eu, Manuel?
Manuel - Sim.
Francisco - Fiz o que pude por ti. Fui marido de tua mulher... Tu és o culpado, Eu não.
Manuel, voltando para Deolinda - Então fôste tu, mulher traidora!
Deolinda - Eu? Não guardei segrêdo? Queixa-te de ti; de mim, não!
Manuel, para Quintino - Então fôste tu, barbaças do diabo.
Quintino, Ameaçando - Passe de lado!
Manuel, vontando-se para Angélica - Ou tu, carocha do inferno!
Angélica - Maroto! Já por esta porta a fora e vai ser caixeiro de Belzebu.
Manuel, comó louco - Caixeiro, sempre caixeiro! Oh, afastem-se de mim, que estou louco, desesperado, furibundo! Para longe! Serei sempre caixeiro, caixeiro, caixeiro! Pagarei sempre imposto, como uma saca de café, um burro, um cavalo, Não sou nada nó mundo. Cortem-me esta cabeça, pendurem-me na porta do açougue. Sou um boi. Paguei direitos na berreira. Sou um boi.(Assim dizendo principia a berrar como um boi.)
Todos - Manuel! (Manuel berra)
Deolinda - Meú Deus, está loúco.
Todos - Louco. (Manuel berra.)
Deolindo - Que desgraça!
Francisco, ao mesmo tempo - Coitado.
Quintino, ao mesmo tempo - Pobre homem.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 16

101

Angélica, ao mesmo tempo - Faz-me pena!
Manuel traz Antônio pelo braço para frente do teatro - Antônio, eis-me de joelhos a teus pés. (Ajoelha) Lembra-te da amizade que nos uniu e faze-me o último favor (Abre a camisa) Enterra-me no coração esta acha de lenha. Traspassa-me o peito com ela. Não queres?
Angélica - Manuel!
Manuel - Quem me chama?
Angélica - É tua ama! Manuel, esqueço-me da afronta que me fizeste e lembrar-ne sòmente dos serviços que me tens prestado. Serás nosso sócio, não é assim, Chiquinho?
Francisco - Sim, será nosso sócio.
Deolinda - Serás sócio! (Manuel levanta-se pouco a pouco como procurando fixar-se no sentido das palavras que lhe dizem.)
Angélica - Serás nosso sócio, ficarás conosco. Eu te perdôo.
Manuel - Sócio! O viram bem meus ouvidos? Serei sócio! (Caindo de joelhos e levantando as mãos para o céu:) Oh, meu Deus, está satisfeita a minha ambição! (Todos falam ao mesmo tempo):
Deolinda - Está salvo!
Quintino - Pobre sócio!
Angélica - Pobre Manuel!
Francisco - Pobre amigo!
Manuel - Serei sócio, serei sócio! (Cai o pano).

EFEIEME

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 17

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

102

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: " O Caixeiro da Taverna "

b) Título original: " O Caixeiro da Taverna "

c) Autor: Martins Pena

d) Tradutor:

e) Diretor: Judith Real Prado

f) Produtor:

g) Companhia: Teatro do Ginásio Estadual Tiradentes

h) Classificação da Censura: 14 (quatorze) anos

II) Análise É uma crítica à ganança por dinheiro

a) Gênero: Comédia

b) Argumento: Manuel, caixeiro da viúva Angélica, havia apaixonado pel
la Deolinda e com ela casa~~d~~ as escondidas. O fêz escondido, porque
ria enganar Angélica, com um idílio amoroso que, no fundo era para t
conta de seu dinheiro, tornando-se sócio-proprietário da furtuna da
va. Além dos três personagens principais, ainda existem mais três qu
são: Francisco, amigo de Manuel, Quintino, fuzileiro e irmão de Deol
e Antonio, outro caixeiro de Angélica. No trancorrer da peça ocorrem
variadas e cômicas situações as quais dão autenticidade à peça.

c) 1 - Mensagem: Demonstra o quanto o homem pode ridicularizar, quando
se frente à furtuna.

2 - Impressão final: É a que o autor realmente quis fazer ver. Não há
nas entrelinhas. É uma peça perfeitamente cristalina.

d) Diálogos: Enquadrados à época de 1.845

e) Cenas: Simples, sem necessidade de restrinções.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 18

f) Personagens: Ao que nos parece, cada ator se comporta de um modo excelente, no seu papel.

g) Valor educativo: Uma peça que externa arte e de grande valor educativo, ~~principalmente~~ para os militantes no campo.

III) Conclusão A solicitação de 14(quatorze) anos, deve-se ao fato, de que a obra mostra uma faceta negativa do ser humano, sem nenhuma sanção.

Brasília, 30 de junho de 19 69

Técnico de Censura - Cart. nº 073
MOACIR GONÇALVES DE OLIVEIRA

Sr.Chefe da Seção de Censura

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Técnico de Censura credenciado MOACIR GONÇALVES DE OLIVEIRA, que a examinou.

TÍTULO:- O CAXEIRO DA TAVERNA
AUTOR:- Martins Pena
RESTRIÇÃO: 14 anos

Em,02/julho/69

JOSE SAMPAIO BRAGA
TCTC-SC/SCDP

Ao Sr. Chefe do SCDP
para deliberação
Em 3/7/69

EXPEDIR OS CERTIFICADOS.
Em: 03/7/69
SUBST.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 19

103

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

Certificado Nº 1390/69

PEÇA - / : : : O CAIXEIRO DA TAVERNA : : : / -

ORIGINAL DE MARTINS PENA

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 03 de JULHO de 1974

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

Brasília, 03 de JULHO de 1969

Wilson

Chefe do S. C. D. P. WILSON DE QUEIROZ GARCIA - SUBST.

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 44, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada - O CAIXEIRO DA TAVERNA -

Original de MARTINS PENA

Tradução de

Adaptação de

Produção de JUDITH REAL PRADO-GINÁSIO ESTADUAL TIRADENTES-CURITIBA-PR

Tendo sido censurada em 02 de JULHO de 19 69 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME § 2º ART. 1º LEI 5536/68

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÔMENTE SERÁ VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPTS DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 03 de JULHO de 19 69

Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 20

DPF. SAv. 7034-FFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 21

104

4/7/69

: Chefe do SCDP

: Sr. Delegado Regional do DPF/PR.

Providências (solicita)

Senhor Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico dêste / Serviço:

1. Assistir ensaios gerais das peças "A BICICLETA DO CONDENADO", de Arrabal e "O CAIXEIRO DA TAVERNA", de Martins Pena;

2. Enviar a êste SCDP, relatórios minuciosos a respeito dos espetáculos, urgente e,

3. Entregar a documentação anexa, scripts e certificados, aos interessados - Sr. Mário Lauterjung Teatro Rotunda Curitiba PR. e Judith/ Real Prado Ginásio Estadual Tiradentes Curitiba/ PR., sòmente após autorização desta Chefia, via/ rádio, à vista do referido no ítem 2.

Atenciosamente,

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP Substituto

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 22

EXMO. SR. CHEFE DO SETOR DE CENSURA DA POLICIA FEDERAL

BRASILIA.

105

O TEATRO ESTUDANTIL PRUDENTINO, com sede na cidade de Presidente Prudente, Estado de São Paulo, à Av. Getulio Vargas,34, vem por meio de seu diretor artístico, abaixo-assinado, solicitar a RE-CENSURA da peça para teatro denominada O CAIXEIRO DA TAVERNA, de autoria de Martins Pena, em um ato, e com a qual pretendem participar do VIII Festival Estadual de Teatro Amador do Estado de São Paulo, cujas inscrições encerram-se dia 10 de julho próximo.

Nestes têrmos

Pede Deferimento

Presidente Prudente, 26 de junho de 1969.

PAULO LARA - DIRETOR ARTISTICO

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 2431
Em 01/07/1969
Protocolista

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em ___ de _____ de 19___

pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

106

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 23

Direitos de Representação — Autorização Nº 164491

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: O CAIXEIRO DA TAVERNA

Original de Martins Penna

Música de .....

Tradução de .....

No Teatro Teatro INTIMO DE COMEDIA Cidade PRESIDENTE PRUDENTE

Emprêsa " " " " Pela Cia. .....

nos dias Para Censura da Peça

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de .....% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ .....por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

São Paulo 26 de Junho de 1950

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SUCURSAL DE S. PAULO
DEP. DE AUTORES TEATRAIS
S. Paulo, de de 19
VISTO

.....
(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 24

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecido como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes do sautores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, runiões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo os que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 25

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS — D.F.S.P.

CERTIFICADO DE CENSURA

Nº de Registro 2293/67 -SP- LIVRO 2 PAG.100

Título do PROGRAMA : "O C A I X E I R O D A T A V E R N A"

RESPONSÁVEL : O TEATRO INTIMO DE COMEDIA - AUTOR: MARTINS PENNA

Aprovado pelo S. C. D. P. " L I V R E "

Validade ATÉ 27 DE JUNHO DE 1.969

LIVRE

Brasília, 27 de JUNHO de 19 67

Certificado de Censura

CHEFE DO S. C. D. P.

DPF-SAv-7007-PFS.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 26

O CAIXEIRO DA TAVERNA

Comédia em um ato

10$

PERSONAGENS

MANUEL, primeiro caixeiro.
ANGÉLICA, dona da casa.
DEOLINDA, costureira.
FRANCISCO, oficial de latoeiro.
QUINTINO, sargento de fuzileiros.
ANTÔNIO, caixeiro.

A cena passa-se na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1845.

---=---

CENA I

Ao levantar do pano, estará Manuel sentado à escrivaninha, verificando contas

MANUEL, continuando a somar - E 4 são 10, e 9 são 19, e 7 26: soma tudo... 268$320 réis... que deve o Sr. Laurindo da Costa à viúva Pereira, por gêneros comprados na sua taverna durante cinco meses... êste' é bom pagador... dinheiro seguro. (Pegando em outra conta) O major José Félix deve à viúva Pereira, etc., 129$800... contem com êste... dinheiro perdido... é isto! querem todos comer a boa manteiga, o queijo frescal, o gordo paio... é só mandar um bilhetinho Sr. Manuel mande-me isto... Sr. Manuel, mande-me aquilo; mas quando chega a ocasião de pagar as contas, é que são elas... êste não paga, aquele desculpa-se, outro descompõe, quer dar no pobre cobrador... é um inferno... Ora, dêste pobre major eu tenho pena: o saldo mal lhe chega para pagar a casa, e educar os quatro filhos' que tem; mas, bem pensando, a venda de minha patrôa não é montepí o da família militar... a nação que pague...
(Chamando) Ó José!... José!...

CENA II

O MESMO
(Vai até a porta e fala)

MANUEL, Toma estas contas... vai cobrá-las... os nomes aí estão...(da-lhe um masso de papéis) Se algum dos devedores não quizer pagar, dize-lhe que mandarei publicar o nome no Jornal do Comércio... Anda, vai. É boa! quem come pague, e quem não pode pagar não coma... Ó Sr. Antônio! Sr. Antônio!...
ANTÔNIO, dentro - Senhor.
MANUEL, Chegue cá.

CENA III

MANUEL E ANTÔNIO

MANUEL, a Antônio que entra - Já chegou a pipa de aguardente que foram '' buscar?
ANTONIO, Já, sim, senhor.
MANUEL, Pois recolha-a, e logo à noite tempere-a com quatro barrís de água.

ANTONIO, Sim, senhor.
MANUEL, Os impostos cada vez estão mais altos, e, como não podemos encurtar as medidas, aumentamos o líquido... Em que estado estão aquelas pipas de vinho de Lisboa?...
ANTONIO, As duas pelo meio.
MANUEL, Pois acabe de enchê-las com água fresca, e bote-lhes dentro dois engaços de bananas, e uma porção de pau campeche para dar côr e tom; e, quando o vender, diga aos fregueses que é vinho superior da companhia do Alto-Douro.
ANTÔNIO, Sim, senhor.
MANUEL, E não se esqueça de pendurar à porta êste letreiro. (Tira de sôbre a carteira um rótulo com letras grandes que digam - UNICO DEPOSITO DA COMPANHIA DO AUTO-DOURO.) O público deixa-se levar por estas imposturas... Pode ir... (Antônio sai com o rótulo)

CENA IV

MANUEL, DEPOIS FRANCISCO

MANUEL, Estou fatigado!... como custa dirigir uma venda bem movimentada como esta... mas, ah! se eu dela fosse dono, outro galo cantaria.. Há seis anos que cheguei do Pôrto, e ainda sou caixeiro!... Não pensei, quando vim para o Brasil, que fizesse fortuna tão devagar É verdade que sou primeiro caixeiro da taverna da viúva de meu patrão... mas que é isto para mim? para mim, que sou ambicioso?... sim! uma ambição roedora me estraga a alma... dorme e acorda comigo... não me deixa um só instante tranquilo... traz-me em delírio confunde-me as idéias... ah! quantas vezes tenho eu vendido aguardente de França por aguardente do reino, linguiças por paios, e ceboulas por alhos!... Ambição! horrível martírio! (Entra Francisco).
FRANCISCO, Bons dias Manuel.
MANUEL, Como estás, Chico?
FRANCISCO, Vamos remando contra a maré.
MANUEL, Chico, tu és bem feliz!
FRANCISCO, Eu? estás enganado... no mundo não se pode ser feliz sem dinheiro e eu não o tenho.
MANUEL, Trabalha, e terás.
FRANCISCO, Trabalha!... Sou, como bem sabes, oficial de funileiro, e já por muitas vezes te tenho dito o que presentemente ganha um oficial de funileiro... Olha, Manuel, minha avó dizia que, no tempo dos vice-reis, e mesmo no tempo do rei, qualquer que tivesse um ofício, ganhava a vida e ainda ajuntava dinheiro... agora o caso é outro...
MANUEL, Deixa disso.
FRANCISCO, Ora, dize-me, que pode fazer um pobre funileiro do país, quando a rua do Ouvidor está cheia de latoeiros franceses?... Meu caro, se não fossem as seringas que fazemos para os moleques brincarem no Carnaval, não sei que seria de nós!
MANUEL, Se vocês trabalhassem tão bem como êles!...
FRANCISCO, É uma mania!... e todos vão com ela... é obra estrangeira, e basta!... Não se vê por esta cidade senão alfaiates franceses, dentistas americanos, maquinistas ingleses, médicos alemães, relojoeiros suissos, cabeleireiros franceses, estrangeiros de todas as partes do mundo... e desistam os artistas do país se são capazes! porém, meu pai é que é o culpado de estar eu hoje como estou!
MANUEL, Como assim?
FRANCISCO, Em lugar de me ensinar o seu ofício, como me ensinou, podia ter-me mandado para S. Paulo estudar leis... eu bem podia ser deputado.
MANUEL, Ah! ah! ah! Dêste modo podemos ser tudo...
FRANCISCO, Manuel, tu és filho de Portugal e não estás bem inteirado da nossa Constituição... ela diz: a lei é igual para todos... isto quer dizer que todos podem ser tudo...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 28

FRANCISCO, No talento é que está a diferença... o homem de talento pode ser tudo quato quiser e tu bem sabes que tenho talento... ainda ninguém pôde fazer, como eu, uma seringa que esguiche água tão longe.

MANUEL, Ora, Chico! (Sorrindo)

FRANCISCO, Olha, Manuel, não sei o que te diga... às vezes custa mais fazer' uma seringa de esguicho do que certas leis.

MANUEL, Hoje estás pregador...

FRANCISCO, Estou zangado... tu és feliz...

MANUEL, Feliz!

FRANCISCO, Há oito meses que teu patrão morreu, e a viúva não poderia continuar com a taverna aberta sem o teu auxílio... eras o único, como primeiro caixeiro, que sabia das transações do defunto...

MANUEL, à parte e concentrado - E ainda sou caixeiro!

FRANCISCO, Manuel, um negócio aquí me traz; és meu amigo, devo lhe comunicar até porque és interessado nele...

MENUEL, Interessado! como?

FRANCISCO, Resolvi me casar.

MANUEL, E qual é o meu interêsse no teu casamento?

FRANCISCO, A mulher escolhida por mim é tua patrôa.

MANUEL, Minha patrôa?!

FRANCISCO, Ela mesma, e tenho razões para supor que lhe não sou indiferente.

MANUEL, pegando-lhe no braço - Chico, és meu amigo?

FRANCISCO, Duvidas? experimenta...

MANUEL, Desiste dêsse casamento.

FRANCISCO, Que eu desista? e por que?

MANUEL, Por que?... não te posso dizer...

FRANCISCO, Percebo... queres te casar com ela... Pois bem, mostrarei que sou teu amigo casa-te, tens mais direito do que eu... já estás em casa.

MANUEL, abraçando-o - Obrigado amigo.

FRANCISCO, Pois bem, então me casarei com nossa vizinha Deolinda...

MANUEL, Chico! tu não te casarás com a Deolinda...

FRANCISCO, Hein!...

MANUEL, Digo-te que não te casarás com ela.

FRANCISCO, Essa agora é melhor!... e por que não me casarei?

MANUEL, A Deolinda já está casada.

FRANCISCO, Casada?!... e com quem?

MANUEL, em voz baixa - Comigo.

FRANCISCO, Contigo?!... mas que diabo de trapalhada é essa?... estás casado, e queres casar?

MANUEL, Chico, olha para mim.

FRANCISCO, Estou olhando.

MANUEL, Vês em mim um homem profundamente ambicioso...

FRANCISCO, Tu?

MANUEL, Sim, eu!... e de uma ambição frenética, que me levará à sepultura se não a vejo realizada... de uma ambição ambiciosa.

FRANCISCO, Tu me assustas!... acaso queres ser major da guarda nacional?

MANUEL, com desprêzo - Não!

FRANCISCO, Chefe da legião?

MANUEL, Não!

FRANCISCO, Tenente-general?

MANUEL, Não!

FRANCISCO, Conde? marquês? ministro?

MANUEL, Não!

FRANCISCO, Manuel, Manuel, que queres tu ser?

MANUEL, com mistério - Sócio de minha patrôa!

FRANCISCO, rindo-se - Ah! ah! é só isso?

MANUEL, Só, dizes tu?... e que felicidade pode haver no mundo maior para' mim? Ah! não sabes que satisfação será a minha quando escrever numa conta: Fulano deve a Manuel Pacheco e Viúva Pereira a quantia' de tanto, por gêneros comprados em sua venda... sua, amigo! sua!. ela será também minha!

FRANCISCO, Enfim, cada um tem lá sua ambição.

MANUEL, E ainda sou caixeiro!... sabes tu o que é um caixeiro?... é um '' trapte que paga imposto à Câmara Municipal, como qualquer carruagem ou burro.

FRANCISCO, Mas não vejo porque não queres que eu me case com tua patrôa.

MANUEL, Não percebes?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 29

DIVERSÕES PÚBLICAS - SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES D.F.S.P.

FRANCISCO, Logo que eu estiver casado eu te darei sociedade!
MANUEL, Sabes se ela te ama?
FRANCISCO, Julgo que não lhe sou indiferente.
MANUEL, Pois eu digo que ela não te ama, porque ela me ama.
FRANCISCO, A ti!
MANUEL, Sim, e de uma maneira desesperada... Deus te guarde do amor de mulher velha; é pior do que carrapato em orelha de burro! Compreendes agora a minha posição?
FRANCISCO, Ainda não muito bem.
MANUEL, Por amor - maldito amor!... - me casei em segrêdo com a Deolinda.. nem o seu próprio irmão, o sargento Quintino, sabe... Pensa agora que será de mim, se minha patrôa desconfiar que a desprezei por calsa de outra mulher... Ela me expulsará desta casa, e as minhas esperanças serão malogradas... É preciso enganá-la até o dia em que assinarmos a escritura de sociedade...
ANGÉLICA, dentro - Manuel?
MANUEL, Ela está me chamando... Vai-te embora.
FRANCISCO, Adeus, e estimo que sejas bem sucedido.
MANUEL, Nem uma palavra...
FRANCISCO, Fica descansado (Sai).

CENA V

MANUEL, DEPOIS ANGÉLICA

MANUEL, Ela vem aí... estou frio... ai que bocado amargo...
ANGÉLICA, entrando - Manuel?
MANUEL, Senhora!
ANGÉLICA, Ah! já estava inquieta...
MANUEL, Oh! isso é bondade de minha patroa. Eu trabalhava.
ANGÉLICA, Não quero que trabalhes tanto, que podes adoecer... e me farias muita falta.
MANUEL, Ninguém faz falta.
ANGÉLICA, As pessoas como tu sempre fazem falta.
MANUEL, à parte - Ai que mêdo!
ANGÉLICA, Não se encontram muitos caixeiros como tu...
MANUEL, Oh!... minha patroa dá licensa que vá ver o balcão como vai?
ANGÉLICA, Espera! tens sempre tanta pressa quando falo contigo!
MANUEL, Faço minhas obrigações.
ANGÉLICA, Já te disse que não quero que te mates... não acharei outra pessoa com as tuas qualidades...
MANUEL, Oh! minha patroa! não mereço...
ANGÉLICA, Mereces tudo... a experiência do mundo tem-me feito conhecer os homens...
MANUEL, à parte - Que tal a experiência?!
ANGÉLICA, É meu dever zelar pela tua saúde.
MANUEL, Tanta bondade!...
ANGÉLICA, suspirando e olhando para êle - Ai! Ai!
MANUEL, Minha patroa sente alguma dor?
ANGÉLICA, Não...
MANUEL, à parte - O caso vai mau!
ANGÉLICA, Manuel, quero te pedir uma coisa...
MANUEL, Ordena que eu cumpro.
ANGÉLICA, Espero que não frequentes certas ruas desta cidade... e sobretudo essas patuscadas, que os caixeiros fazem aos domingos no Jardim Botânico, nos canos da Carioca.
MANUEL, Não gostei nunca dessas brincadeiras.
ANGÉLICA, Nem deves do mesmo modo frequentar os bailes mascarados.
MANUEL, Bailes!... não sei dançar.
ANGÉLICA, Manuel, nos bailes mascarados se dança, joga-se... deveriam antes chamar jogos mascarados, ou outro nome que eu não quero dizer... aí é que a perdição é certa... e o jôgo tem levado muita gente forca; vê lá se queres também...
MANUEL, Morrer enforcado?
ANGÉLICA, Tu morreres? ah! (Chegando-se para êle) Que seria de mim?... que ro dizer, da minha venda?... Manuel, não fales em morrer. (Pegando-lhe na mão) Eu te seguiria...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.30

MANUEL, à parte - Oh! até depois de morto!
ANGÉLICA, caindo em si, à parte - Ia me traindo. (Alto) Digo-te isto, porque, se me faltares, o meu negócio vai por água abaixo...

CENA VI

MANUEL, ANGÉLICA E QUINTINO, com farda de sargento de fuzileiros.

QUINTINO, entrando - Com licença?
MANUEL, à parte - Abençoada visita!
ANGÉLICA, Quem é?
QUINTINO, Sargento Quintino.
MANUEL, reconhecendo-o, à parte - Oh! diabo... é o irmão de minha mulher' e meu cunhado sem o saber.
ANGÉLICA, Deseja alguma coisa?
QUINTINO, Dois dedos de conversa com o senhor.
MANUEL, Comigo?...
QUINTINO, Sim, senhor.
MANUEL, Pois vamos lá prá fora.
ANGÉLICA, Espera, Manuel; aonde vais?
QUINTINO, Podemos falar aqui mesmo.
MANUEL, à parte - Ai! ai! ai!
QUINTINO, Dizem neste quarteirão que o senhor namora minha irmã.
MANUEL, Eu?!
ANGÉLICA, Como é isto?
MANUEL, à parte -Estou bem arranjado...
QUINTINO, Foi a primeira notícia que tive hoje, assim que cheguei da Praia' Vermelha... O sapateiro da esquina me disse...
ANGÉLICA, enfurecida - Como é isto, Manuel?
MANUEL, O senhor está enganado... (Angélica) Não sabe o que diz, está bêbado.
QUINTINO, O sapateiro da esquina me disse que o viu entrar ontem à noite lá.
ANGÉLICA, Entrar lá?
MANUEL, E que prova isso?...
ANGÉLICA, Que prova?...
MANUEL, Sua irmã não cose para fora?
QUINTINO, Cose, sim, senhor, e com muita honestidade...
MANUEL, Pois então?... mandei fazer umas camisas e ontem fui ver se estavam prontas se quizer, vá lhe perguntar.
QUINTINO, Se foi só isso, o caso é outro...
MANUEL, E por que mais havia ser?... eu lá me importo com sua irmã?...que tenho eu com sua irmã?...
ANGÉLICA, Manuel!...
MANUEL, Deixe-me!...
QUINTINO, Esta bem, homem...
ANGÉLICA, Manuel!
MANUEL, Estou zangado... assim se desacredita um homem de bem!
QUINTINO, Em uma palavra; não a namora?...
MANUEL, Vá-se com todos os diabos você, sua irmã e sua parentela!
QUINTINO, Mais respeito...
MANUEL, Pois não me esquente a cabeça!... Ora eu tenho mais que fazer.... deixar de cuidar dos interêsses de minha boa patroa, para namorar sua irmã!... era o que me faltava... diga ao sapateiro que vá conversar com o raio que parta!
QUINTINO, Basta, como não se importa com ela...
MANUEL, Nem com você, seu piolho.
QUINTINO, Piolho? (Manuel corre para trás de Angélica)
ANGÉLICA, a Quintino - Senhor!...
QUINTINO, Piolho?... eu te ensinarei...
ANGÉLICA, Sr. sargento...
QUINTINO, Deixe-me sangrá-lo...
MANUEL, à parte - Quer fazer a irmã viúva...
ANGÉLICA, a Quintino - Tranquilize-se... embainhe essa espada...
QUINTINO, a Manuel - Eu já rezava por tua alma... respeito as senhoras... é o que te salva!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 31

MANUEL, à parte - Belo cunhado!
ANGÉLICA, O Sr. Sargento pode ficar descansado... o Sr. Manuel, meu primeiro caixeiro, não é capaz de aborrecer sua irmã.
MANUEL, Que dúvida!
ANGÉLICA, Tem outras coisas em que cuidar...
MANUEL, Sim tenho outras muitas coisas. (Assim dizendo, pega na mão de Angélica, e beija-a).
ANGÉLICA, Ah!... (Pondo a mão sôbre o coração)
QUINTINO, Muito estimo, porque tenho cá umas idéias... quero casá-la...
MANUEL, à parte - Casar minha mulher!
QUINTINO, continuando - Com o alferes da minha companhia...
MANUEL, Casá-la com o alferes?...
QUINTINO, Sim, e que tem isso?
MANUEL, Casá-la!
ANGÉLICA, Que tens com isso?...
MANUEL, constrangendo-se - Nada, nada! (À parte) E então!... (Alto) Pode' casá-la com quem quizer... (À parte.) O diabo é se ela esquese de que está casada comigo!...
QUINTINO, Meu menino, esta espada corta muito bem relhas... até mais ver... (sai).

CENA VII

MANUEL E ANGÉLICA

MANUEL, Ora aí está como se bota um homem a perder!... vem o diabo dêstes provocá-lo...
ANGÉLICA, É um desafôro!...
MANUEL, Se não fosse o respeito que tenho a esta casa, tinha-lhe atirado com aquela pipa na cabeça.
ANGÉLICA, Soldado fanfarrão!
MANUEL, Case lá a irmã com quem quizer...
ANGÉLICA, Mas tu te surpreendeste quando êle disse que ia casar a irmã com' o alferes?...
MANUEL, Foi surpresa de compaixão...Quem pode ver de sangue frio entregar uma pobre menina daquelas a um extravagante como é o alferes?...
ANGÉLICA, É extravagante?
Manuel, Chi!... A patroa não faz idéia!... já foi coronel, e, por causa ' da sua má cabeça, tem descido de postos... breve estará soldado ' raso...
ANGÉLICA, Assim o querem, assim o tenham... Tratemos de nós...
MANUEL, à parte - Ai!
ANGÉLICA, Manuel, estou resolvida a dar sociedade nesta minha venda a certa pessoa...
MANUEL, à parte - Meu Deus!...
ANGÉLICA, Uma mulher, por si só, pouco representa... Que dizes do meu projeto?
MANUEL, Que só me resta sair desta casa?
ANGÉLICA, Sair de minha casa!...
MANUEL, Enquanto é dela única senhora, sirvo com prazer, mas quando tiver um sócio, um homem estranho, não posso, não devo...
ANGÉLICA, sorrindo-se - Não sejas tão precipitado... espera um instante.... vou lá dentro escrever um papel... não te digo mais nada... verás Espera, Manuelinho, espera, verás... (Sai).

CENA VIII

MANUEL, DEPOIS DEOLINDA

MANUEL, só - Será possível?!... ouviram bem os meus ouvidos as suas palavras?... Espera Manuelinho, espera... e verás!... Oh! dita! oh! ' fortuna!... serei sócio!... oh!... o prazer sufoca-me... daquí a uma hora já não serei caixeiro... vou andar de cabeça levantada,' orgulhoso, ufano... Sócio!... palavra mágica! Ninguém, ninguém no mundo pertubará a minha felicidade...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 32

113

DEOLINDA, entrando - Manuel?
MANUEL, Oh! esqueci de minha mulher...
DEOLINDA, Cuve.
MANUEL, Vai-te embora.
DEOLINDA, Heim?...
MANUEL, empurrando-a - Vai-te embora, vai-te embora, diabo!
DEOLINDA, Assim me recebes!... queres que me vá?
MANUEL, Sim... sim...
DEOLINDA, Sabes o que mais? Isto não pode durar... é preciso que declares o nosso casamento...
MANUEL, com cólera e falando em voz baixa - Desgraçada! cala-te... cala-te...
DEOLINDA, Se és meu marido...
MANUEL, tapando-lhe a boca com a mão - Cala-te, ou meto-te esta mão pela' boca dentro...
DEOLINDA, chorando alto - Hi! hi! hi!
MANUEL, raivoso e falando entre os dentes - Olha que te mato!...
DEOLINDA, Hi! hi! hi!
MANUEL, na mior aflição - Se minha patroa chega, estou arranjado!... (Raivoso) Mulher!... (Indo espiar à porta) Hoje me perco!... Ainda estará escrevendo?... (Com ternura) Deolinda!
DEOLINDA, Hi! hi! hi!
MANUEL, Deolinda, não chores, tem compaixão de teu marido, que tanto te ama.
DEOLINDA, Deixe-me!... hi! hi! hi!
MANUEL, à parte - Se a velha chega... (Para Deolinda) Amanhã ou depois tudo declararei... mas hoje não!
DEOLINDA, E até lá, meu irmão estará me maltratando, para que eu me case ' com o alferes...
MANUEL, Mas tu não te casarás!...
DEOLINDA, Quem sabe!...
MANUEL, Quem sabe?... Isso não é brincadeira... Vê lá...
DEOLINDA, Tenho muito mêdo de meu irmão... e de mais, meu marido está tão ' misterioso...
MANUEL, E julgas que não tenho razões para proceder assim?... Deolinda, minha cara Deolinda, escuta... minha patroa quer me dar sociedade ' nesta venda; mas se ela souber que estou casado, vai tudo por água abaixo...
DEOLINDA, E por que?
MANUEL, Ela julga que um homem casado não deve ter sociedade com outra mulher, nem pode dirigir com todo o cuidade uma casa como esta... A mulher, os filhos, a família... tomam tempo...
DEOLINDA, E logo que fores sócio?
MANUEL, Oh! então declararei nosso casamento.
DEOLINDA, Bem, esperarei... visto que êsse é o motivo...
MANUEL, E que outro poderia ser?... não és tu a minha querida mulher?.... Dá-me um abraço, e depois vai embora... dá-me. (Abre os braços para abraçar Declinda).

CENA IX

OS MESMOS E ANGÉLICA, com um papel

ANGÉLICA, Manuel?... (Manuel ouvindo a voz de Angélica, fica com os braços' abertos, na ação de abraçar Deolinda).
DEOLINDA, Ah!
ANGÉLICA, Que é isto?... de braços abertos?...
MANUEL, confuso - Estava mostrando o comprimento dos braços, para medida' das camisas.
ANGÉLICA, Ah! a senhora é a Sra. Deolinda, que cose para fora e com muita ' honestidade?
DEOLINDA, Uma sua criada.
ANGÉLICA, E que vem em pessoa tomar medida dos fregueses... em suas próprias casas...
MANUEL, à parte - Elas vão se pegar! (Alto) Minha patroa...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 33

DEOLINDA, Minha senhora, a honestidade a gente guarda em toda parte quando se é honesta, e quando não se é...
MANUEL, Deolinda!
DEOLINDA, continuando - Mesmo sem que seja necessário sair de casa, prati--cam-se atos que envergonham.
ANGÉLICA, O que?...
MANUEL, a Deolinda - Cala-te!
DEOLINDA, E falam coisas indignas de uma senhora de bem...
ANGÉLICA, A menina fala comigo?
DEOLINDA, E só próprios de uma vendelhona...
ANGÉLICA, Insolente!
MANUEL, Minha patroa!
ANGÉLICA, Já desta porta para fora... já...
DEOLINDA, com zombaria - Ofendí a duquesa!
ANGÉLICA, querendo ir sôbre ela - Desavergonhada!
MANUEL, retendo-a - Prudência!
DEOLINDA, Será ela...
MANUEL, afantando-as - Prudência... minha patroa, Sra. Deolinda!
ANGÉLICA, Deixa-me ensinar essa malcriada!
DEOLINDA, Malcriada será ela, velha de uma figa!
ANGÉLICA, Velha! (Angélica e Deolinda forcejam para ir uma contra a outra).
MANUEL, a Deolinda, enganando-se - Minha patroa (A Angélica, do mesmo modo) Deolinda, diabo!

CENA X

OS MESMOS E FRANCISCO

FRANCISCO, Então como vais?
MANUEL, Prudência, que aí vem gente.
FRANCISCO, Sra. D. Angélica... (À parte, vendo Deolinda) Deolinda por cá?...
ANGÉLICA, Sr. Francisco, isto é um horror... um desafôro... o Sr. Manuel traz as suas costureiras... costureiras!... para casa, e elas vêm me insultar...
MANUEL, Eu, minha patroa? Manuel Pacheco?... pois bem, hoje mesmo sairei desta casa...
ANGÉLICA, Sair de minha casa?!...
MANUEL, Desconfiam de mim... que faço aqui?... não faço nada... vou-me, vou-me com cem milhões de diabos!...
ANGÉLICA, retendo-o - Não, tu não sairás... não posso... o meu negócio não pode estar sem ti...
MANUEL, Deixe-me...
ANGÉLICA, Não! Sr. Francisco, ajude-me a segurá-lo.
FRANCISCO, Então, Manuel, que é isto?...
DEOLINDA, Desgraçada de mim: ela o ama! (Vai a sair pelo fundo.)
ANGÉLICA, Manuel!... Manuel, não me abandones...

CENA XI

OS MESMOS E QUINTINO

QUINTINO, encontrando-se à porta com Deolinda - Espere aí!
ANGÉLICA, Quem é?
MANUEL, à parte - Meu cunhado...
FRANCISCO, à parte - Chiii!
QUINTINO, trazendo Deolinda para a frente - Preciso de uma explicação...
DEOLINDA, Me larga.
ANGÉLICA, a Quintino - Mas o que é isto, senhor?...
MANUEL, Sem, que é isto?... assim se entra por uma casa?...
QUINTINO, a Deolinda, sem dar atenção aos mais - Não estavas em casa... muito estimo encontrar-te aquí... é preciso que todos me ouçam... Deo--linda, disseram-me que tu te casaste ocultamente!...
DEOLINDA, Eu?...
MANUEL, à parte - Ai! ai! ai!
ANGÉLICA, Casada!...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 34

DIVERSÕES PÚBLICAS - SERVIÇO DE CENSURA DE

QUINTINO, Não procures me enganar... estou bem informado...
DEOLINDA, Pois bem, confessarei... estou casada.
QUINTINO, Ah! confessas...
MANUEL, à parte - Estou perdido!...
FRANCISCO, à parte e ao mesmo tempo - No que dará tudo isso?
ANGÉLICA, Será possível?!
QUINTINO, Agora quero saber quem é teu marido.
DEOLINDA, Ah! ainda não sabes?... pois então pergunta aí ao Sr. Manuel...
MANUEL, A mim?!
ANGÉLICA, ao mesmo tempo - A êle?!...
DEOLINDA, Sim... diga a meu irmão quem é meu marido.
MANUEL, Que eu diga?...
ANGÉLICA, Que horrível desconfiança... e esta escritura?... (Querendo rasgar o papel).
MANUEL, pegando-lhe na mão - Espere!...
DEOLINDA, à parte - Que ia eu fazendo?...
MANUEL, a Quintino - Sr. sargento, eu queria guardar segrêdo... porque assim me pediram; mas como o negócio está meio divulgado, falarei... Fui padrinho de casamento...
ANGÉLICA, Tu?
MANUEL, E, sei quem é o marido.
QUINTINO, E quem é?...
MANUEL, O Sr. Francisco.
FRANCISCO, Hein?...
DEOLINDA, Que diz?...
ANGÉLICA, ao mesmo tempo - O Sr. Francisco?...
QUINTINO, Ah! o senhor é meu cunhado?...
FRANCISCO, Eu, senhor...
MANUEL, abraçando Francisco - Amigo, perdoa se falei... (À parte) Salva-me, Chico, salva-me... (Alto) O negócio estava meio sabido... (À parte) Salva-me Chico... (Alto) De que serviria ocultar mais tempo?... (à parte Diz que te casaste...
FRANCISCO, Mas se tu...
MANUEL, Estás zangado porque falei. (À parte) Salva-me Chico...
FRANCISCO, à parte - Tranquiliza-te... (Alto) Enfim, como já se sabe... que' remédio... Estou casado com minha senhora... a senhora... é minha mulher... (À parte) Já que assim quer teu marido...
ANGÉLICA, à parte - Aqui há mistério...
QUINTINO, O que está feito está feito... lograram-me... Cunhado, aperta aquí os ossos... Quisera antes que a Deolinda se casasse com o alferes... mas, enfim, também és bom rapas... Vou encomendar um jantar... há de haver bebedeira grossa... com licença volto já (Sai)
MANUEL, à parte - Escapei de boa!...
ANGÉLICA, Então, o Sr. Francisco é casado!...
FRANCISCO, O homem se sacrifica às vezes...
ANGÉLICA, a Manuel - E nunca me disseste nada...
MANUEL, segrêdo de um amigo...
DEOLINDA, à parte - Que papel faço eu aquí?
ANGÉLICA, (à parte) - Estou desconfiada... aquí se engana a alguém... ah! se for a mim... (Alto). Manuel vem comigo, o Sr. Francisco quererá ficar só com sua mulher...
MANUEL, Só com ela?
ANGÉLICA, E que tem isso?...
MANUEL, à parte - Pergunta o que tem! (Alto) Nada, nada!...
ANGÉLICA, Pois segue-me. (À parte) Há mistério!...
MANUEL, Eu vou... (À parte a Francisco) Chico.... (Angélica sai - Manuel' acompanha Angélica fazendo sinais a Francisco)

CENA XII

FRANCISCO E DEOLINDA

FRANCISCO, Pobre Manuel, a quanto o obriga a ambição!
DEOLINDA, Belo marido tenho eu, que me entrega a outro!
FRANCISCO, Então, Sra. Deolinda... que me diz disto?... Deve estar agradecida... salvei seu marido...
DEOLINDA, Que marido!... êle se envergonha da própria mulher...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 35

DIVERSÕES PÚBLICAS - SERVIÇO DE CENSURA DE

FRANCISCO, Não é vergonha, é mêdo...
DEOLINDA, Mêdo?... antes me tivesse casado com outro...
FRANCISCO, Não me quis por marido!...
DEOLINDA, Vou-me embora...
FRANCISCO, retendo-a - Espere...
DEOLINDA, Não posso mais estar aquí...
FRANCISCO, Devagar, não comprometa seu marido...
DEOLINDA, Deixe-me...
FRANCISCO, Sinto passos... aí vem ela... dê-me um abraço... (Abraça-a).
DEOLINDA, esforçando-se por sair de seus braços - Senhor Francisco.

CENA XIII

Os mesmos, ANGÉLICA, seguida de MANUEL, que traz algumas farrafas; pára à porta vendo ' FRANCISCO abraçar DEOLINDA.

FRANCISCO, Não se espante... Abrace-me que ela nos vê.
DEOLINDA, vendo Manuel - Ah! pois bem, abracemo-nos... (Abraçam-se) Assim ' me vingarei dêle...
FRANCISCO, Bravo!... (Abraçam-se).
MANUEL, à parte - Isto não pode ser...
ANGÉLICA, retendo-o - E que te importa que o Sr. Francisco abrace sua mulher?
MANUEL, É indecente.
ANGÉLICA, Deixa-os lá e vem comigo... (Vai atravessando a cena e sai. Manuel vai acompanhando Angélica).
DEOLINDA, correndo e retendo Manuel no momento dêste sair - Vem cá.
MANUEL, Traidora!...
DEOLINDA, Ah! está zangado?...
MANUEL, Abraçando-o
DEOLINDA, Fiz muito bem; é para seu ensino...
FRANCISCO, Pateta, não vês que era para enganar tua patroa?
MANUEL, Ah! era por isso?... Perdoa-me, Deolinda... Chico, pega estas garrafas. (Dando-as a Francisco) Se soubesses, Deolinda, como sofri ' hoje!...
FRANCISCO, Agora abracem-se...
MANUEL, Perdoa-me se te dei outro marido... era para nosso bem... dá cá ' um abraço.
DEOLINDA, abraçando-o - Sou muito boa em perdoar-te!... (Francisco, enquanto os dois se abraçam, desarrolha uma garrafa e bebe.)
MANUEL, Minha mulherzinha! aperta!

CENA XIV

OS MESMOS E ANGÉLICA

ANGÉLICA, à parte - Que escândalo!... que escândalo!... (Francisco, Manuel ' e Deolinda ficam espantados) Deixa sua mulher abraçar assim!... e vê isso bebendo!... que imoralidade!... que escândalo!...
FRANCISCO, Foi por distração e sêde.
MANUEL, É minha afilhada... sou padrinho, a senhora compreende...
ANGÉLICA, Sim... é afilhada!... (A Francisco) O Senhor, pelo que vejo, não ' é ciumento... e a menina!... Está bonito!...
FRANCISCO, Entre amigos não deve haver ciúmes, e quando há confiança na amizade, bebe-se.
ANGÉLICA, E dorme-se... tem razão!... Mas olhe que há muita gente que se ' perde pela confiança que tem nos amigos! (À parte.) Eu saberei o que é isto... (A Manuel) Vai acabar de arrumar as garrafas.
MANUEL, à parte a Francisco - Cuidado com a bicha! (Vai-se).
ANGÉLICA, a Francisco - Tinha que lhe dar uma palavra... mas ao senhor só.
FRANCISCO, Deolinda, vá esperar lá em casa.
DEOLINDA, Eu vou. (À parte a Francisco) Diga a Manuel que eu o espero lá... (Sai).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 36

DIVERSÕES PÚBLICAS - SERVIÇO DE CENSURA DE

117

CENA XV

ANGÉLICA E FRANCISCO

ANGÉLICA, à parte - Hei de saber o que é isto... empregarei um meio...
FRANCISCO, A Sra. D. Angélica está tão pensativa!...
ANGÉLICA, E tenho motivos para isso... Sr. Francisco, é preciso que eu seja sincera com o senhor...
FRANCISCO, A muito que isso desejo.
ANGÉLICA, O senhor tem me dado a entender que a minha mão lhe era agradável.
FRANCISCO, Senhora...
ANGÉLICA, Não tenho correspondido... porque, enfim... uma mulher se acanha' esperava poder confessar um dia êsse segrêdo... mas ah!... enganei-me... enganei-me...
FRANCISCO, D. Angélica...
ANGÉLICA, Foi uma zombaria!... eu que o amava!...
FRANCISCO, A mim?!...
ANGÉLICA, Sim, ingrato!... a ti...
FRANCISCO, Oh!... (À parte) O Manuel que se arrenje como puder... eu falo...
ANGÉLICA, Já havia feito a escritura de casamento... vê... só o nome está ' em branco... o lugar era para o teu...
FRANCISCO, Dá-ma?
ANGÉLICA, Agora de nada serve. (Quer rasgar).
FRANCISCO, Não rasgue...
ANGÉLICA, Estás casado...
FRANCISCO, Casado!... (À parte) O Manoel que leve o diabo!... (Alto) Angélica, quem lhe disse que eu estava casado, mentiu...
ANGÉLICA, Mentiu?!
FRANCISCO, Eu não estou casado.
ANGÉLICA, Não estás casado? e quem é o marido da Deolinda?
FRANCISCO, Não lhe posso dizer... mas lhe juro que estou tão solteiro como ' quando nasci... Eis-me a seus pés... (Ajoelha). Dê-me essa promessa...
ANGÉLICA, Levanta-te... (Quintino aparece à porta do fundo e fica surpreendido vendo Francisco aos pés de Angélica.
FRANCISCO, Não me levantarei enquanto não me der a palavra que me fará feliz.
QUINTINO, O marido de minha irmã aos pés de outra mulher!
ANGÉLICA, Lá de fora podem nos ver...
FRANCISCO, E que vejam!... não serei seu espôso?!... (Manuel aparece à porta da direita e vendo Francisco de joelhos, fica estupefato).
ANGÉLICA, Talvez!... mas levanta.
FRANCISCO, Não!...
MANUEL, Muito bem!... muito bem!... Falso!
FRANCISCO, levantando-se Ah!
ANGÉLICA, Ah!
MANUEL, Muito bem!
FRANCISCO, Desculpa-me... ela me ama... e eu também a amo.
QUINTINO, que nesse tempo tem-se aproximado, segura a Francisco pela gola ' da jaqueta, dizendo - Ah! tu a amas?... e minha irmã, tua mulher?
FRANCISCO, Ai!
QUINTINO, Assim a enganas, patife?
FRANCISCO, Sua irmã não é minha mulher. ____ QUINTINO, Negas?
ANGÉLICA, a Manuel - Quam é o marido dela?
MANUEL, Não sei. (Angélica toma a Manuel pelo braço. Quintino faz o mesmo a Francisco. Todos falam ao mesmo tempo).
ANGÉLICA, a Manuel - Quem é o marido dela? para que me enganaste?... Fala.. quero saber... Ah! não falas? eu me vingarei!... não falas porque tens mêdo ... ingrato... eu me vingarei... me vingarei...
MANUEL, a Angélica - Não sei... posso lá saber quem é o marido de todas ' as mulheres?... disse o que me disseram... pode ser que me engane minha patroa, deixe-me... assim não nos entenderemos...
QUINTINO, a Francisco, a quem ameaça com a espada - Pensas que podes brincar como sargento Quintino?... Primeiro hei de te tirar as tripas pô-las ao sol... Enganar minha irmã!... Tira a mão... tira a mão..
FRANCISCO, esforçando-se por sair das mãos de Quintino - Deixe-me, não sou ' seu cunhado... já lhe disse... ai... ai... não me mate ai... quem me acode!... Juro que não é minha mulher... ai... ai... (Todos acabam gritando.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 37

CENA XVI

OS MESMOS E ANTONIO, armado de de acha de lenha e DEOLINDA

ANTÔNIO, Que aconteceu?...
DEOLINDA, Que é, Quintino?...
ANTÔNIO, Minha patroa!
DEOLINDA, Que foi?...
QUINTINO, a Deolinda - Que foi?!... vim encontrar teu marido aos pés desta' senhora!...
DEOLINDA, Meu marido a seus pés?!
QUINTINO, Sim, dizendo que a amava!
DEOLINDA, indo a Manuel - Traidor!...
MANUEL, Hein?...
DEOLINDA, Assim é que me guardava fidelidade?...
ANGÉLICA, Ah!...
QUINTINO, Olha que te enganas...
DEOLINDA, Não, não me engano... êste é o meu marido.
QUINTINO E ANGÉLICA, Seu marido?!...
MANUEL, à parte - Ai! ai! ai!
FRANCISCO, à parte, e ao mesmo tempo - Pobre Manuel!...
ANGÉLICA, a Manuel - Ah!... tu eras casado, e me enganavas!...
DEOLINDA, A mim é que enganavas...
QUINTINO, Então, com todos os diabos, quem é aqui meu cunhado?...
MANUEL, apontando para Francisco - É êle! é êle!
FRANCISCO, apontando para Manuel ao mesmo tempo - É êle! é êle!
QUINTINO, a Deolinda - Os dois?!
ANGÉLICA, Espere, Sr. Sargento... que eu porei estas coisas em ordem. (À ' parte a Manuel) Ingrato!... tudo está explicado... e eu me vingarei...
MANUEL, Minha patroa!
ANGÉLICA, repelindo-o com um gesto de desprêzo - Sr. Francisco, aqui está a escritura do nosso casamento. (Dá-lhe o papel).
FRANCISCO, Quanto sou feliz!
MANUEL, Mas senhora...
ANGÉLICA, interrompendo-o - O Sr. Manuel terá a bondade de procurar outro ' emprego, porque hoje deixa de ser meu caixeiro... Tenho um marido e nole um sócio...
MANUEL, Um sócio!... (A Francisco, na maior desesperação) Amigo infiel e' pérfido... és a causa da minha desgraça e perdição!...
FRANCISCO, Eu?... Manuel!...
MANUEL, Sim!...
FRANCISCO, Fiz o que pude por ti... fui marido de tua mulher... tu és o culpado, eu não!....
MANUEL, voltando-se para Deolinda - Então, foste tu?... mulher traidora..
DEOLINDA, Eu?... não guardei segrêdo?... Queixa-te de ti, de mim, não!
MANUEL, a Quintino - Então, foste tu, piolho do diabo!
QUINTINO, ameaçando-o - ora seu...
MANUEL, voltando-se para Angélica - Ou tu, velha do inferno!...
ANGÉLICA, Malcriado!... já por esta porta fora, e vai ser caixeiro do Satanáz!
MANUEL, como louco - Caixeiro!... sempre caixeiro!... Oh!... afastem-se ' de mim!... afastem-se... que estou louco!... desesperado... furioso... para longe!... Serei sempre caixeiro!... caixeiro!... caixeiro!... pagarei sempre imposto... como uma saca de café... um burro... um cavalo... não sou nada no mundo!... Cortem-me a cabeça.. pendurem-me na porta do açougue... Sou um boi... Paguei direitos' na barreira... Sou um boi!... (Assim dizendo, principia a berrar, como um boi).
TODOS, Manuel!... (Manuel berra).
DEOLINDA, Meu Deus! está louco!...
TODOS, Louco!...(Manuel berra).
DEOLINDA, Que desgraça!...
FRANCISCO, ao mesmo tempo - Coitado!...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 38

DIVERSÕES PÚBLICAS - SERVIÇO DE CENSURA

QUINTINO, ao mesmo tempo - Pobre homem!...
ANGÉLICA, ao mesmo tempo - Me dá pena!...
MANUEL, trazendo Antônio pelo braço para a frente - Antônio, eis-me de joelhos a teus pés... (Ajoelha) Lembra-te da amizade que nos uniu e faze-me o último favor... (Abre a camisa) Enterra-me no coração essa acha de lenha... Transpassa-me o peito com ela... Não queres?
ANGÉLICA, Manuel!...
MANUEL, Quem me chama?...
ANGÉLICA, É tua patroa... Manuel, esqueço-me do que me fizeste, e lembrar--me-ei sòmente dos serviços que me tens prestado,.. serás nosso sócio... não é assim, Chiquinho?
FRANCISCO, Sim... serás nosso sócio!...
DEOLINDA, Serás sócio!... (Manuel levanta-se pouco a pouco, como procurando fixar-se no sentido das palavras que lhe dizem).
ANGELICA, Serás nosso sócio... ficarás conosco... Eu te perdôo.
MANUEL, Sócio!... ouviram bem meus ouvidos?... Serei sócio!...(Caindo de joelhos, elevantando as mãos para o céu) Oh! meu Deus!... está satisfeita a minha ambição.(Todos falam ao mesmo tempo).
DEOLINDA, Está salvo!...
QUINTINO, Pobre sócio!...
ANGÉLICA, Pobre Manuel!...
FRANCISCO, Pobre amigo!...
MANUEL, Serei sócio!...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 39

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

120

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

umentação

Título em Português: " O CAIXEIRO DA TAVERNA "

Título original:

Autor: MARTINS PENNA

Tradutor:

as,

Diretor: PAULO LARA

Produtor: Teatro Estudantil Prudentino

) Companhia:

) Classificação da Censura: 10 anos

nálise Peça que pode ser considera bôa, pelo seu aspecto educativo e pelo seu desenrolar.

a) Gênero: Comédia

b) Argumento: Manuel; 1º caixeiro de um armazem de propreidade de uma viuva, tenta egoisticamente conquistar a confiança da mesma, objetivando ser seu sócio. Para concretização de tal acontecimento; Manuel, contava com o apôio da esposa, que procurava negar seu matrimônio. Quintino; irmão da esposa sem ter conhecimento do fato, revela que Manuel é casado com sua irmã. A viuva desgostosa, resolveu esposar um amigo de Manuel, despedindo-o do / emprego. Fim da Peça com Manuel arrependido e todos os personagens com pena dêle .

c) 1 - Mensagem: O egoismo desmedido, é sempre prejudicial ao homem.

2 - Impressão final: No final da peça, vamos encontrar o homem (Manuel) , defrontando-se com uma triste e cruel realidade.

d) Diálogos: Próprios para o ambiente em que a peça se desenrola.

e) Cenas: Só no ensaio geral.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.40

f) Personagens: Manuel , Deolinda sua esposa, Quntino irmão da mesma , Francisco amigo de Manuel e esposo da viuva e Angélica (viuva).

g) Valor educativo: Bom valor educativo.

III) Conclusão Peça que não têm ligações com assuntos que estão implicitos, na Lei de Censura. Não possui palavrões ou qualquer coisa que possa intuir à prática de maus atos. Sua impropiedade para menores de 10 anos, se prende ao fato de pessoas menores do que essa idade, não conseguiram compriender seu objeto. E com isso ewtarem sujeitas a aprender determinad malabarismos , próprios de caixeiros de armazém.

Brasília, 23 de julho de 1969

Técnico de Censura - Cart. nº 215

Lúcio Jaimes Acosta

Sr.Chefe da Seção de Censura

Esta peça já foi liberada com a impropriedade para menores até 14 (quatorze) anos, com Certificados válidos até 03/07/74. De / acôrdo com o disposto no artigo 10 da Lei 5 536/68, essa classificação deverá continuar, bem como a validade dos Certificados.

Assim sendo, sugerimos que seja expedido os Certificados com a impropriedade para menores até 14 anos, válidos até 03/07/74. s.m.j.

Em, 24/julho/69

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
TCTC-SC/SCDP

Em. 25 Jul 69.
Expedir certificados.
[signature]

DPF-SAv.192

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 41

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

121

CENSURA FEDERAL
TEATRO

Censura de Diversões Públicas e D. P. F.

Certificado Nº 1453/69

PEÇA -/::: O CAIXEIRO DA TAVERNA :::/-

ORIGINAL DE MARTINS PENNA

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 03 de JULHO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

Brasília, 25 de JULHO de 19 69

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

ap/

M.J.-D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 46, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -O CAIXEIRO DA TAVERNA-

Original de MARTINS PENNA

Tradução de

Adaptação de

Produção de TEATRO ESTUDANT.PRUDENTINO-Av. Getúlio Vargas,34-PRES.PREUDENTE-SP

Tendo sido censurada em 23 de JULHO de 19 69 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS::::: CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 25 de JULHO de 19 69

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 42

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 43

122

031-TCT

25-7-69

Chefe do SCDP

Sr. Delegado Regional do DPF/SP

Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico dêste Serviço:

1. Assistir ensaios gerais das peças "O ESCORPIÃO DE NUMÂNCIA", autoria de Renata Palottinni e "O CAIXEIRO DA TAVERNA", autoria de M. Penna;

2. enviar a êste SCDP relatórios minuciosos a respeito do espetáculo e,

3. entregar a documentação anexa (scripts e certificados) aos interessados - Benjamin Cattan, nesa Capital e Teatro Estudantil Prudentino, Avenida Getúlio Vargas, 34, em Pres. Prudente, respectivamente - sòmente após autorização desta Chefia, via rádio, à vista do constante do ítem 2 (dois).

Atenciosamente,

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 44

São Paulo, 4 de Setembro de 1 969

125

Do Técnico de Censura Alvaro Adamo, 130-SP.
Á Sra. Chefe da Turma de Censura do Departamento de Polícia Federal. SP

Assunto: Ensaio Geral da Péça "O CAIXEIRO DA TAVERNA", realizado na Cidade de Presidente Prudente.

R. Rd. 301-TCTE
26/9/69

É a estória de um jovem português, que deseja progredir na vida, sendo o seu maior sonho é ser sócio gerente na taverna onde é o caixeiro de confiança.

O elenco apesar de amador e muito homogênico, faz do espetáculo uma comédia de alto nivel.

Do texto aprovado, nada foi alterado, sou portanto pela liberação do certificado.

Atenciosamente

Alvaro Adamo
Técnico de Censura, 130-SP

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
15 - 9 - 69
D.R. - S.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 45
P-1.275

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CÓPIA PARA CONTRÔLE DE SERVIÇO

123

DR SP

301-TCTC 26 09 69

À VISTA REL ENS GERAL VG AUT TCDP ENT CERTF PEÇA " O CAIXEIRO DA TAVERNA" INT PT SDS CHEFE SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 46

ILUSTRÍSSIMO SENHOR DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS

73

DEPARTAMENTO FEDERAL
444/70
S.C.D.P.
22/4/70

O abaixo assinado, representante do GRUPO ESTUDANTIL PROFESSOR ASCENDINO REIS, grupo estudantil, com sede à rua Azevedo Soares nº 2.664, Tatuapé, S.Paulo, Capital, vem muito respeitosamente requerer censura para o texto abaixo descrito, juntando a documentação necessária:

TEXTO : O Caixeiro da taverna
Autor: Martins Pena
nº de Atos: 1 (hum)

Nêstes Têrmos
P.Deferimento
São Paulo, 20 de abril de 1970

EDUARDO GUERRERO

Parecer anexo
DF 11/V/70
14

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

74

AUTORIZAÇÃO PARA
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - SP № 10658

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: O Caixeiro da Taverna

Original de Martins Penna

Música de ———

Tradução de ———

No Teatro A. Azevedo Cidade A. Paulo

Emprêsa Festival Pela Cia. ———

nos dias para Censura das 9 e as

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de ..... % ..... ——— ..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ ——— por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios colistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

A. Paulo, 20 de ..... de 197..

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

(pela SBAT)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 47

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 48

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 49

75

O CAIXEIRO DA TAVERNA

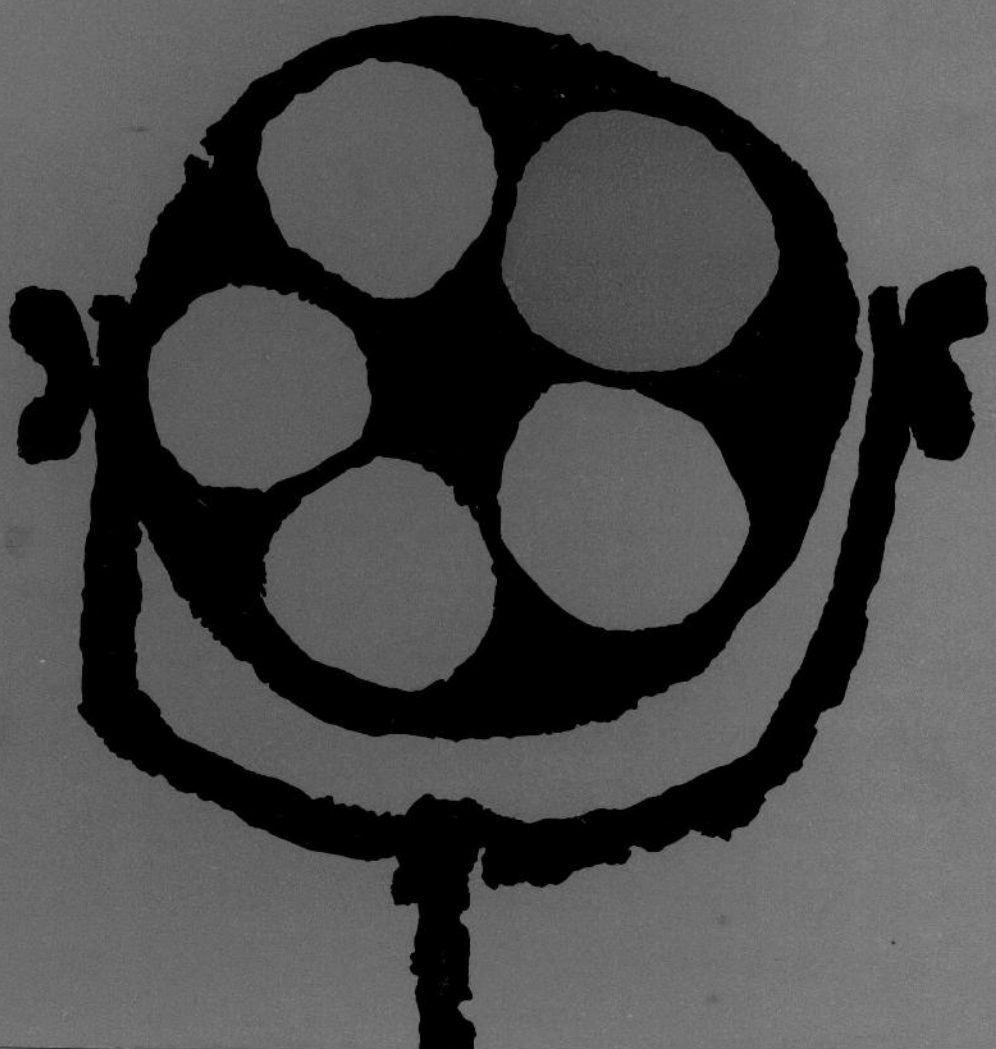
DE MARTINS PENNA

ESTRÉIA NACIONAL EM 1845

SOCIEDADE BRASILEIRA
DE AUTORES TEATRAIS
★ 20 ABR 1970 ★
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:

teatro da juventude

Govêrno Abreu Sodré
Secretaria da Cultura,
Esportes e Turismo
Comissão Estadual de Teatro



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 51

GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO
DR. ROBERTO DE ABREU SODRÉ

Secretário de Estado da Cultura, Esporte e Turismo
Deputado ORLANDO GABRIEL ZANCANER
Assessor Cultural: MIROEL SILVEIRA

Conselho Estadual de Cultura

Presidente: Deputado ORLANDO GABRIEL ZANCANER
Secretário: DR. PÉRICLES EUGÊNIO DA SILVA RAMOS

Comissão Estadual de Teatro

Presidente: SRA. CACILDA BECKER

Membros:

OSMAR RODRIGUES CRUZ (Secretário Executivo)
JOE KANTOR
SIMÃO JARDANOWSKY
HAMILTON SARAIVA
CARLOS PINTO
HORÁCIO DE ANDRADE
DÉCIO DE ALMEIDA PRADO

Sub-Comissão Infanto-Juvenil

Presidente: TATIANA BELINKY

Membros:

PROF. IVONETE VIEIRA
PROF. FANNY ABRAMOVICH
DRA. LEDA SYLVIA SCOCHALEVICZ
DR. OSCAR VON PFUHL

TEATRO DA JUVENTUDE

Peças e Divulgações Teatrais destinadas a Jovens Atôres e Encenadores
(Órgão do Setor Infanto-Juvenil da CET)

Editor: **Comissão Estadual de Teatro**
Diretor: **Tatiana Belinky**

"Teatro da Juventude" será distribuído gratuitamente a Estabelecimentos de Ensino e Entidades Culturais, tanto da Capital como do Interior, mediante solicitação por escrito à Comissão Estadual de Teatro.

Redação e Administração:
Rua Antônio de Godói, 88 - 9.º andar
São Paulo, SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 52

76

O CAIXEIRO DA TAVERNA

de MARTINS PENNA

Comédia em 1 Ato [1]

1. Acto, por L. C. M. PENNA, 10-8-1845.(A) — Acto, pelo autor do Juiz de Paz da Roça, 18-8-1845.(B)

PERSONAGENS

MANUEL, primeiro caixeiro

ANGÉLICA, dona da casa

DEOLINDA, costureira

FRANCISCO, oficial de latoeiro

QUINTINO, sargento de fuzileiros

ANTÔNIO, caixeiro

JOSÉ, caixeiro, personagem muda

A cena passa-se na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1845.

1) Não consta em (A) a lista de personagens.
2) Dona da taverna. (B)
3) Não consta nos mss. a indicação.

ATO ÚNICO

O teatro, na antecena, representa uma sala com portas laterais e duas no fundo, pelas quais se vê o interior de uma taverna com seu balcão, onde estará um caixeiro e mais arranjos necessários — tudo distribuído de modo tal, que fiquem bem à vista do espectador as pessoas de diferentes condições que entram na taverna durante a representação. De um e outro lado da sala, haverão algumas pipas, como é costume nas tavernas. No primeiro plano, à esquerda, uma escrivaninha apropriada ao lugar, etc.

CENA I

Ao levantar do pano, [MANUEL] estará sentado à escrivaninha, verificando contas

MANUEL (continuando a somar) — ... E 4 são 10, e 9, 19, e 7, 26, soma tudo... duzentos e sessenta e oito mil, trezentos e vinte réis... que deve o sr. Laurindo da Costa à Viúva Pereira, por gêneros comprados em sua taverna durante cinco meses. Êste é bom pagador, dinheiro seguro. (pegando em outra conta) O Major José Félix deve à Viúva Pereira, etc., cento e vinte e nove mil e oitocentos réis... Contem com êste... dinheiro perdido... É isto, querem todos comer a boa manteiga, o queijo frescal, o gordo paio... É só mandar um bilhetinho: Sr. Manuel, mande-me isto; Sr. Manuel, mande-me aquilo; mas quando chega a ocasião de pagar as contas é que são elas. Êste não paga, aquêle desculpa-se, outro descompõe, quer dar no pobre cobrador... É um inferno!... Ora, dêste pobre major tenho eu pena. Mal lhe chega o sôldo para pagar casa e educar quatro filhos que tem; mas, bem pensado, a venda de minha ama não é montepio militar... A nação que pague! (chamando:) ó José? José?

CENA II

Entra um menino de doze anos, de calça e em mangas de camisa, calçado de tamancos e muito sujo

MANUEL — Toma estas contas, vai cobrá-las. Os nomes aí estão (dá um maço de papéis). Se algum dos devedores não quiser pagar, dize-lhe que o mandarei pôr no "Jornal do Comércio". Anda, vai. (o menino sai.) É o que se vê — tudo anda pingando. (levantando-se:) É boa! Quem come, pague! E quem não pode pagar, não coma... Ó Sr. Antônio? Sr. Antônio?

ANTÔNIO (dentro) — Senhor?

MANUEL — Chegue cá.

CENA III

MANUEL (a Antônio, que entra do mesmo modo que José) — Chegou a pipa de aguardente que se foi buscar ao Trapiche da Ordem? pere-a com quatro barris de água.

ANTÔNIO — Já, sim senhor.

MANUEL — Pois recolha-a, e logo à noute tem-

ANTÔNIO — Sim, senhor.

MANUEL — Os direitos cada vez estão mais subidos, e como não podemos encurtar as medi-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 53

das, aumentemos o líquido... Em que estado estão aquelas pipas de vinho de Lisboa?

ANTÔNIO — Ambas pelo meio.

MANUEL — Pois acabe de as encher com água fresca e bote-lhe dentro dous engaços de bananas e uma porção de pau-campeche para lhe dar côr e tom, e quando o vender, diga aos fregueses que é vinho superior da Companhia do Alto-Douro.

ANTÔNIO — Sim, senhor.

MANUEL — E não se esqueça de pendurar à porta êste letreiro (tira de sôbre a carteira um rótulo com letras grandes, que digam: **único depósito da Companhia do Alto-Douro**) O público deixa-se levar por estas imposturas. Pode ir. (Antônio sai com o rótulo.)

CENA IV

MANUEL e depois FRANCISCO

MANUEL — Estou fatigado! Muito custa dirigir-se uma venda bem afreguesada como esta. Mas, ah, se eu dela fôsse dono, outro galo cantaria... Há seis anos que cheguei do Pôrto e ainda sou caixeiro. Não pensei, quando vim para o Brasil, que fizesse fortuna tão devagar. É verdade que sou primeiro caixeiro da taverna da viúva de meu amo, mas o que é isto para mim? Para mim, que sou ambicioso? Sim, uma ambição roedora me estraga a alma, dorme e acorda comigo, não me deixa um só instante tranqüilo, traz-me em delírio, confunde-me as idéias. Ah, quantas vêzes tenho eu vendido aguardente de França por aguardente do Reino, lingüiças por paios e cebolas por alhos! Ambição, horrível martírio, quando te verei eu satisfeita? (entra Francisco.)

FRANCISCO — Adeus, Manuel.

MANUEL — Como estás, Chico?

FRANCISCO — Vamos remando contra a maré.

MANUEL — Chico, tu és bem feliz!

FRANCISCO — Eu? estás enganado; no mundo não se pode ser feliz sem dinheiro, e eu não o tenho.

MANUEL — Trabalha e terás.

FRANCISCO — Trabalha! Sou, como bem sabes, oficial de latoeiro, e já por muitas vêzes te tenho dito o que presentemente ganha um oficial de latoeiro. Olha Manuel, minha avó dizia que no tempo dos vice-reis e mesmo no tempo de el-rei, qualquer que tivesse um ofício ganhava a vida e ainda ajuntava dinheiro. Agora o caso é outro.

MANUEL — Deixa-te disso.

FRANCISCO — Ora, dize-me, o que pode fazer um pobre latoeiro do país, quando a Rua do Ouvidor está cheia de latoeiros e lampistas franceses? Meu caro, se não fôssem as seringas que fazemos para os moleques brincarem o entrudo, não sei o que seria de nós.

MANUEL — Se vocês trabalhassem tão bem como êles...

FRANCISCO — É um engano, é uma mania, e todos vão com ela; é obra estrangeira, e basta! Não se vê por esta cidade senão alfaiates franceses, dentistas americanos, maquinistas inglêses, médicos alemães, relojoeiros suíços, cabeleireiros franceses, estrangeiros de tôdas as seis partes do mundo. E resistam os artistas do país, se são capazes, a essa torrente! Porém meu pai é que é o culpado de estar eu hoje como estou.

MANUEL — Como assim?

FRANCISCO — Em lugar de ensinar-me o seu ofício, como ensinou-me, podia ter-me mandado para São Paulo estudar leis. Bem podia estar deputado.

MANUEL — Ah, ah, ah! Dêste modo podemos ser tudo...

FRANCISCO — Manuel, tu és filho de Portugal e não estás bem ao fato da nossa Constituição. Ela diz: "a lei é igual para todos". Isto quer dizer que todos podem ser tudo.

MANUEL — Ah, entendes assim?

FRANCISCO — No talento é que está a diferença. O homem de talento pode ser tudo quanto quiser, e tu bem sabes que eu tenho talento... Ainda ninguém pôde fazer, como eu, uma seringa de entrudo que esguiche água mais longe.

MANUEL — Ora, Chico! (sorrindo-se.)

FRANCISCO — Olha, Manuel, não sei o que te diga; às vêzes custa mais fazer-se uma seringa de esguicho do que certas leis.

MANUEL — Estás hoje pregador.

FRANCISCO — Estou zangado; tu és feliz.

MANUEL — Feliz?

FRANCISCO — Há oito meses que teu amo morreu e a viúva não poderia continuar com a taverna aberta sem o teu auxílio. Eras o único, como primeiro caixeiro, que sabia das transações do defunto.

MANUEL (à parte e concentrado) — E ainda sou caixeiro.

FRANCISCO — Manuel, um negócio aqui me traz. És meu amigo, devo comunicar-te, até porque és nêle interessado.

MANUEL — Interessado? E como?

FRANCISCO — Estou resolvido a casar-me.

MANUEL — Queres-me dar interêsse no teu casamento?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 54

FRANCISCO — Não. A mulher escolhida por mim é tua ama.

MANUEL — Minha ama?

FRANCISCO — Ela mesma, e tenho razões para supor que lhe não sou indiferente.

MANUEL (pegando-lhe no braço) — Chico, és meu amigo?

FRANCISCO — Duvidas? Experimenta.

MANUEL — Desiste dêsse casamento.

FRANCISCO — Que eu desista? E por quê?

MANUEL — Por quê? Não te posso dizer.

FRANCISCO — Percebo... Queres-te casar com ela. Pois bem, mostrarei que sou teu amigo. Casa-te; tens mais direito do que eu... já estás em casa.

MANUEL (abraçando-o) — Obrigado, amigo.

FRANCISCO — Pois bem, casar-me-ei com a nossa vizinha Deolinda.

MANUEL — Chico, tu não te casarás com Deolinda!

FRANCISCO — Hem?

MANUEL — Digo-te que não casarás com ela.

FRANCISCO — Essa agora é melhor! E por que não me casarei?

MANUEL — A Deolinda já está casada.

FRANCISCO — Casada? E com quem?

MANUEL (em voz baixa) — Comigo.

FRANCISCO — Contigo? Mas que diabo de trapalhada é essa? És casado e queres casar?

MANUEL — Chico, olha atentamente para mim.

FRANCISCO — Estou olhando.

MANUEL — Vês em mim um homem profundamente ambicioso...

FRANCISCO — Tu?

MANUEL — Sim, eu! E de uma ambição tão frenética, que me levará à sepultura se a não vejo realizada... De uma ambição ambiciosa!

FRANCISCO — Tu me assustas! Acaso queres ser major da Guarda Nacional?

MANUEL (com desprêso) — Não.

FRANCISCO — Chefe de legião?

MANUEL — Não.

FRANCISCO — Tenente-general?

MANUEL — Não.

FRANCISCO — Conde? Marquês? Ministro?

MANUEL — Não.

FRANCISCO — Manuel, Manuel, que queres tu ser?

MANUEL (com mistério) — Sócio de minha ama!

FRANCISCO (rindo-se) — Ah, ha! E só isso?

MANUEL — Só, dizes tu? E que felicidade pode haver no mundo maior para mim? Ah, não sabes que satisfação será a minha, quando escrever em uma conta: Fulano deve a Manuel Pacheco e Viúva Pereira a quantia de tanto, por gêneros comprados em sua venda. Sua, amigo, sua! Ela será também minha!

FRANCISCO — Enfim, cada um tem lá ambição a seu modo.

MANUEL — E ainda sou caixeiro! Caixeiro! Sabes tu o que é um caixeiro? É um traste que paga impôsto à Câmara Municipal, como qualquer carruagem ou burro.

FRANCISCO — Mas não vejo porque não queres que eu case com tua ama.

MANUEL — Não vês?

FRANCISCO — Logo que estiver casado, prometo dar-te sociedade.

MANUEL — Sabes tu se ela te ama?

FRANCISCO — Julgo que não lhe sou indiferente.

MANUEL — Pois digo-te eu que ela não te ama, porque ama-me.

FRANCISCO — A ti?

MANUEL — Sim, e de uma maneira desesperada e danada. Amigo, Deus te guarde de amor de mulher velha; é pior do que carrapato em orelha de burro. Compreendes agora a minha posição?

FRANCISCO — Ainda não muito bem.

MANUEL — Por amor — maldito amor! —, casei-me em segrêdo com Deolinda; nem o seu próprio irmão, o Sargento Quintino, o sabe. Pensa agora o que será de mim, se minha ama desconfiar que a desprezei por causa de outra mulher... Raivosa, expulsar-me-á desta casa e minhas esperanças serão malogradas. É preciso enganá-la até o dia em que assinarmos a escritura de sociedade.

ANGÉLICA (dentro) — Manuel?

MANUEL — Ela que me chama! Vai-te embora!

FRANCISCO — Adeus, e estimo que sejas bem sucedido.

MANUEL — Nem palavra...

FRANCISCO — Fica descansado. (sai.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, P.55

CENA V

MANUEL e depois ANGÉLICA

MANUEL — Ela aí vem. Estou frio! Ai, que bocado amargoso! Ei-la.

ANGÉLICA (entrando) — Manuel?

MANUEL — Senhora minha ama?

ANGÉLICA — Ah, já estava inquieta...

MANUEL — Oh, isso é bondade de minha ama. Trabalhava.

ANGÉLICA — Não quero que trabalhes tanto, que podes adoecer. Far-me-ias muita falta.

MANUEL — Ninguém faz falta.

ANGÉLICA — As pessoas como tu fazem sempre falta.

MANUEL (à parte) — Temo-la.

ANGÉLICA — Não se encontram muitos caixeiros como tu.

MANUEL — Oh, minha ama, dá licença que vá ver aquilo lá pelo balcão como vai.

ANGÉLICA — Espera! Tens sempre tanta pressa quando falo contigo...

MANUEL — Acudir às minhas obrigações.

ANGÉLICA — Já te disse que não quero que te mates. Não acharei outra pessoa com as tuas qualidades.

MANUEL — Oh, minha ama, não mereço.

ANGÉLICA — Mereces tudo. A experiência do mundo tem-me feito conhecer os homens.

MANUEL (à parte) — Que tal a experiência?

ANGÉLICA — É todo o meu cuidado zelar a tua saúde.

MANUEL — Tanta bondade!

ANGÉLICA (suspirando e olhando para êle) — Ai, ai!

MANUEL — Minha ama, sente alguma dor?

ANGÉLICA — Não.

MANUEL (à parte) — O caso está mau.

ANGÉLICA — Manuel, uma cousa te quero eu pedir.

MANUEL — É uma ordem que recebo.

ANGÉLICA — Espero que não freqüentes certas ruas desta cidade e que, sobretudo, não arranches para essas patuscadas dos domingos, que fazem os caixeiros no Jardim Botânico, nos canos da Carioca e nas Palmeiras. Tens visto o resultado.

MANUEL — Nunca gostei dêsses pagodes.

ANGÉLICA — Nem deves do mesmo modo freqüentar os bailes mascarados.

MANUEL — Bailes? Não sei dançar.

ANGÉLICA — Manuel, nos bailes mascarados não se dança, joga-se! Dever-se-iam antes chamar jogos mascarados ou outro nome que eu não quero dizer. Aí é que a perdição é certa... E o jôgo tem levado muita gente boa à fôrca; vê lá se queres também...

MANUEL — Morrer enforcado? Nada!

ANGÉLICA — Tu morreres? Ah! (chegando-se para êle:) O que seria de mim, quero dizer, da minha venda, Manuel? Não fales em morrer. (pegando-lhe na mão:) Eu te seguiria...

MANUEL (à parte) — Oh, homem, até depois de morto!

ANGÉLICA (caindo em si, à parte) — Ia traindo-me (alto:) Digo-tê isto, porque se me faltares, o meu negócio vai por água abaixo.

CENA VI

MANUEL, ANGÉLICA e QUINTINO com farda de sargento de fuzileiros

QUINTINO (entrando) — Licença.

MANUEL (à parte) — Abençoada visita!

ANGÉLICA — Quem é?

QUINTINO — Um criado.

MANUEL (reconhecendo-o e à parte) — Oh, diabo, é o irmão de minha mulher e meu cunhado sem o saber!

ANGÉLICA — Deseja alguma coisa?

QUINTINO — Dous dedos de conversa ali com o senhor...

MANUEL — Comigo?

QUINTINO — Sim senhor.

MANUEL — Pois vamos cá para fora.

ANGÉLICA — Espera, Manuel, onde vais?

QUINTINO — Podemos falar aqui mesmo.

MANUEL (à parte) — Eu tremo...

QUINTINO (pondo a barretina à cabeça, de lado) — Dizes neste quarteirão que o senhor namora minha irmã.

MANUEL — Não há tal.

ANGÉLICA — Como é lá isso?

MANUEL (à parte) — Estou arranjado...

QUINTINO — Foi a primeira notícia que hoje tive, assim que cheguei da Praia Vermelha. O sapateiro da esquina disse-me...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.56 78

ANGÉLICA (enfurecida) — Como é isto, Manuel?

MANUEL — O senhor está enganado. (para Angélica:) Não sabe o que diz, está bêbado.

QUINTINO — O sapateiro da esquina disse-me que o viu entrar ontem à noite lá.

ANGÉLICA — Entrar lá?

MANUEL — E o que prova isso?

ANGÉLICA — O que prova? E esta!...

MANUEL — Sua irmã não cose para fora?

QUINTINO — Cose, sim senhor, e com muita honestidade.

MANUEL — Pois então? Mandei fazer por ela umas camisas e fui ontem ver se estavam prontas; se quiser, vá perguntar-lhe.

QUINTINO — Se foi só por isso, o caso é outro...

MANUEL — E por que mais havia ser? Importo-me cá com sua irmã? O que tenho eu com sua irmã? Faço lá caso dela? (à parte:) E não me quer deitar a perder?

ANGÉLICA — Manuel!

MANUEL — Deixe-me.

QUINTINO — Está bom, homem.

ANGÉLICA — Manuel!

MANUEL — Estou zangado! Assim se desacredita ao homem de bem.

QUINTINO — Em uma palavra, não a namora?

MANUEL — Vá-se com todos os diabos você, sua irmã e tôda a sua parentalha.

QUINTINO — Mais respeito!

MANUEL — Pois não me esquente a cabeça! Ora, não tenho eu mais que fazer! Deixar de cuidar nos interêsses de minha boa ama, para namorar sua irmã. Era o que me faltava... Diga ao sapateiro que vá conversar com os defuntos. Irra!

QUINTINO — Basta. Como não se importa com ela...

MANUEL — Nem com você, sô barbaças!

QUINTINO (puxando da espada) — Barbaças? (Manuel corre para trás de Angélica.)

ANGÉLICA (para Quintino) — Senhor!

QUINTINO — Barbaças? Eu te ensinarei.

ANGÉLICA — Senhor sargento...

QUINTINO — Deixe-me sangrá-lo.

MANUEL (à parte) — Quer fazer a irmã viúva...

ANGÉLICA (para Quintino) — Tranqüilize-se, embainhe essa espada.

QUINTINO (para Manuel) — Já eu te rezava por alma. Respeito as senhoras; é o que te salva.

MANUEL (à parte) — Belo cunhado!

ANGÉLICA — O senhor sargento pode ficar descansado; o senhor Manuel, meu primeiro caixeiro, não é capaz de desinquietar sua irmã.

MANUEL — Que dúvida!

ANGÉLICA — Tem outras cousas em que cuidar.

MANUEL — Sim, tenho outras muitas cousas. (assim dizendo, pega na mão de Angélica e beija.)

ANGÉLICA — Ah! (pondo a mão sôbre o coração.)

QUINTINO — Muito estimo, porque tenho cá certas vistas a seu respeito... Quero casá-la...

MANUEL (à parte) — Casar minha mulher!

QUINTINO (continuando) — ... com o alferes de minha companhia.

MANUEL — Casá-la com o alferes?

QUINTINO — Sim. E tem que dizer?

MANUEL — Casá-la!

ANGÉLICA — E o que tens tu com isso?

MANUEL (constrangendo-se) — Nada, nada! (à parte:) E então? (alto:) Pode casá-la com quem quiser. (à parte:) O diabo é se ela se esquece que está casada comigo...

QUINTINO — Meu menino, esta espada corta muito bem orelha... E guarde-os Deus. (sai.)

CENA VII

MANUEL e ANGÉLICA

MANUEL — Ora, aí está como se bota um homem a perder. Vem o diabo de um Ferrabrás dêstes provocá-lo.

ANGÉLICA — É um desafôro!

MANUEL — Se não fôsse o respeito que tenho a esta casa, tinha-lhe atirado com aquela pipa à cabeça.

ANGÉLICA — Soldado de tarimba!

MANUEL — Case lá a irmã com quem quiser.

ANGÉLICA — Mas tu te surpreendeste, quando êle disse que a ia casar com o alferes.

MANUEL — Foi surprêsa de compaixão. Quem pode ver de sangue frio entregar uma pobre menina daquelas a um extravagante como o alferes?

ANGÉLICA — É extravagante?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 57

MANUEL — Xi, como não faz idéia! Já foi coronel, e por causa de sua má cabeça tem descido de postos; breve estará soldado raso. Mas deixá-lo...

ANGÉLICA — Assim o querem, assim o tenham. Tratemos de nós.

MANUEL (à parte) — Ai!

ANGÉLICA — Manuel eu estou resolvida a dar sociedade nesta minha venda a certa pessoa...

MANUEL (à parte) — Meu Deus!

ANGÉLICA — Uma mulher, por si só, pouco representa. Que dizes do meu projeto?

MANUEL — Que só resta-me sair desta casa.

ANGÉLICA — Sair de minha casa?

MANUEL — Enquanto sois dela única senhora, sirvo com prazer; mas quando tiverdes um sócio, um homem estranho, não posso, não devo.

ANGÉLICA (sorrindo-se) — Não sejas tão precipitado; espera um instante. Eu vou lá escrever um papel; não te digo mais nada... Lerás... Espera, Manuelinho, espera; lerás... (sai.)

CENA VIII

MANUEL, só, e depois DEOLINDA

MANUEL — Será possível Ouviram bem meus ouvidos suas palavras? Espera, Manuelinho, espera e lerás. Ó dita! Ó fortuna! Serei sócio! Sócio! Oh, o prazer sufoca-me; daqui a uma hora já não serei caixeiro; vou andar de cabeça levantada, orgulhoso, ufano... Sócio! Palavra mágica! Ninguém, ninguém no mundo perturbará a minha felicidade.

DEOLINDA (entrando) — Manuel?

MANUEL — Oh, que havia-me esquecido de minha mulher!

DEOLINDA — Ouve...

MANUEL — Vai-te embora!

DEOLINDA — Hem?

MANUEL (empurrando-a) — Vai-te embora, vai-te embora, diabo!

DEOLINDA — Assim me recebes? Queres que me vá?

MANUEL — Sim, sim.

DEOLINDA — Sabes que mais? Isto assim não pode durar... É preciso que declares o nosso casamento.

MANUEL (com cólera e falando baixo) — Desgraçada, cala-e, cala-te.

DEOLINDA — Se és meu marido...

MANUEL (tapando-lhe a bôca com a mão) — Cala-te, ou meto-te esta mão pela bôca dentro.

DEOLINDA (chorando alto) — Hi! hi! hi!

MANUEL (raivoso e falando entre os dentes) — Olha que te mato!

DEOLINDA — Hi! hi! hi!

MANUEL (na maior aflição) — Se minha ama chega, estou arranjado! (raivoso:) Mulher! (indo espiar à porta:) Hoje me perco! Ainda estará escrevendo? (com ternura:) Deolinda...

DEOLINDA — Hi! hi! hi!

MANUEL — Deolinda, não chores, tem compaixão de teu marido, que tanto te ama.

DEOLINDA — Deixe-me! Hi! hi! hi!

MANUEL (à parte) — Se a velha chega... (para Deolinda:) Amanhã ou depois tudo declararei, mas hoje, oh!

DEOLINDA — E até lá, meu irmão estará maltratando-me e atrapalhando-me [18] para que eu me case com o alferes.

MANUEL — Mas tu não te casarás!

DEOLINDA — Quem sabe!

MANUEL — Quem sabe? Isso são graças? Vê lá...

DEOLINDA — Tenho muito mêdo de meu irmão, e demais, meu marido está tão misterioso... Não quer declarar-se...

MANUEL — E julgas que não tenho razões para assim fazer? Deolinda, minha cara Deolinda, escuta-me. Minha ama quer dar-me sociedade nesta venda, mas se ela souber que estou casado, tudo desfará.

DEOLINDA — E por quê?

MANUEL — Ela julga que um homem casado não deve ter sociedade com outra mulher e nem pode dirigir com todo o cuidado uma casa como esta. A mulher, os filhos, a família... tomam tempo...

DEOLINDA — E logo que fores sócio...

MANUEL — Oh, então declararme-ei...

DEOLINDA — Bem, esperarei, visto que êsse é o motivo.

MANUEL — E que outro poderia ser? Não és tu a minha querida mulher? Dá-me um abraço e vai-te embora. Dá-me. (abre os braços para abraçar Deolinda. Angélica entra neste momento.)

CENA IX

ANGÉLICA com um papel e os ditos

ANGÉLICA — Manuel? (Manuel, ouvindo a voz de Angélica, fica com os braços abertos, na ação de abraçar Deolinda.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0228, p.58 39

DEOLINDA — Ah!

ANGÉLICA — O que é isto? Com os braços abertos?

MANUEL (confuso) — Estava a mostrando o comprimento dos braços, para medida das camisas.

ANGÉLICA — Ah, a senhora é a Sra. Deolinda, que cose para fora e com muita honestidade?

DEOLINDA — Uma sua criada.

ANGÉLICA — E que vem em pessoa tomar medida aos fregueses... em suas próprias casas... e tudo com muita honestidade?...

MANUEL (à parte) — Elas pegam-se! (alto:) Minha ama!

DEOLINDA — Minha senhora, a honestidade guarda-se em tôda a parte quando se é "honesta"; e quando não se é...

MANUEL (para Deolinda) — Cala-te!

DEOLINDA (continuando) — ... mesmo sem que seja necessário sair-se de casa, praticam-se atos que envergonham...

ANGÉLICA — O quê?

MANUEL (para Deolinda) — Cala-te!

DEOLINDA — ... e dizem-se palavras indignas de uma senhora de "bem"...

ANGÉLICA — A menina fala comigo?

DEOLINDA — ...e só próprias de uma vendelhona!

ANGÉLICA — Insolente!

MANUEL — Minha ama!

ANGÉLICA — Já desta porta para fora... Já!

DEOLINDA (com zombaria) — Ofendi a duquesa?

ANGÉLICA (querendo ir sôbre ela) — Desavergonhada!

MANUEL (retendo-a) — Prudência!

DEOLINDA — Será ela...

MANUEL (afastando-as) — Prudência... Senhora minha ama! Sra. Deolinda!

ANGÉLICA — Deixa-me ensinar esta malcriada!

DEOLINDA — Malcriada será ela, velha de uma figa!

ANGÉLICA — Velha? (Angélica e Deolinda forcejam para ir uma contra a outra.)

MANUEL (para Deolinda, enganando-se) — Senhora minha ama! (para Angélica, do mesmo modo:) Deolinda Diabo!...

CENA X

FRANCISCO e os ditos

FRANCISCO — Então, o que temos?

MANUEL — Prudência, que aí vem gente.

FRANCISCO — Senhora d. Angélica... (à parte, vendo Deolinda:) Deolinda por cá? Mau!

ANGÉLICA — Sr. Francisco, isto é um horror, um desafôro! O Sr. Manuel traz as suas costureiras — costureiras! — para casa e elas vêm insultar-me.

MANUEL — Eu, senhora minha ama? Eu, Manuel Pacheco? Pois bem, hoje mesmo sairei desta casa.

ANGÉLICA — Saíres de minha casa?

MANUEL — Desconfiam de mim... Que faço aqui? Não faço nada. Vou-me, vou-me com cem mil milhões de diabos!

ANGÉLICA — Manuel!

MANUEL — Adeus, senhora.

ANGÉLICA (retendo-o) — Não, tu não sairás... não posso... meu negócio não pode estar sem ti.

MANUEL — Deixe-me!

ANGÉLICA — Não! Senhor Francisco, ajude a segurá-lo.

FRANCISCO — Então, Manuel, o que é isto?

DEOLINDA — Desgraçada de mim! Ela o ama! (vai a sair pelo fundo.)

ANGÉLICA — Manuel, Manuel, não me abandones...

CENA XI

QUINTINO e os ditos

QUINTINO (encontrando-se à porta com Deolinda) — Espere lá.

ANGÉLICA — Quem é?!

MANUEL (à parte) — Meu cunhado...

FRANCISCO (à parte) — Temos!...

QUINTINO (trazendo Deolinda para a frente) — Preciso de uma explicação.

DEOLINDA — Deixa-me!

ANGÉLICA (para Quintino) — Mas o que é isto, senhor?

MANUEL — Sim, o que é isto? Assim se entra por uma casa?

QUINTINO (para Deolinda, sem dar atenção aos mais) — Não estavas em casa. Muito estimo encontrar-te aqui. É preciso que todos me ouçam: Deolinda, disseram-me que tu te casaste ocultamente...

DEOLINDA — Eu?

MANUEL (à parte) — Mau!

ANGÉLICA — Casada!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.59

QUINTINO — Não procures enganar-me; estou bem informado.

DEOLINDA — Pois bem, confessarei: Sou casada.

QUINTINO — Ah, confessas?

MANUEL (à parte) — Estou perdido!

FRANCISCO (à parte e ao mesmo tempo) — No que dará isto?

ANGÉLICA — É possível?

QUINTINO — Agora quero saber quem é teu marido.

DEOLINDA — Ah, ainda não sabe? Pois então pergunta ali ao Sr. Manuel.

MANUEL — A mim?

ANGÉLICA (ao mesmo tempo) — A êle?

DEOLINDA — Sim; diga a meu irmão quem é meu marido.

MANUEL — Que eu diga?

ANGÉLICA — Que horrível desconfiança... E esta escritura? (querendo rasgar o papel.)

MANUEL (pegando-lhe na mão) — Espere!

DEOLINDA (à parte) — O que ia eu fazendo?

MANUEL (para Quintino) — Senhor sargento, eu quéria guardar segrêdo, porque assim mo pediram; mas como o negócio está meio divulgado, falarei. Fui padrinho do casamento...

ANGÉLICA — Tu?

MANUEL — E assim, sei quem é o marido.

QUINTINO — E quem é?

MANUEL — O Sr. Francisco.

FRANCISCO — Hem?

DEOLINDA — O que diz?

ANGÉLICA (ao mesmo tempo) — O Sr. Francisco?

QUINTINO — Ah, o senhor é meu cunhado?

FRANCISCO — Eu, senhor?

MANUEL (abraçando-se com Francisco) — Amigo, perdoa se falei... (à parte, para êle:) Salva-me, Chico, salva-me! (alto:) O negócio estava meio sabido... (à parte:) Salva-me, Chico... (alto:) De que serviria ocultar mais tempo? (à parte:) Dize que te casaste...

FRANCISCO — Mas, se tu...

MANUEL — Estás zangado porque falei. (à parte:) Salva-me, Chico!

FRANCISCO (à parte) — Tranqüiliza-te... (alto:) Enfim, como já se sabe, que remédio?... Estou casado com a senhora...[19] A senhora... é minha mulher... (à parte:) Já que assim quer seu marido...

ANGÉLICA (à parte) — Aqui há mistério...

QUINTINO — O que está feito, está feito. Lograram-me. Cunhado, aperta esta manopla. Quisera antes que a Deolinda se casasse com o alferes; mas enfim, também és bom rapaz. Vou ao "Gradil" encomendar um jantar; há-de haver bebedeira grossa. Com licença da companhia; volto. (vai-se.)

MANUEL (à parte) — Escapei de boas!

ANGÉLICA — Com que, o Sr. Francisco é casado!

FRANCISCO — O homem sacrifica-se, às vêzes.

ANGÉLICA (para Manuel) — E nunca me disseste nada.

MANUEL — Segrêdo de um amigo.

DEOLINDA (à parte) — Que papel faço eu aqui?

ANGÉLICA (à parte) — Estou desconfiada; aqui engana-se alguém. Ah, se fôr a mim... (alto:) Manuel, vem comigo; o Sr. Francisco quererá ficar só com sua mulher...

MANUEL — Só, com ela!

ANGÉLICA — E o que tem isso?

MANUEL (à parte) — Pergunta o que tem... (alto:) Nada, nada!

ANGÉLICA — Pois segue-me. (à parte:) Há mistério!

MANUEL — Eu vou. (à parte, para Francisco:) Chico!... (Angélica sai. Manuel acompanha Angélica, fazendo sinais para Francisco.)

CENA XII

FRANCISCO e DEOLINDA

FRANCISCO — Pobre Manuel, a quanto o obriga a ambição!

DEOLINDA — Belo marido tenho eu, que me entrega a outro.

FRANCISCO — Então, Sra. Deolinda, que me diz a esta? Deve-me estar agradecida; salvei seu marido.

DEOLINDA — Que marido! Envergonha-se de ter-me por mulher.

FRANCISCO — Não é vergonha, é mêdo.

DEOLINDA — Mêdo? Antes me tivesse casado com outro.

FRANCISCO — Não me quiseste a mim por marido...

DEOLINDA — Vou-me embora.

FRANCISCO (retendo-a) — Espere.

DEOLINDA — Não posso mais estar aqui.

FRANCISCO — Devagar, não comprometa seu marido.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTF 0228, p.60 80

DEOLINDA — Deixe-me.

FRANCISCO — Sinto passos; aí vem ela. Dê-me um abraço. (abraça-a.)

DEOLINDA (esforçando-se por sair de seus braços) — Senhor!

CENA XIII

Os ditos, ANGÉLICA, seguida de MANUEL, que traz algumas garrafas. Param à porta vendo

FRANCISCO abraçar DEOLINDA

FRANCISCO — Não se espante. Isto é por conta dêle. Abrace-me, que ela nos vê.

DEOLINDA (vendo Manuel) — Ah, pois bem, abracemo-nos. (abraça-o.) Assim me vingarei dêle.

FRANCISCO — Bravo! (abraçam-se.)

MANUEL (à porta) — Isto não pode ser!...

ANGÉLICA (retendo-o) — E que te importa que o Sr. Francisco abrace sua mulher?

MANUEL — É indecente!

ANGÉLICA — Deixa-os lá e vem comigo. (vai atravessando a cena e sai. Manuel vai acompanhando Angélica.)

DEOLINDA (correndo e retendo Manuel no momente dêste sair) — Vem cá!

MANUEL — Traidora!

DEOLINDA — Ah, está zangado?

MANUEL — Abraçando-o!

DEOLINDA — Fiz muito bem; é para teu ensino.

FRANCISCO — Pateta, não vês que era para melhor enganar tua ama?

MANUEL — Ah, era para isso? Perdoa-me, Deolinda. Chico, pega nestas garrafas. (dando-as a Francisco:) Se soubesses, Deolinda, o que tenho sofrido hoje!

FRANCISCO — Agora abracem-se.

MANUEL — Perdoa-me se te dei outro marido; era para nosso bem. Dá cá um abraço.

DEOLINDA (abraçando-o) — Sou muito boa em perdoar-te! (Francisco, enquanto os dous se abraçam, desarrolha uma garrafa e bebe.)

MANUEL — Minha mulherzinha, aperta!

CENA XIV

ANGÉLICA e os ditos

ANGÉLICA (da porta) — Que escândalo! Que escândalo! (Francisco, Manuel e Deolinda ficam espantados.) Assim deixa abraçar sua mulher? E vê isso bebendo? Que imoralidade! Que escândalo!

FRANCISCO — Foi por distração e sêde.

MANUEL — É minha afilhada... Sou padrinho, e bem vê...

ANGÉLICA — Sim, é afilhada! (para Francisco:) O senhor, pelo que vejo, não é ciumento... E a menina... Está bonito!

FRANCISCO — Entre amigos não deve haver ciúmes — e quando há confiança na amizade, bebe-se.

ANGÉLICA — E dorme-se... Tem razão. Mas olhe que há muita gente que assim se perde pela confiança que tem nos amigos... (à parte:) Eu saberei como isto é. (para Manuel:) Vai acabar de arrumar as garrafas.

MANUEL (à parte, para Francisco) — Cuidado com a bicha. (vai-se.)

ANGÉLICA (para Francisco) — Tinha que lhe dar uma palavra... Mas ao senhor só.

FRANCISCO — Deolinda, vai-me esperar lá em casa.

DEOLINDA — Eu vou. (à parte, para Francisco:) Diga a Manuel que lá o espero. (sai).

CENA XV

ANGÉLICA e FRANCISCO, [e depois

MANUEL e QUINTINO]

ANGÉLICA (à parte) — Hei-de saber como isto é... Empregarei um meio...

FRANCISCO — A Senhora Angélica está tão pensativa!

ANGÉLICA — E tenho motivos para isso. Senhor Francisco, é preciso que eu seja sincera com o senhor.

FRANCISCO — Há muito que isso desejo.

ANGÉLICA — O senhor tem-me dado a entender que minha mão lhe seria agradável...

FRANCISCO — Senhora...

ANGÉLICA — Não tenho correspondido às suas finezas, porque, enfim... uma mulher vexa-se... Esperava poder confessar um dia êsse segrêdo, mas ah, enganei-me, enganei-me!

FRANCISCO — D. Angélica!

ANGÉLICA — Foi uma zombaria! Eu, que o amava...

FRANCISCO — A mim?

ANGÉLICA — Sim, ingrato, a ti.

FRANCISCO — Oh! (à parte:) O Manuel que se arranje como puder, eu falo.

ANGÉLICA — A mim, semelhante traição! A mim, que já havia feito esta escritura de casamento; vê... Só o nome está em branco. O lugar era para o teu.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.61

FRANCISCO — Dá-ma!

ANGÉLICA — Agora de nada serve. (quer rasgar.)

FRANCISCO — Não rasgue!

ANGÉLICA — Estás casado.

FRANCISCO — Casado! (à parte:) Leve o diabo o Manuel! (alto:) Angélica, quem te disse que estava casado, mentiu.

ANGÉLICA — Mentiu?

FRANCISCO — Eu não estou casado.

ANGÉLICA — Não estás casado? E quem é o marido de Deolinda?

FRANCISCO — Não lhe posso dizer, mas juro-lhe que estou tão solteiro como quando nasci. Eis-me a seus pés! (ajoelha-se.) Dê-me essa promessa.

ANGÉLICA — Levanta-te. (Quintino aparece à porta do fundo e fica surpreendido, vendo Francisco aos pés de Angélica.)

FRANCISCO — Não me levantarei enquanto não me der a sua palavra que me fará ditoso.

QUINTINO — O marido de minha irmã aos pés de outra mulher?

ANGÉLICA — Lá de fora podem ver-nos...

FRANCISCO — E que vejam! Não serei eu seu espôso? (Manuel aparece à porta da direita e, vendo Francisco de joelhos, fica estupefato.

ANGÉLICA — Talvez, mas levanta-te.

FRANCISCO — Não!

MANUEL — Muito bem, muito bem! Amigo falso!

FRANCISCO (levantando-se) — Ah!

ANGÉLICA — Ah!

MANUEL — Muito bem!

FRANCISCO — Desculpa-me... Ela me ama e eu também a amo.

QUINTINO (que nesse tempo tem-se aproximado, segura a Francisco pela gola da jaqueta, dizendo) — Ah! tua a amas? E minha irmã, tua mulher?

FRANCISCO — Ai!

QUINTINO — Assim a enganas, patife?

FRANCISCO — Sua irmã não é minha mulher.

QUINTINO — Negas?

ANGÉLICA (para Manuel) — Quem é o marido?

MANUEL — Não sei. (Angélica toma a Manuel pelo braço. Quintino faz o mesmo a Francisco. Todos falam ao mesmo tempo.)

ANGÉLICA (para Manuel — Quem é o marido? Para que me enganaste? Dize já, quero saber. Ah, não dizes? Eu me vingarei! Não dizes. porque tens mêdo? Ingrato, mal-agradecido, eu me vingarei, me vingarei.

MANUEL (para Angélica) — Não sei... Posso lá saber quem é o marido de tôdas as mulheres? Disse o que me disseram; pode ser que me engane. Senhora minha ama, deixe-me, assim não nos entenderemos.

QUINTINO (para Francisco, a quem ameaça com a espada) — Pensas que assim hás-de mangar com o Sargento Quintino? Primeiro hei-de tirar-te as tripas, pô-las ao sol. Enganar minha irmã! Tira as mãos... enfio-te... mariola... tira as mãos!

FRANCISCO (esforçando-se para sair das mãos de Quintino) — Deixe-se, não sou seu cunhado, já lhe disse. Ai, ai, não me mate! Ai, quem me acode? Juro que não é minha mulher! Ai, ai! (Todos acaba gritando.)

CENA FINAL

ANTÔNIO e JOSÉ, armados de achas de lenha, DEOLINDA e os ditos.

ANTÔNIO (entrando) — O que aconteceu?

DEOLINDA — O que é, Quintino?

ANTÔNIO — Senhora minha ama!

DEOLINDA — O que foi?

QUINTINO (para Deolinda) — O que foi? Vim encontrar teu marido aos pés desta senhora.

DEOLINDA — Meu marido de joelhos a seus pés.

QUINTINO — Sim, dizendo que a amava.

DEOLINDA (indo para Manuel) — Traidor!

MANUEL — Hem?

DEOLINDA — Assim é que me guardavas fidelidade?

ANGÉLICA — Ah!

QUINTINO — Olha que te enganas!

DEOLINDA — Não, não me engano; êste é o meu marido.

QUINTINO — Seu marido?

ANGÉLICA (ao mesmo tempo) — Seu marido?

MANUEL (à parte) — Ai, ai, ai!

FRANCISCO (à parte e ao mesmo tempo) — Pobre Manuel!

ANGÉLICA (para Manuel) — Ah, tu eras casado e enganavas-me!

DEOLINDA — A mim é que enganava.

QUINTINO — Então, com todos os diabos, quem é aqui meu cunhado?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.62 81

MANUEL (apontando para Francisco) — É êle! É êle!

FRANCISCO (apontando para Manuel, ao mesmo tempo) — É êle! É êle!

QUINTINO (para Deolinda) — Ambos?

ANGÉLICA — Espere, Sr. Sargento, que eu porei estas cousas em ordem. (à parte, para Manuel:) Ingrato, tudo está explicado e eu me vingarei!

MANUEL — Minha ama!

ANGÉLICA (repelindo-o com gesto desprezador) — Sr. Francisco, aqui está a escritura de nosso casamento. (dá-lhe o papel.)

FRANCISCO — Quanto sou ditoso!

MANUEL — Mas senhora...

ANGÉLICA (interrompendo-o) — O Sr. Manuel terá a bondade de procurar outro arranjo, porque hoje deixa de ser meu caixeiro. Tenho um marido e nêle um sócio.

MANUEL — Um sócio! (para Francisco, na maior desesperação Amigo infiel e pérfido, és a causa da minha desgraça e perdição!

FRANCISCO — Eu, Manuel?

MANUEL — Sim.

FRANCISCO — Fiz o que pude por ti, fui marido de tua mulher... Tu és o culpado, eu não.

MANUEL (voltando-se para Deolinda) — Então fôste tu, mulher traidora!

DEOLINDA — Eu? Não guardei segrêdo? Queixa-te de ti; de mim, não.

MANUEL (para Quintino) — Então fôste tu, barbaças do diabo!

QUINTINO (ameaçando-o) — Passe de largo!

MANUEL (voltando-se para Angélica) — Ou tu, carocha do inferno!

ANGÉLICA — Maroto! Já por esta porta fora e vai ser caixeiro de Belzebu!

MANUEL (como louco) — Caixeiro, sempre caixeiro! Oh, afastem-se de mim, que estou louco, desesperado, furibundo! Para longe! Serei sempre caixeiro, caixeiro, caixeiro! Pagarei sempre impôsto, como uma saca de café, um burro, um cavalo. Não sou nada no mundo. Cortem-me esta cabeça, pendurem-me na porta do açougue. Sou um boi; paguei direitos na barreira. Sou um boi. (assim dizendo, principia a berrar como boi.)

TODOS — Manuel! (Manuel berra.)

DEOLINDA — Meu Deus, está louco!

TODOS — Louco! (Manuel berra.)

DEOLINDA — Que desgraça!

FRANCISCO (ao mesmo tempo) — Coitado!

QUINTINO (ao mesmo tempo) — Pobre homem!

ANGÉLICA (ao mesmo tempo) — Faz-me pena!

MANUEL (traz Antônio pelo braço para a frente do teatro) — Antônio, eis-me de joelhos a teus pés. (ajoelha-se.) Lembra-te da amizade que nos uniu e faze-me o último favor. (abre a camisa.) Enterra-me no coração essa acha de lenha, traspassa-me o peito com ela. Não queres?

ANGÉLICA — Manuel!

MANUEL — Quem me chama?

ANGÉLICA — É tua ama! Manuel, esqueço-me da afronta que me fizeste e lembrar-me-ei sòmente dos serviços que me tens prestado... Serás nosso sócio, não é assim, Chiquinho?

FRANCISCO — Sim, serás nosso sócio.

DEOLINDA — Serás sócio! (Manuel levanta-se pouco a pouco, como procurando fixar-se no sentido das palavras que lhe dizem.)

ANGÉLICA — Serás nosso sócio, ficarás conosco. Eu te perdôo.

MANUEL — Sócio! Ouviram bem meus ouvidos? Serei sócio! 54 (caindo de joelhos e levantando as mãos para o céu:) Oh, meu Deus, está satisfeita a minha ambição! (todos falam ao mesmo tempo:)

DEOLINDA — Está salvo!

QUINTINO — Pobre sócio!

ANGÉLICA — Pobre Manuel!

FRANCISCO — Pobre amigo!

MANUEL — Serei sócio! (cai o pano.)

FIM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, 8-63

OS DOIS TÍMIDOS

Comédia em 1 Ato
de EUGÈNE LABICHE — Trad.: OSMAR CRUZ

PERSONAGENS:

TIBÉRIO FLÔRES
JÚLIO CORDEIRO, bacharel em direito
ANATÓLIO LÔBO
CECÍLIA, filha de Tibério
ANA, criada

Interior da França — 1880

CENÁRIO:

Sala elegantemente mobiliada — Porta ao F, que dá para um jardim — Portas laterais — Vasos para flôres sôbre uma lareira — Jardineira, espelho, guarda-louça, relógio de parede, cadeiras e poltronas — Tinteiro, papel e canetas sôbre uma mesa.

ATO ÚNICO

CENA I

ANA, depois CECÍLIA

ANA (entrando de cafeteira na mão, dirige-se a uma das portas laterais) — Senhor Lôbo, aqui tem água quente. (abre-se a porta que se fecha imediatamente depois de ver-se um braço levar a cafeteira. Ana desce.) Muito presumido é o futuro noivo da pequena. Tôdas as manhãs leva hora e meia a vestir-se... As unhas é que lhe tomam mais tempo... É curioso vê-lo a limpá-las, raspá-las, cortá-las e limá-las! ... Para as tratar, anda sempre munido de muitos instrumentos pequeninos... Naturalmente foram as unhas que encantaram meu amo... No verdade, êle deixa-se encantar por tudo e por todos... Parece impossível que um homem daquela idade seja mais tímido do que uma criança!... Não é capaz de dizer a ninguém que não! ... A pequena já não sai ao pai!... Faz tudo que lhe apetece!... (ouve-se Cecília cantar.) Aí vem ela do jardim com o seu cestinho de flôres.

CECÍLIA (entrando) — Ana, dá-me depressa os vasos que estão na lareira.

ANA — Pronto. (ambas dispõem as flôres nos vasos que Ana coloca na floreira) Não sabe, menina, êle está se levantando... Agora mesmo lhe levei a água quente.

CECÍLIA — A quem?

ANA — Ao senhor Anatólio Lôbo.

CECÍLIA — Se não tens outra novidade a dar-me... essa não me interessa!

ANA — Ainda não reparou nas unhas dêle?

CECÍLIA — Não...

ANA — O que? Ainda não reparou? Olhe... são quase tão compridas como os dedos da minha mão... Anteontem, ao abrir uma janela, partiu uma...

CECÍLIA (irônicamente) — Que grande desastre!...

ANA — Bem sei que torna a crescer... Mas o seu futuro noivo pareceu-me muito contrariado... e desde êsse dia chama-me sempre para lhe abrir a janela.

CECÍLIA — Já te pedi que não me falasses constantemente no senhor Lôbo... e tu a insistires! Enfastia-me... irrita-me... aborrece-me...

ANA (admirada) — Aborrece o seu noivo?

CECÍLIA — O meu noivo!... O casamento ainda não se fêz! Onde está o papai? (leva um vaso com flôres para a lareira.)

ANA — O senhor Tibério está no escritório há muito tempo com um sujeito que veio de Paris.

CECÍLIA (vivamente) — De Paris. Um galante rapaz... um jovem advogado?... louro... de olhos azuis... corado... de bigode pequeno...

ANA — Êste tem os cabelos castanhos... é trigueiro... e usa umas barbas bicudas.

CECÍLIA — Não é o mesmo...

ANA — Creio ser caixeiro viajante que traz amostras de vinhos. O patrão não queria recebê-lo... mas, como tudo o encanta, logo que lhe luziram as garrafas de vidro mandou-o entrar...

CECÍLIA — O papai devia dizer-lhe que não estava para o aturar...

ANA — Não sabe que êle tem tanto de tímido como de cabelos brancos...

CECÍLIA — Tens razão.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 64

AOS EDUCADORES-AUTORES

Muitos professôres atualizados e esclarecidos já fazem teatro na escola, com seus alunos. E muitos escrevem, êles mesmos, as peças encenadas; algumas delas, de alto nível pedagógico e artístico, as quais deveriam e poderiam ser aproveitadas por outras escolas.

Por êsse motivo, "Teatro da Juventude" tratará de publicar, em cada um de seus números, um ou mais dêsses textos de educadores-autores que desejarem colaborar, graciosamente, com o Setor Infanto-Juvenil da Comissão Estadual de Teatro.

Assim, solicitamos aos interessados que nos enviem — sem compromisso de publicação, nem de devolução dos originais — as peças que porventura escreverem para o teatro escolar, tanto as destinadas ao ciclo primário como ao secundário. Tais peças serão apreciadas pelo Conselho Consultivo desta revista, cujos membros, juntamente com a diretora e o redator-chefe, selecionarão os textos que melhor se enquadrem nos planos de "Teatro da Juventude".

Os originais deverão ser enviados à:

Comissão Estadual de Teatro
Revista "Teatro da Juventude"
At. de Tatiana Belinky
Rua Antônio de Godói, 88 - 9.º andar
São Paulo, SP

AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de tôdas as instituições de ensino primário e secundário, tanto da Capital como do Interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais, **livre de pagamento de direitos autorais.**

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão, etc., estarão sujeitas aos direitos autorais estipulados pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1123, 8.º andar.

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO
SERVIÇOS DE ARTES GRÁFICAS
SÃO PAULO — BRASIL
1969

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.66

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

82

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: O Caixeiro da Taverna :::::::

b) Título original:

c) Autor: Martins Pena :::::::::

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia:

h) Classificação da Censura: 14 (catorze) anos :::::

II) Análise

a) Gênero:

b) Argumento: Obs: O presente texto é idêntico ao já aprovado por êste SCDP, (certs 1390/69, 1451/69) pelo que proponho a manutenção da mesma classificação, smj ::::::::::

DF. 11.maio.1970

Carlos Lúcio Menezes
Técnico de Censura

c) 1 - Mensagem:

2 - Impressão final:

d) Diálogos:

e) Cenas:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.67

f) Personagens: _____

g) Valor educativo: _____

III) Conclusão _____

Brasília, ____ de _____ de 19____

Técnico de Censura - Cart. nº _____

AO SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA COM O PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA- CARLOS LUCIO MENEZES, QUE A EXAMINOU:

= A DOCUMENTAÇÃO ESTA EM ORDEM=

EM, 12/MAIO/970

TCTC=SC=SCDP

TITULO:O CAIXEIRO DA TAVE

AUTOR :MARTINS PENA

REST. : 14 ANOS

De acôrdo.

14.5.70

14/5/70

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.68

83

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2512/70

PEÇA -:::/ O CAIXEIRO DA TAVERNA /:::-

ORIGINAL DE MARTINS PENA

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 13 de MAIO de 1975

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

Brasília, 13 de MAIO de 1970

Chefe do S. C. D. P. PROF. WILSON A. DE AGUIAR

BR DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.69

M.J. - D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 79, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -:::/ O CAIXEIRO DA TAVERNA /:::-

Original de MARTINS PENA

Tradução de

Adaptação de

Produção de GRUPO ESTUDANTIL ASCENDINO REIS-SÃO PAULO - SP.

Tendo sido censurada em 11 de MAIO de 19 70 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS.-

-:::/ CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL /:::-

OBS. ESTE CERTIFICADO XXXXX SOMENTE E VALIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 13 de MAIO de 19 70

Serviço de Censura de Diversões Públicas D.P.F.

MANOEL MIRANDA FERREIRA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

DPF. SAv. 7034-FFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 70

81

227/70

13/5/70

Chefe do SCD P

Sr. Delegado Regional do DPF/SP.

Providências (solicita).

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico dêste Serviço:

1. assistir ensaio geral da peça "O CAIXEIRO DA TAVERNA", de Martins Pena;

2. deverá ser enviado a êste SCDP, relatório minucioso a respeito do espetáculo, podendo, entretanto, serem entregues os documentos, caso a impropriedade estabelecida por êste Serviço esteja de // acôrdo com o observado durante a encenação.

Atenciosamente,

PROF. WILSON A. DE AGUIAR
Chefe do SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 71

49

Ilmº Sr.Cel.Delegado Regional do Departamento de Policia Federal Bahia Sergipe

Ricardo Weingartem,norte-americano,25 anos,solteiro,produtor do Grupo de Teatro da Praia como Voluntário da Paz,residente ao Alto do São Francisco S/N no bairro da Bôca do Rio,vem solicitar mui respeitosamente de V.Sa. a autroização e aprovação,para funcionamento da peça de Martins Pena,o Caixeiro da Taverna que será levada na Igreja do São Francisco na Bôca do Rio nos dias 13 e 14 de março de 1971.

O trossim Ricardo Weingartem informa que o seu número de carteira de identidade no Brasil é de 868/69 e o seu passaporte é de número GA-876910.

N.Termos

P.Deferimento

Salvador,2 de fevereiro de 1971

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
NINO GUIMARÃES
REPRESENTANTE GERAL
(ESTADO DA BAHIA)

Ricardo Weingartem

RICARDO WEINGARTEM

produtor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.72

50

TEATRO DE PRAIA

A P R E S E N T A

O CAIXEIRO DA TAVERNA

(comédia em um ato)

de

Martins Pena

PERSONAGENS:

MANUEL-primeiro caixeiro
ANGÉLICA-dona da casa
HEOLINDA-costureira
FRANCISCO-oficial de latoeiro
ANTONIO-caixeiro
QUINTINO-sargento de fuzileiros
JOSÉ-caixeiro,personagem muda

São 7 personagens sendo que um é figurante
A cena passa-se na cidade do Rio de Janeiro,no ano de 1845

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
NINO GUIMARÃES
REPRESENTANTE GERAL
(ESTADO DA BAHIA)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 73

61

ATO UNICO

O teatro, na antecena, representa uma sala com portas laterias e duas no fundo, pelas quais se vê o interior de uma taverna com seu balcão, onde estár um caixeiro e mais arranjos necessários- tudo distribuído de modo tal, que fiquem à vista do espectador as pessoas de diferentes condições que entram na taverna durante a - representação. De um e outro lado da sala, haverão algumas pipas, como é costume nas tavernas. No primeiro plano, à esquerda, uma - escrivaninha apropriada ao lugar, etc.

CENA I

Ao levantar do pano, (Manoel) estará sentado à escrivaninha, verificando contas.

MANUEL, continuando a somar ... E 4 são 10, e 9, 19, e 7, 26, soma tudo... duzentos e sessenta e oito mil trezentos e vinte réis... que deve o Sr. Laurindo da Costa à Viúva Pereira, por gêneros comprados em sua taverna durante cinco mêses. Êste é bom pagador, dinheiro seguro. (Pegando outra conta) O Major José Felix deve à - Viúva Pereira, etc, cento e vinte e nove mil e oitocentos réis... Contem com êste... dinheiro perdido... É isto, querem todos comer a boa manteiga, o queijo frescal, o gordo paio... É só mandar um bilhetinho: Sr. Manuel, mande-me isto; Sr. Manuel mande-me aquilo; mas quando chega a ocasião de pagar as contas é que são elas. Êste não paga, aquêle desculpa-se, outro descompõe, querd dar no pôbre cobrador... É um inferno!... Ora, dêste pobre major tenho eu pena. Mal lhe chega o sôldo para pagar casa e educar quatro filhos que tem; mas, bem pensado, a venda de minha ama não é montepio militar... A nação que pague! (Chamando) Ó José? José?

CENA II

Entra um menino de doze anos, de calça e em mangas de camisa, calçado de tamancos e muito sujo.

MANUEL - Toma estas contas, vai cobrá-las. Os nomes aí estão (dá um maço de papéis) Se algúmdos devedores não quiser pagar, dize-lhe que o mandarei pôr no jornal do Comércio. Anda, vai. (O menino sai.) É o que se vê - tudo anda pingando. (Levantando-se) É - boa! Quem come, pague! E quem não pode pagar, não coma... Ó Sr. - Antonio? Sr. Antonio?

ANTONIO, dentro - Senhor?

MANUEL - Chegue cá.

CENA III

MANUEL a Antonio, que entra do mesmo modo que José- Chegou a pipa de aguardente que se foi buscar ao Trapiche da Ordem?

ANTONIO- Já, sim senhor.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 74
52

MANUEL - Pois recolh-a, e logo à noute tempere-a com quatro barris de água.
ANTONIO - Sim senhor.
MANUEL - Os direitos cada vez estão mais subidos, e como não podemos encurtar as medidas, aumentamos o líquido... Em que estado estão aquelas pipas de vinho de Lisboa?
ANTONIO - Ambas pelo meio
MANUEL - Pois acabe de encher com água fresca e bote-lhe dentro dous engaços de bananas e uma porção de pau-campeche para lhe dar côr e tom; e quando o vender, diga aos fregueses que é vinho superior da Companhia do Alto-Douro.
ANTONIO - Sim senhor
MANUEL - E não se esqueça de pendurar à porta êste letreiro. (Tira de sôbre a carteira um rótulo com letras grandes, que digam: - ÚNICO DEPÓSITO DA COMPANHIA DO ALTO-DOURO) O público deixa-se levar por estas imposturas. Pode ir. (Antonio sai com o rótulo).

CENA IV

MANUEL e depois FRANCISCO.

MANUEL - Estou fatigado! Muito custa dirigir-se uma venda bem afreguesada como esta. Mas, ah, se eu dela fôsse dono, outro galo cantaria... Há seis anos que cheguei do Pôrto e ainda sou caixeiro. Não pensei, quando vim para oo Brasil, que fizesse fortuna tão devagar. É verdade que sou primeiro caixeiro da taverna da viúva de meu amo, mas o que é isto para mim? Para mim, que sou ambicioso? - Sim uma ambição roedora me estrgga a alma, dorme e acorda comigo, não me deixa um só instante tranquilo; traz-me em delírio, confude-me as idéias. Ah, quantas vêzes tenho eu vendido aguardente de França por aguardente do Reino, linguiças por paios e cebolas por alhos! Ambição, horrível martírio, quando te verei eu satisfeita? (Entra Francisco)
FRANCISCO - Adeus, Manuel.
MANUEL - como estás, Chico?
FRANCISCO - Vamos remando contra a maré.
MANUEL - Chico, tu és bem feliz!
FRANCISCO - Eu? estás enganado? no mundo não se pode ser feliz - sem dinheiro, e eu não o tenho.
MANUEL - Trabalha e terás.
FRANCISCO - Trabalha! Sou, como bem sabes, oficial de latoeiro, e já por muitas vêzes te tenho dito o que presentemente ganha - um oficial de latoeiro. Olha, Manuel, minha avó dizia que no tempo dos vice-reis e mesmo no tempo de el-rei, qualquer que tivesse um ofício ganhava a vida e ainda ajuntava dinheiro. Agora o caso é outro.
MANUEL - Deixa-te disso.
FRANCISCO - Ora, dize-me, o que pode fazer um pobre latoeiro do -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 75

País, quando a Rua do Ouvidor está cheia de latoeiros e lampistas franceses? Meu caro, se não fôssem as seringas que fazemos para os moleques brincarem o entrudo, não sei o que seria de nós.

MANUEL - Se vocês trabalhassem tão bem como êles...

FRANCISCO - É um engano, é uma mania, e todos vão com ela; é obra estrangeira, e basta! Não se vê por esta cidade senão alfaiates franceses, dentistas americanos, maquinistas inglêses, médicos alemães, relojoeiros suíços, cabelereiros franceses, estrangeiros de tôdas as seis partes do mundo. E resistam os artistas do país, se são capazes, a essa torrente! Porém meu pai é que é o culpado de estar eu hoje como estou.

MANUEL - Como assim?

FRANCISCO - Em lugar de ensinar-me o seu ofício, como ensinou-me, podia ter-me mandado para S. Paulo estudar leis. Bem podia estar deputado.

MANUEL - Ah, ah, ha! Dêste modo podemos ser tudo...

FRANCISCO - Manuel, tu és filho de Portugal e não estás bem ao fato da nossa Constituição. Ela diz: A lei é igual para todos. Isto quer dizer que todos podem ser tudo.

MANUEL - Ah, entendes assim?

FRANCISCO - No talento é que está a diferença. O homem de talento pode ser tudo quanto quiser, e tu bem sabes que eu tenho talento.. Ainda ninguém pôde fazer, como eu, uma seringa de entrudo que esguiche água mais longe.

MANUEL - Ora,Chico! (sorrindo-se)

FRANCISCO - Olha Manuel, não sei o que te diga; às vêzes custa mais fazer-se uma seringa de esguicho do que certas leis.

MANUEL - Estás hoje pregador.

FRANCISCO - Estou zangado; tu és feliz.

MANUEL - Feliz?

FRANCISCO - Há oito meses que teu amo morreu e a viúva, não poderia continuar com a taverna aberta sem o teu auxílio. Eras o único, como primeiro caixeiro, que sabia das transações do defunto.

MANUEL - à parte e concentrado - E ainda sou caixeiro.

FRANCISO - Manuel, um negócio aqui me traz. És meu amigo, devo comunicar-to, até porque és nêle interessado.

MANUEL - Interessado? E como?

FRANCISCO - Estou resolvido a casar-me.

MANUEL - Queres-me dar interêsse no teu casamento?

FRANCISCO - Não. A mulher escolhida por mim é tua ama.

MANUEL - Minha ama?

FRANCISCO - Ela mesma, e tenho razões para supor que lhe não sou indiferente.

MANUEL, pegando-lhe no braço - Chico, és meu amigo?

FRANCISCO - Duvidas? Experimenta.

MANUEL - Desiste dêsse casamento.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p-76
5"

FRANCISCO - Que eu desista? E por quê?
MANUEL - Por quê? Não te posso dizer.
FRANCISCO - Percebo... Queres-te casar com ela. Pois bem, mostrarei que sou teu amigo. Casa-te; tens mais direito do que eu... já estás em casa.
MANUEL, abraçando-o - Obrigado, amigo.
FRANCISCO - Pois bem, casar-me-ei com a nossa vizinha Deolinda.
MANUEL - Chico, tu não te casarás com Deolinda!
FRANCISCO - Hem?
MANUEL - Digo-te que não casarás com ela.
FRANCISCO - Essa agora é melhor! E por que não me casarei?
MANUEL - A Deolinda já está casada.
FRANCISCO - Casada? E com quem?
MANUEL - Em voz baixa - Comigo.
FRANCISCO - Contigo? Mas que diabo de trapalhada é essa? És casado e queres casar?
MANUEL - Chico, olha atentamente para mim.
FRANCISCO - Estou olhando.
MANUEL - Vês em mim um home profundamente ambicioso...
FRANCISCO - Tu?
MANUEL - Sim, eu! E de uma ambição tão frenética, que me levará à sepultura se a não vejo realizada.... De uma ambição ambiciosa!
FRANCISCO - Tu me assunstas! Acaso queres ser major da Guarda Nacional?
MANUEL, com desprêzo - Não.
FRANCISCO - Chefe da legião?
MANUEL - Não.
FRANCISCO - Tenente-general?
MANUEL - Não.
FRANCISCO - Conde? Marquês? Ministro?
MANUEL - Não.
FRANCISCO - Manuel, Manuel, que queres tu ser?
MANUEL - com mistério - Sócio de minha ama!
FRANCISCO - rindo-se - Ah, ah! E só isso?
MANUEL - Só, dizes tu? E que felicidade pode haver no mundo maior para mim? Ah, não sabes que satisfação será a minha, quando escrever em uma conta: Fulano deve a Manuel Pacheco e Viuva Pereira a quantia de tanto, por gêneros comprados em sua venda. Sua, - amigo, sua! Ela será também minha!
FRANCISDO - Enfim, cada um tem lá ambição a seu modo.
MANUEL - E ainda sou caixeiro! Caixeiro! Sabes tu o que é um caxeiro? É um traste que paga impôsto à Câmara Municipal, como qualquer carruagem ou burro.
FRANCISCO - Mas não vejo por que não queres que eu case com tua - ama.
MANUEL - Não vês?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 77

FRANCISCO - Logo que estiver casado, prometo dar-te sociedade.
MANUEL - Sabes tu se ela te ama?
FRANCISCO - Julgo que não lhe sou indiferente.
MANUEL - Pois digo-te eu que ela não te ama, porque ama-me.
FRANCISCO - A ti?
MANUEL - Sim, e de uma maneira desesperada e danada. Amigo,Deus te guarde de amor de mulher velha; é pior do que carrapato em orelha de burro. Compreendes agora a minha posição?
FRANCISCO - Ainda não muito bem.
MANUEL - Por amor- maldito amor! casei-me em segrêdo com Deolinda; nem o seu próprio irmão, o Sargento Quintino, o sabe. Pensa - agora o que será de mim, se minha ama desconfiar que a desprezei - por causa de outra mulher... Raivosa, expulsar-me- á desta casa e minhas esperanças serão malogradas. É preciso enganá-la até o dia em que assinarmos a escritura de sociedade.
ANGÉLICA -, dentro - Manuel?
MANUEL - Ela que me chama! Vai-te embora!
FRANCISCO - Adeus, e estimo que sejas bem sucedido.
MANUEL - Nem palavra...
FRANCISCO - Fica descansado. (sai).

CENA V

MANUEL e depois ANGÉLICA.

MANUEL - Ela aí vem. Estou frio! Ai, que bocado amargoso! Ei-la.
ANGÉLICA, entrando - Manuel?
MANUEL - Senhora minha ama?
ANGÉLICA - Ah, já estava inquieta...
MANUEL - Oh, isso é bondade de minha ama. Trabalhava.
ANGÉLICA - Não quero que trabalhes tanto, que podes adoecer. Far-me-ias muita falta.
MANUEL - Ninguém faz falta.
ANGÉLICA - As pessoas como tu fazem sempre falta.
MANUEL, à parte - Temo-la
ANGÉLICA - Não se encontram muitos caixeiros como tu.
MANUEL - Oh, minha ama, dá licença que vá ver aquilo lá pelo balcão como vai.
ANGÉLICA - Espera! Tens sempre tanta pressa quando falo contigo...
MANUEL - Acudir às minhas obrigações.
ANGÉLICA - Já te disse que não quero que te mates. Não acharei outra pessoa com as tuas qualidades.
MANUEL - Oh, minha ama, não mereço.
ANGÉLICA - Mereces tudo, A experiência do mundo tem-me feito conhecer os homens.
MANUEL - à parte - Que tal a experiência?
ANGÉLICA - É tudo o meu cuidado zelar a tua saúde.
MANUEL - Tanta bondade!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 78

ANGÉLICA -, suspierando e olhando para êle - Ai, ai!
MANUEL - Minha ama, sente alguma dor?
ANGÉLICA - Não.
MANUEL, à parte - O caso está mau.
ANGÉLICA - Manuel, uma cousa te quero eu pedir.
MANUEL - É uma ordem que recebo.
ANGÉLICA - Espero que não frequentes ceras ruas desta cidade e que sobretudo, não arranches para essas patuscadas dos domingos, que - fazem os caixeiros no Jardim Botânico, nos canos da Carioca e nas Paineiras. Tens visto o resultado.
MANUEL - Nunca gostei dêsses pagodes.
ANGÉLICA - Nem deves do mesmo modo frequentar os bailes mascarados.
MANUEL - Bailes? Não sei dançar.
ANGÉLICA- Manuel, nos bailes mascarados não se dança, joga-se! Dever-se-iam antes chamar jogos mascarados, ou outro nome que eu não quero dizer. Aí é que a perdição é certa... E o jôgo tem levado - muita gente boa à fôrca; vê lá se queres também...
MANUEL - Morrer enforcado? Nada!
ANGÉLICA - Tu morreres? Ah! (Chegando-se para êle) O que seria de mim, quero dizer, da minha venda, Manuel? Não fales em morrer. (Pegando-lhe na mão:) Eu te seguiria...
MANUEL, à parte - Oh, home, até depois de morto!
ANGÉLICA, caindo em si, à parte- Ia traindo-me! (Alto) Digo-te isto, porque se me faltares, o meu negócio vai por água abaixo.

CENA VI

MANUEL, ANGÉLICA e QUINTINO com farda de sargento de fuzileiros.

QUINTINO, entrando - Licença.
MANUEL, à parte - Abençoada visita!
ANGÉLICA - Quem é?
QUINTINO - Um criado.
MANUEL, reconhecendo-o e à parte - Oh, diabo, é o irmão de minha mulher e meu cunhado sem o saber!
ANGÉLICA- Deseja alguma cousa?
QUINTINO - Dous dedos de conversa ali com o Sr...
MANUEL - Comigo?
QUINTINO - Sim senhor.
MANUEL - Pois vamos cá para fora.
ANGÉLICA- Espera, Manuel, onde vas?
QUINTINO - Podemos falar aqui mesmo.
MANUEL, à parte - Eu tremo...
QUINTINO,- pondo a barretinha à cabeça, de lado - Dizem neste - quarterão que o senhor namora minha irmã.
MANUEL - Não há tal.
ANGÉLICA - Como é lá isso?
MANUEL, à parte - Estou arranjado...
QUINTINO - Foi a primeira notícia que hoje tive, assim que che-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.79

chequei da Praia Vermelha, O Sapateiro da esquina disse-me...
ANGÉLICA -, enfurecida - Como é isto, Manuel?
MANUEL - O senhor está enganado. (Para Angélica) Não sabe o que - diz, está bêbado.
QUINTINO - O sapateiro da esquina disse-me que o viu entrar ontem à noite lá.
ANGÉLICA - Entrar lá?
MANUEL - E o que prova isso?
ANGÉLICA - O que prova? E esta!...
MANUEL - Sua irmã não cose para fora?
QUINTINO - Cose, sim senhor, e com muita honestidade.
MANUEL - Pois então? Mandei fazer por ela umas camisas e fui ontem ver se estavam prontas; se quiser, vá perguntar-lhe.
QUINTINO - Se foi só por isso, o caso é outro...
MANUEL - E por que mais havia ser? Importo-mo cá com sua irmã? O que tenho eu com sua irmã? Faço lá caso dela? (à parte) E não me quer deitar a perder?
ANGÉLICA - Manuel!
MANUEL - Deixe-me.
QUINTINO - Está bom, homem.
ANGÉLICA - Manuel!
MANUEL - Estou zangado! Assim se desacredita ao homem de bem.
QUINTINO - Em uma palavra, não a namora?
MANUEL - Vá-se com todos os diabos você, sua irmã e tôda a sua paretalha.
QUINTINO - Mais respeito!
MANUEL - Pois não me esquente a cabeça! Ora, não tenho eu mais que fazer! Deixar de cuidar nos interêsses de minha boa ama, para namorar sua irmã. Era o que me faltava... Diga ao sapateiro que vá conversar com os defuntos. Irra!
QUINTINO - Basta. Como não se importa com ela...
MANUEL - Nem com você, sô barbaças!
QUINTINO, puxando da espada - Barbaças? (Manuel corre para trás - de Angélica)
ANGÉLICA, para Quintino - Senhor!
QUINTINO - Barbaças? Eu te ensinare.
ANGÉLICA - Senhor Sargento...
QUINTINO - Deixe-me sangrá-lo.
MANUEL, à parte - Quer fazer a irmã víúva...
ANGÉLICA PARA QUINTINO- Tranquilize-se, embainhe essa espada.
QUINTINO, para Manuel - Já eu te rezava por alma. Respeito as senhoras; é o que te salva.
MANUEL, à parte- Belo cunhado!
ANGÉLICA - O senhor sargento pode ficar descansado; o Sr. Manuel, meu primeiro caixeiro, não é capaz de desinquietar sua irmã.
MANUEL - Qué dúvida!
ANGÉLICA - Tem outras cousas em que cuidar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.80 88

ANGELICA-Tem outras coisas em que cuidar

MANUEL-Sim,tenho outras muitas coisas (Assim dizendo,pega na mão de Angelica e beija)

ANGELICA-Ah! (Pondo a mão sôbre o coração)

QUINTINO-Muito estimo,porque tenho cá certas vistas a seu respeito... Quero casá-la...

MANUEL,à parte-Casar minha mulher!

QUINTINO,continuando-...com o alfares de minha companhia.

MANUEL-Casá-la com o alfares?

QUINTINO-Sim.E que dizes?

MANUEL-Casá-la!

ANGELICA-E o que tens com isto?

MANUEL-constrangendo-se-Nada,nada!(À parte)E então? (Alto)Pode casá-la com quem quiser (À parte)O diabo é se ela se esquece que está casada comigo.

QUINTINO-Meu menino,esta espada corta bem orelhas...E guarde-os Deus (Saiè

CENA VII

MANUEL E ANGELICA

MANUEL-Ora,ai está como se bota um homem a perder.Vem o diabo de um ferrabrá dêstes provocá-lo.

ANGELICA-É um desafôro!

MANUEL-Se não fôsse o respeito que tenho a esta casa,tinha-lhe atirado com aquela pipa à cabeça.

ANGELICA-Soldado de tarimba!

MANUEL-Case lá a irmã com quem quiser.

ANGELICA-Mas tu te surpeendeste,quando êle disse que ia casar com o alfares

MANUEL-Foi surprêsa de compaixão.Quem poder ver de sangue frio entregar uma pobre menina daquelas a um extravagante como é o alfares?

ANGELICA-É extravagante?

MANUEL-Xi,como não faz idéia! Já foi coronel,e por causa de sua má cabeça tem descido de postos;breve estará soldado raso.Mas deixá-lo...

ANGELICA-Assim o querem assim o tenham.Tratemos de nós.

MANUEL-À parte-Ai!

ANGELICA-Manuel,eu estou resolvida a dar soceidade nesta minha venda a certa pessoa....

MANUEL-à parte-Meu Deus!

ANGELICA-Uma mulher,por si só,pouco representa.Que dizes do meu projeto?

MANUEL-Que só resta-me sair desta dasa

ANGELICA-Enquanto dois dela única senhora sivro com prazer;mas quando tiverdes um sócio,um homem estranho,não posso,não devo.

ANGELICA,sorrindo-se-Não sejas tão precipitado;espera um instante.Eu vou lá dentro escrever um papel;não te digo mais nada...Lerás...Espera,Manuelinho,espera;leráa...(Sai)

CENA VIII

Manuel,só,e depois Deolinda

MANUEL-Será possivel?Ouviram bem meu ouvidos suas palavras?Espera,Manuelinho espera e lerás.Ó dita! Ó fortuna! Serei sócio! Sócio! Oh,o prazer um sufoca

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.81

daqui a uma hora já não serei caixeiro?vou andar de cabeça levantada,orgulhoso,ufano....Sócio! Palavra mágica! Ninguém,ninguém no mundo pertubará a minha felicidade

DEOLINDA-entrando-Manuel?

MANUEL-Oh,que havia-me esquecido de minha mulher!

DEOLINDA-Ouve...

MANUEL-Vai-te embora!

DEOLINDA-Hem?

MANUEL,empurrando-a-Vai-te embora,diabo!

DEOLINDA-É assim que me recebes?Queres que me vá?

MANUEL-Sim,sim

DEOLINDA-Sabes que mais?Isto não pode durar...É preciso que declares o nosso casamento.

MANUEL-com coléra e falando baixo-Desgraçada,cala-te,cala-te!

DEOLINDA-Se és meu marido...

MANUEL,tapando-lhe a bôca com a mão-Cala-te,ou meto-te esta mão pela bôca a dentro.

DEOLINDA,chorando alto Hi! hi! hi!

MANUEL,raivoso e falando entre os dentes-Olha que te mato!

DEOLINDA-hi! hi! hi!

MANUEL,com aflição-Se minha ama chega,estou arranjado! (Raivoso)Mulher! Indo espiar à porta-Hoje me perco! Ainda estará escrevendo?(Com ternuras)Deolinda...

DEOLINDA-Hi! hi! hi!

MANUEL -Deolinda,não cores,tem compaixão de teu marido,que tanto te ama.

DEOLINDA-Deixa-me hi! Hi! hi!

MANUEL,à parte-Se a velha chega...(Para Deolinda)Amanhã ou depois tudo declararei,mas hôje ,oh!

DEOLINDA-E até lá meu irmão estará maltratando-me e atrapalhando-me para que eu me case com o alferes

MANUEL-Mas tu não te casarás!

DEOLINDA-Quem sabe!

MANUEL-Quem sabe?Isso são graças?Vê lá...

DEOLINDA-Tenho muito mêdo de meu irmão e demais,meu marido está tão misterioso...Não quer declarar-se...

MANUEL-E julgas que não tenho razões para assim fazer?Deolinda,minha cara Deolinda,escuta-me.Minha ama quer dar-me sociedade nesta venda,mas se ela souber que estou casado,tudo desfará.

DEOLINDA-E por que?

MANUEL-Ela julga que um homem casado não deve ter sociedade com outra mulher e nem pode dirigir com todo o cuidado uma casa como esta.A mulher os filhos,a familia...tomam tempo...

DEOLINDA-E logo que fores sócio...

MANUEL-Oh,então declarar-me-ei...

DEOLINDA-Be,esperarei,visto que êsse é o motivo.

MANUEL-E que outro poderia ser?Não és tu a minha querida mulher?Dá-me

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 82

(Abre os braços para abraçar Deolinda.Angélica entra neste momento)

CENA IX

ANGELICA com um papel e os ditos

ANGELICA-Manuel?(Manuel ouvindo a voz de Angelica fica com os braços abertos,na ação de abraçar Deolinda)

DELINDA-Ah!

ANGELICA -O que é isto?Com os braços abertos?

MANUEL,confuso-Estava mostrando o comprimento dos braços para a medida das camisas.

ANGELI A-Ah,a senhora é a Sra Deolinda,que cose para fora e com muita honestidade?

DEOLINDA-Uma sua criada

ANGELICA-E que vem em pessoa tomar medida aos fregueses...em suas próprias casas...e tudo com muita honestidade?

MANUEL,à parte-Elas pegam-se (Alto)Minha ama!

DEOLINDA -Minha senhora,a honestidade guarda-se em tôda a parte quando se é honesta;e quando não se é...

MANUEL- para Deolinda-Deolinda!

DEOLINDA,continuando-...mesmo sem que seja necessário sair-se de casa praticam-se ato que envergonham...

ANGELICA-O quê ?

MANUEL,para Deolinda-Cala-te!

DEOLINDA-...e dizem-se palavras indignas de uma senhora de bem...

ANGELICA-A menina fala comigo?

DEOLINDA...e só próprias de uma vendalhona!

ANGELICA-Insolente!

MANUEL-Minha ama!

ANGELICA-Já desta porta para fora...Já!

DEOLINDA,com zombaria-Ofendi a duquesa?

ANGELICA,querendo ir sôbre ela -Desavergonhanada!

MANUEL-retendo-a-Prudeência!

DEOLINDA-Será ela...

MANUEL-afastando-as-Prudência....Senhora minha ama!Sra Deolinda !

ANGELICA-Deixa-me ensinar esta malcriada!

DEOLINDA -Malcriada será ela,velha de uma figa!

ANGELICA-Velha?(Angelica e Deolinda forcejam para ir uma contra a outra)

MANUEL,para Deolinda,enganando-se-Senhora minha ama! (Para Angelica,do mesmo modo)Deolinda! Diabo!...

CENA X

FRANCISCO e os ditos

FRANCISCO-Então,o que temos?

MANUEL-Prudência,que ai vem gente

FRANCISCO-Sra.Dona Angelica...(À parte,vendo a Deolinda)Deolinda por cá?Mau!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228 p.83

Angélica-Sr. Francisco, isto é um horror, um desafôro| O sr. Manuel traz as suas costireiras!- para casa e elas vêminsultarem-me.

Manuel- Eu, senhora minha ama? Eu, Manuel Pacheco? Pois bem, hoje mesmo sairei desta casa.

Angélica-Saíres de minha casa?

Man.-Desconfiam de mim... Que faço aqui? Não faço nada. Vou-me, vou-me cem mil mlhões de diabos!

Ang.- Manuel!

Man.-Adeus, Senhora.

Ang., retendo-o- Não, tu não sairás...não posso... meu negócio não pode estar sem ti.

Man.- Deixe-me!

Ang.- Não! Sr. Francisco, aduje a segurá-lo.

Franc.-Então, Manuel, o que é isto?

Deol.- Desgraçada de mim! Ela o ama! (Vai a sair pelo fundo.)

Ang.- Manuel, Manuel, não me abandones...

Cena XI

Quintino e os ditos.

Quin.-, encontrando-se à porta com Deolinda- Espere lá.

Ang.-Quem é?

Manuel, a parte- Meu cunhado...

Fran.- àparte- Temos!...

Quin., trazendo Deolinda para q frente- Preciso de uma explicação.

Deol.- Deixa-me!

Ang., para Quintino- Mas o que é isto, senhor?

Man.- Sim, o que é isto? Assim se entra por uma casa?

Quin.-, para Deolinda, sem dar atenção aos mais- Não estavas em casa. Muito estimo encontrar-te aqui. Épreciza que todos me ouçam: Deolinda, disseram-me que tu te casate ocultamente...

Deol.- Eu?

Man, àparte-Mau!

Ang.- Casada!

Quin.- Não procures enganar-me; estou bem informado.

Deol.- Pois bem, confessarei: Sou casada.

Quin.- Ah, confessas?

Man, à parte-Estou perdido!

Fran., àparte e ao mesmo tempo- ~~Quero saber quem é teu marido~~ ~~No que~~. No que dará isto?

Ang.- É possível?

Quin.- Agora quero saber quem é teu marido.

Deol. Ah, ainda não sabe? Pois então pergunta ali ao Sr. Manuel.

Man.- A mim?

Ang., ao mesmo tempo- A êle?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 84

62

Deol.- Sim; diga a meu irmão quem é meu marido.
Man., Que eu diga?
Ang.- Que horrível desconfiança... E esta criatura? (querendo rasgar o papel.)
Man., pegando-lhe na mão-Esperei!
Deol, à parte- O que ia eu fazendo?
Man.,para Quintino- Senhor sargento, eu queria guardar segrêdo, porgue assim me pediram; mas como o negócio está meio divulgado, falarei. Fui padrinho do casamento...
Ang.- Tu?
Man. E assim, sei quem é o marido.
Quin.- E quem é?
Man. O sr. Francisco.
Fran.- Hem?
Deol.- O que diz?
Ang, ao mesmo tempo- O sr. Francisco?
Quin.- Ah, o senhor é meu cunhado?
Fran.- Eu, senhor?
Man., abraçando-se com Francisco- Amigo, perdoa se falei... (à parte para êle:) Salva-me! (Alto:) O negócio estava meio sabido... (à parte:) Salva-me Chico... (Alto:) De que serviria ocultar mais tempo? (À parte:) Dize que te casaste...
Fran., Mas, se tu...
Man.- Estás zangado porgue falei. (Á parte:) Salva-me, Chico!
Fran., á parte- Tranquiliza-te (Alto:) ~~Salva-me~~ Emfim, como já se sabe, que remédio?... Estou casado com a senhora... A senhora... é minha mulher... (Á parte:) Já que assim quer seu marido...
Ang., á parte- Aqui há mistério...
Quin.- O que está feito. Lograram-me. Cunhado, de cá lá cinco. Quisera antes que a Deolinda se casasse com o alferes; mas enfim, tambem és bom rapaz. Vou ao "Gradil" encomendar um jantar; há-de haver bebedeira grossa. Com licença da companhia; volto. (Vai-se.)
Man, á parte- Escapei de boas!
Ang.- Com que, o Sr. Francisco é casado!
Fran.- O homem sacrifica-se às vêzes.
Ang., para Mnauel- E nunca me disseste nada.
Manuel- Segrêdo de um amigo.
Deol., á parte- Que papel faço aqui?
Ang., á parte- Estou desconfiada; aqui engana-se alguém. Ah, se fôr a mim... (Alto:) Manuel, vem comigo; o Sr Francisco quererá ficar só com sua mulher...
Man- Só, com ela!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 85

Ang.- E o que tem isso?
Man, á parte- Pergunta o que tem... (Alto!) Nada, Nada!
Ang.- Pois segue-me (Á parte:) Há mistério!
Man. -Eu vou. (Á parte, para Francisco:) Chico!... (Angélica sai. Manuel acompanha Angélica, fazendo sinais para Francisco.)

Cena X11

Francisco e Deolinda

Fran.- Pobre Manuel, a quanto o obriga a ambição!
Deol.-Belo marido tenho eu, que me entrega a outro.
Fran.-Então, Sra. Deolinda, que me diz a esta? Deve-me estar agradecida; salvei seu marido.
Deol.- Que marido! Envergonha-se de ter- me por mulher.
Fran.- Não é vergonha, é mêdo.
Deol.- Mêdo antes me tivesse casado com outro.
Fran.- Não me quiseste a mim por marido...
Deol.-Vou-me embora;
Fran., retendo-a- Espere.
Deol.- Não posso mais estar aqui.
Fran. Devagar, não comprometa seu marido.
Deol.- Deixa-me.
Fran.-Sinto passos; aí vem ela. Dê-me um abraço. (Abraça-a.)
Deol, esforçando-se por sqir de seus braços- Senhor!

Cena X111

Os ditos, Angélica, weguida de Manuel, que traz algumas garrafas. Param à porta vendo Francisco abraçar Deol.

Fran.- Não se espante. Isto é por conta dêle. Abraça-me, que ela nos vê.
Deolinda, vendo Manuel= Ah, pois bem, abrcemo-nos. (Abraça-o) Assim me vingarei dêle.
Fran.- Bravo! (Abraçam-se.)
Man, á parte- Isto não pode ser!...
Ang., retendo-o- E que te importa que o Sr. Francisco abrace sua mulher?
Man.- É indecente!
Ang.- Deixa-os lá e vem comigo. (Vai atravessando a cena e sai. Manuel vai acompanhando Angélica.)
Deol., correndo e retendo Manuel no momento dêste sair- Vem cá!
Man.- Traidora!
Deol.- Ah, está zangado?
Man.- Abraçando-o!
Deol.- Fiz muito bem; é para teu ensino.
Fran. Pateta, nao vês que era para melhor enganar tua ama?
Man. -Ah, era para isso? Perdoa-me Deolinda. Chico pega nestas garrafas. (Dando-as a Francisco:) Se soubesses, Deolinda, o

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.86

64

Man. (cont.) que tenho sufrido hoje!
Fran.- Agora abracem-se.
Man. Perdoa-me de te dei outro marido; era para nosso bem. dácá um abraço.
Deol., abraçando-o- Sou muita boa em perdoar-te! (Francisco emquanto os dois se abraçam, desarrolha uma garrafa e bebe.)
Man.- Minha mulerzinha, aperta!

Cean XIV

Angélica e os ditos.

Ang., da porta- Que escândalo! Que escândalo! (Francisco, Manuel e Deolinda ficam espantados.) Assim deixa abraçar sua mulher? e vê isso bebendo? Que immoralidade! Que escândalo!
Fran.-Foi por distração e sêde.
Man.- É minha afilhada... Sou padrinho , e bem vê...
Ang.- Sim, é afilhada!(Para Francisco:) O senhor, pelo que vejo, não é ciumento..E a menina... Ésta bonito!
Fran.- Entre amigos não deve haver ciúmes- e quando há confiança na amizade, bebe-se.
Ang.- E dorme-me...Tem razon. Mas olhe que hà muita gente que assim se perde pela confiança que tem nos amigos... (à parte:) Eu saberei como isto é. (Para manuel:) Vai acabar de árrumar as garrafas.
Man, à parte para Francisco- Cuidado com a bicha. (Vai-se.)
Ang., para Francisco- Tinha que lhe dar uma alavra... Mas ao senhor só.
Fran. Deolinda, vai-me esperar lá em casa.
Deolinda- Eu vou. (À parte, para Francisco:) Diga a Manuel que lá o espero.(Sai.)

Cena XV

Angélica e Francisco, (e depois Manuel e Quintino)

Ang., a parte -Hei-de saber como isto é...Empregarei um meio...
Fran.A Sra.D.Angélica está tão pensativa!
Ang.E tenho motivos para isso.Sr.Francisco,é preciso que eu seja sincera com osenhor.
Fran.-Há muito que isso desejo.
Ang.-O senhor tem-me dado a entender que minha mão lhe seria agradavél...
Franc.Senhora...
Ang.Não tenho correspondido às suas finezas,porque enfim...uma mulher vexa-se...Esperava poder confessar um dia êsse segrêdo,mas ah, enganei-me,enganei-me!
Fran.-D.Ang-élica!
Ang.Foi uma zombaria! Eu,que o amava...
Fran.-A mim?
Ang.-Sim,ingrato,a ati.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.87 65

Franc.-Oh! (À parte) O Manuel que se arranje como puder,eu falo.

Ang.-A mim,semelhante traição! A mim,que já havia feito esta escritura de casamento,vê...Só o nome está em branco.O lugar era para o teu nome.

Fra.-Dá-me!

Ang.-Agora de nada serve. (Quer rasgar)

Fran-Não rasgue!

Ang-Estás casado.

FFan.-Casado! (À parte) Leve o diabo o Manuel!(Alto)Angélica,quem te disse que estava casado,mentiu.

Ang-Mentiu?

Fran-Eu não estou casado.

Ang-Não lhe posso dizer,mas juro-lhe que estou tão solteiro como quando nasci.Eis-me a seus pés! (Ajoelha)Dê-me essa promessa.

Ang-Levanta-te (Quintino aparece à porta do fundo e fica surpeendido vendo Francisco aos pés de Angelica)

Fran-Não me levantarei enquanto não me der a sua palavra que me fará ditoso.

Quintino-O marido de minha irmã aos pés de outra mulher?

Ang.L-a de fora podem ver-nos...

Fra.-E que vejam! Não serei eu seu espôso?(Manuel aparece à porta da direita e,vendo Francisco de joelhos,fica estupefato)

Ang.-Talvez,mas levanta-te.

Fran-Não!

Ma-Muito bem,muito bem! Amigo falso!

Fran-,levantando-se -Ah!

Ang-Ah!

Ma-Muito bem!

Fra.-Desculpa-me...Ela me ama e eu também a amo.

Qui.- que nesse tempo tem-se aproximado,segura a Francisco pela gola da jaqueta,dizendo-Ah! tu a amas?E minha irmã,tua mulher?

Fran-Ah Ah,Ai!

Quin-Assim a enganas, patife?

Fran-Sua irmã não é minha mulher

Quint-Nega?

Ang-,para Manuel-Quem é o marido?

Ma-Não sei (Angelica toma a Manuel pelo braço.Quintino faz o mesmo a Francisco.Todos falam ao mesmo tempo)

Ang-,para Manuel-Quem é o marido?Para que em enganaste?Dize já quemo saber.Ah,não dizes?Eu me vingarei! Não me dizes,porque tens mêdo?Ingrato, mal-agradecido,eu me vinagrei me vingarei.

Man-,para Angélica -Não sei...Posso lá saber quem é o marido de tôdas as mulheres;Disse o que me disseram,pode ser que me engane.Senhora minha ama,deixa-me assim não nos entenderemos.

Quin-para Francisco,a quem ameaça com a espada-Pensas que assim hás-de

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.88

66

mangar com o Sargento Quintino?Primeiro hei-fr tirar-te as tripas, pô-las ao sol.Enganar minha irmã! Tira as mãos ...enfio-te mariola.. tira as mãos!

Fran-,esorçando-se para sair das mãos de Quintino-Deixa-me não sou seu cunhado,já lhe disse.Ai,Ai,ai,não me mate!Ai,quem me acode?Juro que não é minha mulher! Ai,ai! (Todos acabam gritando)

CENA FINAL

Antonio e José armados de achas de lenah,Deolinda e os ditos.

Ant-,entrando-O que aconteceu?

Deiol-O que é,Quintino?

Antt-Senhora minha ama!

Deiol-O que foi?

Quint-,para Deolinda-O que foi?Vim encontrar teu marido aos pés desta senhora.

Diol-Meu marido de joelhos a seus pés?

Quinti-Sim,dizendo que a amava.

Deoli-,indo para Manuel-Traidor!

Man-Hem?

Deol-Assim é que me guardavas fidelidade?

Ang-Ah!

Quint-Olha que te enganas!

Deol-Não,não me engano;êste é o meu marido.

Quint-Seu marido?

Ang-,ao mesmo tempo-Seu marido?

Ma-,à parte-Ai,Ai,Ai!

Fran-à parte e ao mesmo tempo-Pobre Manuel!

Ang-,para Manuel-Ah,tu eras casado e enganavas-me!

Deol-A mim é que enganava

Quint-Então com todos os diabos,quem é aqui meu cunhado?

Manu-,apontando para Francisco É êle! É êle!

Franc-,apaontando para Manuel,ao mesmo tempo-É êle! É êle!

Quint-para Deolinda-Ambos?

Ang-Espere,Sr.Sargente,que eu porei estas coisas; em ordem.(A parte para Manuel)Ingrato,tudo está explicado e eu me vingarei!

Manuel-Minha ama!

Ang-,repelindo-o com gesto deprezador.-Se.Francisco,aqui está a escritura do nosso casamento (Dá-lhe o papel)

Fran-Quanto sou ditosos!

Manuel-Mas senhora...

Ang-,interrompendo-o-O Sr. Manuel terá a bonade de procurar outro arranjo porque hoje deixa de ser meu caixeiro.Tenho um marido e nêle um sócio.

Ma-Um sócio?(Para Francisco,na maior desesperação)Amigo,infiel e perfidio,és a causa da minha desgraça e perdição!

Fran-Eu Manuel?

Manuel-Sim

Fran-Fiz o que pude por ti,fui marido de tua mulher...Tu é o culpado,eu não

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.89 67

Ma-,voltando-se para Deolinda-Então fôste tu,mulher traidora!
Deol-Eu?Não guardei segredo?Queixa-te de ti,de mim,não.
Manuel,para Quintino-Então fôste tu,barbaças do diabo!
Quint-,ameaçando-o Passe de largo!
Ma-,voltando-se para Angelica-Ou tu,carocha do inferno!
Ang-Maroto! Já porta fora e vai ser caixeiro de Belzabu!
Ma-,como louco-Caixeiro,sempre caixeiro! Oh,afastem-se de mim,que estou louco,desesperado,furibundo! Para longe! Serei sempre caixeiro,caixeiro, caixeiro! Pagarei sempre impôstos como uma saca de café,um burro,um cavalo,Não sou nada no mundo.Corte-me esta cabeça,pendurem-me na porta do açogue.Sou um boi,paguei direitos na barreira.Sou um boi.(Assim dizendo, principai a berra como boi)
Todos-Manuel! (Manuel berra)
Dol-Meu Deus está louco!
Todos-Louco (Manuel berra)
Deol-Que desgraça!
Fran-ao mesmo tempo-Coitado!
Quint-ao mesmo tempo-Pobre homem!
Ang-ao mesmo tempo-Faz-me pena!
Manuel-traz Antonio pelo braço para a frente do teatro.Antonio,eis-me de joelhos a teus pés.(Ajoelha)Lembra-te da amizade que nos uniu e faze-me o último favor.(Abre a camisa)Enterra-me no coração essa acha de lenha traspassa-me o peito com ela.Não queres?
Ang-Manuel!
Manuel-Qum me chama?
Ang-A tua ama! Manuel esqueço-me da afronta que me fizeste e lembrar-me-ei sòmente dos serviços que me tens prestado...Serás nosso sócio,não é assim Chiquinho ?
Fran-Sim,serás nosso sócio.
Deoli-Sim será sócio! (Manuel levanta-se poucoo a pouco,como procurando fixar-se no sentido das plavras que lhe dizem)
Ang-Serás nosso sócio,ficarás conosco.Eu te perdôo.
Man-Sócio.Ouviram bem meus ouvidos?Serei sócio! (Caindo de joelhos e levantando as mãos para o céu)Oh,meu Deus está satisfeita a minha ambição!
(Todos falam ao mesmo tempo)
Deol-Está salvo!
Quint-Pobre sócio!
Ang-Pobre Manuel!
Franc-Pobre Amigo!
Manuel-Serei sócio! (Cai o pano)

F I M

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0228, p.90

68

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: O CAIXEIRO DA TAVERNA

b) Título original: -

c) Autor: MARTINS PENA

d) Tradutor: -

e) Diretor: -

f) Produtor: RICAROD WEINGARTEM

g) Companhia: TEATRO DE PRAIA

h) Classificação da Censura: L I V R E

II) Análise

a) Gênero; COMÉDIA EM UM ATO

b) Argumento: A presente peça teatral trata da estória de um português que veio ao Brasil com a intenção de fazer fortuna, mas apenas conseguira/ um emprêgo de caixeiro em uma taverna. Tempos depois a dona da taverna enviúva e o caixeiro passa a ambicionar ser o seu sócio e, na ânsia de de consegui-lo , oculta o seu verdadeiro estado civil - pois era casado- deixando que a viuva alimentasse ilusões a seu respeito. Quando / estava para realizar o seu objetivo, a verdade vem à tona e êle perde sua posição para um amigo. Porém, a patroa, condoída, oferece-lhe tambem o posto de sócio

c) 1 - Mensagem: Por meio de ambição nada se realiza

2 - Impressão final: Uma peça que narra uma estória vulgar, mas, no seu desfêcho tem um fundo moral, pois mostra que uma pessoa pode conseguir realizar um objetivo, mas, através de seus próprios méritos e não por intermédio de mentiras.

d) Diálogos: Simples, objetivos, de boa comunicação

e) Cenas: sem problemas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.91

f) Personagens: Manoel - Caixeiro Ambicioso
Ângélica - da da casa
Deolinda - espôsa de Manoel, e outros

g) Valor educativo: Bom, pelo exemplo moral do seu desfêcho

III) Conclusão Nada há do contêxto que contrarie as normas atuais de censura, eis que o objetivo central da peça é divertir. Razão pela qual, nada óbsta, ao meu ver, que seja liberada com censura LIVRE.

Brasília, 12 de fevereiro de 1971

Mgs Pinhati
MARIA DAS GRAÇAS SAMPAIO PINHATTI
Técnico de Censura - Cart. nº

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo encaminho a peça abaixo indicada, com o parecer do Técnico de Censura MARIA DAS GRAÇAS SAMPAIO, que a examinou.

Título: O CAIXEIRO DA TAVERNA

Autor : Martins Penna

Restr.: L I V R E

Obs: Peça liberada pela última vez em 18/5/70, com a restr. de ~~14~~ 14(quatorze) anos.

Em 16 de fevereiro de 1971

MANOEL MIRANDA FERREIRA
CHEFE DA TCTC

Á TCTC para juntar o processo anterior.
Em: 16/2/71.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.92

69

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

Ref.Processo nº 1275
Peça : O CAIXEIRO DA TAVERNA

Sr.Chefe :

A presente peça já foi liberada duas vêzes com impropriedade para menores até 14 (QUATORZE) anos (Certificado 1390/69).Embora o parecer da Téc.Censura Maria das Graças justifique a classificação de "LIVRE",julgo que êste SCDP não tem outro caminho senão o de manter a classificação anteriormente imposta.

Assim,sugiro que,observado o que dispõe o artigo 10 da Lei nº 5 536,de 21 de novembro de 1968,seja a presente peça liberada com a classificação de IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS.

Em 25.02.1971.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe da Seç. Censura

Em face da informação, libere-se com a impropriedade de 14 anos.
25.02.71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p-93

70

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3492/71

PEÇA ===" O CAIXEIRO DA TAVERNA "===

ORIGINAL DE MARTINS PENA

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 26 de FEVEREIRO de 1976

Brasília, 26 de FEVEREIRO de 1971

PROIBIDO
PARA MENORES DE
14 ANOS

Chefe do S. C. D. P. GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 94

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 10, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " O CAIXEIRO DA TAVERNA "

Original de MARTINS PENA

Tradução de

Adaptação de

Produção de RICARDO WEINGARTEM - SALVADOR/BA

Tendo sido censurada em 12 de FEVEREIRO de 19 71 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDA PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. - CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

O PRESENTE CERTIFICADO SÒMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 26 de FEVEREIRO de 19 71

WILSOM DE QUEIROZ GARCIA

~~Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres~~

CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

DPF-SAv. 150

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

71

Mem. nº /71-SCDP

Brasília, 02 de março de 1971

DO : Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
PARA : Sr. Chefe da TCDP-DPF/BAHIA
ASS. : Providências (solicita).

Senhor Chefe,

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste SCDP esteja de acôrdo com o observado no ensaio, devendo ser remetido, posteriormente, minucioso relatório a respeito.

Peça: - O CAIXEIRO DA TAVERNA -

Autor: - Martins Penna -

Inter.: - Ricardo Weingarten -

Ender.: - Alto do S.Francisco, s/n-Bôca do Rio

Atenciosamente,

GEOVA LEMOS CAVALCANTE
Chefe do SCDP.

AP/ap.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 95

DPANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.96

D. S. C. SEÇÃO DE EXPEDIENTE E
960090 | 8-2-
PROTOCOLO E ARQUIVO

«UCATE»
União Cultural e Arte Teatral Estudantil
Caixa Postal, 315
AVARÉ — S.P.

Avaré, 16 de Janeiro de 1971.

28

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DA-SEÇÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS
05179
RECEBIDO POR:

Exmo.Sr.
Diretor da Divisão de Diversões Públicas
Secretaria de Segurança Pública
Brasília - DF

Carlos Zanella, abaixo assinado, responsável pela "União Cultural e Arte Teatral Estudantil" (UCATE), sito a Rua Mato Grosso nº 1860, Cx.Postal 315 nesta cidade de Avaré, Estado de São/Paulo, vem mui respeitosamente solicitar a censura da peça abaixo qualificada, da qual junta 3 cópias originais e a respectiva autorização/do autor.

Nome da Peça - O CAIXEIRO DA TAVERNA
Autor - MARTINS PENA
Número de Atos - 1 ATO
Gênero - COMÉDIA (CONTO)
Local da Apresentação - SEM LOCAL FIXO
Data da Apresentação - SEM DATA FIXA

NESTES TERMOS
P.DEFERIMENTO

Avaré, 16 de Janeiro de 1971.

Carlos Zanella

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.97

O EMOLUMENTO DO ESTADO
RECOLHIDO POR VERBA

ORIO DO 2.º OFICIO

Est. de ... Paulo
... Escrevente

SECRETARIA DA FAZENDA DO EST. DE SÃO PAULO
ESSENTADORIA DE SERVIÇOS DA JUSTIÇA
CENTAVOS
DE 19

Reconheço a firma retro. de
Carlos Zanella.

e dou fé.
Avaré 18 de Janeiro de 1971
Em test.o da Verdade
O 2.º Tabelião

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.98

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1928. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores. — de Paris. —

29

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Direitos de Representação — Autorização Nº 190613

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: O caveiro da Torrenia

Original de Mortuus Pena

Música de .....

Tradução de .....

No Teatro S/ local fixo Cidade .....

Emprêsa ..... Pela Cia. .....

nos dias .....

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de .....% ..... da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem coom pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Rio de Janeiro de 1971

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

para fins de Cultura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.99

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização ,para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.109

" U C A "

UNIÃO CULTURAL E ARTE TEATRAL ESTUDANTIL

Apresenta :-

" O CAIXEIRO DA TAVERNA "

De Martins Pena

A cena passa-se na cidade do Rio de Janeiro , no ano de 1.845

- ATO ÚNICO -

CENA I

Ao levantar o pano estará Manuel sentado à escrivaninha, verificando contas.

MANUEL continuando a somar - E 4 são 10, e 9 são 19, e 7 .. 26 : soma tudo ... 268.320 réis... que deve o Sr. Laurindo da Costa à viúva Pereira , por generos comprados na sua taverna durante 5 mêses... Êste é bom pagador... dinheiro seguro. (pegando em outra conta). O Major José Felix, deve a viúva Pereira , etc.; 129.800 réis ...contam com êste ... dinheiro perdido... É isto! querem todos comer a boa manteiga , o queijo frescal, o gordo paio... É só mandar um bilhetinho... Sr, Manuel mande-me isto... Sr, Manuel mande-me aquilo; mas quando chega a ocasião de pagar as contas , é que são elas ... este não paga, aquele desculpa-se, outro descompõe, quer dar no pobre cobrador... é um inferno ! ... ora deste pobre major tenho eu pena: mau lhe chega o sôldo para pagar casa, e educar quatro filhos que tem; mas bem pensado, a x venda de minha ama não é Montepio (Militar) Militar... a nação que pague... (chamando) Ô José... José...

CENA II

O mesmo e José

Entra na sala um menino de dezem anos, de calça c om mangas de camisa, calçado de tamancos e muito sujo.

MANUEL - Toma estas contas... vai cobrálas... os nomes aí estão.../ (Dá-lhe um masso de papéis.) Se algum dosdevedores não quiser pagar, dize-lhe que o mandarei pôr no Jornal do Comércio... Anda, vai. (O menino sai.) É o / que se vê.. tudo anda pingando. (Levantando-se) É boa! quem come pague, e quem não pode pagar não coma... Ô Sr. Antônio! Sr. Antônio! ...

ANTÔNIO, dentro - Senhor?
MANUEL - Chegue cá.

CENA III

Manuel e Antônio

MANUEL, a Antônio, que entra do mesmo modo que José - Chegou a pipa de aguardente que se foi buscar ao trapiche da Ordem?
ANTONIO - Já, sim, senhor.
MANUEL - Pois recolha-a, e logo à noite tempere-a com quatro barris de água.
ANTONIO - Sim, senhor.
MANUEL - Os direiros cada vez estão mais subidos, e como não podemos encur-/ tar as medidas, aumentamos o líquido... Em que estado estão aquelas pipas de vinho de Lisboa?...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.101

continuação...

ANTONIO - Ambos pelo meio.
MANUEL - Pois acabe de enchê-las com água fresca, e bote-lhes dentro dois engaços de bananas, e uma porção de pau campecho para dar côr e tom; e, quando o/ vender, diga aos freguezes que é vinho superior da companhia do Alto-Douro.
ANTÔNIO - Sim, senhor.
MANUEL - E não se esqueça de pendurar à porta êste letreiro. (Tira de sôbre/ a carteira um rótulo com letras grandes que digam - ÚNICO DEPÓSITO DA COMPANHIA DO ALTO-DOURO.) O público deixa-se levar po estas imposturas... Pode ir.. (Antônio sai com o rótulo.)

CENA IV

Manuel, depois Francisco

MANUEL - Estou fatigado!... muito custa dirigir uma venda bem afreguesada como esta... mas, ah! seis anos que cheguei do Pôrto, e ainda sou caixeiro!... Não pensei, quando vim para o Brasil, que fizesse fortuna tão devagar... É/ verdade que sou primeiro caixeiro da taverna da viúva de meu amo... mas que/ é isto para mim? para mim, que sou ambicioso?... sim! uma ambição roedora me deixa um só instante tranqüilo... traz-me em delírio, confunde-me as idéias... ah! quantas vezes tenho eu vendido aguardente de França por aguardente do reino, linguiças por paios, e cebolas por alhos!... ambição! horrível martírio! quando te verei eu satisfeita? (Entra Francisco).
FRANCISCO - Adeus, Manuel.
MANUEL - Como estás, Chico?
FRANCISCO - Vamos remando contra a maré.
MANUEL - Chico, tu és bem feliz!
Francisco - Eu? estás enganado.. no mundo não se pode ser feliz sem dinheiro, e eu não o tenho.
MANUEL - Trabalha, e tê-lo-ás.
FRANCISCO - Trabalha!... Sou, como bem sabes, oficial de funileiro, e já por muitas vêzes te tenho dito o que presentemente ganha um oficial de funileiro... Olha, Manuel, minha avó dizia que, no tempo dos vice-reis,(em) e mesmo no ~~te~~ tempo de el-rei, qualquer que tivesse ofício, ganhava a vida e ainda ajuntava dinheiro... agora o caso é outro...
MANUEL - Deixa-te disso.
FRANCISCO :- Ora, dize-me, que pode fazer um pobre funileiro do país, quando a rua do Ouvidor está cheia de latoeiros e lampistas franceses?... Meu caro, se não fossem os seringas que fazemos para os moleques brincarem o entrudo, não sei que seria de nós!
MANUEL - Se vocês trabalhassem tão bem como êles!... é
FRANCISCO :- É um engano!... é uma mania!...e todos vão com ela... é obra estrangeira, e basta!... Não se vê por esta cidade senão alfaiates franceses, dentistas americanos, maquinistas ingleses, médicos alemães, relojoeiros suissos, Cabeleireiros franceses, estrangeiros de tôdas as seis partes do mundo... e resistam os artistas do país se são capazes a esse torrente! porém meu pai é que é o culpado de estar eu hoje como estou!
MANUEL - Como assim?
Francisco - Em lugar de ensinar-me o seu ofício, como me ensinou,podia ter-me mandado para S. Paulo estudar leis... bem podia estar deputado.
MANUEL - Ah! ah! ah! Dêste modo podemos ser tudo...
FRANCISCO - Manuel, tu és filho de Portugal e não estás bem ao fato da nossa Constituição... ela diz: a lei é igual para todos... isto quer dizer que todos podem ser tudo...
MANUEL - Ah! entendes assim?
FRANCICO - No talento é que está a diferença... o homem de talento pode ser tudo quanto quiser... e tu bem sabes que tenho talento... ainda ninguém pôde fazer como eu, uma seringa de esguicho do que certas leis.
MANUEL - Estás hoje prègador...
FRANCISCO - Estou(zando) zangado... tu és feliz...
MANUEL - Feliz!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, ¶102

continuação...

FRANCISCO - Há oito meses que teu amo morreu, e a viúva não poderia continuar com a taverna sem o teu auxílio... eras o único, como primeiro caixeiro, que sabia das transações do defunto...
MANUEL -, à parte e concentrado. - E ainda sou caixeiro!
FRANCISCO - Manuel, um negócio aqui me traz; és meu amigo, devo comunicar-to... até porque és nele interessado...
MANUEL - Interessado! e como?
FRANCISCO - Estou resolvido a casar-me.
MANUEL - Queres dar-me interesse no teu casamento?
FRANCISCO - Não, a mulher escolhida por mim é tua ama.
(MANUEL -, pegando-lhe no braço - Chico, és meu amigo?)
Manuel - Minha ama?!
FRANCISCO - Ela mesma, e tenho razões para supor que lhe não sou indiferente.
MANUEL -, pegando-lhe no braço. - Chico, és meu amigo?
FRANCISCO - Duvidas? experimenta...
MANUEL - Desiste dêsse casamento.
FRANCISCO - Que eu desista? e por que?
MANUEL .- Por que? ... não te posso dizer...
FRANCISCO - Percebo... queres casar-te com ela... Pois bem, mostrarei que sou teu amigo... casa-te, tens mais direito do que eu... já estás em casa...
MANUEL -, abraçando-o - Obrigado amigo.
FRANCISCO - Pois bem, casar-me-ei com a nossa vizinha Deolinda...
MANUEL - Chico! tu não te casarás com a Deolinda...
FRANCISCO - Heim!...
MANUEL - Digo-te que não te casarás com ela.
FRANCISCO - Essa agora é melhor!... e por que não me(casarai) casarei?
MANUEL - A Deolinda já está casada.
FRANCISCO - Casada?... e com quem?
MANUEL, em voz baixa - Comigo.
FRANCISCO - Contigo?...mas que diabo de trapalhada é essa?..... és casado e queres casar?
MANUEL - Chico, olha atentamente para mim.
FRANCISCO - Estou olhando.
MANUEL - Vês em mim um homem profundamente ambicioso...
FRANCISCO - Tu?
MANUEL - Sim, eu!... e de uma ambição frenética, que me levará à sepultura se não vejo realizada... de uma ambição ambiciosa.
FRANCISCO - Tu me assustas!... acaso queres ser major da guarda nacional?
MANUEL - com desprêzo - Não!
FRANCISCO - Chefe de legião?
MANUEL - Não!
FRANCISCO - Tenente-General?
MANUEL - Não?
FRANCISCO - Conde? marquês? ministro?
MANUEL - Não!
FRANCISCO - Manuel, Manuel, que queres tu ser?
MANUEL, com mistério - Sócio de minha ama!
FRANCISCO, rindo-se - Ah! ah! é só isso?
MANUEL - Só, dizes tu?.. e que felicidade pode haver no mundo maior para mim? Ah! não sabes que satisfação será a minha quando escrever numa conta: Fulano deve a Manuel Pacheco e Viúva Pereira a quantia de tanto; por gêneros comprados em sua venda... sua, amigo! sua!... ela será também minha!
FRANCISCO - Enfim, cada um tem lá ambição a seu modo.
MANUEL - E ainda sou caixeiro!... caixeiro!... sabes tu o que é um caixeiro?... é um traste que paga imposto à Câmara Municipal, como qualquer carruagem ou burro.
FRANCISCO - MAS não vejo porque não queres que eu me case com tua ama.
MANUEL - Não VVes?
FRANCISCO - Lo o que estiver casado dar-te-ei sociedade.
MANUEL - Sabes tu se ela te ama?
FRANCISCO - Julgo que não lhe sou indiferente.
MANUEL - Pois digo-te queela não te ama, porque me ama.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.103

FRANCISCO - A ti!
MANUEL - Sim, e de uma maneira(desesperado) desesperada! Amigo, Deus te guarde do amor de mulher velha; é pior do que carrapato em orelha de burro! Comprendes agora a minha posição?
FRANCISCO - Ainda não muito bem.
MANUEL - Por amor - maldito amor!... casei-me em segrêdo com a Deolinda... - nem o seu próprio irmão, o sargento Quintino, o sabe... Penso, agora que será de mim, se minha ama desconfiar que a desprezei por causa de outra mulher... Raivosa, expulsar-me-á desta casa, e as minhas esperanças serão malogradas... È preciso enganá-la até o dia em que assinarmos a escritura de sociedade...
ANGÉLICA, dentro - Manuel?
MANUEL - Ela que me chama... Vai-te embora.
FRANCISCO - Adeus, e estimo que sejas bem sucedido.
MANUEL - Nem palavra...
FRANCISCO - Fica descansado (sai)

CENA V

MANUEL, DEPOIS ANGÉLICA

MANUEL - Ela aí vem... estou frio... ai que bocado amargo... ei-la.
ANGÉLICA, entrando - Manuel?
MANUEL - Senhora minha ama...
ANGÉLICA - Ah! já estava inquieta...
MANUEL - Oh! isso é bondade de minha ama... trabalhava.
ANGÉLICA - Não quero que trabalhes tanto, que podes adoecer... far-me-ias muita falta.
MANUEL - Ninguém faz falta.
ANGÉLICA - As pessoas como tu fazem sempre falta.
MANUEL, à parte - Tomo-la!
ANGÉLICA - Não se encontram muitos caixeiros como tu...
MANUEL - Oh!... minha ama dá licença que(Vai) vá ver aquilo lá pelo balcão como vai?
ANGÉLICA - Espera! tens sempre tanta pressa quando falo contigo!
MANUEL - Acudo às minhas obrigações.
ANGÉLICA - Já te disse que não quero que te mates... não acharei outra pessôa com as tuas qualidades...
MANUEL. - Oh! minha ama! não mereço...
ANGÉLICA - Mereces tudo... a experiência do mundo tem-me feito conhecer os homens...
MANUEL, à parte - Que tal experiência?!
ANGÉLICA - É todo o meu cuidado zelar a tua saúde.
MANUEL - Tanta bondade!...
ANGÉLICA -, suspirando e olhando para êle - Ai! Ai!
MANUEL - Minha ama sente alguma dor?
ANGÉLICA - Não...
MANUEL, à parte - O caso está mau!
ANGÉLICA - Manuel, quero pedir-te uma coisa...
MANUEL - É uma ordem que recebo...
ANGÉLICA - Espero que não freguentes certas ruas(de) desta cidade... e que sobre tudo não arranches para essas patuscadas dos domingos, que fazem os caixeiros no Jardim Botânico, nos canos da Carioca e nas Paineiras... Tens visto o resultado...
MANUEL - Não gostei nunca dêsses pagodes...
ANGÉLICA - Nem deves do mesmo modo frequentar os bailes mascarados.
MANUEL - Bailes!... não sei dançar.
ANGÉLICA - Manuel, nos bailes mascarados se dança, joga-se... dever-se-iam antes chamar jogos mascarados, ou outro nome que eu não quero dizer... aí é que a perdição é certa... e o jôgo tem levado muita gente à fôrca; vê lá se queres também...
MANUEL - Morrer enforcado? ah!.(Chegando) ...nada!
ANGÉLICA - Tu morreres? ah! (Chegando-se para êle.) Que seria de mim?... quero dizer, da minha venda? ... Manuel, não fales em morrer. (Pegando-lhe na mão)--- Eu te seguiria...
MANUEL, à parte - Oh! homem, até depois de morto!
ANGÉLICA, caindo em si, à parte - Ia me traindo. (Alto) Digo-te isto, porque, se me faltares, o meu negócio vai por água abaixo...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p-104

35

CENA VI

MANUEL, ANGÉLICA E QUINTINO, com farda de sargento de fuzileiros.

QUINTINO - entrando - Licença?
MANUEL, à parte - Abençoada visita!
ANGÉLICA - Quem é?
QUINTINO - Um criado.
MANUEL, reconhecendo-o, à parte - Oh! diabo... é o irmão de minha mulher, e meu cunhado sem o saber.
ANGÉLICA - Deseja alguma coisa?
QUINTINO - Dois dedos de conversa alí com o senhor.
MANUEL - Comigo?...
QUINTINO - Sim, senhor.
MANUEL, Pois vamos cá para fora.
ANGÉLICA - Espera, Manuel; aonde vais?
QUINTINO - Podemos falar aquí mesmo.
MANUEL, à parte - Eu tremo!
QUINTINO, pondo a barretina à cabeça de lado - Dizem neste quarteirão que o senhor namora minha irmã.
MANUEL - Não há tal.
ANGÉLICA - Como é lá isto?
MANUEL, à parte - Estou arranjado...
QUINTINO - foi a primeira notícia que hoje tive, assim que cheguei da Praia Vermelha ... O sapateiro da esquina disse-me...
ANGÉLICA, enfurecida - Como é isto, Manuel?
MANUEL - O senhor está engenado... (Angélica.) Não sabe o que diz, está bêbado.
QUINTINO - O sapateiro da esquina disse-me que o viu entrar ontem à noite lá.
ANGÉLICA - Entrar lá?
MANUEL - E que prova isso?...
ANGÉLICA - Que prova?... e esta?...
MANUEL - Sua irmã não cose para fora?
QUINTINO - Cose, sim, senhor, e com muita honestidade...
MANUEL - Pois então?... mandei fazer por ela umas camisas, e fui ontem ver se estavam prontas; se quiser, vá perguntar-lhe.
QUINTINO - Se foi só por isso, o caso é outro...
MANUEL - E por que mais havia ser?... importo-me cá com sua irmã? ... que tenho eu com sua irmã?...faço lá caso dela! (À parte). Então (Então) não me quer deitar a perder?!...
ANGÉLICA - Manuel!...
MANUEL -Deixe-me!
QUINTINO - Está bom, homem...
ANGÉLICA - MANUEL!
MANUEL - Estou zangado... assim se desacredita um homem de bem!
QUINTINO - Em uma palavra não a namora?...
MANUEL - Vá-se com todos os diabos você, sua irmã e sua parentela!
QUINTINO - Mais respeito...
MANUEL - Pois não me esquente a cabeça!... Ora, não tenho eu mais que fazer.... deixar de cuidar nos interêsses de minha boa ama, para namorar sua irmã!... era o que me faltava... diga ao sapateiro que vá conversar com os defuntos...Irra!..
QUINTINO - Basta, como não se importa com ela...
MANUEL - Nem com você, sô barbaças.
QUINTINO, puchando a espada - Barbeg (Barbaças)?...(Manuel corre para trás de Angélica)
ANGÉLICA, a Quintino - Senhor!...
Quintino - - Barbaças?... eu te ensimarei...
ANGÉLICA - Sr. sargento...
QUINTINO - Deixe-me sangrá-lo.
MANUEL, à parte : - Quer fazer a irmã viúva...
ANGÉLICA -, a Quintino - Tranquilize-se... embainhe essa espada...
QUINTINO, a Manuel - Já eu te rezava por alma...respeito as senhoras... é o que te salva!
MANUEL, à parte - Belo cunhado!
ANGÉLICA - O Sr. sargento pode ficar descansado... o Sr. Manuel, meu primeiro caixeiro, não é capaz de desinquietar sua irmã.

BR DFANBUD NO.OFR.TEA.PTE. 0228, p.105

MANUEL - Que dúvida!
ANGÉLICA - Tem outras coisas em que cuidar...
MANUEL - Sim, tenho outras coisas, muitas coisas. (Assim dizendo, pega na mão de Angélica e beija-a).
ANGÉLICA - Ah!... (Pondo a mão sôbre o coração).
QUINTINO - Muito estimo, porque tenho cá certas vistas a seu respeito... quero casá-la....
MANUEL - à parte - Casar minha mulher!
QUINTINO, continuando- Com o alferes da minha companhia...
MANUEL- Casá-la com o alferes?...
QUINTINO - Sim, e tem que dizer?...
MANUEL - Casá-la!
ANGÉLICA - Que tens tu com isso?...
MANUEL, constrangendo-se- Nada, nada! (À parte) E então !... (Alto) Pode casa-la com quem quiser... (À parte) O diabo é se ela se esquece de que está casada comigo!...
QUINTINO - Meu menino, estã espada corta muito bem orelhas... e guarde-os Deus (Sai).

CENA VII

MANUEL E ANGÉLICA

MANEUL - Ora aí está como se bota um homem a perder! ... vem o diabo de um Ferrabraz dêstes provoca-lo...
ANGÉLICA - É um desafôro !...
MANUEL - Se não fosse o respeito que tenho a esta casa, tinha-lhe atirado com aquela pipa à cabeça!
ANGÉLICA - Soldado de tarimba...
MANUEL - Case lá a irmã com quem quiser...
ANGÉLICA - Mas tu te surpreendeste quando êle disse que ia casar com o alferes?
MANUEL - Foi surpresa de compaixão... Quem pode ver de sangue frio entregar uma pobre menina daquelas a um extravagante como é o alferes?...
ANGÉLICA - É extravagante?
MANUEL - Ché! ... como não faz idéia!...já foi coronel, e, por causa da sua má cabeça, tem descido de postos... breve estará soldado raso... mas deixa-lo...
ANGÉLICA - Assim o querem, assim o tenham... Tratemos de nós...
MANUEL- a parte - Ai!
ANGÉLICA - Manuel, estou resolvida a dar sociedade nesta minha venda a certa pessoa...
MANUEL - á parte - Meu Deus!..
ANGÉLICA - Uma mulher, por si só, pouco representa... Que dizes do meu projeto?
MANUEL - Que só me resta sair desta casa.
ANGÉLICA- Sair de minha casa!...
MANUEL- Enquanto é dela única senhora, sirvo com prazer, mas quando tiver um sócio, um homem estranho, não posso, não devo...
ANGÉLICA, sorrindo-se- Não sejastão precipitado... espera um instante... Vou lá dentro escrever um papel... não te digo mais nada... verás... Espera, Manuelinho espera, verás... (Sai) .

CENA VIII

MANUEL , DEPOIS DEOLINDA

MANUEL - só- Será possível?!... ouviram bem os meus ouvidos as suas palavras?... Espera Manuelinho, espera... e verás ! ... Oh! dita! oh! fortuna!... serei sócio o prazer(suca-me) sufoca-me... daqui a uma hora já não serei caixeiro... vou andar de cabeça levantada, orgulhoso, ufano... sócio! ... palavra mágica! ninguém, ninguém no mundo perturbará a minha felicidade...
DEOLINDA, entrando - Manuel ?
MANUEL - Oh! que me havia esquecido de minha mulher...
DEOLINDA - Ouve
MANUEL - Vai-te embora.
DEOLINDA - Hein?...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.106

MANUEL, empurrando-a - Vai-te embora, vai-te embora, diabo!
DEOLINDA - Assim me recebes! ... queres que me vá?
MANUEL- Sim... sim...
DEOLINDA - Sabes que mais? Isto não pode durar... é preciso que declares o nosso casamento...
MANUEL -, com cólera e falando em voz baixa - Desgraçada! cala-te... cala-te...
DEOLINDA - Se és meu marido...
MANUEL, tapando-lhe a boca com a mão - Cala-te, ou meto-te esta mão pela --- boca dentro...
DEOLINDA -, chorando alto - Hi! hi! hi!
MANUEL, raivoso e falando entre os dentes - Olha que te mato!...
DEOLINDA - Hi! hi! hi!
MANUEL, na maior aflição - Se minha ama chega, estou arranjado!...(Raivoso). Mulher!...(Indo espiar à porta.) Hoje me perco!... Ainda estará escrevendo?... (Com ternura). Deolinda!
DEOLINDA - Hi! hi! hi!
MANUEL - Deolinda, não chores, tem compaixão de teu marido, que tanto te ama.
DEOLINDA - Deixe-me!... hi! hi! hi!...
MANUEL, à parte - Se a velha chega... (Para Deolinda). Amanhã ou depois tudo declararei... mas hoje...oh!...
DEOLINDA - E até lá, meu irmão estará me maltratando, e me atrapalhando para que eu me case com o alferes...
MANUEL - Mas tu não te(casrár) casarás!...
DEOLINDA .- Quem sabe!
MANUEL - Quem sabe?... Isso são graças?... Vê lá...
DEOLINDA - Tenho muito medo de meu irmão... e de mais, meu marido está tão misterioso... não quer declarar-se.
MANUEL - E julgas que não tenho razões para assim fazer?...Deolinda , minha cara Deolinda, escuta... minha ama quer dar-me sociedade nesta venda; mas se ela souber que estou casado, tudo desfará...
DEOLINDA - E por Que?
MANUEL - Ela julga que um homem casado não deve ter sociedade com outra mulher, nem pode dirigir com todo o cuidado uma casa como esta... A mulher, os filhos,/ a família... tomam tempo...
DEOLINDA - Bem, esperarei... visto que êsse é o motivo...
MANUEL - E que outro poderia ser?... não és tu a minha querida mulher?... Dá-me um abraço, e vai-te embora... dá-me. (abre os braços para abraçar Deolinda.)

CENA IX

OS MESMOS E ANGÉLICA, com um papel

ANGÉLICA - Manuel?...(Manuel ouvindo a voz de Angélica, fica com os braços abertos, na ação de abraçar Deolinda.)
DEOLINDA - Ah!
ANGÉLICA - Que é isto?... de braços abertos?...
MANUEL - confuso - Estava mostrando o comprimento dos braços, para medida das camisas.
ANGÉLICA - Ah! a senhora é a Sra. Deolinda, que cose para fora e com muita honestida?
DEOLINDA - Uma sua criada.
ANGÉLICA - E que vem em pessoa tomar medida aos fregueses... em suas próprias casas... etudo isto com muita honestidade?
MANUEL - à parte - Essas pegam-se! (Alto.) Minha ama...
DEOLINDA, continuando - Mesmo sem que seja necessário sair de casa, praticam-se atos envergonham.
ANGÉLICA - O que?...
MANUEL, a Deolinda - Cala-te!
DEOLINDA - E dizem-se palavras indignas de uma senhora de bem...
AngÉLICA - A menina fala comigo?
DEOLINDA - E só próprios de uma vendeira...
ANGÉLICA - Insolente!
MANUEL - Minha ama!
ANGÉLICA - Já desta porta para fora... já...
DEOLINDA, com zombaria - Ofendí a duquesa!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, P.107

ANGÉLICA - querendo ir sôbre ela - Desavergonhada!
MANUEL - retendo-a - Prudência!
DEOLINDA - Será ela...
MANUEL - afastando-as - Prudência... Sra. minha ama, sra. Deolinda!
ANGÉLICA - Deixa-me ensinar esta malcriada!
DEOLINDA - Malcriada será ela, velha de uma figa!
ANGÉLICA - Velha! (Angélica e Deolinda fazejam para ir uma contra a outra.)
MANUEL - a Deolinda, enganando-se - Senhor e minha ama ! (A Angélica, do mesmo modo.) Deolinda, diabô!

CENA X

OS MESMOS E FRANCISCO

FRANCISCO - Então que temos?
MANUEL - Prudência, que aí vem gente.
FRANCISCO - Sra! D. Angélica...(à parte, vendo Deolinda.) Deolinda por cá?.../ mau!...
ANGÉLICA - Sr. Francisco, isto é um horror... um desafôro... o Sr. Manuel traz as suas costureiras... costureiras!... para casa, e elas vêm insultar-me...
MANUEL - Eu, senhora minha ama?... eu Manuel Pacheco?... pois bem, hoje mesmo sairei desta casa...
ANGÉLICA - Sairas de minha casa?!...
MANUEL - Desconfiam de mim... que faço aquí?... não faço nada... vou-me, vou-me com cem milhões de diabos!...
ANGÉLICA - Manuel!...
MANUEL - Adeus, senhora.
ANGÉLICA? retendo-o - Não, tu não sairás... não posso... o meu negócio não pode estar sem ti...
MANUEL - Deixe-me...
ANGÉLICA : Não! Sr. Francisco, ajude-me a segurá-lo.
FRANCISCO - Então, Manuel, que é isto?...
DEOLINDA - Desgraçada de mim: ela o ama! (Vai a sair pelo fundo.)
ANGÉLICA - Manuel!... Manuel, não me abandones...

CENA XI

OS MESMOS E QUINTINO

QUINTINO - [illegible] encontrando-se à porta com Deolinda - Espere lá!
ANGÉLICA - Quem é?

MANUEL - à parte - Meu cunhado...
FRANCISCO, à parte - Temos...
QUINTINO, Trazendo Deolinda para a frente - Preciso de uma explicação...
DEOLINDA - Deixa-me.
ANGÉLICA, a Quintino - Mas o que é isto, senhor?...
MANUEL - Sim, que é isto?... assim se entra porumaçasa?...
QUINTINO, a Deolinda, sem dar atenção aos mais - Não estavas em casa... muito estimo encontrar-te aquí... é preciso que todos me ouçam... Deolinda, disseram me que tu te casaste ocultamente!...
DEOLINDA - Eu?...
MANUEL, à parte - Mau!
ANGÉLICA - Casada!...
QUINTINO - Não procures enganar-me... estou bem informado...
DEOLINDA - Pois bem, confessarei... estou casada.
QUINTINO - Ah! confessas...
MANUEL, à parte - Estou perdido!...
FRANCISCO, à parte e ao mesmo tempo - O que dirá isto?
ANGELICA - É possível?!...
QUINTINO - Agora quero saber quem é teu marido.
DEOLINDA - Ah! ainda não sabes?... pois então pergunta aí ao Sr. Manuel...
MANUEL - A mim?!...
ANGÉLICA, ao mesmo tempo - A êle?!...
DEOLINDA - Sim... diga a meu irmão quem é meu marido.
MANUEL - Que eu diga?!...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.108

ANGÉLICA :- Que horrível desconfiança... e esta escritura?...(Querendo rasgar o papel).
MANUEL, pegando-lhe na mão - Espera!...
DEOLINDA, à parte - Que ia eu fazendo?...
MANUEL, a Quintino - Sr. Sargento, eu queria guardar segrêdo... porque assim me (poderia)pediram; mas como o negócio está divulgado, falarei... Fui padrinho de casamento...
ANGÉLICA - Tu?
MANUEL -E, assim, sei quem é o marido.
QUINTINO - E quem é?...
FRANCISCO - Hein?...
DEOLINDA - Que diz?...
ANGÉLICA -, ao mesmo tempo - O Sr. Francisco?...
QUINTINO - Ah! o senhor é meu cunhado?...
FRANCISCO - Eu, senhor...
MANUEL -, abraçando Francisco - Amigo, perdoa se falei...(À parte). Salva-me, Chico,salva-me...(Alto). O negócio estava meio sabido...(À parte). ~~De que serviria ocultar mais tempo~~ (À parte)- Salva-me Chico... (Alto). De que serviria ocultar mais tempo?...(à parte). Dize que te casaste...
FRANCISCO - Mas se tu...
MANUEL - Estás zangado porque falei. (À parte). Salva-me Chico...
FRANCISCO -, à parte - Tranquiliza-te...(Alto) Enfim, como já se sabe... que re-dio...Estou casado com a senhora... a senhora... a senhora... a senhora é minha mulher....(À parte). Já que assim quer o marido...
ANGÉLICA -, à parte - Aqui há mistério...
QUINTINO - O que está feito ,,está feito...lograram-me....Cunhado, aperta aqui manopla... Quisera antes que Deolinda se casasse com o alferes...mas, enfim, também és bom rapaz... Vou ao Grsdil encomendar um jantar... há de haver bebedeira grossa... com licença da companhia...volto.(sai.)
MANUEL, à parte - Escapei de boas!...
ANGÉLICA - Com que, o Sr. Francisco é casado!...
FRANCISCO - O homem sacrifica-se às vêzes...
ANGÉLICA, à Manuel - E nunca me disseste nada...
MANUEL - Segrêdo de um amigo...
DEOLINDA - à parte - Que papel fago eu aqui?...
ANGÉLICA - (À parte) - Estou desconfiada... aqui se engana a alguém...ah! se for por mim...(Alto) Manuel, vem comigo, o Sr. Francisco quererá ficar só com sua mulher...
MANUEL - Só com ela?
ANGÉLICA - E que tem isso?...
MANUEL - à parte - Pergunta o que tem?
(Alto) Nada, nada!...
ANGÉLICA - Pois segue-me. (À parte) Há mistério!...
MANUEL - Eu vou... (À parte a Francisco) Chico!... (Angélica sai. - Manuel acompanha Angélica fazendo sinais a Francisco.

CENA X 11

FRANCISCO E DEOLINDA

FRANCISCO - Pobre Manuel, a quanto o obriga a ambição!
DEOLINDA - Belo marido tenho eu, que me entrega a outro!
FRANCISCO - Então, Sra. Deolinda... que me diz a esta?...Deve-me estar agradecida salvei seu marido...
DEOLINDA - Que marido!....envergonha-se de ter-me por mulher...
FRANCISCO - Não é vergonha, é mêdo...
DEOLINDA - Mêdo?...antes me tivesse casado com outro...
FRANCISCO - Não Me quis a mim por marido!...
DEOLINDA - Vou-me embora...
FRANCISCO, retendo-a - Espere...
DEOLINDA - Não posso mais estar aqui...
FRANCISCO- Devagar, não comprometa seu marido...
DEOLINDA - Deixe-me...
FRANCISCO- Sinto passos... aí vem ela ... dê-me um abraço...(Abraça-a)
DEOLINDA- esforçando-se por sair de seus braços - Senhor !...

CENA XIII

Os mesmos , ANGÉLICA , seguida de MANUEL, que traz algumas garrafas, para e por vendo FRANCISCO abraçar DEOLINDA.
FRANCISCO- Não se espante... Abraça-me , que ela nos vê.
DEOLINDA- Vendo Manuel - Ah ! pois bem , abracemos- nos... (Abraçam-se).
MANUEL- à parte - Isto não pode ser...
ANGÉLICA- retendo-o - E que te importa que o Sr. Francisco abrace sua mulher ?
MANUEL- É indecente .
ANGÉLICA- Deixe-os lá e vem comigo ...
(Vai atravessando a cena e sai. Manuel vai acompanhando Angélica)
DEOLINDA, correndo e retendo Manuel no momento dêste sair - Vem cá.
MANUEL- Traidora?...
DEOLINDA- Ah ! está zangado ?...
MANUEL- Abraçando-o !....
DEOLINDA- Fiz muito bem; é para seu ensino...
FRANCISCO- Pateta, não vês que era para melhor enganar tua ama !
MANUEL- Ah ! era por isso ?... Perdoa-me , Deolinda... Chico, pega nestas garrafas, (Dando-as a Francisco) Se soubesses, Deolinda, o que tenho sofrido hoje ! ...
FRANCISCO- Agora abraçam-se ...
MANUEL- Perdoa-me se te dei outro marido ... era para o nosso bem ... dá cá um abraço.
DEOLINDA- Abraçando-o - Sou muito bôa em perdoar-te ! ... (Francisco, enquanto os dois se abraçam , desarrolha uma garrafa e bebe.)
MANUEL- Minha mulherzinha ! aperto !.

CENA XIV

OS MESMOS E ANGÉLICA

Angélica, à parte - Que escândalo ! que escandalo ! ...
(Francisco , Manuel e Deolinda ficam espantados.)
Assim deixe abraçar sua mulher ! ... e vê isso bebadão ! ... que imoralidade !.. que escandalo !...
FRANCISCO- Foi por distração e sêde.
MANUEL- É minha afilhada... sou padrinho , e bem vê...
ANGÉLICA : - Não te-
ANGÉLICA - Sim... é afilhada!...(A Francisco). O senhor, pelo que vejo, não é ciumento... e a menina!... Está bonito!...
FRANCISCO - Entre amigos não deve haver ciúmes, e quando há confiança se na amizade, bebe-se.
ANGÉLICA - E dorme-se... tem razão!...Mas olhe que há muita gente que assim se perde-se (se perde) pela confiança que tem nos amigos! (À parte). Eu saberei como isto é... (Ao Manuel). Vai acabar de arrumar as garrafas .
MANUEL - à parte a Francisco - Cuidado com a bicha! (vai-se.)
ANGÉLICA - a Francisco - Tinha que lhe dar uma palavra... mas ao senhor só.
FRANCISCO - Deolinda, vai-me esperar lá em casa.
DEOLINDA - Eu vou.(À parte a Francisco.) - Diga a Manuel que lá o espero...(Sai

CENA XV

ANGÉLICA E FRANCISCO

ANGÉLICA, à parte - Hei de saber como isto é... empregarei um meio...
FRANCISCO - A Sra. D. Angélica está tão pensativa!...
ANGÉLICA - E tenho motivos para isso... Sr. Francisco, é preciso que eu seja sincera com o senhor...
FRANCISCO - A muito que isso desejo.
ANGÉLICA - O Senhor tem me dado a entender que a minha mão lhe era agradável...
FRANCISCO - Senhora...
ANGÉLICA Não tenho correspondido às suas finezas... porque, enfim... uma mulher vexa-se... esperava poder confessar um dia êsse segrêdo... mas ah!... enganei-me enganei-me...
FRANCISCO - D. Angélica...
ANGÉLICA - Sim, ingrato!... a ti...
FRANCISCO- Oh!... (À parte.) O Manuel que se arranje como puder... eu falo...
ANGÉLICA - A mim!... semelhante traição!... a mim! ... que já havia feito esta escritura de casamento... vê... só o nome está em branco,.. o lugar era par o t
FRANCISCO - Dá-ma?
ANGÉLICA - Agora de nada serve. (Quer rasgar.)
FRANCISCO - Não rasgue...
[illegible] usado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 109

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p-110

FRANCISCO - Casado!... (à parte). Leve o diabo o Manuel!... (Alto). Angélica quem lhe disse que eu estava casado, mentiu...
ANGÉLICA - Mentiu?!
FRANCISCO : Eu não estou casado.
ANGÈLICA - Não estás casado? e quem é o marido de Deolinda?
FRANCISCO - Não lhe posso dizer... mas juro-lhe que estou tão solteiro como quando nasci... Eis-me a seus pés... (Ajoelha). Dê-me essa promessa...
ANGÈLICA - Levanta-te... (Quintino aparece à porta do fundo e fica surpreendido vendo Francisco aos pés de Angélica).
FRANCISCO - Não me levantarei enquanto não me der a sua palavra que me fará ditoso...
QUINTINO - O marido de minha irmã aos pés de outra mulher!
ANGÈLICA - Lá de fora podem ver-nos...
FRANCISCO - E que vejam!... não serei eu seu espôso?!... (Manuel aparece à porta da direita e vendo Francisco de joelhos, fica estupefado.)
ANGÈLICA - Talvez!... mas levanta-te.
FRANCISCO - Não!...
MANUEL - Muito bem!... muito bem!... amigo falso!
FRANCISCO, levantando-se - Ah!
ANGÈLICA Ah!
MANUEL - Muito bem!
FRANCISCO - Desculpa-me... ela me ama... e eu também a amo.
QUINTINO, que nesse tempo tem-se aproximado, segura a Francisco pela gola da jaqueta, dizendo - Ah! tu a amas?... e minha irmã, tua mulher?
FRANCISCO - Ai!
QUINTINO- Assim a enganas, patife?
FRANCISCO - Sua irmã não é minha mulher.
QUINTINO- Negas?
ANGÈLICA - a Manuel - Quem é o marido?...
MANUEL - Não sei. (Angélica toma a Manuel pelo braço. Quintino faz o mesmo a Francisco). Todos falam ao mesmo tempo.)
ANGÉLICA, a Manuel - Quem é o marido?... para que me enganastes?... Dize já... quero saber... Ah! não dizes?... eu me vingarei!... não dizes, porque tens medo... ingrato... mal agradecido... eu me vingarei... me vingarei...
MANUEL -, a Angélica - Não sei... posso lá saber quem é o marido de todas as mulheres?... disse o que me disseram... pode ser que me engane... Sra. minha ama, deixe-me... assim não nos entenderemos...
QUINTINO -, a Francisco, a quem ameaça com a espada. - Pensas que hás de mangar com o sargento Quintino?... Primeiro hei de tirar-te as tripas... pô-las ao sol Enganar minha irmã!... Tira as mãos... enfio-te... mariola... tira as mãos...
FRANCISCO, esforçando-se por safar das mãos de Quintino - Deixe-me, não sou seu cunhado... já lhe disse... ai... ai... não me mate... ai... quem me acode!... Juro que não é minha mulher... ai... ai!...(Todos acabam gritando.)

CENA XVI

OS MESMOS, ANTÔNIO E JOSÉ, armados de achas de lenha e DEOLINDA

ANTÔNIO - Que aconteceu?...
DEOLINDA - Que é, Quintino?...
ANTÔNIO - Senhora minha ama!...
DEOLINDA - Que foi?...
QUINTINO -, a Deolinda - Que foi?... vim encontrar teu marido aos pés desta senhora!...
DEOLINDA - Meu marido a seus pés?
QUINTINO - Sim, dizendo que a amava!
DEOLINDA, indo a Manuel - Traidor!...
MANUEL - Hein?...
DEOLINDA - Assim é que me guardava fidelidade?...
ANGÉLICA - Ah!...
QUINTINO - Olha que te enganas...
DEOLINDA - Não, não me engano... êste é o meu marido.
QUINTINO E ANGÈLICA - Seu marido?...
MANUEL, à parte, ao mesmo tempo - Ai! ai! ai!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 111

FRANCISCO - à parte, e ao mesmo tempo - Pobre Manuel!...
ANGÉLICA, a Manuel - Ah!... tu eras casado, e enganavas-me!
DEOLINDA - A mim é que enganava...
QUINTINO - Então, com todos os diabos, quem é aquí o meu cunhado?...
MANUEL :-, apontando para Francisco - É êle! é êle!
FRANCISCO, apontando para Manuel, ao mesmo tempo. - É êle! é êle!
QUINTINO, a Deolinda - Ambos!...
ANGÉLICA - Espere, Sr. sargento... que eu porei estas coisas em ordem. (À / parte a Manuel.) Ingrato!... tudo está explicado... e eu me vingarei...
MANUEL - Minha ama!...
ANGELICA - repelindo-o com um gesto de desprêzo - Sr. Francisco, aqui está a escritura do nosso casamento. (Dá-lhe o papel).
FRANCISCO - Quanto sou ditoso!...
MANUEL - Mas senhora...
ANGÉLICA - interrompendo-o - O Sr. Manuel terá a bondade de procurar outro arranjo; porque hoje dixa de ser meu caixeiro... Tendo um marido, e nele um sócio...
MANUEL - Um sócio!.... (A Francisco, na maior desesperação.) Amigo enfiel e pérfido... és a causa da minha desgraça e perdição!...
FRANCISCO - Eu?... Manuel!...
MANUEL - Sim!...
FRANCISCO - Fiz o que pude por ti... fui marido de tua mulher... tu és o culpado, eu não!...
MANUEL, voltando-se para Deolinda - Então, foste tu?... mulher traidora!...
DEOLINDA - Eu?... não guardei segrêdo?... Queixate de ti, de mim, não!
MANUEL, a Quintino - Então, foste tu, barbaças do diabo!
QUINTINO, ameaçando-o - Passe de largo!...
MANUEL, voltando-se para Angélica - Ou tu, carocha do inferno!...
ANGÉLICA - Maroto!...já por esta porta fora, e vai ser caixeiro de Belzebut!.
MANUEL, como louco - Caixeiro!...sempre caixeiro!... Oh!... afastem-se de mim afastem-se... que estou louco!... desesperado... furibundo!... para longe!... Serei sempre caixeiro!...
caixeiro!... caixeiro!... pagarei sempre impesto... como uma saca de café... um burro... um cavalo... não sou nada no mundo!.. Cortem-me esta cabeça... pendurem-me na porta do açougue ... Sou um Boi... Paguei direitos na barreira... Sou um Boi!...(Assim dizendo, principia a berrar como boi.)
TODOS - Manuel !... (Manuel Berra.)
DeoLINDA - Meu Deus! está louco!...
TODOS - Louco!... (Manuel berra.)
DEOLINDA - Que desgraça!...
FRANCISCO, ao mesmo tempo - ôitado!...
QUINTINO, ao mesmo tempo - Pobre homem!...
ANGÉLICA, ao mesmo tempo - Faz-me pena!...
MANUEL, trazendo Antônio pelo Braço para afrente. - Antônio, eis-me de joelho a teus pés... (ajoelha.) Lembra-te da amizada que nos uniu, e faze-me o último favor... (Abre a camisa.) Enterra-me no coração essa acha de lenha... transpassa-me o peito com ela... Não queres?...
AngÉLICA - Manuel!...
MANUEL - Quem me chama?...
ANGÉLICA - É tua ama!... Manuel, esqueço-me da afronta que me fizeste, e lembrar-me-ei sòmente dos serviços que me tens prestado... serás nosso sócio... não é assim, chiquinho?
FRANCISCO - Sim... serás nosso sócio!...
DEOLINDA - Serás sócio!.... (Manuel levanta-se pouco a pouco, como procurando fixar-se no sentido das palavras que lhe dizem!.
ANGÉLICA - Serás nosso sócio... Ficarás conosco... Eu te perdôo.
MANUEL - Sócio!... ouviram bem meus ouvidos?... Serei sócio!... (caindo de / joelhos, e levantando as mãos para o céu!) Oh!.meu Deus!... está satisfeita a minha ambição!... (Todos falam ao mesmo tempo.)
DEOLINDA - Está salvo!...
QUINTINO - Pobre sócio!...
ANGÉLICA - Pobre Manuel!...
FRANCISCO - Pobre amigo!...
MANUEL - Serei sócio!...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p-112

43

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: "O Caixeiro da Taverna"

b) Título original: — acima —

c) Autor: Martins Penna

d) Tradutor: — não há —

e) Diretor:

f) Produtor: Carlos Zanella

g) Companhia: União Cultural e Arte Teatral Estudantil

h) Classificação da Censura: Liberado, sem restrições

II) Análise

a) Gênero: Comédia

b) Argumento: Manuel é o caixeiro da taverna da viúva Angélica, a quem está a cortejar, ambicionando tornar-se um dia sócio do negócio. Mas casa-se secretamente com Dorinda, a sua vizinha. A trama desenvolve-se ao longo deste triângulo amoroso, havendo várias situações de comicidade ao decorrer da história

c) 1 - Mensagem: Comédia, sem maldade.

2 - Impressão final: Satisfatória, por não explorar malícia gratuita.

d) Diálogos: Adequados à natureza do espetáculo, sem utilizar expressões chãs.

e) Cenas: Apreciáveis tanto no ensaio geral

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 113

f) Personagens: Manoel, Angélica, Deolinda e outros

g) Valor educativo:

Nihil

III) Conclusão

Não há motivo para restrições.

Brasília, 1º de março de 1971

Técnico de Censura - ~~Cat~~. nº 209-223

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.114

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: " O CAIXEIRO DA TAVERNA "

b) Título original:

c) Autor: Martins Penna

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor: União Cultural e Arte Teatral Estudantil (UCATE)

g) Companhia:

h) Classificação da Censura: 10 ANOS. (Por não se tratar de peça infantil)

II) Análise

a) Gênero: Comedia

b) Argumento:

Uma interessante comedia baseada em um conto do teatrologo Martins Penna, um dos maiores e mais importante do Brasil .

A peça em um ato aborda as peripécias de um caixeiro(ma (Manuel) que por ambição casa-se às escondidas com sua bela e jovem vizinha , mas mantem esperanças com a sua patroa , uma viuva.

No final ele é desmascarado e perdoado por todos.

c) 1 - Mensagem:

Trata-se de um bom teatro, onde a mensagem cultural é a tonica, rassaltando do lado moral a lição que toma o Manuel no sentido de que a verdade deve prevalecer acima dos interesses pessoais .

2 - Impressão final: Otima

d) Diálogos: Limpos e recomendaveis

e) Cenas: Dentro da tonica do texto limpo .

No entanto recomendamos que as Turmas de Censura só liberem a peça após o exame do ensaio geral . Uma vez que os ensenadores da peça possam desvirtuala .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 115

f) Personagens: Manuel , Jose , Antonio , e outros

g) Valor educativo: Considerando-se os aspectos culturais a peça tem valor educativo e didatico para aqueles que estudam teatr

III) Conclusão A impropriedade é estabelecida em 10 anos apenas p por não se tratar de peça infantil mas nada impede sua liberação sem restrições. No entanto deixo claro que só libero peças de teatro ~~com a chancela de LIVRE , quando se trata de peças infantis ou de carater estritamente didatico~~ .

10 ANOS

Brasília, 8 de março de 19 71

Técnico de Censura - Cart. nº

Sr. Chefe da Seç. Censura:

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com os votos dos Técs. Censura que a examinaram.

Título - O CAIXEIRO DA TAVERNA

Autor - Martins Penna

Classf.- Coriolano - LIVRE
J. Augusto - ~~LIVRE~~ 10 ANOS

Obs: Peça com certificados já expedidos para duas companhias com a classificação de 14 ANOS, ainda em validade.

TCTC, 10 de março de 1 971

TCTC

Sr. Chefe da SC:
Passei e modifiquei no despacho supra a classificação proposta pelo TC. José Augusto, que na realidade é de 10 (DEZ) anos
15-3-7

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.116

4/5

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Sr. Chefe:

Conforme se vê da informação do Sr. Chefe da TCTC, a presente peça já foi liberada anteriormente, por várias vezes, com impropriedade para menores de 14 anos, estando os certificados respectivos em plena validade.

Os votos dos Srs. Técnicos de Censura no presente processo, além de serem conflitantes entre si, o são também com a clasificação anterior.

Assim, opino que se mantenha até mesmo por uma questão de coerência, a impropriedade de 14 anos, na forma dos certificados anteriores.

Em 19/3/71.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

Levo-se de acôrdo com o parecer supra.

17.03.71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 117 47

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3501/71

PEÇA "O CAIXEIRO DA TAVERNA"

ORIGINAL DE MARTINS PENA

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 19 de MARÇO de 1976

Brasília, 19 de MARÇO de 1971

PROIBIDO
PARA MENORES DE
14 ANOS

Chefe do S. C. D. P. GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 118

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 10, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " O CAIXEIRO DA TAVERNA "

Original de MARTINS PENA

Tradução de

Adaptação de

Produção de UNIÃO CULTURAL E ARTE TEATRAL ESTUDANTIL - AVARÉ/SP.

Tendo sido censurada em 19 de MARÇO de 19 71 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. - CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

O PRESENTE CERTIFICADO SÓMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 19 de MARÇO de 19 71

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
-chefe da seção censura

DPF-SAv.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTF 0228, p. 119 46

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º 135/71
Data 22-3-71

Do Chefe do SCDP.

Para Sr. Chefe da TCDP-DR/SP.

Assunto: Providências (solicita).

Senhor Chefe,

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste órgão esteja de acôrdo com o examinado no ensaio devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça - O CAIXEIRO DA TAVERNA
Autor - Martins Penna
Inters. - União Cultural e Arte Teatr Estudantil, rua Mato Grosso nº 1860 - Avaré - SP

Atenciosamente,

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE
Chefe do SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p120

PAC

Produções Artísticas Culturais

Rua Pinheiro Machado, 65/301 - ZC-01 - GB - Tel.: 265-7675

Inscr. F.R.C. 40.815.200 — C.G.C. 34.069.518

D.F.S.P.
016389 11 MAI 71

Ilmº Sr. CHEFE DA CENSURA FEDERAL
BRASILIA - DISTRITO FEDERAL

V.OLIVEIRA PRODUÇÕES ARTÍSTICAS CULTURAIS, com séde no Rio de Janeiro, GB, vem solicitar de V.Sa. a censura dos textos das comédias "O Caixeiro da Taverna" e "Desgraças de Uma Criança" de MARTINS PENA, autor brasileiro de domínio público.

As referidas peças deverão ser apresentadas na 2ª quinzena de junho de 1971, possivelmente no "Teatro Serrador", nesta cidade do Rio de Janeiro.

Nestes Têrmos,

Pede Deferimento.

Rio de Janeiro, 10 de maio de 1971.

Vera de Pereira
Produções Artísticas Culturais

DPF — DA — SRA
Recebido 11/5/71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.121

3

"O CAIXEIRO DA TAVERNA" - comédia em 1 ato de MARTINS PENA

PERSONAGENS: MANUEL, primeiro caixeiro
ANGÉLICA, dona da casa
DEOLINDA, costureira
FRANCISCO, oficial de latoeiro
QUINTINO, sargento de fuzileiros
ANTÔNIO, caixeiro
JOSÉ, caixeiro, personagem muda

A cena passa-se na cidade do Rio de Janeiro em 1845.

CENA I -

(Ao levantar o pano, Manuel está sentado à escrivaninha, verificando as contas)

MANUEL - continuando a somar.....-.....E 4 são 10, e 9, 19, e 7, 26, soma tudo.... duzentos e sessenta e oito mil trezentos e vinte réis.... que deve o Sr. Laurindo da Costa à viúva Pereira, por gêneros comprados em sua taverna durante cinco meses. Êste é bom pagador, dinheiro certo (pegando em outra conta). O Major José Felix deve à viúva Pereira .....etc..... cento e vinte e nove mil e oitocentos réis.... dinheiro perdido....É isto, querem todos comer boa manteiga, queijo fresco, gordo paio...É só mandar um bilhetinho: Sr. Manuel, mande-me isto; Sr. Manuel mande-me isto; Sr. Manuel, mande-me aquilo; mas quando chega a ocasião de pagar as contas é que são elas. Êste não paga, aquêle desculpa-se, outro descompõe e quer dar no pobre cobrador.... É um inferno!.... Bem, dêste pobre homem tenho pena. Mal lhe chega o salário para pagar casa e educar quatro filhos que tem; mas, pesando bem, a venda de minha alma não é obra de caridade!.... (chamando) José? Ó José?.....

CENA II

(falando p/fora de cena)

MANUEL - José. Toma estas contas e vai cobrá-las! (entregando à alguém) Os nomes aí estão. (dá um maço de papéis) Se algum dos devedores não quiser pagar dize-lhe que mandarei pró cartório. Anda, vai. ..... É o que se vê - tudo anda pingando. (levantando-se) É boa! Quem come, paga! E quem não pode pagar, não coma..... Ó Sr. Antônio? Sr. Antônio?

ANTÔNIO - (dentro) - Senhor?
MANUEL - Chegue cá!.....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 122

CENA III

MANUEL (a Antônio, que entra) - Chegou a pipa de aguardente que se foi buscar ao Trapiche da Ordem?

ANTÔNIO - Já, sem senhor.

MANUEL - Pois recolhe-a, e logo à noite misture-a com quatro barris de água.

ANTÔNIO - Sim senhor.

MANUEL - Os impostos cada vez mais altos e como não podemos encurtar as medidas, aumentemos o líquido... E... em que estado estão aquelas pipas de vinho de Lisboa?

ANTÔNIO - Ambas pelo meio.

MANUEL - Pois acabe de as encher com água fresca e bote-lhe dentro dois engaços de bananas e uma porção de pau-campeche para lhe dar côr e tom; e quando o vender, diga aos fregueses que é vinho superior da C. Companhia do Alto-Douro.

ANTÔNIO - Sim senhor.

MANUEL - E não se esqueça de pendurar à porta êste letreiro. (Tira de sôbre a mesa uma tabuleta com letras grandes, que digam: UNICO DEPÓSITO DA COMPANHIA DO ALTO-DOURO) Os freguesas deixam-se levar por estas impostoras. Pode ir. (Antônio sai com a tabuleta).

CENA IV

(Manuel e depois Francisco)

MANUEL - Estou fatigado! Muito custa dirigir-se uma grande venda como esta. Mas, ah, se eu dela fôsse dono, outro galo cantaria... Há seis anos que cheguei do Pôrto e ainda sou caixeiro. Não pensei, quando vim para o Brasil, que fizesse fortuna tão devagar. É verdade que sou primeiro caixeiro da taverna da viúva do meu amo, mas o que é isto para mim? Para mim, que sou ambicioso? Sim, uma ambição roedora me estraga a alma dorme e acorda comigo, não me deixa um só instante tranqüilo; traz-me em delírio, confunde-me as idéias. Ah, quantas vêzes tenho eu vendido aguardente de França por aguardente do Reino; linguiças por peixe e cebolas por alhos! Ambição, horrível martírio, quando te verei eu satisfeita?

(entra Francisco)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.123

5

FRANCISCO - Alô, Manuel.

MANUEL - Como estás, Chico?

FRANCISCO - Vamos remando contra a maré.

MANUEL - Chico, tu és bem feliz!

FRANCISCO - Eu? Estás enganado; no mundo não se pode ser feliz sem dinheiro, e eu não o tenho.

MANUEL - Trabalha e terás.

FRANCISCO - Trabalha! Sou, como bem sabes, oficial de latoeiro, e já por muitas vêzes te tenho dito o que presentemente ganha um oficial de latoeiro. Olha, Manuel, minha avó dizia que no tempo dos vice-reis e mesmo no tempo de el-rei, qualquer que tivesse um officio ganhava a vida e ainda juntava dinheiro. Agor a o caso é outro.

MANUEL - Deixa-te disso.

FRANCISCO - Ora, dize-me, o que pode fazer um pobre latoeiro do país, quando a Rua do Ouvidor está cheia de latoeiros e lampadistas franceses? Meu caro, se não fôssem as seringas que fazemos para os moleques brincarem o entrudo, não sei o que seria de nós....

MANUEL - Se vocês trabalhassem tão bem como êles....

FRANCISCO - É um engano, é a mania de todos, uma mania e todos, vão com ela; é obra estrangeira, e basta! Não se vê por esta cidade senão alfaiates franceses, dentistas americanos, maquinistas inglêses, médicos alemães, relojoeiros suiços, cabelereiros franceses, estrangeiros de tôdas as seis partes do mundo. E resitam os artistas do país, se são capazes, a essa torrente! Porém meu pai e' que é o culpado de estar eu hoje como estou.

MANUEL - Como assim?

FRANCISCO - Em lugar de ensinar-me o seu officio, como ensinou-me podia ter-me mandado para São Paulo estudar leis. Bem podia estar deputado.

MANUEL - Ah, ah, ah! Dêste modo podemos ser tudo.....

FRANCISCO - Manuel, tu és filho de Portugal e não estás bem ao fato da nossa Constituição. Ela diz: A LEI É IGUAL PARA TODOS. Isto quer dizer que todos podem ser tudo.

MANUEL - Ah, entendes assim?

FRANCISCO - No talento e'que está a diferença. O homem de talento pode ser tudo quanto quiser, e tu bem sabes que eu tenho talento... Ainda ninguém pôde fazer, como eu, uma seringa de entrudo que esguicha água mais longe.

MANUEL - Ora, Chico! (sorrindo)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.124

FRANCISCO - Olha, Manuel, não sei o que te diga; às vêzes custa mais fazer-se uma seringa de esguicho do que certas coisas.

MANUEL - Estás hoje pregador.

FRANCISCO - Estou zangado; tu és feliz!

MANUEL - Feliz?

FRANCISCO - Claro! Há oito meses que teu amo morreu e a viúva não poderia continuar com a taverna aberta sem o teu auxílio. Eras o único como primeiro caixeiro, que sabia das transações do defunto.

MANUEL (à parte e concentrado) - E ainda sou caixeiro.

FRANCISCO - Manuel, um negócio aqui me traz. És meu amigo, devo comunicar-te, até porque és nêle interessado.

MANUEL - Interessado? E como?

FRANCISCO - Estou resolvido a casar-me.

MANUEL - Queres-me dar interêsse no teu casamento,

FRANCISCO - Não. A A mulher escolhida por mim é tua ama.

MANUEL - Minha ama?

FRANCISCO - Ela mesma, e tenho razões para supor que lhe não sou indiferente.

MANUEL (pegando-lhe o braço) - Chico, és meu amigo?

FRANCISCO - Duvidas? Experimente.

MANUEL - Desiste dêsse casamento.

FRANCISCO - Que eu desista? E porque?

MANUEL - Por que? Não te posso dizer.

FRANCISCO - Percebo.... Queres-te casar com ela. Pois bem, mostrarei que sou teu amigo. Casa-te; tens mais direito do que eu.... já estás em casa.

MANUEL (arbaçando-o) - Obrigado amigo.

FRANCISCO - Pois bem; casar-me-ei com a nossa vizinha Deolinda.

MANUEL - Chico, tu não te casarás com Deolinda!

FRANCISCO - Hem?

MANUEL - Digo-te que não casarás com ela.

FRANCISCO - Essa agora é melhor! E por que não me casarei?

MANUEL - A Deolinda já está casada.

FRANCISCO - Casada? E com quem?

MANUEL (em voz baixa) - Comigo.

FRANCISCO - Contigo? - Mas que diabo de trapalhada é essa? És casado e queres casar?

MANUEL - Cheico, olha atentamente para mim.

FRANCISCO - Estou olhando.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.125

MANUEL - Vês em mim um homem profundamente ambicioso.....

FRANCISCO - Tu?

MANOEL - Sim, eu! E de uma ambição tão frenética, que me levara à sepultura se a não vejo realizada... De uma ambição ambiciosa!

FRANCISCO - Tu me assusta! Acaso queres ser major da Guarda Nacional?

MANUEL (com desprêzo) - Não.

FRANCISCO - Chefe de legião.

MANUEL - Não.

FRANCISCO - Tenente-general?

MANUEL - Não.

FRANCISCO - Condê? Marquês? Ministro?

MANUEL - Não.

FRANCISCO - Manuel, Manuel, que queres tu ser?

MANUEL (com mistério) - Sócio de minha ama!

FRANCISCO - (rindo-se) Ah, não! E só isso?

MANUEL - Só, dizes tu? E que felicidade pode haver no mundo maior para mim? Ah, não sabes que satisfação será a minha, quando escrever em uma conta: Fulano deve a Manuel Pacheco e Viúva Pereira a quantia de tanto, por gêneros comprados em sua venda. Sua, amigo, sua! Ela será minha também!

FRANCISCO - Enfim, cada um tem la a ambição a seu modo.

MANUEL - E ainda sou caixeiro! Caixeiro! Sabes tu o que é um caixeiro? É um traste que paga impôsto à Câmara Municipal, como qualquer carruagem ou burro.

FRANCISCO - Mas não vejo pôr que não queres que eu case com tua ama.

MANUEL - Não vês?

FRANCISCO - Logo que estiver casado, prometo dar-te sociedade.

MANUEL - Sabes tu se ela te ama?

FRANCISCO - Julgo que não lhe sou indiferente.

MANUEL - Pois digo-te eu que ela não te ama, porque ama-me.

FRANCISCO - A ti?

MANUEL - Sim, e de uma maneira desesperada e danada. Amigo, Deus te guarde de amor de mulher madura é pior do que carrapato em orelha de burro. Compreendes agora a minha posição?

FRANCISCO - Ainda não muito bem.

MANOEL - Por amor - maldito amor - casei-me em segrêdo com Deolinda; nem o seu próprio irmão, o Sargento Quintino o sabe. Pensa agora o que será de mim, se minha ama desconfiar que a desprezei por causa de outra mulher.... Raivosa, expulsar-me-á desta casa e minhas esperanças serão malogradas. É preciso engana-la até o dia em que assinarmos a escritura de sociedade.

ANGELICA (dentro) - Manuel?

MANUEL - Ela me chama! Vai-te embora!

FRANCISCO - Adeus, e oxalá que sejas bem sucedido.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 126

MANUEL - Nem palavra.....

FRANCISCO - Fica descansado. (Sai)

CENA V

(Manuel e depois Angélica)

MANUEL - Lá vem ela. Estou frito! Ai, que bocado amargoso! Ei-la.

AGÊLICA (entrando) - Manuel?

MANUEL - Senhora minha ama?

ANGÉLICA - Ah, ja estava inquieta....

MANUEL - Oh, isso é bondade de minha ama. Trabalhava.

ANGÉLICA - Não quero que trabalhes tanto, que podes adoecer. Far-me-ias muita falta.

MANUEL - Ninguém faz falta.

ANGÉLICA - As pessoas como tu fazem sempre falta.

MANUEL (à parte) - Temo-la!

ANGÉLICA - Não se encontram muitos caixeiros como tu.

MANUEL - Oh, minha ama, dá licença que vá ver aquilo lá pelo balcão como vai?

ANGELICA - Como vai?

ANGELICA - Espera! Tens sempre tanta pressa quando falo contigo.....

MANUEL - Tenho as minhas obrigações.

ANGELICA - Já s te disse que não quero que te mates de trabalho. Não acharei outra pessoa com as tuas qualidades.

MANUEL - Oh, minha ama, não mereço.

ANGÉLICA - Mereces tudo. A experiência do mundo tem-me feito conhecer os homens.

MANUEL - (à parte) Que tal a experiência?

ANGÉLICA - É todo o meu cuidado zelar pela tua saúde.

MANUEL - Tanta bondade!

ANGÉLICA - (suspirando e olhando para êle) - Ai, ai!

MANUEL - Minha ama, sente alguma dor?

ANGELICA - Não.

MANUEL - É uma ordem q (a parte) O caso está mau.

ANGELICA - Manuel, uma coisa te quero eu pedir.

MANUEL - É uma ordem que recebo!

ANGELICA - Espero que não freqüentes certas ruas desta cidade e que, sobretudo, não entres para essas patuscadas dos domingos, que fazem os caixeiros no Jardim Botânico, nosas canos da Carioca e nas Paineiras. Tens visto o r[illegible].

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p127

MANUEL - Nunca gostei dêsses pagados.
ANGÉLICA - Nem deves do mesmo modo freqüentar os bailes mascarados.
MANUEL - Bailes? Não sei dançar.
ANGELICA - Manuel, nos bailes mascarados não se dança, joga-se! Dever-se-iam antes chamar jogos mascarados, ou outro nome que eu não quero dizer. Aí é que a perdição é certa.... E o jôgo te levado muita gente boa à fôrca; vê lá se queres também....
MANUEL - Morrer enforcado? Nada!
ANGELICA (chegando-se para êle) Tu morreres? O que seria de mim, quero dizer, da minha venda, Manuel? Não fales em morrer? (Pegando-lhe na mão) Eu te seguiria.....
MANUEL - (à parte) - Oh, homem, até depois de morto?
ANGELICA (caindo em si, à parte) - Ia traindo-me (alto) Digo-te isto, porque se me faltares, o meu negócio vai por água abaixo.

CENA VI

(Manuel, Angélica e Quintino com farda de sargento de fuzileiros)

QUINTINO - (entrando) - Licença?
MANUEL (à parte) - Abençoada visita!
ANGELICA - Quem é?
QUINTINO - Um criado.
MANUEL (reconhecendo-o e à parte) - Oh, diabo, é o irmão de minha mulher e meu cunhado sem o saber!
ANGÉLICA - Quem é? Deseja alguma coisa?
QUINTINO - Dois dedos de conversa com aquele senhor.....
MANUEL - Comigo?
QUINTINO - Sim senhor.
MANUEL - Pois vamos cá para fora.
ANGÉLICA - Espera, Manuel, onde vais?
QUINTINO - Podemos falar aqui mesmo.
MANUEL (à parte) - Eu tremo....
QUINTINO (pondo o barrete à cabeça de lado) - Dizem neste quarteirão que o senhor namora minha irmã.
MANUEL - Não é verdade...
ANGELICA - CComo é lá isso?
MANUEL (À parte) - Estou arranjado....
QUINTINO - Foi a primeira notícia que hoje tive, assim que cheguei da Praia Vermelha. O sapateiro da esquina disse-me.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, 8-128

ANGELICA - (enfurecida) Como é isso, Manuel?

MANUEL - O senhor está enganado. (Para Angélica) Não sabe o que diz, está bêbado.

QUINTINO - O sapateiro da esquina me disse que o tu entrar ontem à noi te lá em casa.

ANGELICA - Entrar lá?

MANUEL - E o que prova?

MANUEL - Sua irmã não cose para fora?

QUINTINO - Cose sim senhor, e com muita honestidade.

MANUEL - Pois então? Mandei fazer por ela umas camisas e fui ontem ver se estavam prontas; se quiser, vá perguntar-lhe.

QUINTINO - Se foi só por isso, o caso é outro....

MANUEL - E por que mais havia ser? Importo-me cá com sua irmã? O que tenho eu com sua irmã? Faço lá caso dela? (à parte) Não me pos por a perder.

ANGELICA - Manuel

MANUEL - Deixe-me.

QUINTINO - Está bem, homem.

ANGELICA - Manuel?

MANUEL - Vejam só. Assim se desacredita um homem de bem.

QUINTINO - Em uma palavra, não a namora?

MANUEL - Vá-se com todos os diabos você, sua irmã e tôda a sua parentela./ parentalha.

QUINTINO - Mais respeito.

MANUEL - Pois não me esquente a cabeça? Ora, não tenho eu mais que fazer? Deixar de cuidar nos interêsses de minha boa ama, para namorar sua irmã. Era o que me faltava.... Diga ao sapateiro que va conversar com os defuntos. Irra?

QUINTINO - Basta. Como não se importa com ela....

MANUEL - Nem com você, palhaço!

QUINTINO - (puxando da espada) - Palhaço? (Manuel corre para trás de Angélica)

ANGELICA - (Para Quintino) - Senhor!....

QUINTINO - Palhaço, eu te ensinarei.

ANGELINA - Senhor sargento....

QUINTINO - Deixe-me arrancar-lhe as tripas. Deixe-me sangrá-lo.

MANUEL (A PARTE) Quer fazer a irmã viuva.....

ANGELICA para Quintino - Tranquilize-se, embainhe essa espada.

QUINTINO para Manuel - Já eu te rezava pela alma. O respeito às senhoras é o que te salva.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, P-129

MANUEL (à parte) - Belo cunhado!....

ANGÉLICA - O senhor sargento pode ficar descansado; o Senhor Manuel, meu primeiro caixeiro, não é capaz de desinquietar sua irmã.

MANUEL - Que dúvida!

ANGELICA -Tem outras coisas em que cuidar.

MANUEL - Sim, tenho outras coisas, outros assuntos (Assim dizendo, pega na mão de Angelica e beija)

ANGELICA - Ah! (Pondo a mão sôbre o coração)

QUINTINO - Muito estimo, porque tenho cá certas intenções a respeito da mana. Quero casá-la....

MANUEL - (à parte) Casar minha mulher?

QUINTINO - (continuando) - ..... com o alferes de minha companhia

MANUEL - Casá-la com o alferes?

QUINTINO - Sim. E tem. E que tem isso?

MANUEL - Casá-la!

ANGELICA - E o que tens tu com isso?

MANUEL - (constrangendo-se) - Nada, nada! (à parte) E então? (alto) Pode casá-la com quem quiser. (à parte) O diabo é se ela se esquece que está casada comigo.....

QUINTINO - Meu menino, esta espada corta muito bem orelhas.... E guarde-os Deus. (Sai)

CENA VII

(Manuel e Angélica)

MNAUEL - Ora, aí está como se bota um homem a perder. Vem um diabo de um Palhaço dêsses provocá-lo.

ANGELICA - É um desafôro!

MANUEL - Se não fôsse o respeito que tenho a esta casa, tinha-lhe atirado com aquela pipa à cabeça.

ANGELICA - Soldado de meia tijela!

MANUEL - Case la' a irmã com quem quiser.

ANGELICA - Mas tu te surpreendeste, quando êle disse que a ia casar com o f alferes.

ANGELICA - É extravagante? Nada mais foi do que surprêsa de compaixão. Quem pode ver de sangue frio entregar uma pobre menina daquelas a um sugeito como o alferes?

ANGELICA - E o que tem demais?

MANUEL - Xi, como êle é extravagante! não faz idéia! Já foi coronel, e por causa de sua má conduta tem descido dde postos; breve estará soldado raso. Mas deixa-o.....

ANGELICA - Assim o querem, assim o tenham. Tratemos de nós.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.130

MANUEL (À parte) Ai!

ANGELICA - Manuel, eu estou resolvida a dar sociedade nesta minha venda a certa pessoa.....

MANUEL (à parte) - Meu Deus!

ANGELICA - Uma mulher, por si só, pouco representa. Que dizes do meu projeto?

MANUEL - Que só resta-me sair desta casa.

ANGELICA - Sair de minha casa.

MANUEL - Enquanto sois dela única senhora, sirvo com prazer; mas quando tiverdes um sócio, um homem estranho, não posso, não devo.

ANGELICA (sorrindo) - Não sejas tão precipitado; espera um instante. Eu vou lá dentro escrever um papel; não te digo mais nada..... Lerás.... Espera, Manuelinho, espera; lerás.... (sai).

CENA VIII

(Manuel, só e depois Deolinda)

MANUEL - Será possível? Ouviram bem meus ouvidos suas palavras? Espera, Manuelinho, espera e lerás. Ó dita! Ó fortuna! Serei sócio! Sócio. Oh, o prazer sufoca-me; daqui a uma hora já não serei caixeiro; vou andar de cabeça levantada, orgulhoso, vaidoso.....Sócio! Palavra mágica! Ninguém, ninguém no mundo perturbará minha felicidade.

DEOLINDA - entrando - Manuel?

MANUEL - Oh, havia-me esquecido de minha mulher!

DEOLINDA - Ouve....

MANUEL - Vai-te embora!

DEOLINDA - Heim?....

MANUEL (empurrando-a) - Vai-te embora, vai-te embora, diabo!

DEOLINDA - Assim me recebes? Queres que me vá?

MANUEL - Sim, sim.

DEOLINDA - Sabes que mais? Isto assim não pode durar.... é preciso que declares o nosso casamento.

MANUEL -(com cólere e falando baixinho) Desgraçada, cala-te, cala-te!

DEOLINDA - Se és meu marido.....

MANUEL - (tapando-lhe a bôca com a mão) - Cala-te, ou meto-te esta mão pela bôca dentro.

DEOLINDA - chorando alto - Hi! Hi! Hi!

MANUEL (raivoso e falando entre os dentes) Olha que te mato!

DEOLINDA - Hi! hi! hi!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p 131

MANUEL (na maior afliçção) - Se minha ama chega, estou arranjado! (raivoso) Mulher! (indo espiar à porta) Hoje me perco? Ainda estará escrevendo? (com ternura) Deolinda.....

DEOLINDA - Hi! hi! hi!

MANUEL - Deolinda, não chores, tem compaixão de teu marido, que tanto te ama.

DEOLINDA - Deixe-me! Hi! hi! hi!

MANUEL - (à parte) - Se a velha chegar... (para Deolinda) Amanhã eu depois tudo declararei, mas hoje oh!

DEOLINDA - E até lá, meu irmão estará maltratando-me e atrapalhando-me para que eu me case com o alferes.

MANUEL - Mas tu não te casarás?

DEOLINDA - Quem sabe!

MANUEL - Quem sabe? vê lá.....

DEOLINDA - Tenho muito mêdo de meu irmão, e demais, meu marido está tão misterioso... Não quer declarar-se.....

MANUEL - E julgas que não tenho razões para assim fazer? Deolinda, minha cara Deolinda, escuta-me. Minha ama quer dar-me sociedade nesta venda, mas se ela souber que estou casado, tudo desfará.

DEOLINDA - Porque ?

MANUEL - Ela julga que um homem casado não deve ter sociedade com outra mulher e nem pode dirigir com todo o cuidado uma casa como esta. A mulher, os filhos, a família..., tomam muito tempo.....

DEOLINDA - E logo que fores sócio....

MANUEL - Oh, então direi.....

DEOLINDA - Bem, esperarei, visto que é êsse o motivo.

MANUEL - E que outro poderia ser? Não és tu a minha querida mulher? Dá-me um abraço e vai-te embora. Dá-me (abre os braços para abraçar Deolinda. Angélica entra neste momento)

CENA IX

(Angélica com um papel e os ditos).

ANGELICA - Manuel? (Manuel, ouvindo a voz de Angélica, fica com os braços abertos, na ação de abraçar Deolinda)

DEOLINDA - Ah!

ANGELICA - O que é isso? Com os braços abertos?

MANUEL (confuso) - Estava mostrando o comprimento dos braços, para medida das camisas.

ANGELICA - E que vem

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 132

ANGELICA - Ah, a senhora é a Sra. Deolinda, que cose para fora e com muita honestidade?

DEOLINDA - Uma sua criada.

ANGELICA - E que vem em pessoa tomar medida aos freguesas..., em suas próprias casas.... e tudo com muita honestidade?....

MANUEL (à parte) - Elas pegam-se((alto:) Minha ama!

DEOLINDA - Minha senhora, a honestidade guarda-se em tôda a parte quando se é honesta; e quando não é.....

MANUEL (para Deolinda)- Cala-te!

DEOLINDA - ..... e dizem-se palavras indignas de uma senhora de bem....

ANGELICA - A menina fala comigo?

DEOLINDA - e só próprias de uma velhalhona!

ANGELICA - Insolente!

MANUEL - Minha ama!

ANGELICA - Já desta porta para fora..... já!

DEOLINDDA - com zombaria - Ofendi a duquesa?

ANGELICA - (querendo ir sôbre ela) - Desavergonhada!

MANUEL - (retendo-a) Prudência!

DEOLINDA - Será ela.....

MANUEL - afastando-as - Prudência..... Senhora minha ama! Sra. Deolinda!

ANGELICA - Deixa-me ensinar esta maloriada!

DEOLINDA - Maloriada será ela, velha de uma figa!

ANGELICA - Velha? (Angelica e Deolinda forcejam para ir uma contra a outra)

MANUEL (para Deolinda, enganando-se -) - Senhora minha ama! (Para Angélica, do mesmo modo) Deolinda! Diabo!.....

CENA X

(Quintino e os ditos)

QUINTINO (encontrando-se à porta com Deolinda) - Espere aí.

ANGELICA - Quem é?

MANUEL (à parte) - Meu cunhado.....

FRANCISCO (à parte)- Temos complicações!....

QUINTINO (trazendo Deolinda para a frente) - Preciso de uma explicação.

DEOLINDA - Deixa-me!

ANGELICA - (para Quintino) - Mas o que é isto, senhor?

MANUEL - Sim, o que é isto? Assim se entra por uma causa?

QUINTINO (para Deolinda, sem dar atenção aos demais) - Não estavas em casa. Muito estimo encontrar-te aqui. É preciso que todos me ouçam: Deolinda, disseram-me que tu te casaste ocultamente....

DEOLINDA - Eu?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 133

MANUEL (à parte) - Mau!

ANGELICA - Casada!

QUINTINO - Não procures enganar-me; estou bem informado.

DEOLINDA - Pois bem, confessarei: Sou casada.

QUINTINO - Ah, confessa?

MANUEL - (à parte) - Estou perdido?

FRANCISCO (à parte e ao mesmo tempo) - No que dará isto?

ANGELICA - É possível?

QUINTINO - Agora quero saber quem e' teu marido.

DEOLINDA - Ah, ainda não sabe? Pois então pergunta ali ao Sr.Manuel.

MANUEL - A mim?

ANGELICA (ao mesmo tempo) - A êle?

DEOLINDA - Sim; diga a meu irmãoquem é meu marido.

MANUEL - Que eu diga?

ANGELICA - Que horrível desconfiança.... E esta escritura? (Querendo rasgar o papel).

MANUEL -(para Quintino) - Senhor sargento, eu queria guardar segrêdo, porque assim me pediram; mas como o negócio está meio divulgado, falarei. Fui padrinho do casamento....

ANGELICA - Tu?

MANUEL - E assim, sei quem é o marido.

QUINTINO - E quem é?

MANUEL - O Sr. Francisco.

FRANCISCO - Hem?

DEOLINDA - O que diz?

ANGELICA (ao mesmo tempo) - O Sr. Francisco?

QUINTINO - Ah, o senhor é meu cunhado?

FRANCISCO - Eu, senhor?

MANUEL -(abraçando-se com Francisco - Amigo, perdoa se falei.... (à parte, para êle) Salva-me, Chico, salva-me! (alto:) O negócio estava meio sabido.... (à parte) Salva-me, Chico.... (alto) De que serviria ocultar mais tempo? (à parte) Dize que te casaste.....

FRANCISCO - Mas, se tu.....

MANUEL - Estás zangado porque falei. (à parte) Salva-me, Chico! (alto) Enfim, como já se sabe, que remédio?.... Estou casado com a senhora.... A senhora.... é minha mulher.... (à parte) Já que assim quer seu marido.....

ANGELICA (à parte) - Aqui há mistério.....

QUINTINO - O que está feito, está feito. Logram-me. Cunhado, aperta

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0229, p. 134

esta mão. Quisera antes que a Deolinda se casasse com o alferes; mas enfim, também eŝ bom rapaz. Vou à "Colombo" encomendar um jantar; há-de haver bebedeira grossa. Com licença da companhia; volto. (vai-se)

MANUEL, à parte - Escapei de boa.

ANGELICA - Com que, o Sr. Francisco é casado!

FRANCISCO - O homem sacrifica-se, às vêzes.

ANGELICA - (para Manuel) - E nunca me disseste nada.

MANUEL - Segrêdo de um amigo.

DEOLINDA - (à parte) - Estou desconfiada; aqui engana-se alguém. Ah, se fôr a mim.... (alto) Manuel, vem comigo; o Sr. Francisco deseja ficar a sós com sua mulher....

MANUEL - Só, com ela!

ANGELICA - E o que tem isso?

MANUEL - (à parte) Pergunta o que tem... (alto) nada, nada!

ANGELICA - Pois Segue-me. (à parte) Há mist-erio!

MANUEL - Eu vou. (à parte, para Francisco) Chico!.... (Angélica sai. Manuel acompanha Angelica, fazendo sinais para Francisco).

CENA XII

(Francisco e Deolinda)

FRANCISCO - Pobre Manuel, a quanto o obriga a ambição.

DEOLINDA - Belo marido tenho eu, que me entrega a outro.

FRANCISCO - Então, Sra. Deolinda, que me diz a esta? Deve-me estar agradecida; salvei seu marido.

DEOLINDA - Que marido! Envergonha-se de ter-me por mulher.

FRANCISCO - Não é vergonha, é mêdo....

DEOLINDA - Mêdo? Antes me tivesse casado com outro?

FRANCISCO - Não me quiseste a mim por marido....

DEOLINDA - Vou-me embora.

FRANCISCO - retendo-a - Espere.

DEOLINDA - Vou-me embora.

FRANCISCO (retendo-a) - Espere.

DEOLINDA - Não posso mais estar aquí.

FRANCISCO - Devagar, não comprometa seu marido.

DEOLINDA - Deixe-me

FRANCISCO - Sinto passos; aí vem ela. Dê-me um abraço. (Abraçando-a)

DEOLINDA, (esforçando-se por sair de seus braços) - Senhor!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p-135

CENA XIII

(Francisco, Deolinda e Angélica seguida de Manuel, que traz algumas garfafas. Param à porta vendo Francisco abraçar Deolinda)

FRANCISCO - Não se espante. Isto é por conta dêle. Abrace-me, que elas nos vê.

DEOLINDA - (vendo Manuel) - Ah, pois bem, abracemo-nos (abraça-o) Assim ne vinhgarem dêle.

FRANCISCO - Bravo! (abraçam-se)

MANUEL, à porta - Isto não pode ser!....

ANGÉLICA - (retendo-o) E que te importa que o Sr. Francisco abrace a mulhe

MANUEL - É indecente!

ANGELICA - Deixa-os lá e vem comigo. (vai atravessando a cena e sai. Manuel vai acompanhando Angélica)

DEOLINDA, correndo e retendo Manuel no momento dêste sair - Vem cá.

MANUEL - Traidora!

DEOLINDA - Ah, está zangado?

MANUEL - Abraçando-o!

DEOLINDA - Fiz muito bem; é para aprenderes.

FRANCISCO - Pateta, não vês que era para melhor enganar tua ama?

MANUEL - Ah, era para isso? Perdoa-me, Deolinda. Chico, pega nestas garrafas, (Dando-as a Francisco) Se souberes, Deolinda, o que tenho sofrido hoje!

FRANCISCO - Agora abracem-se.

MANUEL - Perdoa-me se te dei outro marido; era para nosso bem. Dá cá um abraço.

DEOLINDA - (abraçando-o) - Sou muito boa em perdoar-te! (Francisco, enquanto os dois se abraçam, desarrolha uma garrafa e bebe).

MANUEL - Minha mulherzinha, aperta!

CENA XIV

Angélica e os ditos.

ANGÉLICA - (da porta) Que escandalo! Que escandalo! (Francisco, Manuel e Deolinda ficam espantados) Assim deixa abraçar sua mulher? E vê isso bebendo? Que imoralidade! Que escandalo!

FRANCISCO - Foi por distração e sêde.

MANUEL - É minha afilhada.... Sou padrinho, e bem vê....

ANGÉLICA - Sim, é afilhada! (Para Francisco) O senhor, pelo que vejo, não

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.136

18

é ciumento.... E a menina.... Está bonito!

FRANCISCO - Entre amigos não deve haver ciúmes - e quando há confiança na amizade, bebe-se.

ANGELICA - E dorme-se.... Tem razão. Mas olhe que há muita gente que assim se perde pela confiança que tem nos amigos.... (À parte:) Eu saberei como isto é. (Para Manuel) Vai acabar de arrumar as garrafas.

MANUEL - (à parte, para Francisco - Cuidado com a bicha) (Vai-se)

ANGELICA - (para Francisco) - Tinha que lhe dar uma palavra... Mas ao senhor só.

FRANCISCO - Deolinda, vai-me esperar lá em casa.

DEOLINDA - Eu vou. (À parte, para Francisco) Diga a Manuel que lá o espero. (Sai)

CENA XV

(Angélica e Francisco - e depois Manuel e Quintino)

ANGELICA (À PARTE) - Hei de saber como isto é.... Empregarei um meio....

FRANCISCO - A Sra. Da. Engélica está tão pensativa!

ANGÉLICA - E tenho motivos para isso. Sr. Francisco, é preciso que eu seja sincera com o senhor.

FRANCISCO - Há muito que isso desejo.

ENGELICA - O senhor tem-me dado a entender que minha mão lhe seria agradável.

FRANCISCO - Senhora....

ANGELICA - Não tenho correspondido às suas finezas, porque, enfim.... uma mulher vexa-se.... Esperava poder confessar um dia êsse segrêdo, mas ah, enganei-me, enganei-me!

FRANCISCO - Da. Engélica!

ANGELICA - Foi uma zombaria! Eu, que o amava tanto....

FRANCISCO - A mim?

ANGELICA - Sim, ingrato, a ti.

FRANCISCO - Oh! (À parte) O Manuel que se arranje como puder.

ANGELICA - A mim, semelhante treição! A mim, que já havia feito esta escritura de casamento; vê.... Só o nome está em branco. O lugar era para o teu.

FRANCISCO - Dá-ma!

ANGELICA - Agora de nada serve. (Quer rasgar)

FRANCISCO - Não rasgue

ANGELICA - Estás casado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 137

FRANCISCO - Casado! (à parte) Leve o diabo o Manuel (alto): Angélica, quem te disse que estava casado, mentiu.

ANGELICA - Mentiu?

FRANCISCO - Eu não estou casado.

ANGELICA - Não estás casado? E quem é o marido de Deolinda?

FRANCISCO - Não lhe posso dizer, mas juro-lhe que estou tão solteiro como quando nasci. Eis-me a seus pés! (ajoelha) Dê-me essa promessa.

ANGÉLICA - Levanta-te. (Quintino aparece à porta do fundo e fica surpreendido, vendo Francisco aos pés de Angélica)

FRANCISCO - Não me levantarei enquanto não me der a sua palavra que me fará ditoso.

QUINTINO - O marido de minha irmã aos pés de outra mulher?

ANGELICA - Lá de fora podem ver-nos....

FRANCISCO - E que vejam! Não serei eu seu espôso? (Manuel aparece à porta da direita, e, vendo Francisco de joelhos fica estupefato)

ANGELICA - Talvez, mas levanta-te.

FRANCISCO - Não!

MANUEL - Muito bem, muito bem! Amigo falso!

FRANCISCO - (levantando-se) Ah!

ANGELICA - Ah!

MANUEL - Muito bem!

FRANCISCO - Desculpa-me.... Ela me ama e eu também a amo.

QUINTINO - (que nesse tempo tem-se aproximado, segura a Francisco pela gola da jaqueta, dizendo - Ah! tu a amas? E minha irmã, tua mulher?

FRANCISCO - Ai!

QUINTINO - Assim a enganas, patife?

FRANCISCO - Sua irmã não é minha mulher.

QUINTINO - Negas?

ANGELICA (para Manuel) - Quem é o marido?

MANUEL - Não sei (Angélica toma a Manuel pelo braço. Quinto faz o mesmo a Francisco. Todos falam ao mesmo tempo)

ANGELICA - (para Manuel -) Quem é o marido? Para que me enganaste? Dize já, quero saber. Ah, não dizes? Eu me vingarei! Não dizes, porque tens mêdo? Ingrato, mal-agradecido, eu me vingarei, me vingarei.

MANUEL - (para Angelica) - Não sei.... Posso lá saber quem é o marido de vôdas as mulheres? Disse o que me disseram; pode ser que me engane. Senhora minha ama, deixe-me, assim não nos enteremos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p-138

QUINTINO (para Francisco, a quem ameaça com a espada) - Pensas que assim hás-de mangar com o Sargento Quintino? Primeiro hei-de tirar-te as tripas, pô-las ao sol. Enganar minha irmã! Tira as mãos.... enfio--te... mariola.... tira as mãos!

FRANCISCO - (esforçando-se para sair das mãos de Quintino) - Deixe-me, não sou seu cunhado, já lhe disse. Ai, ai, não me mate! Ai, quem me acode? Juro que não é minha mulher! Ai, ai! (Todos acabam gritando)

CENA FINAL

(Antônio e José, armados de achas de lenha, Deolinda e os ditos)

ANTÔNIO (entrando) - O que aconteceu?

DEOLINDA - O que é, Quintino?

ANTÔNIO - Senhora minha ama!

DEOLINDA - O que foi?

QUINTINO (para Deolinda) - O que foi? Vim encontrar teu marido aos pés desta senhora.

DEOLINDA - Meu marido de joelhos aos seus pés?

QUINTINO - Sim, dizendo que a amava.

DEOLINDA - (indo para Manuel) - Traidor!

MANUEL - Hem?

DEOLINDA - Assim é que me guardavas fidelidade?

ANGELICA - Mh!

QUINTINO - Olha que te enganas!

DEOLINDA - Não, não me engano; êste é o meu marido.

QUINTINO - Seu marido?

ANGELICA (ao mesmo tempo) - Seu marido?

MANUEL (à parte) - Ai, ai, ai!

FRANCISCO (à parte e ao mesmo tempo) - Pobre Manuel!

ANGELICA (para Mauel) - Ah, tu eras casado e enganasvas-me!

DEOLINDA - A mim é que enganava.

QUINTINO - Então, com todos os diabos, quem é aqui meu cunhado?

MANUEL (apontando para Francisco) - É êle! É êle!

FRANCISCO - (apontando para Manuel, ao mesmo tempo) - É êle! É êle!

QUINTINO - (para Deolinda) Ambos?

ANGELICA - Espere, Sr. Sargento que eu porei estas coisas em ordem (à parte para Manuel) Ingrato, tudo está explicado e eu me vingarei!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.139

MANUEL - Minha ama!

ANGELICA (repelindo-o com gesto desprezador) - Sr. Francisco, aqui está a escritura de nossa casamento. (dá-lhe o papel)

FRANCISCO - Quanto sou ditoso!

MANUEL - Mas senhora.....

ANGELICA (interrompendo-o) - O sr. Manuel terá a bondade de procurar outro arranjo, porque hoje deixa de ser meu caixeiro. Tenho um marido e nêle um sócio.

MANUEL - Um sócio! (Para Francisco, na maior desesperação) Amigo infiel e pérfido, és a causa da minha desgraça e perdição!

FRANCISCO - Eu, Manuel?

MANUEL - Sim.

FRANCISCO - Fiz o que pude por ti, fui marido de tua mulher.... Tu és o culpado, eu não.

MANUEL (voltando-se para Deolinda) - Então fôste tu, mulher traidora!

DEOLINDA - Eu? Não guardei segrêdo? Queixate de ti; de mim, não.

MANUEL, para Quintino - Então fôste tu, barbaças do diabo!

QUINTINO (ameaçando-o) - Passe de largo!

MANUEL, voltando-se para Angélica - Ou tu, carocha do inferno!

ANGELICA - Maroto! Já por esta porta fora, e vai ser caixeiro de Belzebu!

MANUEL (como louco) - Caixeiro, sempre caixeiro! Oh, afastem-se de mi, estou ficando louco, desesperado, furibundo! Para longe! Serei sempre caixeiro, caixeiro, caixeiro! Pagarei sempre impôsto, como uma saca de café, un burro, um cavalo. Não sou nada no mundo. Cortem-me esta cabeça, pendurem-na na porta do açougue. Sou um boi; paguei direitos na barreira. Sou um boi. (Assim dizendo, principia a berrar como boi)

TODOS - Manuel! (Manuel berra)

DEOLINDA - Meu Deus, está louco!

TODOS - Louco! (Manuel berra)

DEOLINDA - Que desgraça!

FRANCISCO (ao mesmo tempo) - Coitado!

QUINTINO - (ao mesmo tempo) - Pobre homeme!

ANGELICA (ao mesmo tempo) - Faz-me pena!

MANUEL (traz Antônio pelo braço para a frente do teatro) - Antônio, esi-me de joelhos a teus pés. (Ajoelha-se) Lembrat-e da amizade que nos uniu e faze-me o último favor. (abre a camisa) Enterra-me no coração essa acha de lenha, traspassa-me o peito com ela. Não queres?

ANGELICA - Manuel!

MANUEL - Quem me chama?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.140

ANGELICA - É tua ama! Manuel, esqueço-me da afronta que me fizeste e lembrar-me-ei sòmente dos serviços que me tens prestado....
Serás nosso sócio, não é assim, Chiquinho?

FRANCISCO - Sim, serás nosso sócio.

DEOLINDA - Serás sócio! (Manuel levanta-se pouco a pouco, como procurando fixar-se no sentido das palavras que lhe dizem),

ANGELICA - Serás nosso sócio, ficarás conosco, Eu te perdôo.

MANUEL - Sócio! Ouviram bem meus ouvidos? Serei sócio! (Caindo de joelhos e levantando as mãos para o céu) Oh, meu Deus, está satisfeita a minha ambição! (Todos falam ao mesmo tempo).

DEOLINDA - Está salvo!

QUINTINO - Pobre sócio!

ANGELICA - Pobre Manuel!

FRANCISCO - Pobre amigo!

MANUEL - Serei sócio!(Cai o pano)

FIM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, f-141

23

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, DF.

Em 13/05/71

OF. Nº

Do Téc. de Censura Mª das Graças Sampaio Pinhati

Ao Chefe do SCDP

Assunto Parecer (Faz)

Senhor Chefe:

Procedendo ao exame da peça teatral " O Caixeiro da Taverna" de Martins Penna, verifiquei que a mesma foi examinada, anteriormente, por esta técnica de censura, recebendo a classificação LIVRE conforme consta no processo 1275, liv. 02, pág. 18, reg 3769.

Todavia, em face de haver sido expedido certificado liberatório para maiores de quatorze anos com validade até julho de 1974, opino pela manutenção desta restrição etária.

Atenciosamente,

Mª das Graças S. Pinhati
cart. 044

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.142

Sr. Chefe:

A Tc. Censura Maria das Graças fêz a comparação de scripts e sugere a manutenção do critério anterior.

13-5-71

Chefe:

A classificação em vigor, para esta peça, é de 14 anos.

Em: 13/5/71.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe da Seção de Censura

Libere-se com a imprópriedade de 14 anos

13.05.71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 143

24

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

** Certificado Nº 3769/71

PEÇA "O CAIXEIRO DA TAVERNA"

ORIGINAL DE MARTINS PENA

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 14 de MAIO de 1976

Brasília, 14 de MAIO de 1971

PROIBIDO
PARA MENORES DE
14 ANOS

Chefe do S. C. D. P. GEOVA LEMOS CAVALCANTE

M. J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 18, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " O CAIXEIRO DA TAVERNA "

Original de MARTINS PENA

Tradução de

Adaptação de

Produção de V.OLIVEIRA PROD. ARTÍSTICAS CULTURAIS - RIO/GB

Tendo sido censurada em 13 de MAIO de 1971 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. - CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

O PRESENTE CERTIFICADO SÔMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 14 de MAIO de 1971

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
-chefe da seção de censura

Membro da Comissão de Censôres de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.144

DPF - Sav. 150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.193

Memorando nº 320 /71-SCDP Em 14-maio 1971

25

Do: Chefe da Seção de Censura do SCDP

AO: Sr. Chefe da TCDP-DR/DPF GUANABARA

As.: Providências (solicita).

Senhor Chefe :

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste SCDP esteja de acôrdo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça : O CAIXEIRO DA TAVERNA

Autor : V.Oliveira Produções Artísticas (interessado)

Intrs. : Martins Penna (autor)

Endrç. : Rio de Janeiro-GB

Atenciosamente,

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe da Seção de Censura.

ap/marlene

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 146

26

PAC

Produções Artísticas Culturais

Rua Pinheiro Machado, 65/301 - ZC-01 - GB - Tel.: 265-7675

Inscr. F.R.C. 40.815.200 — C.G.C. 34.069.518

RECURSO - peça "O CAIXEIRO DA TAVERNA"

Exmº Sr. Chefe da Censura Federal de Brasília.

V.Oliveira Produções Artísticas Culturais vem pelo presente solicitar à Censura Federal de Brasília, seja novamente lido o texto da peça "O Caixeiro da Taverna" - comédia da autoria de Martins Pena, autor clássico brasileiro pelo abaixo exposto:

1) A peça faz parte da obra literária de um autor clássico brasileiro escrita em 1845, constante do curriculun escolar de português/literatura (nível ginasial), utilizada sistemáticamente pelos professores da matéria em escolas, algumas vezes desde o 1º ano ginasial.

2) A peça não tem absolutamente nada de censurável pois trata-se de uma comédia onde o autor focaliza costumes e hábitos da época.

3) A Emprêsa pretende com esta peça oferecer espetáculos próprios em especial aos adolescentes que entre a faicha compreendida dos 12 aos 18 anos estão atualmente marginalizados do teatro por motivos óbvios.

4) Acreditamos que o acúmulo de trabalho na Censura de Brasília tenha ocasionado um lápso por parte de quem censurou "O CAIXEIRO DA TAVERNA", pois é absolutamente impossível considerar MARTINS PENA com impropriedades.

No aguardo de sua revisão,

Atenciosamente,

V. OLIVEIRA PRODUÇÕES ARTÍSTICAS CULTURAIS

p/Produções Artísticas Culturais

Arquive-se.
Gonçalves
15.02.71

D.P.F. - DELEGACIA REGIONAL - GB
CENSURA FEDERAL
PROTOCOLO Nº 7432
DATA 21 / 6 / 1971
ASSINATURA

ENCAMINHE-SE
A BRASÍLIA

MARIA SELMA MIRANDA CHAVES
Chefe da T. C. D. P. - DR/GB.

Jovem platéia de hoje, grande público de amanhã

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 147

D.F.S.P.
025717 - 9 JUL 71

148

AO
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL em Brasília

JOSÉ PAULO DE MELLO LARA, brasileiro, maior, residente e domiciliado na cidade de São Paulo, à rua Martim Francisco, 334 - 13º andar - ap. 1305-A, produtor e diretor de teatro solicita a censura e o devido atestado de censura da peça denominada O CAIXEIRO DA TAVERNA, de autoria de Martins Pena. Exclarece ainda que, a referida peça já obteve desse órgão federal, em 1969, liberação, para ser montada pelo próprio peticionário no 7º Festival Estadual de Teatro Amador do Estado de São Paulo, tendo porém, se extraviado, tanto as peças chanceladas pomo o certificado expedidos pela Censura. A atual montagem será realizada sob patrocinio da Comissão Estadual de Cultura do Governo do Estado de São Paulo, para excursionar pelo Interior paulista.

Nestes Têrmos
Pede Deferimento

José Paulo de Mello Lara

São Paulo, 7 de julho de 1971

DPF — DA — SRA
Recebido 9 / 7 / 71

Endereço para correspondência:
FOLHA DA TARDE
Alameda Barão de Limeira, 401 - 1º andar
São Paulo.

D.P.F. Serv. de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, P 148

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

150

AUTORIZAÇÃO PARA

REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL Série 3/70 - SP Nº 17641

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: O Caixeiro da Taverna

Original de Martins Pena

Música de .....

Tradução de .....

No Teatro Dois Cidade S. Paulo

Emprêsa J. P. Mello Lara Pela Cia. .....

nos dias Para Censura da Peça

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de ..... % ..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ ..... espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

S. Paulo 17 de Julho de 1971

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

(pela SBAT)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 149

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais da qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.150

127

O CAIXEIRO DA TAVERNA

MARTINS PENA

(COMÉDIA EM UM ATO)

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SUCURSAL
1971
EMBARGO PROVISORIO DO SEU TEMPOR

AUTORIZAÇÃO S. B. A. T. Nº 17641

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 151

O CAIXEIRO DA TAVERNA de Martins Penna

(Comédia em um ato)

125

PERSONAGENS:
MANUEL, primeiro caixeiro.
ANGÉLICA, dona de casa.
DEOLINDA, costureira.
FRANCISCO, oficial de latoeiro.
QUINTINO, sargento de fuzileiros.
ANTÔNIO, caixeiro.
(A cena passa-se na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1845)

CENA I

MANUEL, continuando a somar - E 4 são 10, e 9 são 19, e 7 26: soma tudo... 268$320 réis... que deve o Sr. Laurindo da Costa à viuva Pereira, por gêneros comprados na sua taverna durante cinco mêses... êste é bom pagador... dinheiro seguro. (Pegando em outra conta.) O major José Félix deve à viúva Pereira, etc., 129$800... contem com êste. ... dinheiro perdido... é isto! queren todos comer a boa manteiga, o queijo fresco!, e gordo paio... é só mandar um bilhetinho... Sr. Manuel mande-me isto ... Sr. Manuel, mande-me aquilo; mas quando - chega a ocasião de pagar as contas, é que são elas... êste não paga, aquêle desculpa-se, outro descompõe, quer dar no pobre cobrador ... é um inferno... Ora, dêste pobre major eu tenho pena: o soldo mal lhe chega para pagar a casa, e educar os quatro filhos que tem; mas, pensando bem, a venda de minha patroa não é montepio da família militar... a nação que pague... (Chamando) ó José!... José!...

CENA II

MANUEL, vai até a porta e fala - Toma estas contas... vai cobrá-las... os nomes aí estão... (Dá-lhe um maço de papéis.) Se algum dos devedores não quiser pagar, dize-lhe que mandarei publicar o nome no Jornal do Comércio... Anda, vai. Essa é boa! quem come pague, e quem não pode pagar não coma... ó Sr. Antônio! Sr. Antônio! ...

ANTONIO, dentro - Senhor?

MANUEL - Chegue cá.

CENA III

MANUEL - Já chegou a pipa de aguardente que foram buscar?

ANTONIO - Já, sim, senhor.

MANUEL - Pois recolha-a, e logo à noite tempere-a com quatro barris de água.

ANTONIO - Sim, senhor.

MANUEL - Os impostos cada vez estão mais altos, e como não podemos encurtar as medidas, aumentamos o líquido... Em que estado estão aquelas pipas de vinho de Lisboa?...

ANTONIO - As duas pelo meio.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.152

MANUEL - Pois acabo de enchê-las com água fresca, e bote-lhes dentro dois engaços de bananas, e uma porção de pau campeche para dar côr e tom; e, quando o vender, diga aos fregueses que é vinho superior da companhia do Alto-Douro.

ANTONIO - Sim, senhor.

MANUEL - E não se esqueça de pendurar à porta êste letreiro. (Tira de sôbre a carteira um rótulo com letras grandes que digam: ÚNICO DEPÓSITO DA COMPANHIA DO ALTO-DOURO) O público deixa-se levar por estas imposturas... Pode ir... (Antonio sai com o rótulo)

CENA IV

MANUEL - Estou fatigado!.., como custa dirigir uma venda bem movimentada como esta... mas, ah! se eu dela fosse dono, outro galo cantaria ... Há seis anos que cheguei do Pôrto, e ainda sou caixeiro! ... Não pensei, quando vim para o Brasil, que fizesse fortuna tão de vagar... É verdade que sou primeiro caixeiro da taverna da viúva de meu patrão... mas que é isto para mim? para mim, que sou ambicioso?... sim! uma ambição roedora me estraga a alma... dorme e acorda comigo... não me deixa um só instante tranquilo... trasma em delírio, confunde-me as idéias... ah! quantas vezes tenho eu vendido aguardente de França por aguardente do reino, linguiças por paios, e cebolas por alhos!... Ambição! horrível martírio! (entra Francisco)

FRANCISCO - Bons dias, Manuel.

MANUEL - Como estás, Chico?

FRANCISCO - Vamos remando contra a maré.

MANUEL - Chico, tu és bem feliz!

FRANCISCO - Eu? Estás enganado... no mundo não se pode ser feliz sem dinheiro, e eu não o tenho.

MANUEL - Trabalha, e terás.

FRANCISCO - Trabalha! ... Sou, como bem sabes, oficial de funileiro, e já por muitas vezes te tenho dito o que presentemente ganha um oficial de funileiro... Olha, Manuel, minha avó dizia que, no tempo do rei, qualquer que tivesse um ofício, ganhava a vida e ainda ajuntava dinheiro... agora o caso é outro...

MANUEL - Deixa disso.

FRANCISCO - Ora, diz-me, que pode fazer um pobre funileiro do país, quando a rua do Ouvidor está cheia de latoeiros franceses?... Meu caro, se não fossem as seringas que fazemos para os moleques brincarem no carnaval, não sei que seria de nós!

MANUEL - Se vocês trabalhassem tão bem como êles!...

FRANCISCO - É uma mania! ... e todos vão com ela... é obra de estrangeira, e basta!... Não se vê por esta cidade senão alfaiates franceses, dentistas americanos, maquinistas ingleses, médicos alemães, relojoeiros suissos, cabeleireiros franceses, estrangeiros de todas as partes do mundo... e resistam os artistas do país se são capazes! porém meu pai é que é o culpado de estar eu hoje como estou!

MANUEL - Como assim?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 153

FRANCISCO - Em lugar de me ensinar o seu ofício, como me ensinou, podia ter-
-me mandado para S. Paulo estudar leis... eu bem podia ser depu-
tado.

MANUEL - Ah! ah! ah! Dêste modo podemos ser tudo...

FRANCISCO - Manuel, tu és filho de Portugal e não estás bem inteirado da nos
sa Constituição... ela diz: a lei é igual para todos... isto quer
dizer que todos podem ser tudo...

MANUEL - Ah! entendes assim?

FRANCISCO - No talento é que está a diferença... o homem de talento pode ser
tudo quanto quiser... e tu bem sabes que tenho talento... ainda
ninguém pôde fazer, como eu, uma seringa que esguiche água tão
longe.

MANUEL - Ora, chico! (sorrindo)

FRANCISCO - Olha, Manuel, não sei o que te diga... às vezes custa mais fazer
uma seringa de esguicho do que certas leis.

MANUEL - Hoje estás pregador...

FRANCISCO - Estou zangado... tu és feliz...

MANUEL - Feliz!

FRANCISCO - Há oito meses que teu patrão morreu, e a viúva não poderia conti-
nuar com a taverna aberta sem o teu auxílio... eras o único, co-
mo primeiro caixeiro, que sabia das transações do defunto...

MANUEL - (à parte e concentrado) E ainda sou caixeiro!

FRANCISCO - Manuel, um negócio aqui me traz; és meu amigo, devo te comunicar
... até porque és interessado nele...

MANUEL - Interessado! Como?

FRANCISCO - Resolvi me casar.

MANUEL - E qual o meu interêsse no teu casamento?

FRANCISCO - A mulher escolhida por mim é tua patroa.

MANUEL - Minha patroa?!

FRANCISCO - Ela mesma, e tenho razões para supor que lhe não sou indiferente.

MANUEL - (pegando-lhe no braço) Chico, és meu amigo?

FRANCISCO - Duvidas? experimenta...

MANUEL - Desisto dêsse casamento.

FRANCISCO - Que eu desista? e por que?

MANUEL - Por que?... não te posso dizer...

FRANCISCO - Percebo... queres te casar com ela... Pois bem, mostrarei que sou
teu amigo... casa-te, tens mais direito do que eu... já estás em
casa...

MANUEL - (abraçando-o) Obrigado amigo.

FRANCISCO - Pois bem, então me casarei com a nossa vizinha Deolinda...

MANUEL - Chico! tu não te casarás com a Deolinda...

FRANCISCO - Hein!...

MANUEL - Digo-te que não te casarás com ela.

FRANCISCO - Essa agora é melhor!... e por que não me casarei?

MANUEL - A Deolinda já está casada.

FRANCISCO - Casada?!... e com quem?

MANUEL - (em voz baixa) Comigo.

FRANCISCO - Contigo?!.. mas que diabo de trapalhada é essa? e... estás casa
do e queres casar?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 154

MANUEL - Chico, olha para mim.

FRANCISCO - Estou olhando.

MANUEL - Vês em mim um homem profundamente ambicioso...

FRANCISCO - Tu?

MANUEL - Sim, eu!... e de uma ambição frenética, que me levará à sepultura se a não vejo realizada... de uma ambição ambiciosa.

FRANCISCO - Tu me assustas!... acaso queres ser major da guarda nacional?

MANUEL - (com desprêso) Não!

FRANCISCO - Chefe de legião?

MANUEL - Não!

FRANCISCO - Tenente-general?

MANUEL - Não!

FRANCISCO - Conde? Marquês? Ministro?

MANUEL - Não!

FRANCISCO - Manuel, Manuel, que queres tu ser?

MANUEL - (com mistério) Sócio de minha patroa.

FRANCISCO - (rindo) Ah! ah! é só isso?

MANUEL - Só, disse tu?... e que felicidade pode haver no mundo maior para mim? Ah! não sabes que satisfação será a minha quando escrever na conta: Fulano deve a Manuel Pacheco e Viúva Pereira a quantia de tanto, por gêneros comprados em sua venda... sua, amigo! sua!... ela será também minha!

FRANCISCO - Enfim, cada um tem lá sua ambição.

MANUEL - E ainda sou caixeiro!... caixeiro!... sabes tu o que é um caixeiro?... é um traste que paga impôsto à Câmara Municipal, como qualquer carruagem ou burro.

FRANCISCO - Mas não vejo porque não queres que eu me case com tua patroa.

MANUEL - Não percebes?

FRANCISCO - Logo que eu estiver casado, eu te darei sociedade.

MANUEL - Sabes se ela te ama?

FRANCISCO - Julgo que não lhe sou indiferente.

MANUEL - Pois eu digo que ela não te ama, porque me ama.

FRANCISCO - A ti!

MANUEL - Sim, e de uma maneira desesperada, Deus te guarde do amor de mulher velha; é pior do que carrapato em orelha de burro! Compreendes agora a minha posição?

FRANCISCO - Ainda não muito bem.

MANUEL - Por amor - maldito amor!...- me casei em segrêdo com a Deolinda... nem o seu próprio irmão, o sargento Quintino, sabe... pensa agora que será de mim, se minha patroa desconfiar que a desprezei por causa de outra mulher... Ela me expulsará desta casa, e as minhas esperanças serão malogradas... É preciso enganá-la até o dia em que assinarmos a escritura da sociedade...

ANGELICA - (dentro) Manuel?

MANUEL - Ela está me chamando. Vai-te embora.

FRANCISCO- Adeus, e estimo que sejas bem sucedido.

MANUEL - Nem uma palavra...

FRANCISCO - Fica descansado. (sai)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 150

CENA V

MANUEL - Ela vem aí... estou frio... ai que bocado amargo...

ANGELICA - (entrando) Manuel?

MANUEL - Senhora!

ANGELICA - Ah! já estava inquieta...

MANUEL - Oh! isso é bondade de minha patroa. Eu trabalhava.

ANGELICA - Não quero que trabalhes tanto, que podes adoecer... e me farias muita falta.

MANUEL - Ninguém faz falta.

ANGELICA - As pessoas como tu sempre fazem falta.

MANUEL - (à parte) Ai que mêdo!

ANGELICA - Não se encontram muitos caixeiros como tu...

MANUEL - Oh!... minha patroa dá licença que vá ver o balcão como vai?

ANGELICA - Espera! tens sempre tanta pressa quando falo contigo!

MANUEL - Faço minhas obrigações.

ANGELICA - Já te disse que não quero que te mates... não acharei outra pessoa com as tuas qualidades...

MANUEL - Oh! minha patroa! não mereço...

ANGELICA - Mereces tudo... a experiência do mundo tem-me feito conhecer os homens...

MANUEL - (à parte) Que tal a experiência?!

ANGELICA - É meu dever velar pela tua saúde.

MANUEL - Tanta bondade!...

ANGELICA - (suspirando e olhando para êle) Ai! Ai!

MANUEL - Minha patroa sente alguma dor?

ANGELICA - Não...

MANUEL - (à parte) O caso vai mal!

ANGELICA - Manuel, quero te pedir uma coisa...

MANUEL - Ordena que eu cumpro.

ANGELICA - Espero que não frequentes certas ruas desta cidade... e sobretudo essas patuscadas que os caixeiros fazem aos domingos no Jardim Botânico, nos canos da Carioca.

MANUEL - Não gostei nunca dessas brincadeiras.

ANGELICA - Nem deves do mesmo modo frequentar os bailes mascarados.

MANUEL - Bailes!... não sei dançar.

ANGELICA - Manuel, nos bailes mascarados se dança, joga-se... deveriam antes chamar jogos mascarados, ou outro nome que eu não quero dizer.... aí é que a perdição é certa... e o jôgo tem levado muita gente à fôrça; vê lá se queres também...

MANUEL - Morrer enforcado?...

ANGELICA - Tu morreres? ah! (chegando-se para êle) Que seria de mim?... Quero dizer, da minha venda?... Manuel, não faleis em morrer. (Pegando-lhe na mão) Eu te seguiria...

MANUEL - (à parte) Oh! até depois de morto!

ANGELICA - (caindo em si, à parte) Ia me traindo. (Alto) Digo-te isto, porque, se me faltares, o meu negócio vai por água a baixo...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.156

CENA VI

QUINTINO - (entrando com farda de sargento de fuzileiros) Com licença?
MANUEL - (à parte) Abençoada visita!
ANGELICA - Quem é?
QUINTINO - Sargento Quintino.
MANUEL - (reconhecendo-o, à parte) Oh! diabo... é o irmão de minha mulher, e meu cunhado sem o saber.
ANGELICA - Deseja alguma coisa?
QUINTINO - Dois dedos de conversa com o senhor.
MANUEL - Comigo?...
QUINTINO - Sim, senhor.
MANUEL - Pois vamos já pró fora.
ANGELICA - Espera, Manuel; aonde vais?
QUINTINO - Podemos falar aqui mesmo.
MANUEL - (à parte) Ai! ai! ai!
QUINTINO - Disem neste quarteirão que o senhor namora minha irmã.
MANUEL - Eu?!
ANGELICA - Como é isto?
MANUEL - (à parte) Estou bem arranjado...
QUINTINO - Foi a primeira notícia que tive hoje, assim que cheguei na Praia Vermelha... O sapateiro da esquina me disse...
ANGELICA - (enfurecida) Como é isto, Manuel?
MANUEL - O senhor está enganado...(a Angélica) Não sabe o que diz, está bêbado.
QUINTINO - O sapateiro da esquina me disse que o viu entrar ontem à noite lá.
ANGELICA - Entrar lá?
MANUEL - E que prova isso?...
ANGELICA - Que prova?...
MANUEL - Sua irmã não cose para fora?
QUINTINO - Cose, sim, senhor, e com muita honestidade...
MANUEL - Pois então?... mandei fazer umas camisas, e ontem fui ver se estavam prontas; se quiser, vá lhe perguntar.
QUINTINO - Se foi só por isso, o caso é outro...
MANUEL - E por que mais havia ser?... eu lá me importo com sua irmã?... que tenho eu com sua irmã?...
ANGELICA - Manuel!...
MANUEL - Deixe-me!
QUINTINO - Está bem, homem...
ANGELICA - Manuel!
MANUEL - Estou zangado... assim se desacredita um homem de bem!
QUINTINO - Em uma palavra: não a namora?...
MANUEL - Vá-se com todos os diabos você, sua irmã e sua parentela!
QUINTINO - Mais respeito...
MANUEL - Pois não me esquente a cabeça!... Ora, eu tenho mais que fazer ... deixar de cuidar dos interêsses de minha patroa, para namorar sua irmã!... era o que me faltava... diga ao sapateiro que vá conversar com o raio que parta!
QUINTINO - Basta, como não se importa com ela...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p-157

MANUEL - Nem com você, seu piolho!
QUINTINO - (puxando a espada) Piolho? (Manuel corre para trás de Angélica)
ANGELICA - (a Quintino) Senhor!...
QUINTINO - Piolho?... eu te ensinarei...
ANGELICA - Sr. sargento...
QUINTINO - Deixe-me sangrá-lo...
MANUEL - (à parte) Quer fazer a irmã viúva...
ANGELICA - (a Quintino) Tranquilize-se... embainhe essa espada...
QUINTINO - (a Manuel) Eu já rezava por tua alma... respeito as senhoras... é o que te salva!
MANUEL - (à parte) Belo cunhado!
ANGELICA - O Sr. Sargento pode ficar descansado... o Sr. Manuel, meu primeiro caixeiro, não é capaz de aborrecer sua irmã.
MANUEL - Que dúvida!
ANGELICA - Tem outras coisas em que cuidar...
MANUEL - Sim, tenho outras muitas coisas. (Assim dizendo, beija a mão de Ang)
ANGELICA - Ah!... (Pondo a mão sôbre o coração)
QUINTINO - Muito estimo, porque tenho cá umas idéias... quero casá-la...
MANUEL - (à parte) Casar minha mulher!
QUINTINO : (continuando) Com o alferes da minha companhia...
MANUEL - Casá-la com o alferes?...
QUINTINO - Sim, e que tem isso?
MANUEL - Casá-la!
ANGELICA - Que tens tu com isso?...
MANUEL - (constrangendo-se) Nada, nada! (à parte) E então!... (Alto) Pode casá-la com quem quiser... (à parte) O diabo é se ela esquece de que está casada comigo!...
QUINTINO - Meu menino, esta espada corta muito bem orelhas... até mais ver (sai)

CENA VII

MANUEL - Ora aí está como se bota um homem a perder!... vem um diabo dêstes provocá-lo...
ANGELICA - É um desafôro!...
MANUEL - Se não fosse o respeito que tenho a esta casa, tinha-lhe atirado com aquêla pipa na cabeça!
ANGELICA - Soldado fanfarrão!
MANUEL - Case lá a irmã com quem quiser...
ANGELICA - Mas tu te surpreendeste quando êle disse que ia casar a irmã com o alferes?...
MANUEL - Foi surpresa de compaixão... Quem pode ver de sangue frio entregar uma pobre menina daquelas a um extravagante como é o alferes?...
ANGELICA - É extravagante?
MANUEL - Chi!... a patroa não faz idéia!... já foi coronel, e, por causa da sua má cabeça, tem descido de postos... breve estará soldado raso...
ANGELICA - Assim o queiram, assim o tenham... Tratemos de nós...
MANUEL - (à parte) Ai!
ANGELICA - Manuel, estou resolvida a dar sociedade nesta minha venda a certa pessoa...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 158

MANUEL - (à parte) Meu Deus!...

ANGELICA - Uma mulher, por si só, pouco representa... Que dizes do meu projeto?

MANUEL - Que só me resta sair desta casa! ...

MANUEL - Enquanto é dela única senhora, sirvo com prazer, mas quando tiver um sócio, um homem estranho, não posso, não devo...

ANGELICA - (sorrindo) Não sejas tão precipitado... espera um instante...vou lá dentro escrever um papel... não te digo mais nada... verás... Espera, Manuelinho, espera, verás... (sai)

CENA VIII

MANUEL - (só) Será possível?!... ouviram bem os meus ouvidos as suas palavras?... Espera Manuelinho, espera... e verás!... Oh! dita! oh! fortuna!... serei sócio!... oh!... o prazer sufoca-me... daqui a uma hora já não serei caixeiro... vou andar de cabeça levantada, orgulhoso, ufano... Sócio!... palavra mágica! Ninguém, ninguém no mundo perturbará a minha felicidade...

DEOLINDA - (entrando) Manuel?

MANUEL - Oh! esqueci de minha mulher...

DEOLINDA - Ouve.

MANUEL - Vai-te embora.

DEOLINDA - Hein?...

MANUEL - (empurrando-a) Vai-te embora, vai-te embora, diabo!

DEOLINDA - Assim me recebes! ... queres que me vá?

MANUEL - Sim... sim...

DEOLINDA - Sabes o que mais? Isto não pode durar... é preciso que declares o nosso casamento...

MANUEL - (com cólera e falando em voz baixa) Desgraçada! cala-te... cala-te..

DEOLINDA - Se és meu marido...

MANUEL - (tapando-lhe a boca com a mão) Cala-te, ou meto-te esta mão pela boca dentro...

DEOLINDA - (chorando alto) Hi! hi! hi!

MANUEL - (raivoso e falando entre os dentes) Olha que te mato!...

DEOLINDA - Hi! hi! hi!

MANUEL - (na maior aflição) Se minha patroa chega, estou arranjado!...(raivoso) Mulher!... (indo espiar na porta) Hoje me perco!... Ainda estará escrevendo?... (com ternura) Deolinda!

DEOLINDA - Hi! hi! hi!

MANUEL - Deolinda, não chores, tem compaixão de teu marido, que tanto te ama.

DEOLINDA - Deixe-me!... hi! hi! hi!...

MANUEL - (à parte) Se a velha chega... (para Deolinda) Amanhã ou depois declararei... mas hoje não!

DEOLINDA - E até lá, meu irmão estará me maltratando, para que eu me case com o alferes...

MANUEL - Mas tu não te casarás!...

DEOLINDA - Quem sabe!...

MANUEL - Quem sabe?... Isso não é brincadeira... Vê lá...

DEOLINDA - Tenho muito mêdo de meu irmão... e de mais, meu marido está tão misterioso...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.159

MANUEL - E julgas que não tenho razões para proceder assim?... Deolinda, minha cara Deolinda, escuta... minha patroa quer me dar sociedade nesta venda; mas se ela souber que estou casado, vai tudo por água abaixo...

DEOLINDA - E por que?

MANUEL - Ela julga que um homem casado não deve ter sociedade com outra mulher, nem pode dirigir com todo o cuidado uma casa como esta... A mulher, os filhos, a família... tomam tempo...

DEOLINDA - E logo que fores sócio?

MANUEL - Oh! Então declararei nosso casamento.

DEOLINDA - Bem, esperarei... visto que êsse é o motivo...

MANUEL - E que outro poderia ser?... não és tua a minha querida mulher?... Dá-me um abraço, e depois vai embora... dá-me. (abre os braços para abraçar Deolinda)

CENA IX

ANGELICA - (com um papel) Manuel?... (Manuel ouvindo a voz de Angélica, fica com os braços abertos, em ação de abraçar Deolinda)

DEOLINDA - Ah!

ANGELICA - Que é isto?... de braços abertos?...

MANUEL -(Confuso) Estava mostrando o comprimento dos braços, para medida das camisas.

ANGELICA - Ah! a senhora é a Sra. Deolinda, que sae para fora e com muita honestidade?

DEOLINDA - Uma sua criada.

ANGELICA - E que vem em pessoa tomar medida dos freguezes... em suas próprias casas... e tudo isto com muita honestidade?

MANUEL - (à parte) Elas vão se pegar! (Alto) Minha patroa...

DEOLINDA - Minha senhora, a honestidade a gente guarda em tôda a parte quando se é honesta, e quando não se é...

MANUEL - Deolinda!

DEOLINDA - (continuando) Mesmo sem que seja necessário sair de casa, praticam-se atos que envergonham.

ANGELICA - O que?...

MANUEL - (a Deolinda) Cala-te!

DEOLINDA - E falam coisas indignas de uma senhora de bem...

ANGELICA - A menina fala comigo?

DEOLINDA - E só próprios de uma vendelhona...

ANGELICA - Insolente!

MANUEL - Minha patroa!

ANGELICA - Já desta porta para fora... já...

DEOLINDA - (com zombaria) Ofendi a duquesa!

ANGELICA - (querendo ir sôbre ela) Desavergonhada!

MANUEL - (retendo-a) Prudência!

DEOLINDA - Será ela...

MANUEL - (afastando-as) Prudência... minha patroa, Sra.Deolinda!

ANGELICA - Deixa-me ensinar esta malcriada!

DEOLINDA - Malcriada será ela, velha de uma figa!

ANGELICA - Velha! (as duas fercejam para ir uma contra a outra)

MANUEL - (a Deolinda, engarando-se) Minha patroa. (a Angélica) Deolinda, diabo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.160

CENA X

FRANCISCO - Então, como vamos?
MANUEL - Prudência, que aí vem gente.
FRANCISCO - Sra. D. Angélica... (à parte, vendo Deolinda) Deolinda por cá?..
ANGELICA - Sr. Francisco, isto é um horror... um desafôro... o Sr. Manuel traz as suas costureiras... costureiras!... para casa, e elas vêm me insultar...
MANUEL - Eu, minha patroa?... eu, Manuel Pacheco?... pois bem, hoje mesmo sairei desta casa...
ANGELICA - Sair de minha casa?!...
MANUEL - Desconfian de mim... que faço aqui?... não faço nada... vou-me, vou-me com cem milhões de diabos!...
ANGELICA : Manuel!...
MANUEL - Adeus, senhora.
ANGELICA - (retendo-o) Não, tu não sairás... não posso... o meu negócio não pode estar sem ti...
MANUEL - Deixe-me...
ANGELICA - Não! Sr. Francisco, ajude-me a segurá-lo.
FRANCISCO - Então, Manuel, que é isto?...
DEOLINDA - Desgraçada de mim: ela o ama! (vai sair pelo fundo)
ANGELICA - Manuel... Manuel, não me abandones...

CENA XI

QUINTINO : (encontrando-se à porta com Deolinda) Espere aí!
ANGELICA - Quem é?
MANUEL - (à parte) Meu cunhado...
FRANCISCO - (à parte) Chiii!
QUINTINO - (trazendo Deolinda para a frente) Preciso de uma explicação...
DEOLINDA - Me larga.
ANGELICA - (a Quintino) Mas o que é isto, senhor?...
MANUEL - Sim, que é isto?... assim se entra por uma casa?...
QUINTINO - (a Deolinda, sem dar atenção aos demais) Não estavas em casa... muito estimo encontrar-te aqui... é preciso que todos me ouçam... Deolinda, disseram-me que tu te casaste ocultamente!...
DEOLINDA - Eu?...
MANUEL - (à parte) Ai! ai! ai!
ANGELICA - Casada!...
QUINTINO - Não procures me enganar... estou bem informado...
DEOLINDA - Pois bem, confessarei... estou casada.
QUINTINO - Ah! confessas...
MANUEL - (à parte) Estou perdido!...
FRANCISCO - (à parte e ao mesmo tempo) No que dará tudo isso?
ANGELICA - Será possível?!
QUINTINO - Agora quero saber quem é teu marido.
DEOLINDA - Ah! ainda não sabes?... pois então pergunta aí ao Sr. Manuel...
MANUEL - A mim?!
ANGELICA - (ao mesmo tempo) A êle?!...
DEOLINDA - Sim... diga a meu irmão quem é meu marido.
MANUEL - Que eu diga?!...
ANGELICA - Que horrível desconfiança... e esta escritura?... (querendo rasgar o papel)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.161

MANUEL - (Pegando-lhe a mão) Espere!...
DEOLINDA - (à parte) Que ia eu fazendo?...
MANUEL - (a Quintino) Sr. sargento, eu queria guardar segrêdo... porque assim me pediram; mas como o negócio está meio divulgado, falarei... Fui padrinho do casamento...
ANGELICA - Tu?
MANUEL - E sei quem é o marido.
QUINTINO - E quem é?...
MANUEL - O Sr. Francisco.
FRANCISCO - Hein?...
DEOLINDA - Que diz?...
ANGELICA - (ao mesmo tempo) O Sr. Francisco?...
QUINTINO - Ah! o senhor é meu cunhado?...
FRANCISCO - Eu, senhor...
MANUEL - (abraçando Francisco) Amigo, perdoa se falei... (à parte) Salva-me, Chico, salva-me... (alto) O negócio estava meio sabido ... (à parte) Salva-me, Chico... (alto) De que serviria ocultar mais tempo?... (à parte) Diz que te casaste...
FRANCISCO - Mas ~~xxxx~~ se tu...
MANUEL - Estás zangado porque falei (à parte) Salva-me, Chico...
FRANCISCO - (à parte) Tranquiliza-te... (alto) Enfim, como já se sabe... qué remédio... Estou casado com a senhora... a senhora... é minha mulher... (à parte) Já que assim quer o marido...
ANGELICA - (à parte) Aqui há mistério...
QUINTINO - O que está feito está feito... Iogrurem-se... Cunhado, aperta aqui os ossos... Quisera antes que a Deolinda se casasse com o alferes... mas, enfim, também és bom rapaz... Vou encomendar um jantar... há de haver bebedeira grossa... com licença, volto já. (sai)
MANUEL - (à parte) Escapei de boa!..
ANGELICA - Então o Sr. Francisco é casado!...
FRANCISCO- O homem se sacrifica às vêzes...
ANGELICA - (a Manuel) E nunca me disseste nada...
MANUEL - Segrêdo de um amigo...
DEOLINDA - (à parte) Que papel faço eu aqui?...
ANGELICA - (à parte) Estou desconfiada... aqui se engana a alguém... ah! se for a mim... (alto) Manuel, vem comigo, o Sr. Francisco quererá ficar só com sua mulher...
MANUEL - Só com ela?
ANGELICA - E que tem isso?...
MANUEL - (à parte) Pergunta o que tem! (alto) Nada, nada!....
ANGELICA - Pois segue-me. (à parte) Há mistério!...
MANUEL - Eu vou... (à parte a Francisco) Chico!... (Angélica sai, Manuel acompanha Angélica fazendo sinais a Francisco).

CENA XII

FRANCISCO - Pobre Manuel, a quanto o obriga a ambição!
DEOLINDA - Belo marido tenho eu, qué me entrega a outro!
FRANCISCO - Então, Sra. Deolinda... que me diz disto?... Deve estar agradecida... salvei seu marido...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.162

DEOLINDO - Que marido!... êle se envergonha da própria mulher...

FRANCISCO - Não é vergonha, é mêdo...

DEOLINDA - Mêdo?... antes me tivesse casado com outro...

FRANCISCO - Não me quis por marido!...

DEOLINDA - Vou-me embora...

FRANCISCO - (retendo-a) Espere...

DEOLINDA - Não posso mais estar aqui...

FRANCISCO - Devagar, não comprometa seu marido...

DEOLINDA - Deixe-me...

FRANCISCO - Sinto passos... aí vem ela... dê-me um abraço... (abraça-a)

DEOLINDA - (esforçando-se por sair de seus braços) Senhor Francisco!

CENA XIII

MANUEL, que traz algumas garrafas, pára à porta vendo Francisco abraçar Deolinda.

FRANCISCO - Não se espante... Abrace-me, que ela nos vê.

DEOLINDA - (vendo Manuel) Ah! pois bem, abracemo-nos... (abraçam-se) Assim me vingarei dêle...

FRANCISCO - Bravo!... (abraçam-se)

MANUEL - (à parte) Isto não pode ser...

ANGELICA - ~~[illegible]~~.(retendo-o) E que te importa que o Sr. Francisco abrace sua mulher?

MANUEL - É indecente.

ANGELICA - Deixa-os lá e vem comigo... (vai atravessando a cena e sai. Manuel vai acompanhando Angélica)

DEOLINDA - (correndo e retendo Manuel no momento dêste sair) Vem cá.

MANUEL - Traidora!...

DEOLINDA - Ah! está zangado?...

MANUEL - Abraçando-o!...

DEOLINDA - Fiz muito bem; é para seu ensino...

FRANCISCO - Pateta, não vês que era para enganar tua patroa?

MANUEL - Ah! era por isso?... Perdoa-me, Deolinda... Chico, pega estas garrafas.(Dando-as a Francisco) Se soubesses, Deolinda, como sofri hoje!...

FRANCISCO - Agora abracem-se...

MANUEL - Perdoa-me se te dei outro marido... era para nosso bem... dá cá um abraço.

DEOLINDA - (abraçando-o) Sou muito boa em perdoar-te!... (Francisco desarrolha uma garrafa e bebe)

MANUEL - Minha mulherzinha! aperta!

CENA XIV

ANGELICA - (à parte) Que escândalo!... que escândalo!... (os tres ficam espantados) Deixa sua mulher abraçar assim... e vê isso bebendo!... que imoralidade!... que escândalo!...

FRANCISCO - Foi por distração e sêde.

MANUEL - É minha afilhada... sou padrinho, a senhora compreende...

ANGELICA - Sim... é afilhada!... (a Francisco) O senhor, pelo que vejo, não é ciumento... e a menina!... Está bonito!...

FRANCISCO - Entre amigos não deve haver ciúmes, e quando há confiança na amizade, bebe-se.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.163

ANGELICA - E dorme-se... tem razão!... Mas olhe que há muita gente que se perde pela confiança que tem nos amigos! (à parte) Eu saberei o que é isto... (a Manuel) Vai acabar de arrumar as garrafas.

MANUEL - (à parte a Francisco) Cuidado com a bicha! (vai-se)

ANGELICA - Tinha que lhe dar uma palavra... mas ao senhor só.

FRANCISCO - Deolinda, vá esperar lá em casa.

DEOLINDA - Eu vou. (à parte a Francisco) Diga a Manuel que eu o espero lá. (sai)

CENA XV

ANGELICA - (à parte) Hei de saber o que é isto... empregarei um meio...

FRANCISCO - A Sra. D. Angélica está tão pensativa!...

ANGELICA - E tenho motivos para isso... Sr. Francisco, é preciso que eu seja sincera com o senhor...

FRANCISCO - A muito que isso desejo.

ANGELICA - O senhor tem me dado a entender que a minha mão lhe era agradável.

FRANCISCO - Senhora...

ANGELICA - Não tenho correspondido... porque, enfim... uma mulher se acanha ... esperava poder confessar um dia êsse segrêdo... mas ah!... enganei-me... enganei-me...

FRANCISCO - D. Angélica...

ANGELICA - Foi uma semberice!... eu que o amava!...

FRANCISCO - A mim?!...

ANGELICA - Sim, ingrato!... a ti...

FRANCISCO - Oh!... (à parte) O Manuel que se arranje como puder... eu falo...

ANGELICA - Já havia feito esta escritura de casamento... vê... só o nome está em branco... o lugar era para o teu...

FRANCISCO - Dá-ma?

ANGELICA - Agora de nada serve. (Quer rasgar)

FRANCISCO - Não rasgue...

ANGELICA - Estás casado...

FRANCISCO - C^asado!... (à parte) O Manuel que leve o diabo!... (alto) Angélica, quem lhe disse que eu estava casado, mentiu...

ANGELICA - Mentiu?!

FRANCISCO - Eu não estou casado.

ANGELICA - Não estás casado? e quem é o marido da Deolinda?

FRANCISCO - Não lhe posso dizer... mas lhe juro que estou tão solteiro como quando nasci... Eis-me a seus pés... (ajoelha) Dê-me essa promessa...

ANGELICA - Levanta-te... (Quintino aparece à porta do fundo e fica surpreendido)

FRANCISCO - Não me levantarei enquanto não me der a palavra que me fará feliz...

QUINTINO - O marido de minha irmã aos pés de outra mulher!

ANGELICA - Lá de fora podem nos ver...

FRANCISCO - E que vejam!... não serei seu espôso?!... (Manuel aparece à porta da direita e vendo Francisco de joelhos, fica estupefato)

ANGELICA - Talvez!... mas levanta.

FRANCISCO - Não!...

MANUEL - Muito bem!... muito bem!... Falso!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 164

FRANCISCO - (levantando-se) Ah!

ANGELICA - Ah!

MANUEL - Muito bem!

FRANCISCO - Desculpa-me... ela me ama... e eu também a amo.

QUINTINO -(segura a Francisco pela gola da jaqueta) Ah! tu a amas?... e minha irmã, tua mulher?

FRANCISCO - Ai!

QUINTINO - Assim a enganas, patife?

FRANCISCO - Sua irmã não é minha mulher.

QUINTINO - Negas?

ANGELICA - (a Manuel) Quem é o marido dela? Para que me enganaste?... Fala ... eu quero saber... Ah!... não falas? eu me vingarei!... não falas porque tens mêdo... ingrato... eu me vingarei... me vingarei...

MANUEL - (a Angélica) Não sei... posso lá saber quem é o marido de tôdas as mulheres?... disse o que me disseram... pode ser que me engane... minha patroa, deixe-se... assim não nos entendemos...

QUINTINO - (a Francisco) Pensas que podes brincar com o Sargento Quintino? Primeiro hei de te tirar as tripas... pô-las ao sol... Enganar minha irmã!... Tira a mão... tira a mão...

FRANCISCO : (tentando livrar-se) Deixe-me, não sou seu cunhado... já lho disse... ai... ai... não me mate... ai... quem me acode!...Juro que não é minha mulher... ai...ai...(Todos acabam gritando)

CENA XVI

ANTONIO - Que aconteceu?...

DEOLINDA - Que é, Quintino?...

ANTONIO - Minha patroa!

DEOLINDA - Que foi?...

QUINTINO - (a Deolinda) Que foi?!... vim encontrar teu marido aos pés desta senhora!...

DEOLINDA - Meu marido a seus pés?!

QUINTINO - Sim, dizendo que a amava!

DEOLINDA - (indo a Manuel) Traidor!...

MANUEL - Hein?...

DEOLINDA - Assim é que me guardava fidelidade?...

ANGELICA - Ah!...

QUINTINO - Olha que te enganas...

DEOLINDA - Não, não me engano... êste é o meu marido.

QUINTINO E ANGELICA - Seu marido?!...

MANUEL - (à parte) Ai! ai! ai!...

FRANCISCO - (à parte) Pobre Manuel!...

ANGELICA - (a Manuel) Ah!... tu eras casado, e me enganavas...

DEOLINDA - A mim é que enganava...

QUINTINO - Então, com todos os diabos, quem é aqui meu cunhado?...

MANUEL - (apontando para Francisco) É êle! é êle!

FRANCISCO - (apontando para Manuel) É êle! é êle!

QUINTINO - (a Deolinda) Os dois?!

ANGELICA - Espere, Sr. sargento... que eu porei estas coisas em ordem.(à parte a Manuel) Ingrato!... tudo está explicado... e eu me vingarei...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 165

MANUEL - Minha patroa!

ANGELICA - (repelindo-o com um gesto de desprêzo) Sr. Francisco, aqui está a escritura do nosso casamento.(Dá-lhe o papel)

FRANCISCO - Quanto sou feliz!

MANUEL - Mas senhora...

ANGELICA - (interrompendo-o) O Sr. Manuel terá a bondade de procurar outro emprêgo, porque deixa de ser meu caixeiro... Tenho um marido, e nêle um sócio...

MANUEL - Um sócio!... Amigo infiel e pérfido... és a causa da minha desgraça e perdição!...

FRANCISCO - Eu?... Manuel!...

MANUEL - Sim!...

FRANCISCO - Fiz o que pude por ti... fui marido de tua mulher... tu és o culpado, ou não!...

MANUEL - Então, fôste tu?... mulher traidora!...

DEOLINDA - Eu?... não guardei segrêdo?... Queixa-te de ti, de mim, não.

MANUEL - Então fôste tu, pielho do diabo!

QUINTINO - Ora, seu...

MANUEL - Ou tu, velha do inferno!...

ANGELICA - Maleriado!... já por esta porta fora, e vai ser caixeiro do satanás!

MANUEL - (como louco) Caixeiro!...sempre caixeiro!... Oh!...afastem-se de mim!... afastem-se... que estou louco!...desesperado...furioso... para longe!... Serei sempre caixeiro!... caixeiro!... caixeiro!...pagarei sempre impôsto...como uma saca de café... um burro...um cavalo...não sou nada no mundo!.. Cortem-me a cabeça...pendurem-me na porta do açougue...Sou um boi...Pague i direitos na barreira... Sou um boi!... (berra como um boi)

TODOS - Manuel!... (Manuel berra)

DEOLINDA - Meu Deus! está louco!...

TODOS - Louco!... (Manuel berra)

DEOLINDA - Que desgraça!....

FRANCISCO - Coitado!

QUINTINO - Pobre homem!...

ANGELICA - Me dá pena!...

MANUEL - (trazendo Antonio para a frente) Antônio, cai-me de joelhos a teus pés...(ajoelha) Lembra-te da amizade que nos uniu, e faze-me o último favor...(abre a camisa) Enterra-me no coração essa faca de lenha ... transpassa-me o peito com ela... Não queres?...

ANGELICA - Manuel...

MANUEL - Quem me chama?

ANGELICA - É tua patroa!... Manuel, esqueço-me do que me fizeste, e lembrar-me-ei sòmente dos serviços que me tens prestado... serás nosso sócio... não é assim, Chiquinho?

FRANCISCO - Sim... serás nosso sócio!...

DEOLINDA - Serás sócio!... (Manuel levanta-se pouco a pouco)

ANGELICA - Serás nosso sócio... ficarás conosco... Eu te perdôo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.166

MANUEL - Sócio!... ouviram bem meus ouvidos?... Serei sócio!... (caindo de joelhos, e levantando as mãos para o céu) Oh! Meu Deus!... está satisfeita a minha ambição!... (todos falam ao mesmo tempo)

DOLINDA - Está salvo!...

QUINTINO - Pobre sócio!...

ANGELICA - Pobre Manuel!...

FRANCISCO - Pobre amigo!...

MANUEL - Serei sócio!...

FIM DA PEÇA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, 8-167

M. J. – DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

145

TÍTULO O CAIXEIRO DA TAVERNA – PEÇA TEATRAL EM 1 ATO

PARECER

AUTOR: MARTINS PENA

CLASSIFICAÇÃO: 10 ANOS.

LUSITANO AMBICIOSO CASA-SE SECRETAMENTE E ASPIRA A SOCIEDADE DA TAVERNA ONDE TRABALHAVA COMO PRIMEIRO CAIXEIRO. AO SE APERCEBER QUE SUA PATROA LHE DEVOTA INTERÊSSES MATRIMONIAIS, CALA A RESPEITO DE SEU ESTADO CIVIL, FAZENDO-A CRER SER ÊLE TOTALMENTE DESIMPEDIDO. AO NOTAR QUE SEU AMIGO FRANCISCO TAMBÉM DESEJA A MÃO DA VELHA PATROA, ALIMENTANDO POSSIBILIDADE DE TORNAR-SE SÓCIO DA FIRMA, CONVENCE-O ATRAVÉS DE ARGUMENTOS SÓLIDOS A ABANDONAR O SEU INTENTO. NO MOMENTO EM QUE VAI RECEBER O DOCUMENTO DE SOCIEDADE, SURGE SUA MULHER, SEU CUNHADO E SEU AMIGO; ARMANDO UMA ENORME CONFUSÃO QUE RESULTA NA REVELAÇÃO DE SUA REAL SITUAÇÃO CIVIL. TOMADO DE DESESPÊRO E VENDO QUE SUA AMBIÇÃO NÃO SE REALIZARÁ SIMULA UM DESVAIRO SENDO ALVO DA PENA DE TODOS, PRINCIPALMENTE DA PATROA QUE LHE CONCEDE JUNTAMENTE COM FRANCISCO A QUEM CABERÁ LEVÁ-LA À PRETORIA, À AMBICIONADA SOCIEDADE COMERCIAL.

COMÉDIA INTERESSANTE DE AUTORIA DO CONSAGRADO TEATRÓLOGO BRASILEIRO MARTINS PENA FOCALIZANDO O DRAMA E O COTIDIANO DO RIO DE 1.845. EM FACE DA INOCÊNCIA E SIMPLICIDADE COM QUE O AUTOR ABORDA A TEMÁTICA, OPINO PELA LIBERAÇÃO PARA PÚBLICO MAIOR DE 10 ANOS.

BRASÍLIA, 21 DE JULHO DE 1.971

SEBASTIÃO MINAS BRASIL COELHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 168

Processo nº 1275.

Sr. Chefe da Seção de Censura:

Desde 1.967 a peça "O CAIXEIRO DA TAVERNA", da autoria de Martins Pena, vem sendo submetida à consideração do SCDP para efeitos de censura. O texto foi liberado como LIVRE, inicialmente, consoante o Certificado nº 2293/67, anexado ao processo, cuja validade expirou em 27.6.69. Naquele mesmo ano o espetáculo voltou em busca de nôvo certificado, sendo liberado para maiores de 14/catorze/ anos a partir de então. Os pareceres dos Técnicos de Censura que examinaram o "script" divergem no concernente à faixa etária, variando entre LIVRE, 10 ANOS e 14 ANOS.

Em 21 de junho do ano em curso, a emprêsa "Produções Artísticas Culturais", da Guanabara, recorreu da restrição imposta ao espetáculo, arrolando os motivos em sua petição ao Serviço de Censura. Isto posto, e considerando que a peça já foi encenada durante dois anos com censura LIVRE sem nenhum problema decorrente, esta TCTC opina no sentido de seja deferido o recurso acima . De outra parte, sugere que a contar de agora o espetáculo passe a ser liberado sem restrição etária, levando em linha de conta tratar-se de um texto do consagrado comediógrafo nacional Martins Pena, cujo estilo inconfundível sempre se caracterizou pela busca do riso fácil sem apelos ou exageros que jusficassem uma outra impropriedade, como se observa na maior parte dos pareceres juntados ao presente processo.

Brasília, 02/AGÔSTO/71

Paulo Leite de Lacerda

TCTC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0228, f 169

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

146

Senhor Chefe:

Trata-se de corrigir um êrro. Com efeito, não se compreende as sucessivas variações da classificação desta peça. Folheando o processo V. S. encontrará despachos desta Seção de Censura sugerindo que se mantivessem as impropriedades anteriores, o que fêz na total observância do que estabelece o art. 10 da Lei n. 5.536, de 21 de novembro de 1968, vez que os certificados expedidos estavam com a sua validade assegurada.

Não se opõe, contudo, esta Seção de Censura, a que se modifique a impropriedade de 14 anos para LIVRE, de acôrdo com o parecer do Sr. Chefe da TCTC, de vez que o SCDP assim procedendo estará, tão sòmente, fazendo a revisão a que se refere o art. 52 do Decreto n. 20.493, de 24 de janeiro de 1946 e, portanto, praticando um ato perfeitamente legal.

Em: 03 de agôsto de 1971.

Wilson de Queiroz Garcia
Chefe da Seção de Censura.

De acôrdo.
Proceda-se a substituição do Certificado emitido em favor de Produções Artísticas Culturais, sem restrição etária.
3.8.71

DPF-SAv. 241

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 170

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4 017/71

PEÇA * O CAIXEIRO DA TAVERNA *

ORIGINAL DE MARTINS PENNA

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 03 de AGOSTO de 19 76

CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

Brasília, 03 de AGOSTO de 19 71

Chefe do S. C. D. P.

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

M.J.-D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 26, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada:

O CAIXEIRO DA TAVERNA

Original de MARTINS PENNA

Tradução de

Adaptação de

Produção de PRODUÇÕES ARTÍSTICAS CULTURAIS - GUANABARA

Tendo sido censurada em 02 de AGOSTO de 1971 e recebido a seguinte classificação: L I V R E :::: CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

O PRESENTE CERTIFICADO SÒMENTE TERÁ VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDA - MENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 03 de AGOSTO de 1971

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

~~Chefe da Turma de Censura de Teatro~~

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 171

DPF- Sav. 150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 172

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEMORANDO Nº 594 /71 Em, 5 / agôsto / 71

Do: Chefe da Seção de Censura do SCDP
Ao: Sr. Chefe da TCDP_DR-DPF/GB
As: Providências (solicita)

Senhor Chefe:

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste SCDP esteja de acôrdo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido - minucioso relatório a respeito.

Peça: O CAIXEIRO DA TAVERNA
Autor: MARTINS PENNA
Intrs: PROD.ARTISTICAS CULTURAIS
Endrç: RIO DE JANEIRO _ GB

Atenciosamente,

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe da Seção de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.173

152

10 ABR 1516 BSF 16319

SECRETARIA

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EMPRESAS DE RADIODIFUSÃO DO ESTADO DA GUANABARA

Rio de Janeiro, 6 de abril de 1972

Ilmo. Sr.
Diretor do
DEPARTAMENTO DE CENSURA FEDERAL
B R A S I L I A - D.F.

O abaixo assinado, responsável pelo Departamento Cultural do Sindicato dos Radialistas da Guanabara, vem, mui respeitosamente, solicitar sejam liberados para exibição, os textos em anexo.

O DILETANTE	- Comédia em 1 ato de Martins Penna
OS TRES MEDICOS	- Comédia em 1 ato de Martins Penna
O CAIXEIRO DA TAVERNA	- Comédia em 1 ato de Martins Penna
A CHEGADA DO LAMPIÃO NO INFERNO	- de Leandro Filho
GASPARINHO E O JACARÉ	- de Pedro Touron
A RÃ E O BOI	- Adaptação da Fábula
O ALFAIATE DESASTRADO	- de Geraldo Casé
MALVADA E RUINDADE	

Respeitosamente

Glauco Fassheber

Glauco Fassheber
Presidente em exercicio

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

Serv. de Orient. de Diversões Públicas — D. P. F.

RUA FRANCISCO SERRADOR, 90,
CONJUNTO 302
RIO DE JANEIRO/GB
TEL.: 222-9282

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 174

153

O CAIXEIRO DA TAVERNA

MARTINS PENNA

PERSONAGENS:

MANUEL - Primeiro caixeiro

ANGÉLICA - Dona da Taverna

DEOLINDA - Costureira

FRANCISCO - Oficial de latoeiro

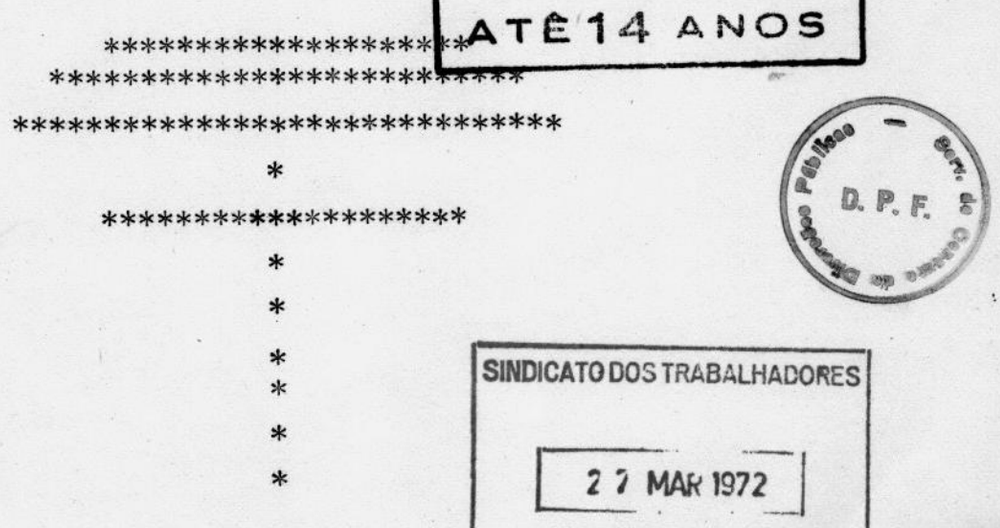
QUINTINO - Sargento de Fuzileiro

ANTONIO - Caixeiro

JOSÉ - Caixeiro (Personagem muda)

A CENA PASSA-SE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO NO ANO DE 1845

IMPRÓPRIO ATÉ 14 ANOS



Serv. de Censura de Diversões Públicas D. P. F.

SINDICATO DOS TRABALHADORES
27 MAR 1972
EM EMPRESAS DE RADIODIFUSÃO DA GB.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 175

O CACHEIRO DA TAVERNA

15"

ATO UNICO

O teatro, na antecena, representa uma sala com portas laterais e duas ao fundo, pelas quais se vê o interior de uma taverna com seu balcão, onde estará um caixeiro e mais arranjos necessários - tudo distribuido de modo tal, que fiquem bem á vista do espectador as pessoas de diferentes condições que entram na taverna durante a representação: De um e outro lado da sala, haverão algumas pipas, como é costume nas tavernas. No primeiro plano, á esquerda, uma escrivaninha apropriada ao lugar, etc.

CENA I

Ao levantar do pano, (Manuel) estará sentado á escrivaninha, verificando contas.

MANUEL - (Continuandoa soma) - ... e 4 são 10, e 9, 19, e 7, 26, soma tudo... duzentos e sessenta e oito mil trezentos e vinte réis... que deve o sr. Laurindo dá Costa à viuva Pereira, por gêneros comprados em sua taverna durante cinco meses. Êste é bom pagador, dinheiro seguro. (Pegando em outra conta) O Major Felix deve à viuva Pereira, etc., cento e vinte e nové mil e oiténta réis... Contem com êste... dinheiro perdido... É isto, querem todos comer a boa manteiga, o queijo frescal, o gordo pato... É só mandar um um bilhetinho: Sr. Manuel, mande-me aquilo; mas quando chega a ocasião de pagar as contas é que são elas. Êste não paga, aquêle desculpa-se, outro descompõe, quer dar no pobre cobrador... É um inferno!... Ora, dêste pobre major tenho pena. Mal lhe chega o sôldo para pagar casa e educar quatro filhos que tem; mas, bem pensanso, a venda de minha ama não é montepio militar... A nação que pague! (Chamando) O José! José?

IMPRÓPRIO ATÉ 14 ANOS

CENA II

Entra um menino de 12 anos, de calça e em manga de camisa, calçado de tamancos e muito sujo.

D. P. F.

MANUEL - Toma estas contas, vai cobrá-las. Os nomes aí estão - (Dá um maço de papeis) Se algum dos devedores não qui

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0228, p. 176

155

- ser pagar, dize-lhe que o madarei pôr no Jornal do Comércio. Anda, vai... (O menino sai) É o que se vê tal do anda pingando: (Levantando-se) É boa! Quem come, paga! E quem não paga, não come... Ó sr. Antonio! Sr. Antonio!

ANTONIO - (Dentro) - Senhor!

MANUEL - Chegue cá.

C E N A III

Manuel e Antonio, que entram do mesmo modo que José

MANUEL - Chegou a pipa de águardente que se foi buscar ao Trapiche da Ordem?

ANTONIO - Já, sim senhor.

MANUEL - Pois recolha-a, e logo à noite tempere-a com quatro barris de água.

ANTONIO - Sim senhor.

MANUEL - Os direitos cada vez estão mais subindo, e como não podemos encurtar as medidas, aumentamos o líquido... Em que estado estão aquelas pipas de vinho de Lisboa?

ANTONIO - Ambas pelo meio.

MANUEL - Pois acabe de as encher com água fresca e bote-lhe / dentro dois engaços de bananas e uma porção de pau-campeche para lhe dar côr e tom; e quando o vender, diga aos fregueses que é vinho superior da Companhia de Alto-Douro.

ANTONIO - Sim, senhor.

MANUEL - E não se esqueça de pendurar à porta êste letreiro. (Tira de sôbre á carteira um rótulo com letras grandes, que dizem: ÚNICO DEPÓSITO DA COMPANHIA DO ALTO-DOURO) O público deixa-se levar por estas imposturas. Pode ir. (Antonio sai com o rótulo).

C E N A IV

Manuel e depois Francisco

IMPRÓPRIO ATÉ 14 ANOS

MANUEL - Estou fatigado! Muito custa dirigir-se uma venda bem afreguesada como esta. Mas, ah, se eu dela fôsse dono, outro galo cantaria... há seis anos que cheguei do Porto e ainda sou caixeiro. Não pensei, quando vim para o Brasil, que fizesse fortuna tão devagar. É verdade que sou primeiro caixeiro da taverna da viuva dé

Censura de Diversões Públicas D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.177

156

- meu amo, mas o que é isto para mim? Para mim, que sou ambicioso? Sim, uma ambição roedora me estraga a alma, dorme e acorda comigo, não me deixa um só instante tranquilo; traz-me e, delirio, confunde-me as idéias. Ah, quantas vêzes tenho eu vendido aguardente de França por aguardente do Reino, linguiças por paio e cebólas por alhos! Ambição, horrível martírio, quando terei eu satisfeita? (Entra Francisco).

FRANCISCO - Adeus, Manuel.

MANUEL - Como estás, Chico?

FRANCISCO - Vamos remando contra a maré.

MANUEL - Chico, tu és bem felix!

FRANCISCO - Eu? está enganado; no mundo não de pode ser felix / sem dinheiro, e eu não o tenho.

MANUEL - Trabalha e terás.

FRANCISCO - Trabalha! Sou, como bem sabes, oficial de latoeiro, e já por muitas vêzes te tenho dito o que presentemente ganha um oficial de latoeiro. Olha, Manuel, minha avó dizia que no tempo dos vice-reis e mesmo nó tempo de el-rei, qualquer que tivesse um ofício ganhava a vida e ainda ajuntava dinheiro. Agora o caso é outro.

MANUEL - Deixa-te disso.

FRANCISCO - Ora, dize-me, o que pode fazer um pobre latoeiro do país, quando a Rua do Ouvidor está cheia de latoeiros e lampistas franceses? Meu caro, se não fôssem / as seringas que fazemos para os moleques brincarem o entrudo, não sei o que seria de nós.

MANUEL - Se vocês trabalhassem tão bem como êles...

FRANCISCO - É um engano, é uma mania, e todos vão com ela; é obra estrangeira, e basta! Não se vê por esta cidade senão alfaiates franceses, destistas americanos, maquinistas inglêses, médicos alemães, relojoeiros suiços, cabelereiros franceses, estrangeiros de tôdas as seis partes do mundo. E resistam os artistas do país, se não capazes, a essa torrente! Porém meu pai é que é o culpado de estar eu hoje assim?

MANUEL - Como assim?

FRANCISCO - Em lugar de ensinar-me o seu ofício, como ensinou-me, poderia ter-me mandado para S. Paulo estudar leis. Bem podia estar deputado.

Serv. de Censura de Diversões D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.178

157

- Ah, ah, ah! Dêste modo podemos ser tudo...

FRANCISCO - Manuel, tu és filho de Portugal e não está bem ao fa to da nossa Constituição. Ela diz: A lei é igual para todos. Is to quer dizer que todos podem ser tudo.

MANUEL - Ah, entendes assim?

FRANCISCO - No talento é que está a diferença. O homem de talento pode ser tudo quanto quizer, e tu bem sabes que eu tenho talento... Ainda ninguém pôde fazer, como eu, uma seringa de entrudo que esguiche água mais longe.

MANUEL - Ora, Chico! (Sorrindo-se).

FRANCISCO - Olha, Manuel, não sei o que te diga; às vêzes custa mais fazer-se uma seringa de esguicho do que certas leis.

MANUEL - Estás hoje pregador.

FRANCISCO - Estou zangado; tu és feliz.

MANUEL - - Feliz?

FRANCISCO - Há oito meses que teu amo morreu e a viuva não poderia continuar com a taverna aberta sem o teu auxilio. Eras o único, como primeiro caixeiro, que sabia das transações do defunto.

MANUEL - (À parte e concentrado) - E ainda sou caixeiro.

FRANCISCO - Manuel, um negócio aqui me traz. És meu amigo, devo comunicar-te, até porque és nêle interessado.

MANUEL - Estou resolvido a casar-me.

MANUEL - Queres-me dar interêsse no teu casamento?

FRANCISCO - Não. A mulher escolhida por mim é a tua ama.

MANUEL - Minha ama?

FRANCISCO - Ela mesma, e tenho razões para supor que lhe não sou indiferente.

MANUEL - (Pegando-lhe pelo braço) - Chico, és meu amigo?

FRANCISCO - Duvidas? Experimenta.

MANUEL - Desiste dêsse casamento.

FRANCISCO - Que eu desista? E por que?

MANUEL - Por que? Não te posso dizer .

FRANCISCO - Percebo... Queres-te casar com ela. Pois bem, mostrarei que sou teu amigo. Casa-te; têns mais direito do que eu... já estás em casa .

Serviço de Diversões Públicas D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.179

158

MANUEL - (Abraçando-o) - Obrigado, amigo!

FRANCISCO - Pois bem, casar-me-ei com a nossa vizinha Deolinda.

MANUEL - Chico, tu não te casarás com Deolinda!

FRANCISCO - Hem?

MANUEL - Digo-te que não casarás com ela.

FRANCISCO - Essa agora é melhor! E por que não me casarei?

MANUEL - A Deolinda já está casada.

FRANCISCO - Casada? E com quem?

MANUEL - (Em voz baixa) - Comigo.

FRANCISCO - Contigo? Mas que diabo de trapalhada é essa? És casado e queres casar?

MANUEL - Chico, olha atentamente para mim.

FRANCISCO - Estou olhando .

MANUEL - Vês em mim um homem profundamente ambicioso...

FRANCISCO - tu?

MANUEL - Sim, eu! E de uma ambição tão frenética, que me levará à sepultura se a não vejo realizada... De uma ambição ambiciosa!

FRANCISCO - Tu me assustas! Acaso queres ser major da Guarda Nacional?

MANUEL - (Com desprêso) - Não.

FRANCISCO - Chefe de Legião?

MANUEL - Não.

FRANCISCO - Tenente-general?

MANUEL - Não.

FRANCISCO - Conde? Marquês? Ministro?

MANUEL - Não.

FRANCISCO - Manuel, Manuel, que queres tu ser?

MANUEL - (Com istério) - Sócio de minha ama!

FRANCISCO - (Rindo-se) - Ah, ah! E só isso?

MANUEL - Só, dizes tu? E que felicidade pode hever no mundo maior para mim? Ah, não sabes que satisfação será a minha, quando escrever em uma conta: Fulano deve a Manuel Pacheco e Viuva Pereira a quantia de tanto, por gêneros comprados em sua venda. Sua, amiga sua! Ela será também minha!

FRANCISCO - Enfim, cada um tem lá ambição a seu modo.

Serv. de Censura de Diversões Públicas D. P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.180

159

MANUEL - E ainda sou caixeiro! Caixeiro! Sabes tu o que é um caixeiro? É um traste que paga impôsto à CÂmara Municipal, como quelquer carruagem ou burro.

FRANCISCO - Mas não vejo porque não queres que eu case com tua ama.

MANUEL - Não vês?

FRANCISCO - Logo que estiver casado, prometo dar-te sociedade.

MANUEL - Sabes tu se ela te ama?

FRANCISCO - Julgo que não lhe sou indiferente.

MANUEL - Pois digo-te eu que ela não te ama, porque ama-me.

FRANCISCO - A ti?

MANUEL - Sim, e de maneira desesperada e danada. Amigo, Deus te guarde de amor de mulher velha; é pior do que carrapato em orelha de burro. Compreendes agora a [illegible] posição?

FRANCISCO - Ainda não muito bem.

MANUEL - Por amor - maldito amor!... casei-me em segrêdo com a Deolinda; nem o seu próprio irmão, o Sargento Quintino, o sabe. Pensa agora o que será de mim, se minha ama desconfiar que a desprezei por causa de outra mulher ... Raivosa, expulsarme-á desta casa e minhas esperanças serão malogradas. É preciso enganá-la até o dia em que assinarmos a escritura de sociedade.

ANGELICA - (Dentro) - Manuel?

MANUEL - Ela que me chama! Vai-te embora!

FRANCISCO - Adeus, e estimo que sejas bem sucedido.

MANUEL - Nem palavra...

FRANCISCO - Fica descansado. (S ai)

C E N A V

Manuel e deppis Angélica

MANUEL - Ela aí vem. Estou frio! Ai, que bocado amargoso! Eila.

ANGELICA - (Entrando) - Manuel?

MANUEL - Senhora minha ama?

ANGELICA - Ah, já estava inquieta...

MANUEL - Oh, isso é bondade de minha ama. Trabalhava.

ANGELICA - Não quero que trabalhes tanto, que podes adoecer.

Serv. de Censura de Diversões Públicas D. P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 181

160

- Far-me-ias muita falta.

MANUEL - Ninguém faz falta.

ANGELICA - As pessoas como tu fazem sempre falta.

MANUEL - (À parte) - Temo-la.

ANGELICA - Não se encontram muitos caixeiros como tu.

MANUEL - Oh, minha ama, dá licença que vá vêr aquilo lá pelo bälcão como vai.

ANGELICA - Espera! Tens sempre tanta pressa quando falo contigo...

MANUEL - Acudir às minhas obrigações.

ANGELICA - Já te disse que não quero que te mates. Não acharei outra pessoa com as tuas qualidades.

MANUEL - Oh, minha ama, não mereço.

ANGELICA - Mereces tudo. A experiência do mundo tem-me feito conhecer os homens.

MANUEL - (À parte) - Que tal a experiência?

ANGELICA - É todo o meu cuidado zelar a tua saúde.

MANUEL - Tanta bondade!

ANGELICA - (Suspirando e olhando para êle) - Ai, ai!

MANUEL - Minha ama, sente alguma dor?

ANGELICA - Não.

MANUEL - (À parte) - O caso está mau.

ANGELICA - Manuel, uma coisa te quero eu pedir.

MANUEL - È uma ordem que recebo.

ANGELICA - Espero que não frequêntes certas ruas desta cidade e que, sobretudo, não arranques para essas pastücadas dos domingos, que fazem os caixeiros no Jardim Botânico, nos cantos da Carioca e nas Paineiras. Tens visto o resultado.

MANUEL - Nunca gostei dêsses pagodes.

ANGELICA - Nem deves do mesmo modo frequêntar bailes mascarados.

MANUEL - Bailes? Não sei dançar.

ANGELICA - Manuel, nos bailes mascarados não se dança, joga-se! Dever-se-iam antes chamar jogos mascarados, ou outros nomes que eu não quero dizer. Aí é que a perdição é certa... E o jôgo tem levado muita gente boa à forca; vê lá se queres também...

Serv. de Censura e Diversões Públicas D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0229, p-182

MANUEL - Morrer enforcado? Nada!

A NGELICA - Tu morreres? Ah! (Chegando-se para êle) - O que seria de mim, quero dizer, da minha venda, Manuel? Não fales em morrer. (Pegando-lhe na mão) Eu te seguiria ...

MANUEL - (À parte) - Oh, homem, até depois de morto!

ANGELICA - (Caindo em si, à parte) - Ia traindo-me (Alto) Digote isto, porque se me faltares , o meu negócio vai por água abaixo.

C E N A VI

Manuel, Angélica e Quintino com farda de sargento de fuzileiros.

QUINTINO - (Entrando) - Licença.

MANUEL - (À parte) - abençoada visita!

ANGELICA - Quem é?

QUINTINO - Um criado.

MANUEL - (Reconhecendo-o e à parte) - Oh, diabo, é o irmão de minha mulher e meu cunhado sem o saber!

ANGELICA - Deseja alguma coisa?

QUINTINO - Dois dedos de conversa ali com o sr. ...

MANUEL - Comigo?

QUINTINO - Sim senhor.

MANUEL - Pois vamos cá para fora .

ANGELICA - Espera, Manuel, onde vais?

QUINTINO - Podemos falar aqui mesmo.

MANUEL - (À parte) - Eu tremo....

QUINTINO - (Ponde a barretina à cabeça, de lado) - Dizem neste quarteirão que o senhor namora minha irmã.

MANUEL - Não há tal.

ANGELICA - Como é lá isso?

MANUEL - (À parte) - Estou arranjado...

QUINTINO - Foi a primeira notícia que hoje tive, assim que cheguei da Praia Vermelha. O sapateiro da esquina disse-me...

ANGELICA - (Enfurecida) - Como é isso, Manuel?

Serv. de Censura e Diversões P. F. D. P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.183

162

MANUEL - O senhor está enganado. (Para Amgélica) - Não sabe o que diz, está bebado.

QUINTINO - O sapateiro da esquina disse-me que o viu entrar ontem à noite lá.

ANGELICA - Entrar lá?

MANUEL - E o que prova isso?

ANGELICA - O que prova? E esta!...

MANUEL - Sua irmã não cose para fora?

QUINTINO - Cose, sim senhor, e com muita honestidade.

MANUEL - Pois então? Mandei fazer por ela umas camisas e fui ontem vêr se estavam prontas; se quizer, vá perguntar-lhe.

QUINTINO - Se foi só por isso, o caso é outro...

MANUEL - E por que mais havia ser? Importo-me cá com sua irmã? O que tenho eu com sua irmã? Faço lá caso dela ? (À parte) - E não me quer deitar a perder?

ANGELICA - Manuel!

MANUEL - Deixe-me.

QUINTINO - Está bom, homem.

ANGELICA - Manuel!

MANUEL - Estou zangado! Assim se desacredita ao homem de bem.

QUINTINO - Em uma palavra, não a namora?

MANUEL - Vá-se com os diabos você, sua irmã e tôda a sua parentalha.

QUINTINO - Mais respeito.

MANUEL - Pois não me esquenta a cabeça! Ora, não tenho eu mais que fazer? Deixar de cuidar nos interêsses de minha ama, para namorar sua irmã. Era o que me faltava... Diga ao sapateiro que vá conversar com os defuntos. Urra!

QUINTINO - Basta. Como não se importa com ela...

MANUEL - Nem com você, sô barbarças!

QUINTINO - (Puxando da espada) - Barbaças? (Manuel corre para trás de Angélica).

ANGELICA - (Para Quintino) - Senhor!

QUINTINO - Barbaças? Eu te ensinarei.

ANGELICA - Senhor sargento...

D. P. F. — Serv. de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p 184

163

QUINTINO - Deixe-me sangrá-lo.

MANUEL - (Àparte) - Quer fazer a irmã viúva...

ANGELICA - (Para Quintino) - Tranquilize-se, embainhe essa espada.

QUINTINO - (Para Manuel) - Já eu te rezava por alma. Respeito / as senhoras; é o que te salva .

MANUEL - (À parte) - Belo cunhado!

ANGELICA - O senhor sargento pode ficar socegado; o sr. Manuel, meu primeiro caixeiro, não é capaz de desinquietar sua irmã.

MANUEL - Que dúvida!

ANGELICA - Tem outras coisas em que cuidar.

MANUEL - Sim, tenho outras muitas coisas. (Assim dizendo, pega na mão deAngélica e beija).

ANGELICA - Ah! (Pondo a mão sôbre o coração).

QUINTINO - Muito estimo, porque tenho cá certas vistas a seu respeito... Quero casá-la...

MANUEL - (À parte) - Casar minha mulher!

QUINTINO - (Continuando) - ... com o alferes de minha companhia.

MANUEL - Casá-la com o alferes?

QUINTINO - Sim. E tem que dizer?

MANUEL - Casá-la!

ANGELICA - E o que tens tu com isso?

MANUEL - (Constrangendo-se) - Nada, nada! (À parte) E então? (Alto) Pode casá-la com quem quiser (À parte) O diabo é se ela se esquece que está casa comigo...

QUINTINO - Meu menino, esta espada corta muito bem orelhas ... E guarde-os Deus. (Sai).

C E N A VII

Manuel e Angélica

MANUEL - Ora, aí está como se bota um homem a perder. Vem o diabo de um Ferrabrás dêstes provocá-lo.

ANGELICA - É um desaforo!

MANUEL - Se não fôsse o respeito que tenho a esta casa, tinha-lhe atirado com aquela pipa à cabeça.

D. P. F. — Serv. de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 180

164

ANGELICA - Soldado de tarimba!

MANUEL - Case lá a irmã com quem quizer.

ANGELICA - Mas tu te surpreendeste quando êle disse que a ia casar com o alferes.

MANUEL - Foi surpresa de compaixão. Quem pode ver de sangue / frio entregar uma pobre menina daquelas a um extravagante como é o alferes?

ANGELICA - É extravagante ?

MANUEL - Xi, como não faz idéia! Já foi coronel, e por causa de sua má cabeça tem descido de posto; breve estará soldado raso. Mas deixá-lo...

ANGELICA - Assim o querem, assim o tenham. Tratemos de nós.

MANUEL - (À parte) - Ai!

ANGELICA - Manuel, eu estou resolvida a dar sociedade nesta minha venda a certa pessoa...

MANUEL - (À parte) - Meu Deus!

ANGELICA - Um mulher, por si só, pouco representa. Que dizes do meu projeto?

MANUEL - Que só resta-me sair desta casa.

ANGELICA - Sair de minha casa?

MANUEL - Enquanto sois dela única senhora, sirvo com prazer; mas quando tiverdes um sócio, um homem estranho, não posso, não devo.

ANGELICA - (Sorrindo) -Não sejas tão precipitado; espera um instante. Eu vou lá dentro escrever um papel; não te digo mais nada... Lerás.. Espera, Manuelinho, espera; lerás... (Sai).

C E N A VIII

Manuel, só, e depois Deolinda

MANUEL - Será possível? Ouviram bem meus ouvidos suas palavras? Espera, Manuelinho, espera e lerás. Ó dita! Ó fortuna! Serei só cio! Sócio! Oh, o prazer sufoca-me; daqui a uma hora já não serei caixeiro; vou andar de cabeça levantada, orgulhoso, ufano... Sócio! Palavra mágica! Ninguém, ninguém no mundo perturbará a minha felicidade.

DEOLINDA - (Entrando) - Manuel!

D. P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 186

165

MANUEL - Oh, que havia-me esquecido de mi nha mulher.

DEOLINDA - Ouve...

MANUEL - Vai-te embora!.. .

DEOLINDA - Hem?

MANUEL - (Empurrando-a) - Vai-te embora, vai-te embora, diabo!

DEOLINDA - Assim me recebes? Queres que me vá?

MANUEL - Sim, sim.

DEOLINDA - Sabes que mais? Isto assim não pode durar... É preciso que declares o nosso casamento.

MANUEK - (Com cólera e falando baixo) - Desgraçada, cala-te, cala-te!

DEOLINDA - Se és meu marido...

MANUEL - (Tapando-lhe a bôca com a mão) - Cala-te, ou meto-te esta mão pela bôca a dentro.

DEOLINDA - (Chorando alto) - Ha! hi! hi!

MANUEL - (Raivoso e falando entre os dentes) - Olha que te mato!

DEOLINDA - Ha! hi! hi!

MANUEL - (Na maior aflição) - Se minha ama chega, estou arranjado! (Raivoso) Mulher! (Indo espiar à porta) Hojé me perco! Ainda estará escrevendo? (Com ternura) Deolinda...

DEOLINDA - Ha! hi! hi!

MANUEL - Deolinda, não chores, tem compaixão de teu marido, / que tanto te ama.

DEOLINDA - Deixe-me! Hi! hi! hi!

MANUEK - (Àparte) - Se a velha chega.!. (Para Deolinda) Amanhã eu depois tudo declararei, mas hoje, oh!

DEOLINDA - E até lá, meu irmão estará maltratando-me e, atrapalhando-me para que eu me case com o alferes.

MANUEL - Mas tu não te casarás!

DEOLINDA - Quem sabe!

MANUEL - Quem sabe? Isso são graças? VÊ lá...

DEOLINDA - Tenho muito mêdo do meu irmão, e demais, meu marido está tão misterioso... Não quer declarar-se...

MANUEL - E julgas que não tenho razões para assim fazer? De-

P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p-187

- linda, minha cara Deolinda, escuta-me: Minh ama quer dar-me sociedade nesta venda, mas se ela souber que estou casado, tudo desfará.

DEOLINDA - E por que?

MANUEL - Ela julga que um homem casado não deve ter sociedade com outra mulher e nem pode dirigir com todo o cuidado uma casa como esta. A mulher, os filhos, a família... tomando tempo...

DEOLINDA - E logo que fores sócio...

MANUEL - Oh, então declarar-me-ei...

DEOLINDA - Bem, esperarei, visto que êsse é o motivo.

MANUEL - E que outro poderia ser? Não és tu a minha querida mulher? Dá-me um abraço e vai-te embora. Dá-me (Abre os braços para abraçá-la. Angélica entra neste momento).

C E N A IX

Angélica com um papel e os ditos

ANGELICA - Manuel? (Manuel, ouvindo a voz de Angélica, fica com os braços abertos. Na ação de abraçar Deolinda)

DEOLINDA - Ah!

ANGELICA - O que é isto, Com os braços abertos?

MANUEL - (Confuso) - Estava mostrando o cumprimento dos braços, para medidas das camisas.

ANGELICA - Ah, a senhora é a sra. Deolinda, que coze para fora e com muita honestidade?

DEOLINDA - Uma sua criada.

ANGELICA - E que vem em pessoa tomar medidas aos freguezes ... em suas próprias casas... e tudo com muita honestidade?...

MANUEL - (À parte) - Elas pegam-se! (Alto) Minha ama!

DEOLINDA - Minha senhora, a honestidade guarda-se em tôda a parte quando se é honesta; e quando não se é...

MANUEL - (Para Deolinda) - Deolinda!

DEOLINDA - (Continuando) ... mesmo sem que seja necessário sair-se de casa, pratica-se atos que envergonham...

A NGELICA - O quê?

MANUEL - (Para Deolinda) - Cala-te!

D. P. F. Serv. de Censura e Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 188

167

DEOLINDA - ... e dizem palavras indignas de uma senhora de bem.

A NGELICA - A menina fala comigo?

DEOLINDA - ... e só próprias de uma vendelhona!

ANGELICA - Insolente!

MANUEL - Minha ama!

ANGELICA - Já desta porta para fóra... Já!

DEOLINDA - (Com zombaria) - Ofendi a duquesa?

ANGELICA - (Querendo ir sôbre ela) - Desavergonhada!

M'NUEL - (Retendo-a) - Prudência!

DEOLINDA - Será ela...

MANUEL - (Afastando-as) Prudência... Senhora minha ama! Sra. Deolinda!

ANGELICA - Deixa-me ensinar esta malcriada!

DEOLINDA - Malcriada será ela, velha de uma figa!

ANGELICA - Velha? (Angélica e Deolinda forcejam para ir uma contra a outra).

MANUEL - (Para Deolinda, enganando-se) - Senhora minha ama! (Para Angélica, do mesmo modo) - Deolinda! Diabo!

C E N A X

Francisco e os ditos

FRANCISCO - Então, o que temos?

MANUEL - Prudência, que aí vem gente.

FRANCISCO - Sra. D. Angélica... (À parte, vendo Deolinda) Deolinda por cá? Mau!

ANGELICA - Sr. Francisco, isto é um horror, um desafôro! O sr. Manuel traz as suas costureiras - costureiras!- para casa e elas vêm insultarem-me.

MANUEL - Eu, senhora minha ama? Eu, Manuel Pacheco? Pois bem, hoje mesmo sairei desta casa.

ANGELICA - Saírás de minha casa?

MANUEL - Desconfiam de mim... Que faço aqui? Não faço nada. Vou-me, vou-me com cem mil milhões de diabos.

ANGELICA - Manuel!

MANUEL - Adeus, senhora.

ANGELICA - (Retendo-o) - Não, tu não sairás... não posso... meu negócio não pode estar sem ti.

Serviço de Documentação P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p-189

168

MANUEL - Deixe-me!

ANGELICA - Não! Sr. Francisco, ajude a segurá-lo.

FRANCISCO - Então, Manuel, o que é isto?

DEOLINDA - Desgraçada de mim! Ela o ama! (Vai a sair pelo fundo).

A NGELICA - Manuel, Manuel, não me abandone...

C E N A XI

Quintino e os ditos

QUINTINO - (Encontrando-se à porta com Deolinda) - Espera lá.

ANGELICA - Quem è?

MANUEL - (À parte) - Meu cunhado...

FRANCISCO - (À parte) - Temos!...

QUINTINO - (Trazendo Deolinda para a frente) - Preciso de uma explicação.

DEOLINDA - Deixa-me!

ANGELICA - (Para Quintino) - Mas o que é isto, senhor?

MANUEL - Sim, o que é isto? Assim se entra por uma casa?

QUINTINO - (Para Deolinda, sem dar atenção aos demais) - Não estavas em casa. Muito estimo encontrar-te aqui. É preciso que todos me ouçam: Deolinda, disseram-me qué tu te casaste ocultamente...

DEOLINDA - Eu?

MANUEL - (À parte) - Mau!

ANGELICA - Casada!

QUINTINO - Não procures enganar-me; estou bem informado.

DEOLINDA - Pois bem, confessarei: Sou casada.

QUINTINO - Ah, confessas?

MANUEL - (À parte) - Estou perdido!

FRANCISCO - (À parte e ao mesmo tempo) - No que dará isto?

ANGELICA - É possível?

QUINTINO - Agora quero saber quem é teu marido.

DEOLINDA - Ah, ainda não sabes? Pois então pergunta ali ao sr. Manuel.

MA NUEL - A mim?

ANGELICA - (Ao mesmo tempo) - A êle?

Diretoria de Publicidade — Serv. de Censura — D. P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 190

169

DEOLINDA - Sim; diga a meu irmão quem é meu marido.

MANUEL - Que eu diga?

ANGELICA - Que horrível desconfiança... E esta escritura? (Querendo rasgar o papel).

MANUEL - (Pegando-lhe na mão) - Espere!

DEOLINDA - (À parte) - O que ia eu fazendo?

MANUEL - (Para Quintino) Senhor sargento, eu queria guardar / segrêdo, porque assim mo pediram; mas como o negócio está meio divulgado, falarei. Fui padrinho do casamento...

ANGELICA - Tu?

MANUEL - E assim, sei quem é o marido.

QUINTINO - E quem é?

MANUEL - o sr. Francisco.

FRANCISCO - Hem?

DEOLINDA - O que diz?

ANGELICA - (Ao mesmo tempo) - O sr. Francisco?

QUINTINO - Ah, o senhor é meu cunhado?

FRANCISCO - Eu, senhor?

MANUEL - (Abraçando-se com Francisco) - Amigo, perdoa se falei... (À aprte, para êle) - Salva-me, Chico, salva-me! (Alto) - O negócio estava mal sabido... (À parte) Salva-me, Chico... (Alto) De que serviria ocultar mais tempo? (À parte) - Dize que te casaste...

FRANCISCO - Mas, se tu...

MANUEL - Está zangado porque falei. (À parte) Salva-me Chico!

FRANCISCO - (À parte) Tranquiliza-te... (Alto) Enfim, como já se sábe, que remédio?... Estou casado com a senhora ... A senhora... é minha mulher... (À parte)Já que assim quer seu marido...

ANGELICA - (À parte) - Aqui há mistério...

QUINTINO - O que está feito, esta feito. Lograram-me. Cunhado, aperta esta manopla. Quisera antes que a Deolinda se casasse com o alferes; mas enfim, também és bom rapaz. Vou ao "Gradil" encomendar um jantar; há-de haver bebedeira grossa. Com licença da companhia ; volto. (Vai-se).

MANUEL - (À parte) - Escapei de boas!

Serv. de Censura e Diversões Públicas D. F. D. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, e191

ANGELICA - Com que, o sr. Francisco é casado!

FRANCISCO - O homem sacrifica-se, às vêzes.

ANGELICA - (Para Manuel) - E nunca me disseste nada.

MANUEL - Segrêdo de um amigo.

DEOLINDA - (À parte) - Que papel faço eu aqui?

ANGELICA - (À parte) - Estou desconfiada; aqui engana-se alguém. Ah, se fôr a mim... (Alto) Manuel, vem comigo; o sr. Francisco quererá ficar só com sua mulher...

MANUEL - Só, com ela!

ANGELICA - E o que tem isso?

MANUEL - (À parte) - Pergunta o que tem... (Alto) Nada, nada!

ANGELICA - Pois segue-me. (À parte) Há mistério!

MANUEL - Eu vou. (À parte, para Francisco) Chico!... (Angélica sai. Manuel acompanha Angélica, fazendo sinais para Francisco).

C E N A XII

Francisco e Deolinda

FRANCISCO - Pobre Manuel, a quanto obriga a ambição.

DEOLINDA - Belo marido tenho eu, que me entrega a outro.

FRANCISCO - Então, sra. Deolinda, que me diz a esta? Deve-me estar agradecida! Salvei seu marido.

DEOLINDA - Que marido! Envergonha-me de ter-me por mulher.

FRACISCO - Não é vergonha é mêdo.

DEOLINDA - Mêdo? Antes me tivesse casado com outro.

FRANCISCO - Não me quizeste a mim por marido...

DEOLINDA - Vou-me embora.

FRANCISCO - (Retendo-a) - Espere.

DEOLINDA - Não posso mais estar aqui.

FRANCISCO - Devagar, não compromet a seu marido.

DEOLINDA - Deixe-me.

FRANCISCO - Sinto passos; aí vem ela. Dê-me um abraço. (Abraça-a)

DEOLINDA - (Esforçando-se para sair dos seus braços) - Senhor!

C E N A XIII

Os ditos, Angélica, seguida de Manuel, que trás algumas garrafas. Pára na porta vendo Francisco abraçar Deolinda

Biblioteca Nacional - Serv. de Censura - D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 028, p. 192

FRANCISCO - Não se espante. Isto é por conta dêle. Abrace-me, que ela nos vê.

DEOLINDA - (Vendo Manuel) - Ah, pois bem, abracemo-nos. (Abraça-o) Assim me vingarei dêle.

FRANCISCO - Bravo! (Abraçam-se).

MANUEL - (À parte) - Isto não pode ser!...

ANGELICA - (Retendo-o) - E que te importa que o sr. Francisco / abraçe sua mulher.

MANUEL - É indecente.

ANGELICA - Deixa-os lá e vem comigo. (Vai atravessando a cena e sai. Manuel vai acompanhando Angélica).

DEOLINDA - (Correndo e retendo Manuel no momento dêste sair) Vem cá!

MANUEL - Traidora!

DEOLINDA - Ah, está zangado?

MANUEL - Abraçando-a!

DEOLINDA - Fiz muito bem; é para teu ensino.

FRANCISCO - Pateta, não vês que era para melhor enganar tua ama?

MANUEL - Ah, era para isso? Perdoa-me, Deolinda. Chico, pega nestas garrafas. (Dando-as à Francisco) Se soubesses, Deolinda, o que tenho sofrido hoje!

FRANCISCO - Agora abracem-se.

MANUEL - Perdoa-me se te dei outro marido? Era para nosso bem. Dá cá um abraço.

DEOLINDA - (Abraçando-o) - Sou muito boa em perdoar-te! (Francisco, enquanto os dois se abraçam, desarrolha uma garrafa e bebe).

MANUEL - Minha mulherzinha, aperta!

C E N A XIV

Angélica e os ditos

ANGELICA - (Da porta) - Que escândalo! Que escândalo! (Francisco, Manuel e Deolinda, ficam espantados) - Assim deixa abraçar sua mulher? E vê isso bebendo? Que imoralidade! Que escândalo!

FRANCISCO - Foi por distração e sêde.

MANUEL - É minha afilhada... Sou padrinho, e bem vê...

D. P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.193

172

ANGELICA - Sim é afilhada. (Para Francisco) - O senhor, pelo que vejo não é ciumento... E a menina... Está bonito!

FRANCISCO - Entre amigos não deve haver ciumes - e quando há confiança na amizade, bebe-se.

ANGELICA - E dorme-se... Tem razão. Mas olhe que há muita gente que assim se perde pela confiança que tem nos amigos ... (À parte) Eu saberei como isto é. (Para Manuel)- Vai acabar de arrumar as garrafas.

MANUEL - (À parte para Francisco) - Cuidado com a bicha.(Vai-se).

ANGELICA - (Para Francisco) - Tinha que lhe dar uma palavra ... Mas ao senhor só.

FRANCISCO - Deolinda, vai-me esperar lá em casa.

DEOLINDA - Eu vou. (À parte para Francisco) Diga ao Manuel que lá o espero. (Sai).

C E N A XV

Angélica, Francisco e depois Manuel e Quintino

ANGELICA - (À parte) - Hei-de saber como é isto... Empregarei um meio...

FRANCISCO - A sra. D. Angélica está tão pensativa!

ANGELICA - E tenho motivos para isso. Sr. Francisco, é preciso que eu seja sincera com o senhor.

FRANCISCO - Há muito que isso desejo.

ANGELICA - O senhor tem-me dado a entender que minha mão lhe seria agradável...

FRANCISCO - Senhora...

ANGELICA - Não tenho correspondido às suas finezas porque, enfim... uma mulher vexa-se... Esperava poder confes - sar um dia êsse segrêdo, mas ah, enganei-me, enganei-me.

FRANCISCO - D. Angelica!

ANGELICA - Foi uma zombaria! Eu, que o amava...

FRANCISCO - A mim?

ANGELICA - Sim, ingrato, a ti.

FRANCISCO - Oh! (À parte) - O Manuel que se arranje como puder ; eu falo.

Dep. de Censura de Diversões Públicas D. P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.194

ANGELICA - A mim, semelhante traição! A mim, que já havia feito esta escritura de casamento; vê... Só o nome está em branco. O lugar era para o teu.

FRANCISCO - Dá-ma!

ANGELICA - Agora de nada serve. (Quer rasgar).

FRANSCISCO -Não rasgue!

ANGELICA - Estás casado.

FRANCISCO - Casado! (À parte) Leve o diabo o Manuel! (Alto) Angélica, quem te disse que estava casado, mentiu.

ANGELICA - Mentiu?

FRANCISCO - Eu não estou casado.

ANGELICA - Não está casado? E quem é o marido de Deolinda ?

FRANCISCO - Não lhe posso dizer, mas juro-lhe que estou tão solteiro como quando nasci. Eis-me a seus pés!(Ajoelha) Dê-me essa promessa.

ANGELICA - Levanta-te. (Quintino aparece à porta do fundo e fica surpreendido, vendo Francisco nos pés de Angélica)

FRANCISCO - Não me levantarei enquanto não me der a sua palavra que me fará ditoso.

QUINTINO - O marido de minha irmã aos pés de outra mulher?

ANGELICA - Lá de fora podem vêr-nos...

FRANCISCO - E que vejam! Não serei eu seu espôso? (Manuel aparece à porta da direita e, vendo Francisco de joelhos, ficá estupefato).

ANGELICA - Talvez, mas levanta-te.

FRANCISCO - Não.

MANUEL - Muito bem, muito bem! Amigo falso!

FRANCISCO - (Levantando-se) - Ah!

ANGELICA - Ah!

MANUEL - Muito bem!

FRANCISCO - Desculpe-me... Ela me ama e eu também a amo.

QUINTINO - (Que nesse tempo tem-se aproximado, segura Francisco pela gola da jaqueta, dizendo) - Ah! Tu a amas? E minha irmã, tua mulher?

FRANCISCO - Ai!

QUINTINO - Assim a enganas, patife!

FRANCISCO - Sua irmã não é minha mulher.

U. F. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0228, p.195

174

QUINTINO - Negas?

ANGELICA - (Para Manuel) - Quem é o marido?

MANUEL - Não sei. (Angélica toma Manuel pelo braço. Quintino faz o mesmo a francisco. Todos falam ao mesmo tempo)

ANGELICA - (Para Manuel) - Quem é o marido? Para que me enganas te; Dize já, quero saber. Ah, não dizes? Eu me vingarei! Não dizes, porque tens mêdo? Ingrato, mal-agradecido; eu me vingarei, me vingarei.

MANUEL - (Para Angélica) - Não sei... Posso lá saber quem é o marido de tôdas as mulheres? Disse o que disseram; pode ser que me engane. Senhora minha ama, deixe-me, assim não nos entenderemos.

QUINTINO - (Para Francisco, a quem ameaça com a espada) - Pensas que assim hás-de mangar com o Sargento Quintino? Primeiro hei-de tirar-te as tripas, pô-las ao sol. Enganar minha irmã! Tira as mãos... enfio-te... mariola... tira as mãos!

FRANCISCO - (Esforçando-se para sair das mãos de Quintino) - Deixe-me não sou seu cunhado, já lhe disse. Ai, ai, não me mate! Ai, quem me acode! Juro que não é minha mulher! Ai ai! (Todos acabam gritando).

C E N A F I N A L

Antonio e José, armados de achas de lenha - Deolinda e os ditos

ANTONIO - (Entrando) - O que aconteceu?

DEOLINDA - O que é, Quintino?

ANTONIO - Senhora minha ama!

DEOLINDA - O que foi?

QUINTINO - (Para Deolinda) - O que foi? Vim encontrar teu marido aos pés desta senhora.

DEOLINDA - Meu marido de joelhos a seus pés?

QUINTINO - Sim, dizendo que a amava.

DEOLINDA - (Indo para Manuel) - Traidor!

MANUEL - Hem?

DEOLINDA - Assim é que me guardavas fidelidade?

ANNGELICA - Ah!

QUINTINO - Olha que te enganas!

D. P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.196

175

DEOLINDA - Não, não me engano; êste é o meu marido.

QUINTINO - Seu marido?

ANGELICA - (Ao mesmo tempo) - Seu marido?

MANUEL - (À parte) - Ai, ai, ai!

FRANCISCO - (À parte e ao mesmo tempo) - Pobre Manuel!

ANGELICA - (Para Manuel) - Ah, tu eras casado e enganavas-me!

DEOLINDA - A mim é que enganava.

QUINTINO - Então, com todos os diabos, quem é aqui meu cunhado?

MANUEL - (Apontando para Francisco) - É êle! É êle!

FRANCISCO - (Apontando para Manuel, ao mesmo tempo) - É êle! É êle!

QUINTINO - (Para Deolinda) - Ambos?

ANGELICA - Espere, sr. sargento, que eu porei estas coisas em ordem. (À parte, para Manuel) - Ingrato, tudo está explicado e eu me vingarei.

MANUEL - Minha ama!

ANGELICA - (Repelindo-o com gesto desprezador) - Sr. Francisco, aqui está a escritura do nosso casamento. (Dá-lhe o papel).

FRANCISCO - Quanto sou ditoso!

MANUEL - Mas senhora...

ANGELICA - (Interrompendo-o) - O sr. Manuel terá a bondade de procurar outro arranjo, porque hoje deixa de ser meu caixeiro. Tenho um marido e nele um sócio.

MANUEL - Um sócio! (Para Francisco, na maior desesperação) - Amigo infiel e pérfido, és a causa da minha desgraça e perdição!

FRANCISCO - Eu, Manuel?

MANUEL - Sim.

FRANCISCO - Fiz o que pude por ti, fui marido de tua mulher...Tu és o culpado, eu não.

MANUEL - (Voltando-se para Deolinda) - Então fôste tu, mulher traidora!

DEOLINDA - Eu? Não guardei segrêdo; Queixa-te de ti; de mim, não.

MANUEL - (Para Quintino) - Então fôste tu, barbaças do diabo!

QUINTINO - (Ameaçando-o) - Passe de largo!

Serviço Censura de Diversões Públicas D. P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 197

176

MANUEL - (Voltando-se para Angélica) - Ou tu, carocha do inferno!

ANGELICA - Maroto! Já por esta porta fora e vai ser caixeiro de Belzebu!

MANUEL - (Como louco) - Caixeiro, sempre caixeiro! Oh, afastem-se de mim, que estou louco, desesperado, furibundo! Para longe! serei sempre caixeiro, caixeiro, caixeiro! Pagarei sempre impôsto, como uma saca de café, um burro, um cavalo. Não sou nada no mundo. Cortem-me esta cabeça, pendurem-me na porta do açougue. Sou um boi; pagarei direitos na barreira. Sou um boi. (Assim dizendo, principia a berrar como boi).

TODOS - Manuel! (Manuel berra).

DEOLINDA - Meu Deus, está louco!

TODOS - Louco! (Manuel berra).

DEOLINDA - Que desgraça!

FRANCISCO - (Ao mesmo tempo) - Coitado!

QUINTINO - (Ao mesmo tempo) - Pobre homem!

ANGELICA -(Ao mesmo tempo) - Faz-me pena!

MANUEL - (Traz Antonio pelo braço para a frente da cena) -Antonio, eis-me de joelhos a teus pés. (Ajoelha)Lembra-te da amizade que nos uniu e faze-me o último favor. (Abre a camisa) Enterra-me no coração essa acha de lenha, traspassa-me o peito com ela. Não queres?

ANGELICA - Manuel!

MANUEL - Quem me chama?

ANGELICA - É tua ama! Manuel, esqueço-me da afronta que me fizeste e lembrar-me-ei sòmente dos serviços que tens prestado... Serás nosso sócio, não é assim,Chiquinho?

FRANCISCO - Sim, serás nosso sócio.

DEOLINDA - Serás sócio! (Manuel levanta-se pouco a pouco, como procurando fixar-se no sentido das palavras que lhe dizem).

ANGELICA - Serás nosso sócio, ficarás conosco. Eu te perdôo.

MANUEL - Sócio! Ouviram bem meus ouvidos? Serei sócio! (Caindo de joelhos e levantando as mãos para o céu) Oh, meu Deus, está satisfeita a minha ambição! (Todos falam ao mesmo tempo).

DEOLINDA - Está salvo!
QUINTINO - Pobre sócio!
ANGELICA - Pobre Manuel!
FRANCISCO - Pobre amigo!
MANUEL - Serei sócio* (Cai o pano)

Serv. de Censura de Diversões Públicas D.P.F.

SINDICATO DOS TRABALHADORES
27 MAR 1972
EM EMPRESAS DE RADIODIFUSÃO DA GB.

F I M

lan/*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 198

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

173

TÍTULO " O CAIXEIRO DA TAVERNA " de Martins Penna

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 (quatorze) anos.

Caixeiro ambicioso desejava ser sócio da taverna onde trabalhava. Para alcançar o objetivo deixa seu casamento em segrêdo, planejando conseguir as boas graças da proprietária, viúva interessada em novo matrimônio. Embora o secreto casamento seja descoberto e a viúva contraia núpcias com um seu amigo, o caixeiro concretiza seus planos comerciais.

Comédia já liberada diversas vêzes por este Serviço, sempre com a impropriedade para menores de 14 anos. Face a vigência do último certificado e o conteúdo desinteressante e inadequado aos integrantes dessa faixa etária, opino no sentido da permanência do critério anteriormente adotado.

Brasília, 28 de abril de 1972.

Hellé Prudente Carvalhêdo

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

178

TÍTULO O CAIXEIRO DA TAVERNA - MARTINS PENNA -

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: PROIBIDO PARA MENORES DE 14 ANOS

TRATA-SE DE UMA COMÉDIA QUE TEM LUGAR NO SÉCULO PASSADO, FOCALIZANDO AS AVENTURAS DE UM CAIXEIRO QUE, AMBICIONANDO TORNAR-SE SÓCIO DE SUA PATROA - UMA RICA VIÚVA - ESCONDE O FATO DE HAVER SE CASADO EM SIGILO COM UMA VIZINHA, DANDO LUGAR A UMA SÉRIE DE SITUAÇÕES HILARIANTES. FINALMENTE, TUDO SE ESCLARECE TANTO EM RELAÇÃO À SUA VIDA SENTIMENTAL, QUANTO EM RELAÇÃO AOS SEUS PLANOS COMERCIAIS, QUE SE CONCRETIZAM.

CONSIDERANDO-SE QUE A PRESENTE PEÇA JÁ FOI LIBERADA ANTERIORMENTE COM A CLASSIFICAÇÃO ACIMA E, TAMBÉM, O GRAU DE PERCEPÇÃO DO ESPECTADOR PARA AS TRAMAS CÔMICAS CONTIDAS NA MESMA, OPINO NO SENTIDO DA MANUTENÇÃO DA IMPROPRIEDADE ANTERIOR.

BRASILIA, 28 DE ABRIL DE 1972.

LUZIA M. B. DE PAULA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.200

De acôrdo: 14 ANOS.

Em 02-05-72

[illegible] - TC

R: Ch SC

LIBERE-SE
com impropriedade para menores de 14 anos
Brasília, 05/5/1972
Rogério Nunes

BR.DFANBSB.N5.CPR.TEA.PTE. 0228, p.201

Jesus Duarte Silva
Brasília 23/02/79

1.390/79

" O CAIXEIRO DA TAVERNA"

MARTINS PENNA

LIVRE

23 FEVEREIRO 84

23 FEVEREIRO 79

ROGERIO NUNES

BR.DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.202

" O CAIXEIRO DA TAVERNA"

MARTINS PENNA

JESUS DUARTE FILHO / DF

23 FEVEREIRO 79

LIVRE - CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA CENSURA

23 FEVEREIRO 79

ARÉSIO PEIXEIRA PEIXOTO (Substituto)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 203

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

180

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4.877/72

PEÇA : "O CAIXEIRO DA TAVERNA"

ORIGINAL DE : MARTINS PENNA

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 04 de MAIO de 1977

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
PARA MENORES DE
14 ANOS

Brasília, 04 de MAIO de 1972

Chefe do S. C. D. P.

ROGÉRIO NUNES.

M.J.-D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 54, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada

" O CAIXEIRO DA TAVERNA "

Original de MARTINS PENNA

Tradução de

Adaptação de

Produção de DEPARTAMENTO CULTURAL DO SINDICATO DOS RADIALISTAS - GB -

Tendo sido censurada em 28 de ABRIL de 19 72 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDO P/ MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 04 de MAIO de 19 72

- HUGO PÓVOA DA SILVA -

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.204

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 205

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

179

MEM.º N.º 357
Data 05/5/72

Do Chefe da TCTC

Para Chefe da TCDP/DR/GB

Assunto PEÇA TEATRAL (Encamánha)

Senhor Chefe,

Solicito vossas providências no sentido de que seja entregue ao interessado a peça teatral intitulada "O CAIXEIRO DA TAVERNA" em duas vias e seus respectivos certificados.

Atenciosamente

VICENTE DE PAULO ALENCAR MONTEIRO
Chefe da TCTC

alr/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p-206

02

182

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-6-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

SÃO PAULO
~~Rio de Janeiro~~, 9 de MAIO de 19 73

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D.P.F.
Brasília, D.F.

MJ-DPF-SRA/DSB
15 MAI 0842 023778
RECEBIDO POR .....

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (3) cópias da peça:
"O CAIXEIRO DA TAVERNA"
DE: MARTINS PENA
próxima apresentação da FETABAS
no Teatro CLUBE UNIÃO RECRATIVO
com estréia marcada para o dia 15 a 30 de junho de 1973

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
9 MAI 1973
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:

Djalma Bittencourt
Superintendente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0228, p.207

Federação do Teatro Amador da Baixa Sorocabana

C. G. C. M. F. 71.873.467/001
DECLARADA DE UTILIDADE PÚBLICA - LEI 1699 DE 18-12-1972
Rua Barão do Rio Branco, 45 - 5.º Andar - Sala 56 - Cx. Postal 234
SOROCABA - EST. S. PAULO

Sorocaba 9 de maio de 1973

Ilmo Sr. Dr.
ROGERIO NUNES
MD Diretor do Serviço de Censura
Departamento de Policia Federal.
BRASÍLIA - DF

Prezado Senhor:

Tendo em vista a realização do 1º Festival Estudantil de Teatro Amador, encaminhamos para esse Serviço, as peças que participarão do mesmo.

1) Morte e Vida Severina - João Cabral de Melo Neto
2) Alfômega - Jane P.Dias e Maria G. Martins.
3) Descoberta - Débora Brenga
4) Judas em sábado de aleluia - Martins Pena
5) Um nôvo sol, nova era - Paulo Roberto Xavier
6) O caixeiro da taverna - Martins Pena
7) As cinsas - Carlos Camargo Costa
8) A sopa de pedra - Tatiana Belink
9) A mãe que eu arranjei - Antonio R.Filho e Julio Moreno
10) Ponta de Partida - José Eduardo Vendramini
11) A familia e festa na roça - Martins Pena
12) Sabe-tudo e o espião - Ricardo Gouveia
13) O avaro - Moliére
14) O dono do mundo - Pedro Nerval
15) A Poção maravilhosa - Maria C.R. Jorge
16) Frei Luis de Souza - Garrett
17) O ciume de Barbouille - Moliére
18) A mensagem ou chamada à reflexao - João A. Souza Campos
~~19) Jesus Cristh Super Star - Andrew Lhoid Webber e Tim Rice~~
20) Desgraças de uma criança - Martins Pena
21) Chico Rei - Walmir Ayalla

Esperando sermos atendido com a prestèza de sempre, somos,

Atenciosamente

JOSÉ ADILSON DE BARROS
Presidente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0228, p. 208

184

S. C. T. C.

TÍTULO: O CAIXEIRO DA TAVERNA

GÊNERO: PEÇA TEATRAL

1) S. ARQUIVO

Documentação: EM ORDEM

Já liberada? : sim

Cls. Estária anterior: 10 e 14 anos

Praça: SÃO PAULO - SP

DF. 16/05/73

Chefe do Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: Ivelice

Técnico de Censura: –

Técnico de Censura: –

Data para Exame: de 23/05/73 a 25/05/73

OBS:

DF. 23/05/73

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer 3352/73 - QUATORZE (14) ANOS, sem cortes, condicionado ao ensaio geral.

Emitiu-se os certificados com validade até 04.5.77

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

4) CHEFE S. C.

Sr. Diretor

Face ao parecer 3352/73, sugiro liberação para maiores de quatorze anos -

Em 29.5.73

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em 29 5 1973

Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 3352/73

Título: "CAIXEIRO DA TAVERNA"

Classificação Etária: 14 (QUATORZE) ANOS

Espécie: peça Teatral — Com cortes: Não

Boa Qualidade: --- — Livre P/Exportação: ---

Dublado: --- — Legendado: ---

Vedada a Exploração Comercial: Não

Cenas: À vista do ensaio geral

Época: Século passado — Gênero: Comédia

Linguagem: Comum

Tema: Entretenimento

Personagem: Ambiciosos, inteligentes, calculistas, ingênuos, comicos, trapalhões.

Mensagem: Entretenimento.

Enredo: Português ambicioso, desejando ser sócio de taverna onde trabalha, faz segredo do seu casamento e planeja nova união com proprietária do estabelecimento. Quando está para conseguir seu intento, aparece a esposa, sendo desmascarado e depois perdoado, passando a sócio da taverna.

1 – Cortes: Não os há.

2 – Conclusão: Trata-se de peça trazida à recensura, tendo sido liberada por diversas vezes, com impropriedade de 14 anos. Considerando alguns aspéctos prejudiciais à formação do espectador infantil, opino pela sua liberação, mantendo a mesma faixa etária estabelecida anteriormente.

DPF–507

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p-210

BRASÍLIA, 25 de maio de 1973

IZELICE GÓES DE ANDRADE

Téc.CENSURA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 211

188

1.390/73

: O CAIXEIRO DA TAVERNA

: MARTINS PENA

04 MAIO 77

29 MAIO 73

- ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 212

881

01 40

: O CAIXEIRO DA TAVERNA

: MARTINS PENA

FEDERAÇÃO DO TEATRO AMADOR DA BAIXA SOROCABANA - SP -

25 MAIO 73

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: JOSÉ ADILSON DE BARROS.

29 MAIO 73

DEUSDETH BURLAMAQUI

mh

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 213

186

344/73=SCTC/SC/DCDP

28 maio 3

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF - SÃO PAULO

" O CAIXEIRO DA TAVERNA "

" MARTINS PENA "

SUPERINTENDENTE:

CLUBE UNIÃO RECREATIVO

FVAN/fnn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 214

1275

Of. 3738/73
SR/SP
187

Em, 10 de julho de 1973.

Do: Técnico de Censura
Ao: Chefe do SCDP/SR/SP
Assunto: Ensaio Geral da peça "O CAIXEIRO DA TAVERNA"

Senhor Chefe:

Cumprindo determinação de V.S. procedemos no dia 5 do corrente, na cidade de Sorocaba, ao ensaio geral da peça "O CAIXEIRO DA TAVERNA", de Martins Pena.

Temos a ressaltar os seguintes aspectos referentes à já citada peça:

1. Cenários: Representa o interior de uma taverna com um balcão.
2. Iluminação: Normal, através de "spots".
3. Figurinos: Normal, ao estilo da época.

O texto foi rigorosamente obedecido, bem como, não observamos qualquer gesto ou atitude que contrariasse as normas censórias vigentes, razão pela qual e por estarmos de perfeito acordo com a impropriedade estipulada pelo DCDP, opinamos pela aprovação da presente encenação.

C. Del Carlo
CARLOS DEL CARLO
Tec. da Censura nº 337

Departamento de Polícia Federal
Censura Federal
De acôrdo com o parecer do Censor
Dr. Marcílio Nogueira
Chefe da TDDP-DR-SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, 8-215

19 JUN 0653 M 037206

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
FUNDAÇÃO MOBRAL

Of. nº 29[illegible] /74/GB/SEXEC/CECUT

Em, 17 de junho de 1974

Do: Secretária-Executiva da Fundação MOBRAL

Ao: Diretor da Divisão de Censura e Diversões Públicas

Assunto: Pede liberação para espetáculos do MOBRAL

Senhor Diretor,

Fazendo o subprograma de teatro parte integrante do Programa de Atividades Culturais do MOBRAL, que tem como objetivo básico ampliar o universo cultural de sua clientela específica, vimos pedir a colaboração da Censura Federal no sentido de liberar os textos e os espetáculos que irão, a nível nacional, levar o teatro ao mobralense e à comunidade em geral.

Para maior esclarecimento passamos a informá-lo que:

— os espetáculos serão realizados por grupos amadores contratados pelo MOBRAL/SNT;

— o repertório do grupo é constituído por peças previamente indicadas e/ou aprovadas por uma comissão mista MOBRAL/SNT que as julga visando uma adequação aos objetivos que norteiam a ação do MOBRAL;

— os grupos amadores contratados em todos os Estados da Federação deverão excursionar levando os espetáculos a todos os municípios dos seus Estados.

Considerando que as dificuldades de uma ação isolada dos grupos para obter a liberação da Censura, viria atrasar nossa programação, vimos solicitar que esse órgão facilite ao MOBRAL obter uma liberação a nível nacional.

Aproveitamos a oportunidade para reiterar a V.Sª nossos protestos de consideração.

Maria Terezinha Tourinho Saraiva
Secretária-Executiva

ANEXO: a) Lista de peças aprovadas pelo MOBRAL/SNT;
b) Textos das peças premiadas no Concurso Nacional de Peças Novas-Prêmio MOBRAL de Teatro

Ilmº Sr.
Dr.ROGÉRIO NUNES
Diretor da Divisão de Censura e
Diversões Públicas
BRASÍLIA - DF

MOBRAL/Década do Desenvolvimento CECUT/NQ/dbp.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.216

MJ-DPF-SRA/BSB
1 JUL 1974 037834
RECEBIDO POR

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada a Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Rio de Janeiro, 31 de Maio de 1974

Ao S.C.
a) para as peças que já tenham sido liberadas pela DCDP, fornecer certificados especiais, com a observação de que só serão validade para as apresentações patrocinadas pelo MOBRAL.
b) com relação às que ainda não foram submetidas à censura, solicitar os textos. Preame 20.6.74

Senhor Representante da
SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS,

O Ministerio da Educação e Cultura, através do MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO (Fundação MOBRAL) está realizando meritória e digna tarefa de alfabetização, valendo-se, tambem, para orgulho de todos nós que militamos no teatro, da objetividade da representação teatral, utilizando-se, em consequencia, de Companhias, Grupos ou intérpretes singulares, que representarão peças teatrais previamente escolhidas tendo em vista aqueles objetivos tão elevados.

O motivo da presente é o de solicitar a sua valiosa colaboração no sentido de autorizar toda e qualquer representação de peça teatral, por Companhias ou Grupos credenciados pelo MOBRAL, visando todos os programas, facilitando todo o expediente necessário á realização dos espetáculos, emitindo as respectivas autorizações, SEM COBRAR QUALQUER IMPORTANCIA a titulo de direitos autorais ou taxas.

Os espetáculos realizados pelas Companhias e Grupos credenciados pelo MOBRAL serão inteiramente gratuitos para o público.

Agradecendo, antecipadamente, pela sua colaboração, subscrevemo-nos com a maior consideração.

Djalma Bittencourt,
Superintendente.

À SCTC para cumprir o despacho supra, do Sr. Diretor da DCDP.
Em: 25-6-74
Wilson Jones

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

4.500 - 1-74

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.217

RELAÇÃO DE PEÇAS TEATRAIS APROVADAS PELA COMISSÃO MISTA FEDERAL/S.N.T.

Nada Consta -	"Juiz de Paz na Roça	Martins Pena
Nada Consta -	Um Sertanejo na Corte	Martins Pena
Cert. 2632/73 -	A Família e a ~~Festa~~ Festa na Roça	Martins Pena LIVRE - Val. = 30.05.78
" 5.279/72 -	Os Dons ou o Inglês Maquinista	Martins Pena 10 anos - " = 08.08.77
" 1.103/73 -	O Judas em Sábado de Aleluia	Martins Pena 10 anos - " = 09.08.77
Nada Consta -	O Namorador ou a Noite de São João	Martins Pena
Vº Chefe do SC -	O Noviço	Martins Pena
Cert. 2336/70 -	O Cigano	Martins Pena LIVRE - Val. 31.03.75
" 1.390/73 -	O Caixeiro da Taverna	Martins Pena 14 anos - " 04.05.77
" 1.780/73 -	Os Meirinhos	Martins Pena 18 anos - " 28.08.78
" 2.563/74 -	Quem casa, quer casa	Martins Pena 10 anos - " 10.06.79
" 2.[illegible]66/74 -	Os ciúmes de um Pedestre (ou o terrível capitão mato)	Martins Pena 10 anos - " 31.05.77
" 1.824/74 -	As desgraças de uma criança.....	Martins Pena 14 anos - " 17.06.79
Nada Consta -	O Usuário	Martins Pena
Cert. 461/73 -	Acima do Bem Querer	J.C. Cavalcanti Borges LIVRE - Val. 225.75
Nada Consta -	Maurício de Nassau	Viriato Correa
Nada Consta -	Quase Ministro	Machado de Assis
Cert. 2372/[illegible] -	Uma das Vinte	Darcy Filho 14 anos Val. 20.06.[illegible]
" [illegible]369/72 -	O Milagre de Anna Sullivan	W. Gilson 10 anos - " 04.05.77
" 1.594/74 -	Onde Canta o Sabiá	Gastão Tojeiro 14 anos - " 07.10.75
C/O Cel. Alencar -	Morte e Vida Severina	J. Cabral de Mello Neto
Cert. 5.282/74 -	Uma Consulta	Artur Azevedo 10 anos - Val. 09.08.7[illegible]
" 363/74 -	O Santo e a Porca	Ariano Suassuna LIVRE - " 18.08.7[illegible]
Nada Consta -	O Macaco de Vizinha	J.M. Macedo
Cert. 386/74 -	Procura-se Uma Rosa	Pedro Bloch 16 anos - Val. 11.05.7[illegible]
" 4.733/72 -	Romance do Pavão Misterioso (LIVRE - Val 12.4.77)	(cordel) Folheto - João Martins de Athayde - Propriedade José Bernardo da Silva
Nada Consta -	O Sanfoneiro que foi tocar no Inferno..	(cordel) Folheto - Autor: José Costa Leite.
Nada Consta -	Valentão do Mundo	(cordel) Folheto: Severino Milanês - Propriedade: José Bernardo da Silva.
Nada Consta -	Roldão no Leão de Ouro	(cordel) Folheto: João Martins de Athayde. Editor Prop. José Bernardo da Silva.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.218

193

CERT. 4.819/72 - O Exemplo de Maria Nocaute ou os Valores do Homem Primitivo (14 anos - Val. 25.04.77). João Augusto - do folheto de Minelvino Silva. "A História do Mau Ladrão" ou " Os Sofrimentos de Maria".

Cert. 4.824/72 - "Antonio mau Santo" (14 anos - Val. 17.04.77) João Augusto - do folheto de Pedro Quaresma e José Martins dos Santos -respectivamente" -"A viúva que amarrou Santo Antonio n'um foguete para se casar a 2a vez" e A moça que pisou - Santo Antonio no pilão para se casar com um boiadeiro.

Cert. 4.820/72 - "A Mulher que se casou 18 vezes"..... (LIVRE - Val. 11.04.77) João Augusto do folheto de Valeriano Félix dos Santos.

Encaminhados para a SCT em 19.06.74

- "A Última Estação" ..... Roberto Gill Camargo
- Pesadelo" X..... Alberto Mantovani Abeche
- A Pobreza Envergonhada" ..... Walmir Ayala
- "Hoje a Banda Não Sai" ..... Severino Marcos de Miranda Tavares.
- De como Revisar Um Marido Oscar ..... Oraci Gomba

CECUT/NQ/jbf.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0228, p.219

TEATRO

194

TÍTULO _____

1) S. ARQUIVO

Documentação _____

Clas. Anterior _____

Praça _____

Obs.: _____

DF. ____/____/____

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/____/____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C. Conforme Parecer (dizeres) despacho do Sr. Chefe do Serviço de Censura, datado de 250674: A Soc. Exp. para emitir os certificados com faixa etária 14 anos, sem cortes.

Em 030774

Manoel Guido.

Chefe do S.C.T.C.

5) Diretor da D. C. D. P.

Libere-se, obedecida a classificação interior da peça e na forma do despacho inicial do Sr. Diretor da DCDP.

Em 7/7/74

Wilson Jms

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF—538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.220

1275/74

RECEBI OS DOCUMENTOS REFERENTES AO PROTOCOLO SRA/DSB Nº ..... / ..... DE 197.....
EM ..... DE .....

1275

ESPECIAL

O CAIXEIRO DA TAVERNA

MARTINS PENA

02 JULHO 79

02 JULHO 74

PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

ROGERIO NUNES

BR.DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE.

0228, p. 221

O CAIXEIRO DA TAVERNA

Recebi em 19/08/74
Sonia Castello Branco

MARTINS PENA

MOVIMENTO BRASILEIRO DA ALFABETIZAÇÃO (MOBRAL) - GB.
IDEM

02 JULHO 74

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE PARA AS APRESENTAÇÕES PATROCINADAS PELO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO. (MOBRAL).

02 JULHO 74

WILSON DE OLIVEIRA GARCIA

NW:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 222

MJ-DPF-SRA/BSB
24 JUL 1118 45359
RECEBIDO POR

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Of. nº 486/74-SCDP=SR/GB ..... Em 22 de julho de 1974

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: remete texto de peça teatral

Ao Arquivo. Em 25-07-74

FICHADO
S. A. DCDP

Senhor Diretor,

Em anexo, encaminho a essa DCDP, petição da INTER - SHOW - PROMOÇÕES E PRODUÇÕES LTDA, solicitando exame / censório para a peça de Martins Pena, "O CAIXEIRO DA TAVERNA", juntando para tanto, tres exemplares do texto da referida pe - ça e, bem assim, a autorização da SBAT.

Ao ensejo, renovo a V.Sa. os protestos de estima e distinta consideração.

Joselita Viana e Silva
Inspetora - Chefe do SCDP - SR/GB -

jm/.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0228, p. 223

198

Inter - Skow - Promoções & Produções Ltda.
Praça Tiradentes n.º 9 - gl 1103 — *Tel. 222-4433 - GB.*

MJ - DPF SR/GB

19 JUL 1710 74 26920

RECEBIDO POR:

DRA/FICHADO

ILMO. SNR. DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE CENSURA FEDERAL.

INTER- SHOW- PROMOÇOÊS E PRODUÇÕES LTDA, vem solicitar ao Departamento de Censura Federal se digne mandar censurar a peça de Martins Pena "O Caixeiro da Taverna", anexando a êsse requerimento 3 (tres) cópias da peça.

A peça será levada em colégios e Teatros do suburbio da Guanabara.

N. Termos
P. Deferimento.

Rio de Janeiro, 19 de Julho de 1974.

Maria Ivone Neubauer

~~MARIA IVONE NEUBAUER.~~

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.224

1974

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 19 de julho de 1974

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D.P.F.
Brasília, D.F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (3) cópias da peça:
"O CAIXEIRO DA TAVERNA"
DE: Martins Penna (Martins Penna)
próxima apresentação da Inter -Show Prom.e Produções Ltda.
no Teatro Em diversos Col-egios
(Em diversos Colégios)
com estréia marcada para o dia agosto de 1974

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

p. Djalma Bittencourt
Superintendente

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS - RIO - SBAT

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.225

TEATRO

200

TÍTULO O CAIXEIRO DA TAVERNA.

1) S. ARQUIVO

Documentação Em ordem

Clas. Anterior 14

Praça RIO DE JANEIRO - GB

Obs.:

DF. 25/7/74

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Conforme Parecer N.º 17872/74, Opino:
I A Seç. Exp. para emitir os certificados LIVRE sem cortes, condicionando toda via ao exame do ensaio geral.
IV A consideração do Senhor Chefe do S.C.
Em 050874,
Manoel Jurado
Chefe do S.C.T.C.

4) SERVIÇO DE CENSURA

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 08/8/1974
Wilson de Queiroz Garcia
Chefe do S.C.

DPF–538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0229, p 226 201

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 17872/74

TÍTULO: "O CAIXEIRO DA TAVERNA"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Feito o confronto do texto de "O Caixeiro da Taverna" de Martins Pena, com o "script" constante do processo, observei a identidade dos mesmos.

Apesar da obra haver recebido, na maioria das vezes, a classificação de 14 anos, examinando o processo, verifiquei entretanto, a existência de um certificado liberatório com a classificação LIVRE. Baseando-me no referido certificado, de número 4.017/71, válido até 76, opino pela liberação do texto atual, sem restrições etárias, vez que se trata de uma comédia ingênua e com um bom fundo moral, podendo ser vista por público de qualquer idade.

Brasília, 31 de julho de 1974

Maria das Graças Sampaio Pinhati

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.227

202

614/74-SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF na Guanabara

"CAIXEIRO DA TAVERNA"

Martins Pena

Superintendente:

Rio de Janeiro -GB

MFCG/rs

0228, p. 228

1.390/74

: O CAIXEIRO DA TAVERNA

: MARTINS PENNA

06 AGOSTO 79

06 AGOSTO 74

ROGÉRIO NUNES

LIVRE

BRADIFANBSB NS CPRATEA PTE. 0228, p. 229

: O CAIXEIRO DA TAVERNA

: MARTINS PENNA

:INTER-SHOW PROMOÇÕES E PRODUÇÕES LTDA. - GB -

MARIA IVONE NEUBAUER

31 JULHO 74

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.::

06 AGOSTO 74

WILSON DE QUEIROZ GARCIA

MHF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 230

206

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

FICHADO
S. A. DCDP

São Paulo
~~[illegible]~~, 12 de Setembro de 1974

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

SP FICHADO

MJ-DPF
13 SET 09 00 74
RECEBIDO POR:
SR/SP
32541
SRA/FICHADO

De ordem ao arquivo em 17 09 74
Ruth Nogales
Chefe do SA/DCDP

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (tres) cópias da peça:

"O CAIXEIRO DA TAVERNA

DE: LUIZ CARLOS MARTINS PENNA

próxima apresentação da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo no Teatro João Caetano com estréia marcada para o dia 27 e 31 de Outubro de 1974

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Djalma Bittencourt
Superintendente
12 SET 1974
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:

A PRESENTE AUTORIZAÇÃO SERVE APENAS E EXCLUSIVAMENTE PARA EFEITO DE CENSURA DE PEÇA.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.231 20?

TEATRO

TÍTULO O CAIXEIRO DA TAVERNA -

1) S. ARQUIVO

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior LIVRE

Praça SÃO PAULO - SP

Obs.: _____

DF. 18 / 9 / 74

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF.__/_____/_____

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Concordo com o Parecer nº 1981/5/74.

Emita-se os certificados, livre, com cortes, condicionados, todavia, ao exame do ensaio geral.

A consideração do senhor chefe do S. C.

Em, 23.09.74

Manoel Francisco Clapera Outido
Chefe da Seção de Censura de
Teatro e Congêneres / SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 25 / 09 / 19 74

Manoel Francisco Clapera Outido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

DPF—538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p 232, 208

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 19815 / 74

TÍTULO: " O CAIXEIRO DA TAVERNA " - de: Martins Pena.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: _____

Trata-se de uma peça já liberada várias vezes pela Censura Federal com a impropriedade para menores de 14 anos, cujo último Certificado tem validade até 04 de maio de 1977.

Em 06 de agosto de 1974, pelo Certificado nº 1390/74, a mesma peça foi liberada para o Inter-Show-Promoções e Promoções Ltda, da Guanabara, com Censura Livre.

Tal fato vem ocorrendo já há algum tempo com outras peças teatrais, o que necessitará de uma nova orientação para o caso, desde que não foi observado o artigo 10 da Lei nº 5.536 de 21/11/68, quanto a validade de cinco anos dos Certificados de Censura.

Tendo em vista que o texto em questão é semelhante aos anteriores já liberados, somos de opinião que de ora em diante seja adotada a classificação de Censura Livre e que se por acaso, os outros grupos que têm certificados com a classificação etária de 14 ANOS entrarem com recurso, pedindo para ser abaixada a impropriedade para Livre, que seja deferido o pedido, partindo do princípio que todos são iguais perante a Lei e, ainda, levando-se em consideração que o conteúdo da peça não tem nenhuma restrição do ponto de vista censório. SMJ.

Brasília-D.F., 19 de setembro de 1974

Roberto Antônio Coutinho

DPF—742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 233

202

260974

755/74-SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF em São Paulo

"O CAIXEIRO DA TAVERNA"

Martins Penna

Superintendente:

São Paulo -SP

MFCG/rs

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

1.390/74

: O CAIXEIRO DA TAVERNA

: LUIZ CARLOS MARTINS PENNA

L I V R E

25 SETEMBRO 79

25 SETEMBRO 74

ROGÉRIO NUNES

LIVRE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 235

: O CAIXEIRO DA TAVERNA

: LUÍZ CARLOS MARTINS PENNA -

: ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

19 SETEMBRO 74

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.::

25 SETEMBRO 74

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBSTITUTO

MHF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.236

1275

FICHADO S.A. DCDP

7 SET 1958 059738

DPF - BRA

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

211

645

Em 25 de setembro de 1974

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas da SR/GB

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas- BSB

Assunto :- encaminha pareceres.

De ordem ao arquivo em 30 09 74

Senhor Diretor:

De conformidade com as ordens em vigor, encaminho a V.Sª. os pareceres referentes aos ensaios gerais das peças:- "A DAMA DAS CAMÉLIAS", "FLAGRANTES DO RIO"e "O CAIXEIRO / DA TAVERNA", bem como, dos shows:- " SHOW MUSICAL NA BOITE SCANDINÁVIA BAR LTDA", "GENTINHA BOA TAI", "BRASILEIRO=PROFISSÃO ESPERANÇA" e "SAMBA & OUTRAS COISAS", bem assim, dos programas de TV / abaixo relacionados, acompanhados das cópias dos respectivos certificados.

TÍTULO	Nº DO CERTIFICADO
AERTON PERLINGEIRO Nº 36 - TV Tupi	426/74-GB
SÁBADO SOM Nº 27 - TV Globo	428/74-GB
CONCERTO PARA A JUVENTUDE Nº 24- TV Globo	429/74-GB
FANTÁSTICO O SHOW DA VIDA Nº 57- TV Globo	430/74-GB
GLOBO REPÓRTER-PESQUISA - TV Globo	431/74-GB
MOACIR FRANCO 138- TV GLOBO	432/74-GB
A GRANDE FAMÍLIA Nº 99 - TV Globo	434/74-GB

Sirvo-me do ensejo para renovar a V.Sª os protestos de consideração e apreço.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP/SR/GB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 022, p.237

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RESERVADO

212

Ilmo.Snr.Chefe
do Serviço de Censura de Diversões Públicas SR/GB

Parecer nº 323/74

Assunto	- ENSAIO GERAL
Peça	-"O CAIXEIRO DA TAVERNA"
Local	- Salão do Fluminense Futebol Clube Rua Alvaro Chaves nº 41.
Dia/Hora	- 20 de setembro - 16,00 horas
Proibição	- Sem proibição. LIVRE.-

Snr.Chefe:

No dia, na hora e no local acima mencionados assisti ao Ensaio Geral da peça em epígrafe, uma das nove comédias escritas por Luiz Carlos Martins Pena.

Ambientada no Rio de Janeiro de 1845, conta, em um ato, sôbre a ambição doentia de um caixeiro, imigrante português, em se tornar sócio da loja em que trabalhava, o que ao final consegue, embora de maneira totalmente inesperada.

À guisa de apresentação de atores e personagens, a representação é iniciada por um número tipicamente circense (palhaço, cambalhotas, etc...) que embora não figure no "script" apresentado, se integra perfeitamente ao espírito e à dinâmica do espetáculo, em nada prejudicando a sua classificação etária.

O cenário, a iluminação e o vestuário são bastante simples. A marcação está adequada.

Assim sendo, nada há que impeça a liberação do espetáculo sem proibição etária.-

Guanabara, 23 de ~~setembro de 1974~~.

Joel Carlos Tavares de Almeida
Técnico de Censura - Cart. 394

ENCAMINHE-SE A
D.C.D.P.-DPF-BSB/DF.
Em 23/09/74
Chefe do SCDP-SR-GB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 238

1275

FICHADO
S. A. DCDP

065981

213

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Of. nº 5714/74-SCDP/SR/SP Em, 22/de outubro de 1974.

Do: Superintendente Regional do D.P.F. em São Paulo

Ao: Exmº. Sr. Diretor Geral do Departamento de Policia Federal

Assunto: Relatórios (encaminha)

Senhor Diretor Geral:

Com o presente encaminho a V.Exa., para os devidos fins, os relatórios de ensaios gerais das peças teatrais "UM SONHO MARAVILHOSO" de autoria de Wilson Ribaldo, encenada por Carlos Maia Emp. Artísticos Ltda., "O MALABARISTA E O LOBO original de Gilberto Fernandes, "O ELEVADOR" de autoria de Cesar/ Vieira, "TRECO NOS CABOS" original de Silveira Sampaio, "FREUD -/ EXPLICA, EXPLICA?" de autoria de Ron Clark e Sam Bobrick, "FEITI/ ÇO" original de Oduvaldo Viana, "O CAIXEIRO DA TAVERNA" original/ de Luis Carlos Martins Pena.

Solicitamos a confirmação dessa D.C.D. P. do nosso parecer, com maior brevidade possível.

Na oportunidade, renovo a V.Exa., protestos de estima e consideração.

Carl Erobman

BEL. - CARL EROBMAN
Superintendente Regional

Quanto ao relatório das peças correspondentes, observando-se, quando for o caso, as alterações sugeridas pelos Censores encaminhados ao exame final. SP 24.10.74

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 239

214

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

RELATÓRIO Nº ... Série ...

São Paulo em 18 de setembro de 1974

Ao :- Chefe do SCDP/SP
De :- Técnico de Censura nº 2 095 823
Assunto :- Parecer (apresenta).

Exame censório do ensaio geral de peça teatral denominada "O Caixeiro da Taverna".
Autor :- Luis Carlos Martins Pena
Tradutor :- não há
Encenado por :- Escola Paulista de Medicina (Centro Acadêmico)
Local :- Teatro Popular João Caetano
Data do ensaio :- 17/10/74 Horário:- das 19:30 às 21 horas

1, TEXTO

1,1 Tema :- Caixeiro de taverna que ambiciona ser sócio da patroa.
1,2 Sofreu alterações ? ( ) Sim (X) Não
1,3 Sofreu alterações significativas ? ( ) Sim (X) Não
1,4 Sofreu cortes ? ( ) Sim (X) Não
1,5 Cortes observados ? ( ) Sim ( ) Não
1,6 Classificação :- LIVRE

2. ENCENAÇÃO

	De acordo com as normas censórias	Contrariando as normas censórias
2,1	(X)	( )
2,2 Iluminação :-	(X)	( )
2,3 Música :-	(X)	( )
2,4 Guarda-roupa :-	(X)	( )
2,5 Projeção de "slides"	(X)	( )
2,6 Expressão corporal :-	(X)	( )

2,7 Restrições :- Não há.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.240

215

Nº ... Série ...

3. OBSERVAÇÕES

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

Segue anexo Relatório minucioso ( ) Sim (x) Não

4. PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA

4.1 Opino pela liberação (x)

4.2 Opino pela proibição ( ) de acordo com .....
.....

4.3 Opino pela liberação com restrições parciais ( ) de acordo
.....
.....

Coriolano de L.C. Fagundes ..... Técnico de Cens.
Nº 2 095 823

S.Paulo. 18/10/74

1. De acôrdo com o parecer censório, remeta-se à Brasilia atruvés da Superintendência.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 241

218

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

FICHADO
S. A. DCDP

São Paulo,
~~Rio de Janeiro~~, 10 de Janeiro de 19 75

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D.P.F.
Brasília, D.F.

RECE 10 J MJ

De ordem ao arquivo em 150/75
Ruth Nogales
Chefe do SA/DCDP

FICHADO
S. A. DCDP

Saudações

SR/SP

PROT. Nº 1240

1240

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (3) cópias da peça:

"O CAIXEIRO DA TAVERNA"

DE: MARTINS PENA

próxima apresentação da GRUPO FERRAMENTA DE TEATRO no Teatro Diversos de SÃO BERNADO com estréia marcada para o dia MÊS DE FEVEREIRO

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
10 DEZ 1974
Djalma Bittencourt
Superintendente
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto: Rosangela Fiorin

A PRESENTE AUTORIZAÇÃO SERVE APENAS E EXCLUSIVAMENTE PARA EFEITO DE CENSURA DE PEÇA.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, f.242

TEATRO

219

TITULO O Caxeiro da Taverna

1) S. ARQUIVO

Documentação Em ordem

Clas. Anterior Livre

Praça São Paulo

Obs.:

DF. 16 / 01 / 75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Concordo com o parecer nº 45-9-75.
1 À SE para emitir certificado com a chancela de Livre, sem cortes, todavia, condicionado ao exame do ensaio geral.
2 À consideração do Sr. Chefe do SC. Em 23-1-75.

Florinaldo de Carvalho Queiróz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 24/01/1975
Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0228, p.245

220

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 459 / 75

TÍTULO: O CAIXEIRO DA TAVERNA

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

O "script" ora examinado para efeito de comparação de texto, confere com o constante do Proc. nº1275.

A dúvida surge quanto à classificação liberatória a ser adotada, vez que a peça vinha sendo liberada com a impropriedade para menores de 14 anos, com o último certificado nesses termos válido até julho de 1979, quando foi, em pedido posterior, liberada sem restrições.

Portanto, deixo a critério desta Chefia decidir qual dos certificados é válido para efeito de liberação do atual pedido, de conformidade com o art.10 da Lei 5536 de 21/11/68.

Meu voto é pela liberação com a classificação "Livre", pois a comédia de Martins Pena é um divertimento sadio, realmente sem comprometimentos.

Brasília, 22 de janeiro de 1975

Maria Luiza Barroso Cavalcante

MARIA LUIZA BARROSO CAVALCANTE

DPF—742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 244

046/75-SCTC/SC/DCDP 23, JAN 5

Superintendente Regional do DPF em São Paulo-SR/SP

" O CAIXEIRO DA TAVERNA"

Martins Penna

Superintendente:

São Paulo-SP

MFCG/rs

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.245

1390/75

:O CAIXEIRO DA TAVERNA

: MARTINS PENNA

24 JANEIRO 80

24 JANEIRO 75

LIVRE

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 246

: O CAIXEIRO DA TAVERNA

: MARTINS PENNA

: GRUPO FERRAMENTA DE TEATRO - SP -

22 JANEIRO 75

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT " DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.::

REQUERENTE:

24 JANEIRO 75

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.

MHF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.247
SRA/FICHADO
DPF - SRA
Fl. nº
Rub.
MJ - DPF - SRA/BSB
FICHADO
S. A. DCDP

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDENCIA REGIONAL EM M.G.-B.H.

12 JUN 1978 015421

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Belo Horizonte, 08 de junho de 1978

Ofício nº. 083/78 - SCDP/SR-MG

Assunto: Peça teatral (encaminha)

Arquivo
Serif. e prond.
Ms 12.6.78

Senhor Diretor,

Com o presente, tendo em anexo o requerimento do interessado e a guia da SBAT, encaminho a essa DCDP para/fins de exame a peça teatral " O CACHEIRO DA TABERNA ", de Martins Pena.
CAIXEIRO TAVERNA

Esta peça tem apresentação marcada para o mês de outubro, nesta cidade.

Na oportunidade, renovo a Vossa Senhoria a minha manifestação de estima e consideração.

Dacíger de Moraes
Chefe do SCDP/SR-MG

Ilmº. Sr.

Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Do Departamento de Polícia Federal

Brasília DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 248

Ao Ilmº Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Do Departamento de Polícia Federal
Belo Horizonte

Prezado Senhor

Alberto de Sena Rosa, residente na Rua Ohm nº 133, nesta cidade, em nome do GRUPO - TEATRO TININ PROMOÇÕES, requer a Vossa Senhoria a leitura da peça teatral " O CACHEIRO DA TABERNA ", de Martins Pena.

A referida peça deverá ser apresentada no mês de outubro, no Teatro do DCE da Univ. Católica de M.G.

Certos da acolhida, agradecemos antecipadamente.

Belo Horizonte, 08 / 6 / 78

Alberto de Sena Rosa

Alberto de Sena Rosa

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 249

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Belo Horizonte , 30 de maio de 1978

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado de ~~Rio de Janeiro~~
Minas Gerais
NESTA

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça "O CACHEIRO DA TABERNA"

Original de MARTINS PENA

Tradução de

Próxima apresentação de GRUPO - T. TINIM PROMOÇÕES

Teatro D.C.E. CATOLICA Cidade BELO HORIZONTE

Estado MINAS

A estréia está prevista para 2º QUINZENA DE NOVEMBRO/78

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT,
SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SUCURSAL DE MINAS GERAIS
Pinheiro
Maria Helena Vieira Silva - Rept e Geral

40 blocos 50x2
Jan. / 78

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.250

M6

SUGESTÕES DE CARLOS W. SILVEIRA
PARA OS FIGURINOS DE *CAIXEIRO DA TAVERNA*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.251

O CAIXEIRO DA TAVERNA

COMÉDIA EM 1 ATO DE MARTINS PENA

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PERSONAGENS:

MANUEL, primeiro caixeiro
ANGÉLICA, dona da casa
DEOLINDA, costureira
FRANCISCO, oficial de latoeiro
QUINTINO, sargento de fuzileiros
ANTÔNIO, caixeiro
JOSÉ, caixeiro, personagm muda

Luís Carlos Martins Pena, nasceu no Rio de Janeiro em 1815 e faleceu em Lisboa em 1848. Considerado o "criador da comédia brasileira", é conhecido como 'o Molière brasileiro'

"A maior parte das peças de MP são antes farsas que comédias. Independentemente dessa denominação, que ele próprio lhes deu, a sua feição e estilo é de farsa. Ele exagera o feitio cômico das situações e personagens, acumula o burlesco sobre o ridículo, manifestamente no intuito de melhor divertir, provocando-lhe o riso abundante e descomedido, o seu público. É tradição que o conseguiu plenamente. Ainda hoje se representam as comédias de Pena com o mesmo sucesso de franca hilaridade que lhe fizeram nossos pais. A mais de meio século de existência, lidas ou ouvidas, deixam-nos a impressão de representarem suficientemente no essencial e característico o meio brasileiro que lhe serviu de modelo e tema. E só talvez delas, em nosso teatro, se poderá dizer a mesma coisa." (JOSÉ VERÍSSIMO)

A cena se passa na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1845

O teatro, na antecena, representa uma sala com portas laterais e duas no fundo, pelas quais se vê o interior de uma taverna com seu balcão onde estará um caixeiro e mais arranjos necessários — tudo distribuído de modo tal que fiquem bem à vista do espectador as pessoas de diferentes condições que entram na taverna durante a representação. De um lado e outro da sala, haverá algumas pipas como é costume nas tavernas. No primeiro plano, à esquerda, uma escrivaninha apropriada ao lugar etc.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, e.252

Cena 1

Ao levantar do pano, Manuel estará sentado à escrivaninha, verificando contas.

MANUEL, *continuando a somar* — E 4 são 10, e 9, 19, e 7, 26, soma tudo... duzentos e sessenta e oito mil tresentos e vinte réis... que deve o senhor Laurindo da Costa à Viúva Pereira, por gêneros comprados em sua taverna durante cinco meses Este é bom pagador, dinheiro seguro. (*Pegando em outra conta*) O Major José Félix deve à Viúva Pereira, etc., cento e vinte e nove mil e oitocentos réis... Contem com este... dinheiro perdido... É isto, querem todos comer a boa manteiga, o queijo frescal, o gordo paio... É só mandar um bilhetinho: Sr. Manuel, mande-me isto; Sr. Manuel, mande-me aquilo; mas quando chega a ocasião de pagar as contas é que são elas. Este não paga, aquele desculpa-se, outro descompõe, quer dar no pobre cobrador... É um inferno! Ora, deste pobre major tenho pena. Mal lhe chega o soldo para pagar casa e educar quatro filhos que tem; mas, bem pensado, a venda de minha ama não é montepio militar. A nação que pague! (*Chamando*) Ó José? José?

Cena 2

Entra um meñino de dez anos, de calça e mangas de camisa, calçado de tamancos e muito sujo.

MANUEL — Toma estas contas, vai cobrá-las. Os nomes aí estão. (*Dá um maço de papéis.*) Se algum dos devedores não quiser pagar, dize-lhe que mandarei por no *Jornal do Comércio*. Anda, vai. (*O menino sai*) É o que se vê — tudo anda pingando. (*Levantando-se*) É boa! Quem come, pague! E quem não pode pagar, não coma... Ó Sr. Antônio? Sr. Antônio?

ANTÔNIO, (dentro) — Senhor

MANUEL — Chegue cá.

Cena 3

MANUEL *a Antônio, que entra do mesmo modo que José* — Chegou a pipa de aguardente, que se foi buscar ao Trapiche da Ordem?

ANTÔNIO — Já, sim senhor.

MANUEL — Pois recolha-a, e logo à noite tempere-a com quatro barris de água.

ANTÔNIO — Sim senhor.

MANUEL — Os direitos estão cada vez mais subidos, e como não podemos encurtar as medidas, aumentemos o líquido... Em que estado estão aquelas pipas de vinho de Lisboa?

ANTÔNIO — Ambas pelo meio.

MANUEL — Pois acabe de as encher com água fresca e bote-lhe dentro dois engaços de bananas e uma porção de pau-campeche para lhe dar a cor e tom; e quando o vender, diga aos fregueses que é vinho superior da Companhia do Alto-Douro.

ANTÔNIO — Sim senhor.

MANUEL — E não se esqueça de pendurar à porta este letreiro. (*Tira de sobre* a carteira um rótulo com letras grandes, que digam: ÚNICO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.253

DEPÓSITO DA COMPANHIA DO ALTO-DOURO). O público deixa-se levar por estas imposturas. Pode ir. (*Antônio sai com o rótulo*).

Cena 4

MANUEL *e depois* FRANCISCO

MANUEL — Estou fatigado! Muito custa dirigir-se uma venda bem afreguesada como esta. Mas, ah, se eu dela fosse dono, outro galo cantaria... Há seis anos que cheguei do Porto e ainda sou caixeiro. É verdade que sou primeiro caixeiro da taverna da viúva de meu amo, mas o que é isto para mim? Para mim, que sou ambicioso? Sim, uma ambição roedora me estraga a alma. Dorme e acorda comigo, não me deixa um só instante tranqüilo; traz-me em delírio, confunde-me as idéias. Ah, quantas vezes tenho eu vendido aguardente do Reino, lingüiças por paios e cebolas por alhos! Ambição, horrível martírio, quando te verei eu satisfeita? (*Entra Francisco*)

FRANCISCO — Adeus, Manuel.

MANUEL — Como estás, Chico?

FRANCISCO — Vamos remando contra a maré.

MANUEL — Chico, tu és bem feliz!

FRANCISCO — Eu? Estás enganado, no mundo não se pode ser feliz sem dinheiro, e eu não o tenho.

MANUEL — Trabalha e terás.

FRANCISCO — Trabalha! Sou, como bem sabes, oficial de latoeiro, e já por muitas vezes te tenho dito o que presentemente ganha um oficial de latoeiro. Olha, Manuel, minha avó dizia que no tempo dos vice-reis e mesmo no tempo de el-rei, qualquer que tivesse um ofício ganhava a vida e ainda ajuntava dinheiro. Agora o caso é outro.

MANUEL — Deixa-te disso.

FRANCISCO — Ora, dize-me, o que pode fazer um pobre latoeiro do país, quando a rua do Ouvidor está cheia de latoeiros e lampistas franceses? Meu caro, se não fossem as seringas que fazemos para os moleques brincarem o entrudo, não sei o que seria de nós.

MANUEL — Se vocês trabalhassem tão bem como eles...

FRANCISCO — É um engano, é uma mania, e todos vão com ela; é obra estrangeira, e basta! Não se vê por esta cidade senão alfaiates franceses, dentistas americanos, maquinistas ingleses, médicos alemães, relojoeiros suiços, cabeleireiros franceses, estrangeiros de todas as seis partes do mundo. E resistam os artistas do país, se são capazes, a essa torrente! Porém, meu pai é que é o culpado de estar eu hoje como estou.

MANUEL — Como assim?

FRANCISCO — Em lugar de ensinar-me o seu ofício, como ensinou-me, podia ter-me mandado para S. Paulo estudar leis. Bem podia estar deputado.

MANUEL — Ah, ah, ah! Deste modo podemos ser tudo...

FRANCISCO — Manuel, tu és filho de Portugal e não estás bem ao fato da nossa Constituição. Ela diz: *A lei é igual para todos*: Isto quer dizer que todos podem ser tudo.

MANUEL — Ah, entendes assim?

FRANCISCO — No talento é que está a diferença. O homem de talento pode ser tudo quanto quiser, e tu bem sabes que eu tenho talento... Ainda ninguém pôde fazer, como eu, uma seringa de entrudo que esguiche água mais longe.

MANUEL — Ora, Chico! (*Sorrindo-lhe*)

FRANCISCO — Olha, Manuel, não sei o que te diga; às vezes custa mais fazer-se uma seringa de esguicho do que certas leis.

MANUEL — Estás hoje pregador.

FRANCISCO — Estou zangado; tu és feliz.

MANUEL — Feliz?

FRANCISCO — Há oito meses que teu amo morreu e a viúva não poderia continuar com a taverna aberta sem o teu auxílio. Eras o único como primeiro caixeiro, que sabia das transações do defunto.

MANUEL, *à parte e concentrado* — E ainda sou caixeiro.

FRANCISCO — Manuel, um negócio aqui me traz. És meu amigo, devo comunicar-to, até porque és nele interessado.

MANUEL — Interessado? E como?

FRANCISCO — Estou resolvido a casar-me.

MANUEL — Queres-me dar interesse no teu casamento?

FRANCISCO — Não. A mulher escolhida por mim é tua ama.

MANUEL — Minha ama?

FRANCISCO — Ela mesma, e tenho razões para supor que lhe não sou indiferente.

MANUEL, *pegando-lhe no braço* — Chico, és meu amigo?

FRANCISCO — Dúvidas? Experimenta.

MANUEL — Desiste desse casamento.

FRANCISCO — Que eu desista? E por que?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.254

DIVERSÕES PÚBLICAS - DIVISÃO DE CENSURA

MANUEL — Porque? Não te posso ...er.

FRANCISCO — Percebo... Queres casar com ela. Pois bem, mostra-... que sou teu amigo. Casa-te; tens ...ais direito do que eu... já estás ... casa.

MANUEL, *abraçando-o* — Obriga-..., amigo.

FRANCISCO — Pois bem, casar-me-com a nossa vizinha Deolinda.

MANUEL — Chico, tu não te ca-...rás com a Deolinda!

FRANCISCO — Hem?

MANUEL — Digo-te que não casa-...s com ela.

FRANCISCO — Essa agora é me-...or. E porque não me casarei?

MANUEL — A Deolinda já está ...sada.

FRANCISCO — Casada? E com ...em?

MANUEL, em voz baixa — Comigo.

FRANCISCO — Contigo? Mas que ...abo de trapalhada é essa? És casa-... e... es casar?

MANUEL — Chico, olha atenta-...nte para mim.

FRANCISCO — Estou olhando.

MANUEL — Vês em mim um ho-...m profundamente ambicioso.

FRANCISCO — Tu?

MANUEL — Sim, eu! E de uma ...bição tão frenética, que me levará ... sepultura se a não vejo realiza-.... De uma ambição ambiciosa!

FRANCISCO — Tu me assustas! ...aso queres ser major da Guarda ...cional?

MANUEL, *com desprezo* — Não.

FRANCISCO — Chefe de legião?

MANUEL — Não.

FRANCISCO — Tenente-general?

MANUEL — Não.

FRANCISCO — Conde? Marquês? Ministro?

MANUEL — Não.

FRANCISCO — Manuel, Manuel, que queres tu ser?

MANUEL, *com mistério* — Sócio de minha ama!

FRANCISCO, *rindo-se* — Ah, ah! E só isso?

MANUEL — Só, dizes tu? E que felicidade pode haver no mundo maior para mim? Ah, não sabes que satisfação será a minha, quando escrever em uma conta: Fulano deve a Manuel Pacheco e Viúva Pereira a quantia de tanto, por gêneros comprados em sua venda. Sua, amigo, sua! Ela será também minha!

FRANCISCO — Enfim, cada um tem lá ambição a seu modo.

MANUEL — E ainda sou caixeiro! Caixeiro! Sabes tu o que é um caixeiro? É um traste que paga imposto à Câmara Municipal, como qualquer carruagem ou burro.

FRANCISCO — Mas não vejo porque não queres que eu case com tua ama.

MANUEL — Não vês?

FRANCISCO — Logo que estiver casado, prometo dar-te sociedade.

MANUEL — Sabes tu se ela te ama?

FRANCISCO — Julgo que não lhe sou indiferente.

MANUEL — Pois digo-te que ela não te ama, porque ama-me.

FRANCISCO — A ti?

MANUEL — E de uma maneira desesperada e danada. Amigo, Deus te guarde de amor de mulher velha; é pior do que carrapato em orelha de burro. Compreendes agora a minha posição?

FRANCISCO — Ainda não muito bem.

MANUEL — Por amor — maldito amor! — casei-me em segredo com Deolinda; nem o seu próprio irmão, o Sargento Quintino, o sabe. Pensa agora o que será de mim, se minha ama desconfiar que a desprezei por causa de outra mulher... Raivosa, expulsar-me-á desta casa e minhas esperanças serão malogradas. É preciso enganá-la até o dia em que assinarmos a escritura de sociedade.

ANGÉLICA, *dentro* — Manuel?

MANUEL — Ela que me chama! Vai-te embora!

FRANCISCO — Adeus, e estimo que sejas bem sucedido.

MANUEL — Nem palavra...

FRANCISCO — Fica descansado (*Sai*)

Cena 5

MANUEL *e depois* ANGÉLICA

MANUEL — Ela aí vem. Estou frio! Ai, que bocado amargoso! Ei-la.

ANGÉLICA, *entrando* — Manuel?

MANUEL — Senhora minha ama?

ANGÉLICA — Ah, já estava inquieta...

MANUEL — Oh, isso é bondade de minha ama. Trabalhava.

ANGÉLICA — Não quero que trabalhes tanto, que podes adoecer. Far-me-ias muita falta.

MANUEL — Ninguém faz falta.

ANGÉLICA — As pessoas como tu fazem sempre falta.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 255

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

MANUEL, *à parte* — Temo-la!

ANGÉLICA — Não se encontram muitos caixeiros como tu.

MANUEL — Oh, minha ama, dá licença que vá ver aquilo lá pelo balcão como vai.

ANGÉLICA — Espera! Tens sempre tanta pressa quando falo contigo...

MANUEL — Acudir às minhas obrigações.

ANGÉLICA — Já te disse que não quero que te mates. Não acharei outra pessoa com as tuas qualidades.

MANUEL — Oh, minha ama, não mereço.

ANGÉLICA — Mereces tudo. A experiência do mundo tem-me feito conhecer os homens.

MANUEL, *à parte* — Que tal a experiência?

ANGÉLICA — É todo o meu cuidado zelar a tua saúde.

MANUEL — Tanta bondade!

ANGÉLICA, *suspirando e olhando para ele* — Ai, ai!

MANUEL — Minha ama, sente alguma dor?

ANGÉLICA — Não.

MANUEL, *à parte* — O caso está mau.

ANGÉLICA — Manuel, uma cousa te quero eu pedir.

MANUEL — É uma ordem que recebo.

ANGÉLICA — Espero que não freqüentes certas ruas desta cidade e que, sobretudo, não arranches para essas patuscadas dos domingos que fazem os caixeiros no Jardim Botânico, nos canos da Carioca e nas Paineiras. Tens visto o resultado.

MANUEL — Nunca gostei desses pagodes.

ANGÉLICA — Nem deves do mesmo modo freqüentar os bailes mascarados.

MANUEL — Bailes? Não sei dançar.

ANGÉLICA — Manuel, nos bailes mascarados não se dança, joga-se! Dever-se-iam antes chamar jogos mascarados, ou outro nome que eu não quero dizer. Aí é que a perdição é certa... E o jogo tem levado muita gente boa à forca; vê lá se queres também...

MANUEL — Morrer enforcado? Nada!

ANGÉLICA — Tu morreres? Ah! (*Chegando-se para ele*) O que seria de mim, quero dizer, da minha venda, Manuel? Não fales em morrer. (*Pegando-lhe na mão*) Eu te seguiria...

MANUEL, *à parte* — Oh, homem, até depois de morto!

ANGÉLICA, *caindo em si, à parte* — Ia traindo-me! (*Alto*) Digo-te isto, porque se me faltares, o meu negócio vai por água abaixo.

Cena 6

MANUEL, ANGÉLICA *e* QUINTINO *com farda de sargento de fuzileiros.*

QUINTINO, *entrando* — Licença?

MANUEL, *à parte* — Abençoada visita!

ANGÉLICA — Quem é?

QUINTINO — Um criado.

MANUEL, *reconhecendo-o e à parte* — Oh, diabo, é o irmão de minha mulher e meu cunhado sem o saber!

ANGÉLICA — Deseja alguma coisa?

QUINTINO — Dous dedos de conversa ali com o Sr...

MANUEL — Comigo?

QUINTINO — Sim senhor.

MANUEL — Pois vamos cá para fora.

ANGÉLICA — Espera, Manuel, onde vais?

QUINTINO — Podemos falar aqui mesmo.

MANUEL, *à parte* — Eu tremo..

QUINTINO, *pondo a barretina à cabeça, de lado* — Dizem neste quarteirão que o senhor namora minha irmã.

MANUEL — Não há tal.

ANGÉLICA — Como é lá isso?

MANUEL, *à parte* — Estou arranjado...

QUINTINO — Foi a primeira notícia que hoje tive, assim que cheguei da Praia Vermelha. O sapateiro da esquina disse-me...

ANGÉLICA, *enfurecida* — Como é isto, Manuel?

MANUEL — O senhor está enganada (*Para Angélica*) Não sabe o que diz, está bêbado.

QUINTINO — O sapateiro da esquina disse-me que o viu entrar ontem à noite lá.

ANGÉLICA — Entrar lá?

MANUEL — E o que prova isso?

ANGÉLICA — O que prova? E esta!

MANUEL — Sua irma nao cose para fora?

QUINTINO — Cose sim senhor, e com muita honestidade.

MANUEL — Pois então? Mandei fazer por ela umas camisas e fu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0228, p. 256

ontem ver se estavam prontas; se quiser, vá perguntar-lhe.

QUINTINO — Se foi só por isso, o caso é outro...

MANUEL — E por que mais havia de ser? Importo-me cá com sua irmã? O que tenho eu com sua irmã? Faço lá caso dela? (*À parte*) E não me quer deitar a perder?

ANGÉLICA — Manuel!

MANUEL — Deixe-me.

QUINTINO — Está bom, homem.

ANGÉLICA — Manuel!

MANUEL — Estou zangado! Assim se desacredita ao homem de bem.

QUINTINO — Em uma palavra, não a namora?

MANUEL — Vá-se com todos os diabos você, seu irmão e toda a sua parentalha.

QUINTINO — Mais respeito!

MANUEL — Pois não me esquente a cabeça! Ora, não tenho eu mais que fazer! Deixar de cuidar nos interêsses de minha boa ama, para namorar sua irmã. Era o que me faltava... Diga ao sapateiro que vá conversar com os defuntos. Irra!

QUINTINO — Basta. Como não se importa com ela...

MANUEL — Nem com você, sô barbaças!

QUINTINO, *puxando da espada* — Barbaças! (*Manuel corre para trás de Angélica*)

ANGÉLICA, *para Quintino* — Senhor!

QUINTINO — Barbaças? Eu te ensinarei.

ANGÉLICA — Senhor sargento...

QUINTINO — Deixe-me sangrá-lo.

MANUEL, *à parte* — Quer fazer a irmã viúva...

ANGÉLICA, *para Quintino* — Tranqüilize-se, embainhe essa espada.

QUINTINO, *para Manuel* — Já eu te rezava por alma. Respeito as senhoras, é o que te salva.

MANUEL, *à parte* — Belo cunhado!

ANGÉLICA — O senhor sargento pode ficar descansado; o sr. Manuel, meu primeiro caixeiro, não é capaz de desinquietar sua irmã.

MANUEL — Que dúvida!

ANGÉLICA — Tem outras coisas em que cuidar.

MANUEL — Sim, tenho outras muitas cousas. (*Assim dizendo, pega na mão de Angélica e beija*).

ANGÉLICA, *pondo a mão sobre o coração* — Ah!

QUINTINO — Muito estimo, porque tenho cá certas vistas a seu respeito... Quero casá-la...

MANUEL, *à parte* — Casar minha mulher!

QUINTINO, *continuando* — ...com o alferes de minha companhia.

MANUEL — Casá-la com o alferes?

QUINTINO — Sim. E tem que dizer?

MANUEL — Casá-la!

ANGÉLICA — E o que tens tu com isto?

MANUEL, *constrangendo-se* — Nada, nada! (*À parte*) E então! (*Alto*) Pode casá-la com quem quiser. (*À parte*) O diabo é se ela se esquece que está casada comigo...

QUINTINO — Meu menino, esta espada corta muito bem orelhas... E guarde-vos Deus. (*Sai*)

Cena 7

MANUEL *e* ANGÉLICA

MANUEL — Ora, aí está como se bota um homem a perder. Vem o diabo de um Ferrabrás destes provocá-lo.

ANGÉLICA — É um desaforo!

MANUEL — Se não fosse o respeito que tenho a esta casa, tinha-lhe atirado com aquela pipa à cabeça.

ANGÉLICA — Soldado de tarimba!

MANUEL — Case lá a irmã com quem quiser.

ANGÉLICA — Mas tu te surpreendeste, quando ele disse que a ia casar com o alferes.

MANUEL — Foi surpresa de compaixão. Quem pode ver de sangue frio entregar-se uma pobre menina daquelas a um extravagante como é o alferes?

ANGÉLICA — É extravagante?

MANUEL — Xi, como não faz idéia! Já foi coronel, e por causa de sua má cabeça tem descido de postos; breve estará soldado raso. Mas deixá-lo...

ANGÉLICA — Assim o querem, assim o tenham. Tratemos de nós.

MANUEL, *à parte* — Ai!

ANGÉLICA — Manuel, eu estou resolvida a dar sociedade nesta minha venda a certa pessoa...

MANUEL, *a parte* — Meu Deus!

ANGÉLICA — Uma mulher, por si só, pouco representa. Que dizes do meu projeto?

MANUEL — Que só resta-me sair desta casa.

ANGÉLICA — Sair de minha casa?

MANUEL — Enquanto sois dela única senhora, sirvo com prazer; mas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 257

quando tiverdes um sócio, um homem estranho, não posso, não devo.

ANGÉLICA, *sorrindo-se* — Não sejas tão precipitado; espera um instante. Eu vou lá dentro escrever um papel; não te digo mais nada... Lerás... Espera, Manuelinho, espera; lerás... (*Sai*)

Cena 8

MANUEL *só e depois* DEOLINDA

MANUEL — Será possível? Ouviram bem meus ouvidos suas palavras? Espera, Manuelinho, espera e lerás. Ó dita! Ó fortuna! Serei sócio! Sócio! Oh, o prazer sufoca-me; daqui a uma hora já não serei caixeiro; vou andar de cabeça levantada, orgulhoso, ufano... Sócio! Palavra mágica! Ninguém, ninguém no mundo perturbará — a minha felicidade.

DEOLINDA, *entrando* — Manuel?

MANUEL — Oh, que havia-me esquecido de minha mulher!

DEOLINDA — Ouve...

MANUEL — Vai-te embora!

DEOLINDA — Hem?

MANUEL, *empurrando-a* — Vai-te embora, vai-te embora, diabo!

DEOLINDA — Assim me recebes? Queres que me vá?

MANUEL — Sim, sim.

DEOLINDA — Sabes que mais? Isto assim não pode durar... É preciso que declares o nosso casamento.

MANUEL, *com cólera e falando baixo* — Desgraçada, cala-te, cala-te!

DEOLINDA — Se és meu marido...

MANUEL, *tapando-lhe a boca com a mão* — Cala-te ou meto-te esta mão pela boca dentro.

DEOLINDA, *chorando alto* — Hi! Hi! Hi!

MANUEL, *raivoso e falando entre os dentes* — Olha que te mato!

DEOLINDA — Hi! Hi! Hi!

MANUEL, *na maior aflição* — Se minha ama chega estou arranjado! (*Raivoso*) Mulher! (*Indo espiar à porta*) Hoje me perco! Ainda estará escrevendo? (*Com ternura*) Deolinda...

DEOLINDA — Hi! Hi! Hi!

MANUEL — Deolinda, não chores, tem compaixão de teu marido que tanto te ama.

DEOLINDA — Deixe-me Hi! Hi! Hi!

MANUEL, *à parte* — Se a velha chega... (*Para Deolinda*) Amanhã ou depois tudo declararei, mas hoje, oh!

DEOLINDA — E até lá, meu irmão estará maltratando-me e atrapalhando-me para que eu me case com o alferes.

MANUEL — Mas tu não te casarás!

DEODINDA — Quem sabe?

MANUEL — Quem sabe? Isso são graças? Vê lá...

DEOLINDA — Tenho muito medo do meu irmão, e demais, meu marido está tão misterioso... Não quer declarar-se...

MANUEL — E julgas que não tenho razões para assim fazer? Deolinda, minha cara Deolinda, escuta-me. Minha ama quer dar-me sociedade nesta venda, mas se ela souber que estou casado, tudo desfará.

DEOLINDA — E por que?

MANUEL — Ela julga que um homem casado não deve ter sociedade com outra mulher e nem pode dirigir com todo o cuidado uma casa como esta. A mulher, os filhos, a família... tomam tempo...

DEOLINDA — E logo que fores sócio...

MANUEL — Oh, então, declarar-me-ei...

DEOLINDA — Bem, esperarei, visto que esse é o motivo.

MANUEL — E que outro poderia ser? Não és tu a minha querida mulher? Dá-me um abraço e vai-te embora. Dá-me. (*Abre os braços para abraçar Deolinda. Angélica entra neste momento*)

Cena 9

ANGÉLICA *com um papel e os ditos*

ANGÉLICA — Manuel? (*Manuel ouvindo a voz de Angélica, fica com os braços abertos na ação de abraçar Deolinda*)

DEOLINDA — Ah!

ANGÉLICA — O que é isto? Com os braços abertos?

MANUEL, *confuso* — Estava mostrando o comprimento dos braços, para medida das camisas.

ANGÉLICA — Ah, a senhora é a sra. Deolinda, que cose para fora e com muita honestidade?

DEOLINDA — Uma sua criada.

ANGÉLICA — E que vem em pessoa tomar medida aos fregueses... em suas próprias casas... e tudo com muita honestidade?...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 258

MANUEL, *à parte* — Elas pegam-se! (*Alto*) Minha ama!

DEOLINDA — Minha senhora, a honestidade guarda-se em toda a parte quando se é *honesta;* e quando não se é...

MANUEL, *para Deolinda* — Deolinda!

DEOLINDA, *continuando* — ...mesmo sem que seja necessário sair-se de casa, praticam-se atos que envergonham...

ANGÉLICA — O que?

MANUEL, *para Deolinda* — Cala-te!

DEOLINDA — ... e dizem-se palavras indignas de uma senhora de *bem*...

ANGÉLICA — A menina fala comigo?

DEOLINDA — ...e só próprias de uma vendelhona!

ANGÉLICA — Insolente!

MANUEL — Minha ama!

ANGÉLICA — Já desta porta para f[illegible]. Já!

DEOLINDA, *com zombaria* — Ofendi a duquesa?

ANGÉLICA, *querendo ir sobre ela* — Desavergonhada!

MANUEL, *retendo-a* — Prudência!

DEOLINDA — Será ela...

MANUEL, *afastando-as* — Prudência... Senhora minha ama! Sra. Deolinda!

ANGÉLICA — Deixa-me ensinar esta malcriada!

DEOLINDA — Malcriada será ela, velha de uma figa!

ANGÉLICA — Velha? (*Angélica e Deolinda forcejam para ir uma contra a outra*)

MANUEL, *para Deolinda, enganando-se* — Senhora minha ama! (*Para Angélica, do mesmo modo*) Deolinda! Diabo!

Cena 10

FRANCISCO *e os ditos*

FRANCISCO — Então, o que temos?

MANUEL — Prudência que aí vem gente.

FRANCISCO — Senhora D. Angélica... (*À parte, vendo Deolinda*) Deolinda por cá? Mau!

ANGÉLICA — Sr. Francisco, isto é um horror, um desaforo! O sr. Manuel traz as suas costureiras — costureiras! — para casa e elas vêm insultarem-me.

MANUEL — Eu, Senhora, minha ama? Eu, Manuel Pacheco? Pois bem, hoje mesmo sairei desta casa.

ANGÉLICA — Saires de minha casa?

MANUEL — Desconfiam de mim... Que faço aqui? Não faço nada. Vou-me, vou-me com cem mil milhões de diabos!

ANGÉLICA — Manuel!

MANUEL — Adeus, senhora.

ANGÉLICA, *retendo-o* — Não, tu não sairás... não posso... meu negócio não pode estar sem ti.

MANUEL — Deixe-me!

ANGÉLICA — Não! Sr. Francisco, ajude a segurá-lo.

FRANCISCO — Então, Manuel, que é isto?

DEOLINDA — Desgraçada de mim! Ela o ama! (*Vai a sair pelo fundo*)

ANGÉLICA — Manuel, Manuel, não me abandones...

Cena 11

QUINTINO *e os ditos*

QUINTINO, encontrando-se à porta com Deolinda — Espere lá.

ANGÉLICA — Quem é?

MANUEL, *à parte* — Meu cunhado...

FRANCISCO, *à parte* — Temos!

QUINTINO, *trazendo Deolinda para a frente* — Preciso de uma explicação.

DEOLINDA — Deixa-me?

ANGÉLICA, *para Quintino* — Mas o que é isto, senhor?

MANUEL — Sim, o que é isto? Assim se entra por uma casa?

QUINTINO, *para Deolinda, sem dar atenção aos mais* — Não estavas em casa. Muito estimo encontrar-te aqui. É preciso que todos me ouçam: Deolinda, disseram-me que tu te casaste ocultamente...

DEOLINDA — Eu?

MANUEL, *à parte* — Mau!

ANGÉLICA — Casada!

QUINTINO — Não procures enganar-me; estou bem informado.

DEOLINDA — Pois bem, confessarei: sou casada.

QUINTINO — Ah, confessas?

MANUEL, *à parte* — Estou perdido!

FRANCISCO, *à parte e ao mesmo tempo* — No que dará isto?

ANGÉLICA — É possível?

QUINTINO — Agora quero saber quem é teu marido.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 269

DEOLINDA — Ah, ainda não sabe? Pois então pergunta ali ao sr. Manuel.

MANUEL — A mim?

ANGÉLICA, *ao mesmo tempo* — A ele?

DEOLINDA — Sim; diga a meu irmão quem é meu marido.

MANUEL — Que eu diga?

ANGÉLICA — Que horrível desconfiança... E esta escritura? (*Querendo rasgar o papel*)

MANUEL, *pegando-lhe na mão* — Espere!

DEOLINDA, *à parte* — O que eu ia fazendo?

MANUEL, *para Quintino* — Senhor sargento, eu queria guardar segredo, porque assim mo pediram; mas como o negócio está meio divulgado, falarei. Fui padrinho do casamento...

ANGÉLICA — Tu?

MANUEL — E assim sei quem é o marido.

QUINTINO — E quem é?

MANUEL — O sr. Francisco.

FRANCISCO — Hem?

DEOLINDA — O que diz?

ANGÉLICA, *ao mesmo tempo* — O Sr. Francisco?

QUINTINO — Ah, o senhor é meu cunhado?

FRANCISCO — Eu, senhor?

MANUEL, *abraçando-se com Francisco* — Amigo, perdoa se falei... (*À parte para ele*) Salva-me, Chico, salva-me! (*Alto*) O negócio estava meio sabido... (*À parte*) Salva-me, Chico... (*Alto*) De que serviria ocultar mais tempo? (*À parte*) Dize que te casaste...

FRANCISCO — Mas, se tu...

MANUEL — Estás zangado porque falei. (*À parte*) Salva-me, Chico!

FRANCISCO, *à parte* — Tranqüiliza-te... (*Alto*) Enfim, como já se sabe, que remédio? Estou casado com a senhora... A senhora... é minha mulher... (*À parte*) Já que assim quer seu marido...

ANGÉLICA, *à parte* — Aqui há mistério...

QUINTINO — O que está feito, está feito. Lograram-me, Cunhado, aperta esta manopla. Quisera antes que a Deolinda se casasse com o alferes; mas, enfim, também és bom rapaz. Vou ao "Gradil" encomendar um jantar; há-de haver bebedeira grossa. Com licença da companhia; volto. (*Vai-se*)

MANUEL, *à parte* — Escapei de boas!

ANGÉLICA — Com que, o sr. Francisco é casado!

FRANCISCO — O homem sacrifica-se, às vezes.

ANGÉLICA, *para Manuel* — E nunca me disseste nada.

MANUEL — Segredo de um amigo.

DEOLINDA — Que papel que faço eu aqui?

ANGÉLICA, *à parte* — Estou desconfiado; aqui engana-se alguém. Ah, se for a mim... (*Alto*) Manuel, vem comigo; o sr. Francisco quererá ficar só com sua mulher...

MANUEL — Só, com ela!

ANGÉLICA — E o que tem isso?

MANUEL, *à parte* — Pergunta o que tem... (*Alto*) Nada, nada!

ANGÉLICA — Pois segue-me. (*À parte*) Há mistério!

MANUEL — Eu vou. (*À parte, para Francisco*) Chico... (*Angélica sai. Manuel acompanha Angélica, fazendo sinais para Francisco*)

Cena 12

FRANCISCO *e* DEOLINDA

FRANCISCO — Pobre Manuel, a quanto obriga a ambição!

DEOLINDA — Belo marido tenho eu, que me entrega a outro.

FRANCISCO — Então, Sra. Deolinda, que me diz a esta? Deve-me estar agradecida; salvei seu marido.

DEOLINDA — Que marido! Envergonha-se de ter-me por mulher.

FRANCISCO — Não é vergonha, é medo.

DEOLINDA — Medo? Antes me tivesse casado com outro.

FRANCISCO — Não me quiseste a mim por marido...

DEOLINDA — Vou-me embora.

FRANCISCO, *retendo-a* — Esp

DEOLINDA — Não posso mais estar aqui.

FRANCISCO — Devagar, não comprometa seu marido.

DEOLINDA — Deixe-me.

FRANCISCO — Sinto passos; aí vem ela. Dê-me um abraço. (*Abraça-a*)

DEOLINDA, *esforçando-se por sair de seus braços* — Senhor!

Cena 13

Os ditos, ANGÉLICA, *seguida de* MANUEL, *que traz algumas gar-*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.260

rafas. Param à porta vendo FRANCISCO *abraçar* DEOLINDA.

FRANCISCO — Não se espante. Isto é por conta dele. Abrace-me que ela nos vê.

DEOLINDA, *vendo Manuel* — Ah, pois bem, abracemo-nos. (*Abraça-o*) Assim me vingarei dele.

FRANCISCO — Bravo! (*Abraçam-se*)

MANUEL, *à porta* — Isto não pode ser!

ANGÉLICA, *retendo-o* — E que te importa que o Sr. Francisco abrace sua mulher?

MANUEL — É indecente!

ANGÉLICA — Deixa-os lá e vem comigo. (*Vai atravessando a cena e sai. Manuel vai acompanhando Angélica*)

DEOLINDA, *correndo e retendo Manuel no momento deste sair* — Vem cá!

MANUEL — Traidora!

DEOLINDA — Ah, está zangado?

MANUEL — Abraçando-o!

DEOLINDA — Fiz muito bem; é para teu ensino.

FRANCISCO — Pateta, não vês que era para melhor enganar tua ama?

MANUEL — Ah, era para isso? Perdoa-me, Deolinda. Chico, pega nestas garrafas. (*Dando as a Francisco*) Se soubesses, Deolinda, o que tenho sofrido hoje!

FRANCISCO — Agora abracem-se.

MANUEL — Perdoa-me se te dei outro marido; era para nosso bem. Dá cá um abraço.

DEOLINDA, *abraçando-o* — Sou muito boa em perdoar-te (*Francisco, enquanto os dous se abraçam, desarrolha uma garrafa e bebe*).

MANUEL — Minha mulherzinha, aperta!

Cena 14

ANGÉLICA *e os ditos*

ANGÉLICA, *da porta* — Que escândalo! Que escândalo! (*Francisco, Manuel e Deolinda ficam espantados*) Assim deixa abraçar sua mulher? E vê isso bebendo? Que imoralidade! Que escândalo!

FRANCISCO — Foi por distração e sede.

MANUEL — É minha afilhada... Sou padrinho e bem vê...

ANGÉLICA — Sim, é afilhada! (*Para Francisco*) O senhor, pelo que vejo, não é ciumento... E a menina... Está bonito!

FRANCISCO — Entre amigos não deve haver ciúmes — e quando há confiança na amizade, bebe-se.

ANGÉLICA — E dorme-se... Tem razão. Mas olhe que há muita gente que assim se perde pela confiança que tem nos amigos... (*À parte*) Eu saberei como isto é. (*Para Manuel*) Vai acabar de arrumar as garrafas.

MANUEL, *à parte para Francisco* — Cuidado com a bicha. (*Vai-se*)

ANGÉLICA, *para Francisco* — Tinha que lhe dar uma palavra... Mas ao senhor só.

FRANCISCO — Deolinda, vai-me esperar lá em casa.

DEOLINDA — Eu vou. (*A parte, para Francisco*) Diga a Manuel que lá o espero. (*Sai*)

Cena 15

ANGÉLICA *e* FRANCISCO *e depois* MANUEL *e* QUINTINO

ANGÉLICA, *à parte* — Hei-de saber como isto é... Empregarei um meio...

FRANCISCO — A Sra. D. Angélica está tão pensativa!

ANGÉLICA — E tenho motivos para isso. Sr. Francisco, é preciso que eu seja sincera com o senhor.

FRANCISCO — Há muito que isso desejo.

ANGÉLICA — O senhor tem-me dado a entender que minha mão lhe seria agradável...

FRANCISCO — Senhora...

ANGÉLICA — Não tenho correspondido às suas finezas, porque, enfim... uma mulher vexa-se... Esperava poder confessar um dia esse segredo, mas ah, enganei-me, enganei-me!

FRANCISCO — D. Angélica!

ANGÉLICA — Foi uma zombaria! Eu, que o amava...

FRANCISCO — A mim?

ANGÉLICA — Sim, ingrato, a ti.

FRANCISCO — Oh! (*À parte*) O Manuel que se arranje como puder, eu falo.

ANGÉLICA — A mim, semelhante traição! A mim, que já havia feito esta escritura de casamento, vê... Só o nome está em branco. O lugar era para o teu.

FRANCISCO — Dá-ma!

ANGÉLICA — Agora de nada serve. (*Quer rasgar*)

FRANCISCO — Não rasgue!

ANGÉLICA — Estás casado.

FRANCISCO — Casado! (*À parte*) Leve o diabo o Manuel! (*Alto*) Angélica, quem te disse que estava casado, mentiu.

ANGÉLICA — Mentiu?

FRANCISCO — Eu não estou casado.

ANGÉLICA — Não estás casado? E quem é o marido de Deolinda?

FRANCISCO — Não lhe posso dizer, mas juro-lhe que estou tão solteiro como quando nasci. Eis-me a seus pés! (*Ajoelha*) Dê-me essa promessa.

ANGÉLICA — Levanta-te. (QUINTINO *aparece à porta do fundo e fica surpreendido vendo Francisco aos pés de Angélica*)

FRANCISCO — Não me levantarei enquanto não me der a sua palavra que me fará ditoso.

QUINTINO — O marido de minha irmã aos pés de outra mulher?

ANGÉLICA — Lá de fora podem ver-nos...

FRANCISCO — E que vejam! Não serei eu seu esposo? (MANUEL *aparece à porta da direita e, vendo Francisco de joelhos, fica estupefato*)

ANGÉLICA — Talvez, mas levanta-te.

FRANCISCO — Não!

MANUEL — Muito bem! Muito bem! Amigo falso!

FRANCISCO, *levantando-se* — Ah!

ANGÉLICA — Ah!

MANUEL — Muito bem!

FRANCISCO — Desculpa-me... Ela me ama e eu também a amo.

QUINTINO, *que nesse tempo tem-se aproximado, segura a Francisco pela gola da jaqueta, dizendo* — Ah! Tu a amas? E minha irmã, tua mulher?

FRANCISCO — Ai!

QUINTINO — Assim a enganas, patife?

FRANCISCO — Sua irmã não é minha mulher.

QUINTINO — Negas?

ANGÉLICA, *para Manuel* — Quem é o marido?

MANUEL — Não sei. (ANGÉLICA *toma a Manuel pelo braço. Quintino faz o mesmo a Francisco. Todos falam ao mesmo tempo.*)

ANGÉLICA, *para Manuel* — Quem é o marido? para que me enganaste? Dize já, quero saber. Ah, não dizes? Eu me vingarei! Não dizes, porque tens medo? Ingrato, mal-agradecido, eu me vingarei, me vingarei.

MANUEL, *para Angélica* — Não sei... Posso lá saber quem é o marido de todas as mulheres? Disse o que me disseram; pode ser que me engane. Senhora minha ama, deixe-me, assim não nos entederemos.

QUINTINO, *para Francisco, a quem ameaça com a espada* — Pensas que assim hás de mangar com o Sargento Quintino? Primeiro hei-de tirar-te as tripas, pô-las ao sol. Enganar minha irmã! Tira as mãos... enfio-te... mariola... tira as mãos!

FRANCISCO, *esforçando-se para sair das mãos de Quintino* — Deixe-me, não sou seu cunhado, já lhe disse. Ai, ai, não me mate! Ai, quem me acode? Juro que não é minha mulher! Ai, ai! (*Todos acabam gritando*)

Cena Final

ANTÔNIO *e* JOSÉ, *armados de achas de lenha,* DEOLINDA *e os ditos*

ANTÔNIO, *entrando* — O que aconteceu?

DEOLINDA — O que é, Quintino?

ANTÔNIO — Senhora minha ama!

DEOLINDA — O que foi?

QUINTINO, *para* DEOLINDA — O que foi? Vim encontrar teu marido aos pés desta senhora.

DEOLINDA — Meu marido de joelhos a seus pés?

QUINTINO — Sim, dizendo que a amava.

DEOLINDA, *indo para Manuel* — Traidor!

MANUEL — Hem?

DEOLINDA — Assim é que me guardavas fidelidade?

ANGÉLICA — Ah!

QUINTINO — Olha que te enganas!

DEOLINDA — Não, não me engano; este é o meu marido.

QUINTINO — Seu marido?

ANGÉLICA, *ao mesmo tempo* — Seu marido?

MANUEL, *à parte* — Ai, ai, ai!

FRANCISCO, *à parte e ao mesmo tempo* — Pobre Manuel!

ANGÉLICA, *para Manuel* — Ah, tu eras casado e enganavas-me!

DEOLINDA — A mim é que enganava.

QUINTINO — Então, com todos os diabos, quem é aqui meu cunhado?

MANUEL, *apontando para Francisco* — É ele! É ele!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 261

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 262

FRANCISCO, *apontando para Manuel, ao mesmo tempo* — É ele! É ele!

QUINTINO, *para Deolinda* — Ambos?

ANGÉLICA — Espere, Sr. Sargento, que eu porei estas cousas em ordem. (*À parte, para Manuel*) Ingratô, tudo está explicado e eu me vingarei.

MANUEL — Minha ama!

ANGÉLICA, *repelindo-o com gesto desprezador* — Sr. Francisco, aqui está a escritura de nosso casamento. (*Dá-lhe o papel*)

FRANCISCO — Quanto sou ditoso!

MANUEL — Mas senhora...

ANGÉLICA, *interrompendo-o* — O sr. Manuel terá a bondade de procurar outro arranjo, porque hoje deixa de ser meu caixeiro. Tenho um marido e nele um sócio.

MANUEL — Um sócio! (*Para Francisco, na maior desesperação*) Ah, infiel e pérfido, és a causa da minha desgraça e perdição!

FRANCISCO — Eu, Manuel?

MANUEL — Sim.

FRANCISCO — Fiz o que pude por ti, fui marido de tua mulher... Tu és o culpado, eu não.

MANUEL, *voltando-se para* DEOLINDA — Então foste tu, mulher traidora!

DEOLINDA — Eu? Não guardei segredo? Queixa-te de ti, de mim, não.

MANUEL *para Quintino* — Então foste tu, barbaças do diabo!

QUINTINO, *ameaçando-o* — Passe de largo!

MANUEL, *voltando-se para Angélica* — Ou tu, carocha do inferno!

ANGÉLICA — Maroto! Já por esta porta fora e vai ser caixeiro de Belzebu!

MANUEL, *como louco* — Caixeiro, sempre caixeiro! Oh, afastem-se de mim que estou louco, desesperado, furibundo! Para longe! Serei sempre caixeiro, caixeiro, caixeiro! Pagarei sempre imposto, como uma saca de café, um burro, um cavalo. Não sou nada no mundo. Cortem-me esta cabeça, pendurem-na na porta do açougue. Sou um boi; paguei direitos na barreira. Sou um boi. (*Assim dizendo, principia a berrar como boi*)

TODOS — Manuel! (*Manuel berra*)

DEOLINDA — Meu Deus, está louco!

TODOS — Louco! (*Manuel berra*)

DEOLINDA — Que desgraça!

FRANCISCO, *ao mesmo tempo* — Coitado!

QUINTINO, *ao mesmo tempo* — Pobre homem!

ANGÉLICA, *ao mesmo tempo* — Faz-me pena!

MANUEL *traz Antônio pelo braço para a frente do teatro* — Antônio, eis-me de joelhos a teus pés. (*Ajoelha*) Lembra-te da amizade que nos uniu e faze-me o último favor. (*Abre a camisa*) Enterra-me no coração essa acha de lenha, traspassa-me o peito com ela. Não queres?

ANGÉLICA — Manuel!

MANUEL — Quem me chama?

ANGÉLICA — É tua ama! Manuel, esqueço-me da afronta que me fizeste e lembrar-me-ei somente dos serviços que me tens prestado... Serás nosso sócio, não é assim, Chiquinho?

FRANCISCO — Sim, serás nosso sócio.

DEOLINDA — Serás sócio! (*Manuel levanta-se pouco a pouco, como procurando fixar-se no sentido das palavras que lhe dizem*).

ANGÉLICA — Serás nosso sócio, ficarás conosco. Eu te perdôo.

MANUEL — Sócio! Ouviram bem meus ouvidos? Serei sócio! (*Caindo de joelhos e levantando as mãos para o céu*) Oh, meu Deus, está satisfeita a minha ambição! (*Todos falam ao mesmo tempo*).

DEOLINDA — Está salvo!

QUINTINO — Pobre sócio!

ANGÉLICA — Pobre Manuel!

FRANCISCO — Pobre amigo!

MANUEL — Serei sócio! (*Cai o pano.*)

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

(*Teatro de Martins Pena* — Vol. I — Publ. MEC — INL/1956).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0229, p.263

TEATRO

TÍTULO O CAIXEIRO DA TAVERNA

1) S.C.T.C. Arquivo

Clas. Anterior LIVRE

Praça Belo Horizonte - MG

Obs.:

DF. 19/06/1981

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: ~~impróprio para menores de~~ livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de cens., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 07 de julho de 1978

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 10/07/1978

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0229, p.264

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 2.349 / 78

TÍTULO: " O CAIXEIRO DA TAVERNA"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: "LIVRE"

Examinamos e comparamos o presente texto com outros já liberados por esta Divisão. Pudemos então observar sua total semelhança.

Em virtude da inexistência de qualquer alteração, concordamos com a manutenção da classificação anterior, ou seja: Livre; devendo o mesmo ser submetido ao Ensaio Geral.

Brasília, DF., em 05 de julho de 1978

Eliel José de Sousa

DPF-742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.265

SERVIÇO PÚBLICO FEDER

99/78-SCTC/SC/DCDP 07 de julho 78

Superintendente Regional do DPF em Minas Gerais

"O CAIXEIRO DA TAVERNA"

Martins Pena

Superintendente:

em Belo Horizonte-MG.

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NSC PR TEA PTE. 0228, p. 266

1390/78

O CAIXEIRO DA TAVERNA

MARTINS PENNA

06 AGOSTO 79

11 JULHO 78

LIVRE

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 267

O CAIXEIRO DA TAVERNA

MARTINS PENNA

GRUPO - TEATRO TININ PROMOÇÕES - MG
ALBERTO DE SENA ROSA

07 JULHO 78

L I V R E. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

11 JULHO 78

CARLOS A.MOLINARI DE CARVALO

ofb

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 268

MJ-DPF-SR/BSB
10 JUN 0911 017298

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.
Nº 171/78-SCDP/SR/SP

Em, 29 de junho de 1978.

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto das peças teatrais "CRISTIFICAÇÃO DO UNIVERSO" de Roberto Malvezzi; "AS PERIPÉCIAS DO TECO" de Zito Peres e outro; "UM ELEFANTINHO INCOMODA MUITA GENTE" de Oscar V.Pfuhl; "LSD" de Pedro Bloch; "A BOMBA" de Alexandrino de Souto; "ONDE CANTA O SABIÁ" de Gastão Tojeiro; "TRIBOBÓ CITY" de Maria Clara Machado; "O CAIXEIRO DA TAVERNA" de Martins Pena; "IRMÃOS DAS ALMAS" de Martins Pena; "TRÊS PERALTAS NA PRAÇA" de Josè Velluzi; "O SANTO E A PORCA" de A.Suassuna; "O ASSASSINATO" de Paulo Roberto; "OS SALTIMBANCOS" de Chico Buarque de Holanda; "REQUIÉM POR UM HERÓI" de Elcio Bueno; "SERAFIM" de Sérgio Pizoli; "OS FUZIS DA SRA. CARRAR" de B.Brecht; "CHAPÉU DE SEBO" de Francisco Pereira Silva; "EM NOME DO PAI, DO FILHO E DO ESPIRITO SANTO" de Paulo Pontes e Alfredo Zemma; "OS CEGOS" de Michel Ghelderode; "CAIXA DE CIMENTO" de Carlos Henrique Escobar.

Outrossim, informamos que os demais itens serão cumpridos neste SCDP/SR/SP.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR, ROGÉRIO NUNES
DD, Diretor da DCDP
BRASILIA/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p-269

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas SR/DR
Departamento de Polícia Federal
SÃO PAULO

Carlos Wiliam Carrega, residente em Botucatu à Rua Comendador Pereira Inácio nº 5, Presidente da Fedederação de Teatro Amador da Média Sorocabana, vem requerer a V.Sa. que se digne mandar expedir o Certificado Liberatório de Censura para o texto, "O CAIXEIRO DA TAVERNA", de Luiz Carlos Martins Pena.

O espetáculo é de Responsabilidade do Teatro Cultural Marangoni, da cidade de Cerqueira Cesar, nosso filiado, e será apresentado a partir do dia 2 (dois) de Agosto de 1978, naquela cidade.

Juntamos ao presente requerimento, três cópias do texto. Certo da atenção de V.Sa. renovamos os votos de estima e aprêço, ao tempo em que se pede deferimento.

Botucatu, 21 de Junho de 1978

CARLOS WILIAM CARREGA
Presidente da FETAMES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, e 270

TEATRO

TÍTULO O CAIXEIRO DA TAVERNA

1) ~~S.C.T.C.~~ Arquivo

Clas. Anterior LIVRE

Praça SÃO PAULO - SP

Obs.:

DF. 19/07/78/

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censo., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 11 de agosto de 1978

Maria Arlete P. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: livre

Brasília-DF, 15/8/78

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0228, p. 271

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 2817 / 78

TÍTULO: "O CAXEIRO DA TAVERNA" - confronto

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E

Martins Pena

Pelo confronto observou-se perfeita identidade entre os textos, o que nos leva a sugerir a liberação deste com os critérios anteriormente adotados: LIVRE e sem cortes.

Brasília, 10 de agosto de 1978.

Marlene R. Celani

DPF--742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 272

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

1191/78 - BSB, 10/08/78.

em São Paulo

171/78-SCDP-SR/SP

: "O CAIXEIRO DA TAVERNA", de Martins Penna.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 273

1390/78

: O CAIXEIRO DA TAVERNA

: LUIS CARLOS MARTINS PENA

06 AGOSTO 79

14 AGOSTO 78

LIVRE

ROSÁRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 274

: O CAIXEIRO DA TAVERNA

:LUIZ CARLOS MARTINS PENA

:TEATRO CULTURAL MARANGONI - SP

11 AGOSTO 78

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

14 AGOSTO 78 CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

LIVRE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 275

Brasília, 22 de fevereiro e de 1979.

Ilustríssimo Senhor,
Doutor ROGÉRIO NUNES
MD. Diretor do D.C.D.P.
NESTA

Senhor Diretor,

Vimos por meio deste solicitar de Vossa Senhoria providências no sentido de que a peça teatral de Martins Pena "O CAIXEIRO DA TAVERNA" seja examinada por este órgão para fins de apresentação em Brasília.

Ao ensejo, aguardando parecer favorável da censura pela liberação do texto em anexo, somos agradecidos antecipadamente.

Saudações Cordiais,

JESUS DUARTE FILHO

LMSPT/mm.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.276

TEATRO

TÍTULO O Caixeiro da Taverna

Martins Penna

1) ARQUIVO

Clas. Anterior livre

Praça Brasília - DF

Obs.:

DF. 22 / 02 / 79 /

Calma N. Gomes

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de livre anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: de acordo c/ class. anterior.

Brasília-DF, 23 de fevereiro de 1979

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: livre

Brasília-DF, 23 / 02 / 79

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 277

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "O CAXEIRO DA TAVERNA"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: QUATORZE ANOS

O texto em questão está idêntico ao anterior, podendo ser liberado com a chancela de QUATORZE ANOS.

Brasília, 23 de fevereiro de 1979.

Marlene R. Celani

a classificação desta peça foi alterada de 14 anos p/ livre. Os textos são idênticos.

Bsa. 23.02.79

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

DPF—742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 178

MJ - DPF - DCDP - BSB
11 FEV 1417 001433
RECEBIDO POR
FICHADO DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

OF. Nº 014/80-SCDP/SR/DPF/AM - Manaus, Em 08 de fevereiro de 1980.

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas no Amazonas

Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto Peça Teatral (encaminha)

Senhor Diretor:

Estamos encaminhando a V. Sa., em anexo, para o devido exame e liberação por essa Divisão de Censura, três vias do texto teatral "O CAIXEIRO DA TAVERNA", de autoria de Martins Penna, que deverá ser encenado pelo Grupo de Teatro EMERGÊNCIA, com estréia prevista para o dia 1º de março do ano em curso.

Aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de distinta consideração e elevado apreço.

Pol. AVELINO GAMBIM
Chefe do SCDP/SR/DPF/AM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 279

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
no Estado do Amazonas.

J - D.P.F. - SR/AM - S.C.D.P.
PROTOCOLO Nº 006/80-AM
DATA 07/02/80 HORA 15 h.
Prometido p/ 28/02/80 Hora h
Procurar

O Grupo de Teatro EMERGÊNCIA, aqui repre - sentado por FLÁVIO AUGUSTO DE CARVALHO MOTA, brasileiro, soltei - ro, portador da Carteira de Identidade de nº 333.743 SI/AM, v e m por meio desta requerer de V. Sa. que seja efetuado o exame cen - sório no texto da peça "O CAIXEIRO DA TAVERNA", de autoria de Mar tins Pena.

A referida peça tem sua estréia prevista ' para o dia 1º de Março, o que pedimos Sua colaboração no sentido de liberá-la à medida do possível, desculpando-nos por sua emis - são um tanto retardatária,e esperando Sua inteira compreensão.

Atenciosamente

Flávio Augusto de Carvalho Mota

FLÁVIO AUGUSTO DE CARVALHO MOTA
Responsável pelo Grupo EMERGÊNCIA

Manaus, 07 de fevereiro de 1980.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 280

TEATRO

TÍTULO O Faiseiro da Taverna

Martins Penna

1) ~~S.C.T.C.~~
Arquivo

Clas. Anterior livre

Praça Manaus - AM

Obs.:

DF. 12 / 02 / 80 /

Falina N. Gomes
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: ~~impró-~~ ~~pria~~ ~~[illegible]~~ LIVRE anos, ~~se~~ ~~[illegible]~~ cortes, condicionada ao exame do ensaio

Ob[illegible] confronto

[illegible] 27 de fevereiro de 1980

Hellé Prudente Carvalhedo
Matr. 2 [illegible]5 791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

Libe-se de conformidade com o processo anterior e a obrigatoriedade do ensaio geral: LIVRE.
E., 25/02/80

Cliel José de Sousa
Matr. 2 095 665

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 281

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 270 / 80

TÍTULO: O CAIXEIRO DA TAVERNA

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Autor: Martins Pena

Peça já diversas vezes liberada, sem restrições de faixa etária, pois que apresenta uma comédia alegre e divertida. Procedendo ao confronto de textos, verificou-se a semelhança com outro existente em nossos arquivos. Nada impede sua liberação com a censura livre, condicionado o exame do ensaio geral.

Brasília, 20 de fevereiro de 1980

Teresa Cristina dos Reis Marra

DPF-742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 282

1.390

"O CAIXEIRO DA TAVERNA"

MARTINS PENA

26 FEVEREIRO 85

LIVRE

26 FEVEREIRO 80

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 283

O CAIXEIRO DA TAVERNA

MAETINS PENA

GRUPO DE TEATRO EMERGÊNCIA - AM

FLÁVIO AUGUSTO DE CARVALHO MOTA

21 FEVEREIRO 80

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

26 FEVEREIRO 80

ELIEL JOSÉ DE SOUSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 284

467/80-SE/DCDP 26.02.80

CHEFE DO SCDP/SR/AM

Ref. Of.014/80-SCDP/SR/AM.

O CAIXEIRO DA TAVERNA

Martins Penna

Chefe,

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

P/

O Cauxeiro da Taverna

1275

MI DPF-DCDP-BSB

-7 ABR 1500 003648

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RECEBIDO POR

FICHADO DCDP

OF. nº 030/80-SCDP/SR/DPF/AM

Manaus, Em 02 de abril de 1 980 .

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas no Amazonas

Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto Relatório Estatístico (encaminha)

Senhor Diretor:

Estamos encaminhando a V.Sa., em anexo, o Relatório Estatístico de Atividades deste Serviço de Censura, referente ao mês de março do ano em curso, acompanhado de seus respectivos anexos.

Na oportunidade, renovamos protestos de consideração e apreço.

Bel. AVELINO GAMBIM
Chefe do SCDP/SR/DPF/AM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.285

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.286

MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO AMAZONAS
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO DE EXAME DE ENSAIO GERAL Nº 02/80

1275
12.2.80

Título : "O CAIXEIRO DA TAVERNA" ✓
Autor : MARTINS PENA
Classificação: LIVRE

Às 14:00 horas do dia 07 de março de 1980, no salão de espetáculos do Teatro Amazonas, procedemos ao exame de ensaio geral da peça teatral "O CAIXEIRO DA TAVERNA" de autoria de Martins Pena, encenada pelo grupo de teatro amador "Emergência".

O texto foi obedecido na íntegra.

O cenário, música, iluminação, figurinos e demais recursos técnicos utilizados foram condizentes com o texto.

Em face do exposto, liberamos o espetáculo com a classificação LIVRE conforme estabelece o Certificado de Censura.

Manaus, 07 de março de 1980

Ivanei de Moraes de Souza

TC Ivanei de Moraes de Souza
mat. 2.415.793

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.287

(MG)

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"O CAIXEIRO DA TAVERNA"

"MARTINS PENNA"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 288

MJ - DPF - DCDP - BSB
-8 MAI 09 25 00 004975
RECEBIDO POR

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

B. Hte. 05/05/81

PICHADO DCDP

Ofício Nº 54/81 SCDP/SR/MG

Assunto: Peças Teatrais (Encaminha)

Senhor Diretor,

Em anexo encaminhamos a Vossa Senhoria os textos teatrais: O CAIXEIRO DA TAVERNA, de autoria de Martins Pena; O PASTELÃO E A TORTA, de autoria desconhecida; FULANO DE TAL, de autoria do Grupo Movimento de Abertura Lúdica, juntamente com os requerimentos dos interessados; pareceres dos técnicos de censura; relatórios de ensaio geral, bem como o Certificado Provisório emitido por este SCDP, solicitando seja providenciado para os mesmos o Certificado definitivo.

Segue anexo também a documentação da peça teatral A MANDRÁGORA, de autoria de Maquiavel, esta porém, sem o relatório do ensaio geral, por ser grupo do interior, e estarmos nós, impossibilitados de procedermos ao ensaio geral.

Na oportunidade renovamos nossa manifestação de estima e consideração.

Jaúfer de Dioraes
CHEFE DO SCDP/SR/MG

ILMO. SR.

DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BRASÍLIA DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 289

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

José Vicente dos Santos
Requerente

brasileira, bancário
Nacionalidade, Profissão

Carteira de Identidade M. 2.128.631. SESP - MG. 22-08-79
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Av. Açucena, 1.017 - Lindeia - BH.

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) "O Caixeiro da Taverna" abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: Luiz Carlos Martins Penna

Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

B. Hte. 24.02.81
Local e Data

José Vicente dos S.
Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 290

1 – **EMPRESA OU GRUPO** (Se houver)

Nome: FUNDAÇÃO ITAÚ CLUBE - NÚCLEO BH CGC:

Sede: PÇA RAUL SOARES C/ AUGUSTO DE LIMA.

CEP:

Diretor ou Responsável: JOSÉ VICENTE DOS SANTOS.

2 – **DADOS DO AUTOR**

Nome: LUIZ CARLOS MARTINS PENNA

Pseudônimo: MARTINS PENNA Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

3 – **PARCERIA**

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: B. Hte 24.02.81.

Ass.: Josicenda R.

DPF-1085

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 291

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL /MG
CENSURA FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL D.C.D.P. BRASIL

D E C L A R A Ç Ã O

DECLARO, PARA FINS DE PROVA A QUEM INTERESSAR POSSA, QUE OS "SCRIPTS" DA PEÇA TEATRAL: O CAIXEIRO DA TAVERNA, DE AUTORIA DE MARTINS PENA, TRADUZIDA POR _____, SOLICITADO PELO (A) FUNDAÇÃO ITAÚ CLUBE, FOI SUBMETIDO A EXAME PELA CENSURA FEDERAL EM MINAS GERAIS, FICANDO COM RESTRIÇÃO ETÁRIA: L I V R E, E VALIDADE ATÉ 30/06/81, TENDO A PRESENTE DECLARAÇÃO VALOR IDÊNTICO AO CERTIFICADO CENSÓRIO, QUE SERÁ EXPEDIDO, OPORTUNAMENTE.

OBS. O presente Certificado só terá validade, quando acompanhado do texto devidamente carimbado.

BHE-MG 30 / 04 /19 81.

Jairo de Morais
CHEFE DO SCDP/SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 292

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

PARECER Nº : 31/81

TITULO : "O CAIXEIRO DA TAVERNA"

AUTOR : MARTINS PENA

CLASSIFICAÇÃO :livre

Cumprindo determinação dessa chefia,procedi o exame comparativo da peça em epígrafe e constatei que não há nenhuma " mudança essencial.

A peça é uma comédia de costumes,envolvendo seus personagens numa complicada trama de suspeitas,ambição e negociatas.

Sugiro a liberação sem qualquer restrição.

Belo-Horizonte,25/02/81

MIRTES SPITALE DE QUEIROZ
TEC , DE CENSURA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0224, p. 293

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RELATÓRIO Nº|: 21/81

Do: Tec de Censura MIRTES SPITALE DE QUEIROZ

AO : Chefe do SCDP

ASSUNTO : Exame de ensaio geral

TITULO : "O CAIXEIRO DA TAVERNA"

AUTOR : MARTINS PENA

DIRETOR : JOSE VICENTE SANTOS

CLASSIFICAÇÃO : LIVRE

Cumprindo determinação dessa chefia e em cumprimento da ordem de missão nº 45/81, compareci ao teatro do ICBEU, a fim" de examinar a prévia da peça em epígrafe.

O cenário era composto por um biombo pintado, lembrando as faixadas de casas, com pequenas portas e janelas. Móbiles e barris completam o visual de uma taverna.

Os atores se vestem à rigor, com roupas compridas, cabelos encaracolados, caídos pelos ombros no caso das damas.

A estória envolve um caixeiro de taverna, Manuel, vindo de Portugal e com enorme ambição que, acaba levando-o a se enrascar com sua patroa que o cobiçava como marido.

Comédia de costumes, naõ contem cenas violentas, nem palavrões grosseiros, por isso sugiro sua liberação sem restrições.

Belo-Horizonte, 30 de abril de 1981

Mirtes Spitale de Queiroz

MIRTES SPITALE DE QUEIROZ
TEC DE CENS;.2.416.893

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 294

TEATRO

TÍTULO " O CAIXEIRO DA TAVERNA"

MARTINS PENNA

1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE

Praça BELO HORIZONTE / MG

Obs.:

DF. / 09 / 05 / 81

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: impróprio a menores de LIVRE anos, sem cortes, condicionado ao exame do ensaio

conste Cert. Provisório

Brasília-DF, 18 de 05 de 1981

Hellé Prudente Carvalhedo

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR e a parecer

Classificação: Livre

Brasília-DF, 20 / 5 / 81

Arésio Teixeira Deixato

Chefe do Serviço de Censura - DCDP

SUBSTITUTO

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0228, p. 295

1.390

"O CAIXEIRO DA TAVERNA"

MARTINS PENA

18 MAIO 86

18 MAIO 81

LIVRE

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 296

O CAIXEIRO DA TAVERNA

MARTINS PENA

JOSÉ VICENTE DOS SANTOS - BELO HORIZONTE /MG

18 MAIO 81

LIVRE. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

18 MAIO 81

LIVRE

ARÉSIO TEIXEIRA FEIXOTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 297

1.222/81-DCDP 18/05 81

Chefe do SCDP/SR/MG

"O CAIXEIRO DA TAVERNA"

Martins Pena

Chefe:

BELO HORIZONTE/MG

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 298

MJ - DPF - DCDP - BSB
14 JUN 1982 005552
RECEBIDO POR

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM GOIÁS
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OFÍCIO Nº 086/82-SCDP/SR/DPF/GO

GOIÂNIA, 11.06.82

Senhora Diretora,

Anexo, enviamos a V. Sª 03 (três) vias do texto teatral "O CAIXEIRO DA TAVERNA", autoria de Martins Pena, em que Hugo Eustáquio de Macêdo Zorzetti solicita liberação e expedição do Certificado de Censura. A mesma será representada neste Estado pelo Grupo "Teatro Experimental de S. Luiz de Montes Belos - Goiás".

Na oportunidade, reiteramos a V. Senhoria protestos de elevada estima e máxima consideração.

SILAS DE AQUINO LIRA GOUVEIA
Técnico de Censura

ILMª SENHORA
DRª SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
DD. DIRETORA DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
BRASÍLIA-DF.

DPF-258

lego/82...

Gráfica de Goiás – CERNE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 279

ILMº SR.
DIRETOR DA DCDP/BSA

HUGO EUSTÁCIO DE MACÊDO ZORZETTI
Requerente

Brasileira, Funcionário público
Nacionalidade **Profissão**

Carteira de Identidade 68.960 SIC/GO
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Rua C 104 Q 229 L 03 Jardim América, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigente, a(s) peça teatral abaixo relacionada(s)
Espécie

de autoria de: Martins Pena
" O CAIXEIRO DA TAVERNA " "
Título (s)

Nestes termos,
Pede deferimento.

Goiânia, 07/06/82
Local e Data

Hugo Eustácio Macêdo Zorzetti
Requerente

Anexos:

Gráfica de Goiás — CERNE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p:300

1 — EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: TEATRO EXPERIMENTAL DE S.LUIZ DE M. BE... **CGC:** .....

Sede: São Luiz de Montes Belos .....

..... **CEP:** .....

Diretor ou Responsável: .....

2 — DADOS DO AUTOR

Nome: Martins Pena .....

Pseudônimo: ..... **Filiação:** .....

.....

Nacionalidade: Brasileira **Naturalidade:** Rio de Janeiro

Data do Nasc.: 05/11/1815 **Identificação:** .....

..... **Estado Civil:** .....

Profissão: .....

Endereço: .....

..... **CEP:** .....

3 — PARCERIA

Nome: .....

Pseudônimo: ..... **Filiação:** .....

.....

Nacionalidade: ..... **Naturalidade:** .....

Data do Nasc.: ..... **Identificação:** .....

..... **Estado Civil:** .....

Profissão: .....

Endereço: .....

..... **CEP:** .....

Nome: .....

Pseudônimo: ..... **Filiação:** .....

.....

Nacionalidade: ..... **Naturalidade:** .....

Data do Nasc.: ..... **Identificação:** .....

..... **Estado Civil:** .....

Profissão: .....

Endereço: .....

..... **CEP:** .....

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

Data: Goiania 07/06/81

Ass.: Hugo de Barros Jr.

Gráfica de Goiás — CERNE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 301

O CAIXEIRO DA TAVERNA

Comédia em 1 ato de

MARTINS PENA

Personagens:

Manuel , primeiro caixeiro
Angélica , dona da taverna
Deolinda , costureira
Francisco , oficial de latoeiro
Antônio , Caixeiro
Quintino , Sargento de fuzileiros
José , 2º caixeiro

CENÁRIO

UMA SALA COM PORTAS LATERIAIS E UMA NO FUNDO.

CENA 1

MANUEL - (Sentado na escrivaninha , verificando contas) ...E quatro são dez , e nove , dezenove e sete , vinte e sete , som a tudo... duzentos e sessenta e oito mil e trezentos e vinte reis... que deve o sr. Laurindo da Costa à viúva Pereira , por gêneros comprados em sua taverna durante cinco meses. Este é bom pagador , dinheiro seguro . (Pegando em outra conta) O Major José Felix deve à viúva Pereira , etc , cento e vinte e nove mil e oitocentos reis ...contem com este...dinheiro perdido... É isto , querem todos comer a boa manteiga , o queijo frescal , o gordo paio , etc ... é só mandar um bilhetinho: sr. Manuel , mande-me isto , sr. Manuel , mande-me aquilo, mas quando chega a ocasião de pagar as contas é que são elas. Este não paga , aquele desculpa-se , outro descompõe , quer dar no pobre cobrador... É um inferno! Ora ,deste pobre major , tenho eu pana. Mal lhe chega o soldo para pagar a casa e educar quatro filhos que tem . Mas bem pensado , a venda de minha ama não é montepio militar... a nação que pague . (Chamando) Ó José , José ...

CENA 2

(ENTRA JOSÉ , um menino de doze anos , de calças e em manga de camisas , calçado de tamancos e muito sujo.)

MANUEL - Toma estas contas e vai cobrá-las . Os nomes aí estão. Se algum dos devedores não quiser pagar , dize-lhe que eu mandarei por no Jornal do Comércio. Anda , vai. É o que se vê . Tudo anda pingando , é boa . Quem come , pague ...e que não pode pagar, não come. (Chama) Ó sr. Antônio , Sr! Antônio...

ANTÔNIO - Sr.

MANUEL - Chegue cá.

CENA 3

Manuel - Chegou a pipa de aguardente que se foi buscar no trapiche da Ordem ?

ANTÔNIO - Já , sim senhor.

MANUEL - Pois recolha-a e hoje à noite tempere-a com quatro barris de água.

ANTONIO - Sim senhor.

MANUEL - Os direitos cada vez estão mais subidos , e como não podemos encurtar as medidas , aumentemos o líquido... em que estado estão aquelas pipas de vinho de Lisboa ?

AN TONIO - Ambas pelo meio .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.302

MANUEL - Pois acabe de as encher com água fresca e bote-lhe dentro dois engaços de bananas e uma porção de apu campeche para lhe dar cor e tom. E quando o vender, diga aos fregueses que é vinho superior da Companhia do Alto Douro:

ANTONIO - Sim, senhor.

MANUEL - E não se esqueça de pendurar à porta este letreiro. (Tira de sobre a mesa um cartaz que diz : Único depósito da companhia do Alto Douro) O público deixa-se levar por estas imposturas. Pode ir.

CENA 4

Manuel - Estou fatigado. Muito custa dirigir uma venda bem afreguesada como esta, mas se eu dela fosse dono, outro galo cantaria...Há seis anos que cheguei do Porto e ainda sou caixeiro. Não pensei quando vim para o Brasil, que faria fortuna tão devagar. É verdade que sou o primeiro caixeiro da ttaverna da viúva de meu amo, mas o que é isto para mim ? Para mim que sou ambicioso. Sim, uma ambição roedoura me estraga a alma. Dorm e acorda comigo. Não me deixa um só instante traquilo. Traz-me em delírio. Confunde-me as ideias. Ah, quantas vezes tenho eu vendido aguardente da França por aguardente do Reino. Linguiças por paios e cebolas por alhos. Ambição. Horrível martírio. Quando te verei eu satisfeita ?

FRANCISCO - Adeus, Manuel.

MANUEL - Como estás, chico.

FRANCISCO - Vamos remando contra a maré.

MANUEL - Chico, tu és bem feliz.

FRANCISO - Eu ? Estás enganado. No mundo não se pode ser feliz sem dinehiro e eu não tenho.

MANUEL - Trabalha e terás.

FRANCISCO - Trabalha...sou como bem sabe, oficial de latoeiro e por já muitas vezes te tenho dito o que presentemente ganha um oficial de latoeiro. Olha, Manuel, minha avó dizia que no tempo dos Vice- reis e mesmo no tempo de El-Rei, qualquer um que tivesse um ofício, ganhava a vida e ainda ajuntava dinhiro. Agora o caso é outro.

MANEUEL - Deixa-te disso.

FRANCISCO - Ora, dize-me, o que pode fazer um pobre latoeiro do país, quando a rua do ouvidor está cheia de latoeiros e lampistas franceses. Meu caro, se não fosse as seringas para os moleques brincarem o entrudo, não sei o que seria de nós.

MANUEL - Se vocês trabalhasse tão bem como eles ...

FRANCISCO - É um engano. É uma mania e todos vão com ela. É obra estrangeira e basta. Não se vê por esta cidade, senão alfaiate franceses, denteistas americanos, maquinistas ingleses, médicos alemães, relojoeiros suiços, cabelereiros franceses. Estrangeiros de todas as seis partes do mundo. E resistam os artistas do país se são capazes, a esta torrente. Porém o meu pai é que é o culpado de estar eu hoje como estou.

MANUEL - Como assim ?

FRANCISCO - No lugar de ensinar-em o seu ofício como ensinou-me, podia ter-me mandado para São Paulo estrudar leis. Bem que podia estar deputado.

MANUEL - Ah, ah, ah, deste modo poderemos ser tudo.

FRANCISCO - Manuel, tu(não) és filho de Portugal e não estás bem ao fato de nossa Constituição. Ela diz : a lei é igual para todos. Isto quer dizer que todos podem ser tudo.

MANEUEL - Ah, entendes assim ?

FRANSICO - No telenfo é que está a diferem ça. O homem de talento pode ser tudo quanto quiser. E tu bem sabes que eu tenho talento. Ainda ninguém pode fazer como eu uma seringa de entrudo que estire água mais lonje

MANUEL - Ora, Chico.

FRANCISCO - Olha, Manuel, não sei o que te diga. Às vezes custa mais fazer-se uma seringa de esquiço que certas leis.

MANUEL - Estás hoje pregador.

FRANCISCO - Estou zangado. Tu és feliz.

MANUEL - Feliz ?

FRANCISCO - Há oito meses que teu amo mmorreu e a viúva não podia continuar com a ta-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 303

verna sem o teu auxílio . Eras o único que sabia das transações do defunto.
MANUEL - (à parte),E ainda sou caixeiro.
FRANCISCO - Manuel , um negócio aqui me traz. ès meu amigo , devo comunicar-te até por que és nele interessado.
MANUEL - Interessado e como ?
FRANCISO - Estou resolvido a casar-me.
MANUEL - Queres me dar interesse ou teu casamento ?
FRANCISCO - Não , a mulher escolhida por mim é tua ama .
MANUEL - Minha ama ?
FRANCISCO - Ela mesma . E tenho razões para supor que não lhe sou indiferente.
MANUEL - Chico , és meu amigo ?
FRANCISCO - Duvidas ? Esperimenta.
MANUEL - Desisto deste casamento.
FRANCISCO - Que eu desista , por que ?
MANUEL - Porque não te posso dizer.
FRANCISCO - Percebo... Queres-te casar com ela . Pois bem , mostrarei que sou teu amigo. Casa-te. Tens mais direito do que eu... Já estás em casa.
MANUEL - Obrigado , amigo.
FRANCISCO - Pois bem , casar-me-ei com a nossa vizinha Deolinda.
CHICO - Tu não te casarás com Deolinda.
CHICO - Heim ?
MANUEL - Digo que não te casarás com ela .
FRANCISCO - Essa agora é melhor . E por que não me casarei ?
MANUEL - A Deolinda já está casada.
FRANCISCO - Casada , e com quem ?
MANUEL - Comigo .
FRANCISCO - Contigo ? Mas que diabo de trapalhada é esta ? Ès casado e queres casar?
MANUEL - Chico , olha atentamente para mim.
FRANCSCO - Estou olhando.
MANUEL - Vês em mim um homem profundamente ambicioso...
FRANCISC O - Tu ?
MANUEL - Sim , eu. E de uma ambição tão frenética que me levará à sepultura se não a vejo realizada... de uma ambição ambiciosa.
FRANCISCO - Tu me assustas. Acaso queres ser major da guarda Nacional ?
MANUEL - Não.
FRANCISCO - Chefe de Legião ?
MANUEAL - Não.
FRANCISCO - Tenente General ?
MANUEL - Não.
FRANCISCO - Conde , marques , ministro ?
Manuel - Não .
FRANCISCO - Manuel , o que queres tu ser ?
MANUEL - Sócio da minha ama .
FRANCISCO - Ah , ah , ah. É só isso ?
MANUEL - Só , dizes tu ? E que felicidade pode haver maior no mundo , pra mim ? Ah, não sabes que satisfação será a minha quando escrever em uma conta : fulano deve à Manuel Pacheco e à viúva pereira , por gêneros comprados em sua venda , a quantia de tantos...sua , amigo , sua . Ela será minha também.
FRANCISCO - Enfim , cada um tem lá uma ambição a seu modo.
MANUEL - E ainda sou caixeiro, caixeiro. Sabes tu o que é um caixeiro ? É um trante que paga imposto à camara municipal como qualwuer carruagem ou burro.
FRANCISCO - Mas não vejo porque não queres que eu case com tua ama .
MANUEL - Não vês ?
FRANCISCO - Logo .que estiver casado prometo dar-te sociedade.*
MANUEL - Sabes tu se ela te ama ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 304

FRANCISCO - Julgo que não lhe sou indiferente.
MANUEL - Pois digo-te que ela não te ama , porque ama-me.
FRANCISCO - A ti ?
MANUEL - Sim , e de uma maneira desesperada e danada. Amigo , Deus te guarde de amor de mulher velha . É pior do que carrapato em orelha de burro . Compreendes agora a minha posição ?
FRANCISCO - Ainda não muito bem.
MANUEL - Por amor , maldito amor , casei-me em segredo com Deolinda. Nem o seu próprio irmão , o sargento Quintino o sabe. Pensa agora o que será de mim se minha ama desconfiar que eu a desprezei por causa de uma outra mulher . Raivosa expulsar-me-á desta casa e minhas esperanças serão malogradas. É preciso enganá-la até o dia de assinar a escritura desta sociedade.
ANGÉLICA (Dentro) Manuel...
MANUEL - Ela quem chama , vai-te embora .
FRANCISCO - Adeus e estimo que sejas bem sucedido.
MANUEL - Nem palavra...
FRANCISCO - Fica descansado.

CENA 5

MANUEL - Aí vem ela . Estou frio. Ai que bocado amargoso. Ei-la.
ANGÉLICA - Manuel.
MANUEL - Senhora minha ama...
ANGÉLICA - Já estava inquieta.
MANUEL - Isso é bondade de minha ama... trabalhava.
ANGÉLICA - Não quero que trabalhe tanto que podes adoecer . Far-me-ia muita falta.
MANUEL - Ninguém faz falta .
ANGÉLICA - As pessoas com tu fazem sempre falta.
MANUEL (À parte) - Temo-la.
ANGÉLICA - Não se encontram muitos caixeiros como tu.
MANUEL - Oh , minha ama , dá licença que vá ver aquilo lá pelo balcão como vai.
ANGÉLICA - Espera. Tem sempre tanta pressa quando falo contigo...
MANUEL - Acudir as minhas obrigações.
ANGÉLICA - Já te disse que não quero que te mates. Não acharei outra pessoa com as tuas qualidades.
MANUEL - Oh , minha ama , eu não mereço.
ANGÉLICA - Merdeces tudo , a experiência do mundo tem-me feito conhecer os homens
MANUEL - (À parte) Que tal a experiência .
ANGÉLICA - É todo o meu cuidado zelar a tua saúde.
MANUEL - Tanta bondade.
ANGÉLICA - (Suspirando e olhando para ela) Ai , aí .
MANUEL - Minha ama sente alguma dor ?
ANGÉLICA - Não .
MANUEL -(À parte) O caso está mal.
ANGÉLICA - Manuel , uma coisa te quero eu pedir.
MANUEL - É uma orden que recebo .
ANGÉLICO - Espero que não frequentes certas ruas desta cidade e que sobretudo , não arranches para estas patuscadas dos domingos que fazem os caixeiros no jardim Botânico , nos cais da Carioca e nas paineiras . Tens visto o resultado.
MANUEL - Nunca gostei destes pagodes.
ANGÉLICA - Nem deves do mesmo modo frequentar os bailes mascarados.
MANUEL - Bailes ? Não sei dançar .
ANGÉLICA - Manuel , nos bailes mascarados não se dança , joga-se. Deveres~~ei~~o-iam chamar jogos mascarados ou outro nome que eu não quero dizer. Aí é que a perdição é certa e o jogo tem levado muita gente à fworca. Vê lá se queres também...
MANUEL - Morrer enforcado ? Nada!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.306

ANGÉLICA – Tu morreres ? Ah , (Chegando-se para ele) o que seria de mim , quero dizer , da minha venda , Manuel. Não fales em morrer . (Pegando-lhe na mão) eu te seguiria .

MANUEL – (À parte) Oh , homem , até depois de morto.

ANGÉLICA – (Caindo em si e à parte) Ia traindo-me . Digo-te isto porque se me faltares o meu negócio vai por água a baixo.

CENA 6

QUINTINO – (Entrando) Licença.

MANUEL – (à parte) abençoada visita .

ANGÉLICA – Quem é ?

QUINTINO – Um criado

MANUEL – (À parte) Oh , diabos , é o irmão de minha mulher e meu cunhado sem o saber.

ANGÉLICA – Deseja alguma coisa ?

QUINTINO – Dois dedos alí de conversa com o sr.

MANUEL – Comigo ?

QUINTINO – Sim , senhor.

MANUEL – Pois vamos cá pra fora.

ANGÉLICA – Espera , Manuel , onde vais ?

QUINTINO – Podemos falar aqui mesmo.

MANUEL – (à parte) eu treme.

QUINTINO – Dizem neste quarteirão que o sr. namora aminha irmã.

MANUEL – Não há tal.

ANGÉLICA – Como é lá esse ?

MANUEL – (À parte) Estou arranjado .

QUINTINO – Foi a primeira notícia que hoje tive , assim que cheguei da praia Vem olha , O sapateiro da esquina disse-me...

ANGÉLICA –(Enfurecida) Como é isso , Manuel ?

MANUEL – O sr. está enganado. (Para Angélica) Não sabe o que diz , está bêbado)

QUINTINO – O sapateiro da esquina disse-me que o viu entrar ontem à noite lá .

ANGÉLICA – Entrar lá ?

MANUEL – E o que prova isso ?

ANGÉLICA – O que prova ? E esta ?

MANUEL – Sua irmã não casa pra fora ?

QUINTINO – Casa , sim e com muita honestidade.

MANUEL – Pois então ? Mandei fazer por ela umas camisas e fui ver se estavam prontas . Se quiser vai preguntar-lhe.

QUINTINO – Se foi só por isso o caso é outro.

MANUEL – E por que mais havia ser ? Importo-me cá por sua irmã ? O que tenho eu e com sua irmã ? Faço lá caso dela ? (À parte) E ~~xxxx~~ não me quero deitar a perder.

ANGÉLICA – Manuel...

MANUEL – Deixe-me.

QUINTINO – Está bem , homem.

ANGÉLICA – Manuel...

MANUEL – Estou zangado. Assim se descredita ao homem de bem.

QUINTINO – Em uma palavras : n*ap a namora?

MANUEL – Vá-se com todos os diabos , você a sua irmã e toda a sua parentalha.

QUINTINO – Mais respeito

MANUEL – Pois não me esquente a cabeça. Ora , não tenho eu mais go que fazer. Deixar de cuidar dos interesses de minha boa ama para n amorar a sua irmã. É o que me faltava. Diga ao sapateiro que vá conversar com o defunto.

QUINTINO – Basta. Como não se importa com ela...

MANUEL – Nem com você , seu barbaças.

QUINTINO –(Puxando da espada) Barbaças ?

ANGÉLICA – Senhor...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0228, p.306

QUINTINO - Barbaças , eu te ensinarei.
ANGÉLICA - Sr. Sargento...
QUINTINO - Deixe-me sangrá-lo.
MANUEL - (À parte) Quer fazer a irmã viúva.
ANGÉLICA - Tranquilize-se. Embainha essa espada.
QUINTINO - Eu já te rezava por alma . Respeito as senhoras é o que te salva.
MANUEL - (À parte) Belo cunhado.
ANGÉLICA - O sr. sargento pode ficar descansado. O sr. Manuel , meu primeiro caixeiro não é capaz de desinquietar a sua irmã.
MANUEL - Que dúvida.
ANGÉLICA - Tem outras coisas em que cuidar.
MANUEL - Sim , tenho muitas outras coisas.
QUINTINO - Muito estimo , porque tenho cá certas vistas a seu respeito. Quero casá-lo .
MANUEL (À parte) Casar minha mulher ?
QUINTINO - Com o alferes de minha companhia.
MANUEL - Casá-la com alferes ?
QUINTINO - Sim , e que tem a dizer ?
MANUEL - Casá-la...
ANGÉLICA - E o que tens tu com isto ?
MANUEL - Nada , nada . Pode casá-la com quem quiser . (À parte) O diabo é se ela esquece que está casada comigo.
QUINTINO - Meu menino , esta espada corta muito bem orelha e guarde-os Deus.

CENA 7

MANUEL - Ora , aí está como se bota um homem a perder. Vem o diabo de um Ferrabras destes a provocá-lo.
ANGÉLICA - É um desafore.
MANUEL - Se não fosse o respeito que tenho a esta casa , tinha-lhe atirado com aquela pipa à cabeça.
ANGÉLICA - Soldado de tarimba.
MANUEL - Case lá a irmã com quem quiser.
ANGÉLICA - Mas tu te surpreendeste quando ele disse que a ia casar com o alferes.
MANUEL - Foi surpresa de compaixão. Quem pode ver de sangue frio , entregar uma pobre menina daquelas a um estravagante como é o alferes .
ANGÉLICA - É estravagante ?
MANUEL - Xi , como não faz ideia. Já foi coronel e por causa da sua má cabeça , tem descido de postos . Breve estará soldado raso. Mas deixá-lo...
ANGÉLICA - Assim o queiram , assim o tenham . Tratemos de nós.
MANUEL (À parte) Ai.
ANGÉLICA - Manuel , eu estou resolvido dar sociedade nesta minha venda a certa pessoa.
MANUEL - (À parte) Meu Deus.
ANGÉLICA - Uma mulher , por aí só pouco representa . Que dizes do meu projeto ?
MANUEL - Que só resta-me sair desta casa.
ANGÉLICA - Sair de minha casa ?
MANUEL - Enquanto seis dela a única senhora , sirvo-a com prazer , mas quando tiverdes um sócio, um homem estranho, não posso , não devo.
ANGÉLICA - Não seja tão precipitado. Eu vou lá dentro escrever um papel. Não te digo mais nada. Lerás . Espera Manuelinho , espera.

CENA 8

MANUEL - Será possível ? Ouviram bem meus ouvidos suas palavras ? Espera Manuelinho , espera e verás . Oh , dita , ó fortuna. Serei sócio , sócio. Oh , o prazer sufoca-me. Daqui a uma hora não serei caixeiro. Vou andar de cabeça levantada, orgulhoso, ufano...sócio. Palavra mágica . Ninguém no mundo perturbará a minha felicidade.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.307

DEOLINDA - Manuel.
MANUEL - Oh , que havia me esquecido de minha mulher.
DEOLONDA - Ouve...
MANUEL - Vai-te embora.
DEOLINDA - Hein?
MANUEL - Vai-te embora , vai-te embora , diabo.
DEOLINDA - Assim me recebe ? Queres que me vá ?
MANUEL - Sim , sim.
DEOLINDA - Sabes o que mais ? Isto assim não pode durar. É preciso que declares o nosso casamento.
MANUEL - Desgraçada , cala-te , cala-te.
DEOLINDA - Se és o meu marido...
MANUEL - Cala-te ou meto-te esta mão pela boca adentro.
DEOLOINDA - (Sai chorando alto)
MANUEL - Olha que te mato . Se minha ama chega estou arranjado. Hoje me perco. Ainda estará escrevendo ? Declinda.
DEOLINDA - (Chora)
MANUEL - Declinda , não chore , tem compaixão de teu marido.
DEOLINDA - Deixe-me.
MANOEL - (À parte) se a velha chega ... (P/ Declinda) Amanhã ou depois , tudo declararei , mas hoje , é.
DEOLINDA - E até lá o meu irmão estará maltratando-me a atrapalhando-me para que eu n eu me case com o alferes .
MANOEL - Mas tu não te casarás.
DEOLINDA - Quem sabe ?
MANUEL - Quem sabe ? Isso são graças ? Vê lá...
DEOLINDA - Tenho muito medo do meu irmão . E demais o meu marido está tão misterioso , não quer declarar-se ...
MANUEL - Tu julgas que eu não tenho razões para assim fazer ? Deolinda , minha cara Deolinda , escuta-me. Minha ama quer dar-me xxxxx sociedade nesta venda , mas se ela souber que eu sou casado , tudo desfará.
DEOLINDA - E por que ?
MANUEL - Ela julga que um homem casado não deve ter sociedade com outra mulher. E nem pode dirigir com todos cuidado uma casa como esta. A mulher , os filhos , a família tomam-lhe tempo.
DEOLINDA - E logo wue fores sócio...
MANUEL - Então declarar-me-ei.
DEOLINDA - Bem , esperarei , visto que este é o motivo.
MANUEL - E que outro poderia ser ? Não és tu a minha querida mulher ? Dá-me um abraço e vai-te embora. Dá-me. (Abre os braços para abraçar Deolinda , Angélica entra neste momento)

CENA 9

ANGÉLICA - Manuel .
DEOLINDA - (Se assusta)
ANGÉLICA - O que é isto ? Com os braÇOS ABERTOS ?
MANUEL - (COnfuso) Estava mostranfo o comprimento dos braços para a medida das camisas .
ANGÉLICA - Ah , a sen ora é a senhora Deolinda que cose para fora e com muita honestidade ?
DEOLINDA - Uma sua criada.*
ANGÉLICA - E que vem em pessoa tomar medidas aos fregueses. em suas próprias casas e tudo com muita honestidade...
MANUEL - (À parte) Elas pegam-se . (Alto) Minha ama.
DEOLINDA - Minha senhora , a honestidade guarda-se em toda parte quando se é honesto e quando não se é....
MANUEL - Deolinda.
DEOLINDA - Mesmo sem que seja necessário sair-se de casa , pratica-se atos que envergonham.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0228, p. 308

ANGÉLICA - O que ?
MANUEL - Cala-te.
DEOLINDA - E dizem-se palavras indignas de uma senhora de bem.

ANGÉLICA - A menina fala comigo ?
DEOLINDA - E só próprias de uma vendelhona.
ANGÉLICA - Insolente.
MANEUL - Minha ama.
ANGÉLICA - Já desta porta pra fora , já.
DEOLINDA - Ofendi a duquesa ?
ANGÉLICA - Desavergonhada.
MANEUL - Prudência.
DELOINDA - Será ela...
MANEUL - Prudência , senhora minha ama ...senhora Deolinda.
ANGÉLICA - Deixa-me ensinar essa malcriada.
DEOLINDA - Malcriada será ela , velha de uma figa.
ANG ÉLICA - Velha ?
(INVESTEM-SE UMA CONTRA OUTRA)
MANUEL -(Para Deolinda) Senhora minha ama...(P/ Angélica) Deolinda...Diabo.

CENA 10

FRANCISCO - E então , o que temos ?
MANUEL - Prudência que aí vem gente.
FRANCISCO - Senhora dona Angélica. (À parte) Deolinda por cá ? Mau...
ANGÉLICA - Sr. Francisco , isso é um horror , um desaforo. O sr. Manuel traz as suas costureiras - costureiras - para casa e elas vêm insultar-me.
MANUEL - Eu sra. minha ama ? Eu , Manuel Pacheco ? Pois bem , hoje mesmo sairei desta casa.
ANGÉLICA - Saires de minha casa ?
MANUEL - Desconfiam de mim . Que faço aqui ? Não faço nada , vou-me , vou-me com cem milhões de diabos .
ANGÉLICA - Manuel.
MANUEL - Adeus , senhora.
ANGÉLICA - Não , tu não sairás . Não posso . Meu negócio não pode ficar com ti .
MANUEL - Deixe-me.
ANGÉLICA - Não. Seu Francisco , ajude-me a segurá-lo.

FRANCISCO - Então , Manuel , o que é isso ?
DEOLINDA -Desgraçada de mim , ela o ama.
ANGÉLICA - Manuel , Manuel , não me abandones.

CENA 11

QUINTINO ENCONTRANDO-SE NA PORTA COM DEOLINDA
QUINTINO - Espere lá.
ANGÉLICA - Quem é ?
MANUEL - (À parte) Meu cunhado.
FRANCISCO - (À parte) Temos ...
QUINTINO - Preciso de uma explicação.
DEOLINDA - (Que foi trazida por Quintino) Deixe-me.
ANGÉLICA - Mas o que é isso senhor ?
MANUEL - Sim , o que é isso ? Assim se entra por uma casa ?
QUINTINO - Não estavas em casa , muito estimo encontrar-te aqui. É preciso que todos me ouçam. Deolinda , disseram-me que casaste ocultamente.
DEOLINDA - Eu ?
MANUEL - Mau.
ANGÉLICA - Casada ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.309

QUINTINO - Não procures enganar-me , estou bem informado.
DEOLINDA - Pois bem , confessarei : sou casada.
QUINTINO - Ah , confessas.
MANUEL - Estou perdido.
FRANCISCO - Ho que dará isto ?
ANGÉLICA - É possível ?
QYINTINO - Agora eu quero saber qual é o seu marido .
DEOLINDA - Ah , ainda não sabe ? Pois então pergunte alí ao sr, Manuel .
MANUEL - A mim ?
ANGÉLICA - A ele ?
DEOLINDA - Sim , diga ao meu irmão quem é o meu marido.
MNAUEL - Que eu diga ?
ANGÉLICA - Que horrível desconfiança . E essa escritura ? (Qurendo rasgar o papel . Manuel segura-lhe a mão)
MANEUL - Espere.
DEOLINDA - (À parte) O que eu ia fazendo...
MANUEL - Sr. sargento , eu queria guardar segredo , porque asim me pediram , mas como o negócio está meio divulgado , eu falarei. Fui padrinho do casamento.
ANGÉLICA - Tu ?
MANUEL - E assim sei quem é o marido.
QUINTILHO - E quem é ?
MANUEL - O sr. Francisco.
FRANCISCO - Heim ?
DEOLINDA - O que diz ?
ANGÉLICA - O sr. Francisco ?
QUINTINO - Ah , o sr. é meu cunhado.
FRANCISCO - Eu , senhor ?
MANUEL - (Abraça Francisco) Amigo , perdoa se falei. (À parte) Salva-me Chico , salva-me. (Alto) O negócio estava meio sabido.(À parte) Salva-me chico . (Alto) De que serviria ocultar a mais tempo. (À parte) Dize que te casaste .
FRANCISCO - Mas se tu...
MANUEL - Estás zangado porque falei...(À parte) Salva-me Chico.
FRANCISCO -(À parte) Tranquiliza-te. (Alto) Enfim , como já se sabe , que remédio ...estou casado com a senhora...a senhora é minha mulher. (À parte) Já que assim quer seu marido.
ANGÉLICA - (À parte) Aqui há mistério.
QUINTINO - O que está feito , está feito. Lograram-me. Cunhado , aperta esta manopla. Quisera antes que a Deolinda se casasse com o alferes , mas enfim , também és bom rapaz. Vou ao "Gradil " encomendar um jantar. Há de haver bebedeira grossa. Com licença da companhia , volto.
MANUEL - (À parte) Escapei de boas.
ANGÉLICA - Com que o sr. Francisco é casado ?
FRANCISCO - O homem sacrifica-se às vezes.
ANGÉLICA - (P/ Manuel) E nunca me disseste nada .
MANUEL - Segredo de um amigo.
DEOLINDA - (À parte) Que papel faço eu aqui ?
ANGÉLICA - (À parte) Estou desconfiada. Aqui engana-se alguém . Ah , se for a mim. (Alto) Manuel , vem comigo , o sr. Francisco quererá ficar só com sua mulher.
MANUEL - Só com ela ?
ANGÉLICA - E o que tem isso ?
MANUEL - (À parte) Perguntao que tem . (Alto) Nada , nada.
ANGÉLICA - Pois segue-me (À parte) Há mistério .
MANUEL - Eu vou. (À parte p/ Francisco) Chico...
(SAEM MANUEL E ANGÉLICA)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0225, p310

FRANCISCO - Pobre Manuel . O quanto o obriga a ambição.
DEOLINDA - Belo marido que eu tenho e me entraga a outro.
FRANCISCO - Então , ora. Deolinda , o que me diz a esta ? Deve estar-me agradecida , salvei o seu marido
DEOLINDA - Que marido. Envergonho-se de ter-me por mulher.
FRANCISCO - Não é vergonha , é medo.
DEOLINDA - Deolinda. Medo ? Antes me tivesse casado com outro.
FRANCISCO - Não me quiseste a mim por marido.
DEOLINDA - Vou-me embora.
FRANCISCO - Espere.
DEOLINDA - Não posso mais estar aqui.
FRANCISCO - Devagar , não comprometa seu marido.
DEOLINDA - Deixe-me.
FRANCISCO - Sinto passos, aí vem ela. Dê-me um abraço . (Abraça-se a contragosto de Deolinda)
DEOLINDA - Sr.

CENA 13

ENTRAM ANGÉLICA E MANUEL
FRANCISCO - Não se espante , isso é por conta dele. Abrace-me que ela nos vê.
DEOLINDA - (Vendo Manuel) Ah , pois bem abracemo-nos , assim me vingarei dele.
FRANCISCO - Bravo.
MANUEL - Isso não pode ser.
ANGÉLICA - E que te importa se o sr. Francisco abraça a sua mulher ?
MANUEL - É indecente.
ANGÉLICA - Deixa-os lá e venha comigo
DEOLINDA - (P/ Manuel) Vem cá.
MANUEL - Traidora.
DEOLINDA - Ah , estás zangado ?
MANUEL - Abraçando-o...
DEOLINDA - Fiz muito bem , é pra teu ensino
FRANCISCO - Pateta , não vez que é pra MELHOR Enganar a tua ama ?
MANUEL - Era para isso ? Perdoa-me Deolinda. Chico , pega essas garrafas. Se soubesses Deolinda o que que tenho sofrido hoje...
FRANCISCO - Agora abracem-se.
MANUEL - Perdoa-me se te dei outro marido , era para nosso bem , dê cá um abraço.
DEOLINDA - Sou muito boa em perdoar-te .
MANUEL - Minha mulherzinha.

CENA 14

ANGÉLICA - (Entrando) Que escândalo , que escândalo . Assim deixa abraçar a sua mulher ? Que imoralidade , que escândalo...
FRANCISCO - Foi por distração minha.
MANUEL - É minha afilhada , sou o padrinho e bem vê... A
ANGÉLICA - Sim , é afilhada. O sr. pelo que vejo não é ciumento , e a menina... Está bonito.
FRANCSCO - Entre amigos não deve haver ciumes. E quando há confiança na amizade...
ANGÉLICA - Dorme-se. Tem razão , mas olhe que há muita gente que assim se perde pela confiança que tem nos amigos. (À parte) Eu saberei como isto é .(Alto) MANUEL , vai acabar de arrumar as garrafas.
MANUEL - (À parte p/ Francisco) Cuidado com a bicha.
ANGÉLICA - Tinha que lhe dar uma palavra , mas ao sr. só.
FRANCISCO - Deolinda , vai me esperar lá em casa.
DEOLINDA - Eu vou. (À parte p/ Francisco) Diga ao Manuel que lá eu o espero.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.311

ANGÉLICA - (À parte) Hei de saber como isto é... empregarei um meio....
FRANCISCO - A sra. dona Angélica está tão pensativa...
ANGÉLICA - E tenho motivos para isto. Sr. Francisco , é preciso que eu seja sincero com o sr.
FRANCISCO - Há muito que isso desejo .
ANGÉLICA - O sr. tem me dado a entender que minha mãe lhe seria agradável.
FRANCISCO - Senhora....
ANGÉLICA - Não tenho correspondido às suas finezas por que enfim uma mulher vexa-se. Esperava poder confessar-lhe um dia este segredo , mas enganei-,e , enganei-me.
FRANCISCO - Dona Angélica.
ANGÉLICA - Foi uma zombaria . Eu eu o amava.
FRANCISCO - A mim ?
ANGÉLICA - Sim , ingrato , a ti,
FRANCISCO - Oh (À parte) O Manuel que se arranje como puder , eu falo,
ANGÉLICA - A mim , semelhante traição. A mim que já havia feito esta escritura de casamento...vê... só o nome está em branco , o lugar era para o teu.
FRANCISCO - Dá- ma.
ANGÉLICA - Agora de nada serve.
FRANCISCO - Não rasgue.
ANGÉLICA - Estás casado.
FRANCISCO - Casado . (À parte) Leve o diabo , Manuel . (Alto) Angélica , quem te disse que eu estava casado , mentiu.
ANGÉLICA - Mentiu ?
FRANCISCO - Eu não estou casado.
ANGÉLICA - Não estás casado ? E quem é o marido de Declinda ?
FRANCISCO - Não lhe posso dizer mas juro-lhe que estou tão solteiro como quando nasci. Eis-me aos seus pés . Dê-me esta promessa.
ANGÉLICA - Levanta-te.
(QUINTINO APARECE À PORTA DO FUNDO E FICA SURPREENDIDO)
FRANCISCO - Não me levantarei enquanto não me der a tua palavra que me fará ditoso.
QUINTINO - O marido de minha irmã aos pés de outra mulher ?
ANGÉLICA - Lá de fora podem ver-nos.
FRANCISCO - E que vejam . Não serei eu o seu espos ?
MANUEL APARECE À PORTA DA DIREITA E FICA ESTUPEFATO
ANGÉLICA - Talvez , mas levanta-te.
FRANCISCO - Não.
MANUEL - Muito bem , muito bem , amigo falso.
FRANCISCO - (Levantando-se) Ah.
ANGÉLICA - Ah.
MANUEL - Muito bem .
FRANCISCO - Desculpa-me , ela me ama e eu também a amo.
(QUINTINO ENTRA E SEGURA FRANCISCO PELA GOLA DA JAQUETA)
QUINTINO - Ah , tu a amas ? E minha irmã , tua mulher ?
FRANCISCO - Ai.
QUINTINO - Assim a enganas , patife.
FRANCISCO - Sua irmã não é minha mulher.
QUINTINO - Negas ?
ANGÉLICA -(Para Manuel) Quem é o marido ?
MANUEL - Não sei.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0228, f.312

ANGÉLICA - (P/ Manuel) Quem é o marido ? Para que me enganastes. Dize- já quero saber . Ah , não dizes. Eu me vingarei. Não dizes porque tens medo . Ingrato , mal agradecido , eu me vingarei , me vingarei,

MANUEL - Não sei , posso lá saber quem é o marido de todas as mulheres ? Digo se o que me disseram. Pode ser que eu me engane. Sra. Minha ama , deixe-me , assim não nos entenderemos .

QUINTINO - (P/ Francisco , a quem ameaça com a espada) Pensas que assim has de mangar com o sargento Quintino. Primeiro hei de tirar-te as tripas, pô-las ao sol . Enganar minha irmã. Tira as mãos...enfio-te...mandola...tira as mãos.

FRANCISCO - Deixe-me , não sou o teu cunhado , já lhe disse . Ai ai , não me mate. Ai , quem me acode. Juro que não é minha mulher . Ai ai.

CENA FINAL

ANTONIO - O que aconteceu ?

DEOLINDA - O que é , Quintino ?

ANTONIO - Sra. minha ama ?

DEOLINDA - O que foi ?

QUINTINO - O que foi ? Vim encontrar o teu marido aos pés desta senhora.

DEOLINDA - Meu marido de joelhos aos seus pés ?

QUINTINO - Sim , dizendo que a amava .

DEOLINDA - (Indo para Manuel) Traidor .

MANUEL - Heim.

DEOLINDA - Assim é que me guardavas fidelidade ?

ANGÉLICA - Ah.

QUINTINO - Olha que te enganas.

DEOLINDA - Não , não me engano , este é o meu marido.

QUINTINO - O seu marido ?

ANGÉLICA - Seu marido ?

MANUEL -) Ai ai ai.

FRANCISCO - Pobre Manuel

ANGÉLICA -(Para Manuel) Ah , tu eras casado e me enganavas.

DEOLINDA - A mim é que me enganava.

QUINTINO - Então , com os diabos , quem aqui é meu cunhado ?

MANUEL E FRANCISCO APONTANDO UM PARA O OUTRO - E ele , êle .

QUINTINO - (P/ Deolinda) Ambos ?

ANGÉLICA - Espere seu sargento , que eu porei estas coisas em(dorm) ordem. (À parte , para Manuel) Ingrato , tudo está explicado ou eu me vingarei .

MANUEL - Minha ama.

ANGÉLICA - Sr. Francisco , aqui está a escritura do nosso casamento.

FRANCISCO - Mas senhora , quanto sou ditoso.

MANUEL - Mas senhora...

ANGÉLICA - O sr. Manuel terá a bondade de procurar outro arranjo porque hoje deixa de ser meu caixeiro , tenho um marido e nele um sócio:

MANUEL - Um sócio. Amigo infiel e pérfido . És a causa da minha desgraça e perdição,

FRANCISCO - Eu , Manuel ?

MANUEL - Sim.

FRANCISCVO - Fiz o que pude por ti . Fui marido da tua mulher . Tu és o culpado , eu não.

MANUEL - (P/ Deolinda) Então foste tu , mulher traidora.

DEOLINDA - Eu ? Não guardei segredo ? Queixa-te de ti , de mim,não.

MANUEL - (P/ Quintino) Então foste tu , bachaças do diabo.

QUINTINO - (Ameaçando-o) Passe de largo.*

MANUEL - (P/ Angélica) Ou tu , carocha do inferno.

ANGÉLICA -Maroto Já por esta porta pra fora e vai ser caixeiro de bonzobu.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0228, p.313

MANUEL - Caixeiro , sempre caixeiro, oh , afastem-se de mim , estou louco , desesperado , moribundo. Pra longe, serei sempre caixeiro , caixeiro. Pagarei sempre imposto , como uma saca de café , um burro , um cavalo. Não sou nada no mundo,* cortem-me esta cabeça , pendurem-me na porta do açougue. Sou um boi. Paguei direitos na barreira , sou um boi. (Berra como um boi)

TODOS - Manuel.

DEOLINDA - Meu Deus , está louco .

TODOS - Louco.

DEOLINDA - Que desgraça.

FRANCISCA - Coitado.

QUINTINO - Pobre homem.

ANGÉLICA - Faz-me pena.

MANUEL TOMA ANTÔNIO PELO BRAÇO - Antônio , eis-me de joelho aos teus pés. Lembra-te da amizade que nos uniu e faz-me o último favor. (Abre a camisa) Enterra-me no coração esta adaga de olnha , traspassa-me o peito com ela . Não queres ?

ANGÉLICA - Manuel.

MANUEL - Quem me chama ?

ANGÉLICA - É tua ama . Manuel , esqueço-me da afronta que me fizeste e lembrar-me apenas do serviço que me tens prestado. Será nosso sócio . Não é assim chiquinho ?

FRANCISCO - Sim , será nosso sócio.

DEOLINDA - Serás sócio.

MANUEL LEVANTA-SE POUCO A POUCO COMO PROCURANDO FIXAR-SE NO SENTIDO DAS PALAVRAS QUE LHE DIZEM.

ANGÉLICA - Serás nosso sócio , ficarás conosco , eu Lhe perdoo .

MANUEL - Sócio ? Ouviram bem meus ouvidos ? Serei sócio. Oh , meu Deus está satisfeita a minha ambição.

DEOLINDA - Está salvo.

QUINTINO - Pobre sócio.

ANGÉLICA - Pobre Manuel.

FRANCISCO - Pobre amigo.

MANUEL - Serei sócio.

FIM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.519

TEATRO

TÍTULO "O CAIXEIRO DA TAVERNA"

AUTOR: MARTNS PENA

1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE

Praça SCDP/SR/GO

Obs.:

DF. 15 / 06 / 82 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de LIVRE anos, 5 cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: conforme

Brasília-DF, 24 de 06 de 1982

Hellé Prudente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP tendo em vista tratar-se de P.I. para o qual os censores propõem a classificação etária de LIVRE

Brasília-DF, 24 de 06 de 19 82

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 24/06/1982

Eliel José de Sousa
Diretor Subst. da DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.313

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 903 / 82

TÍTULO: O CAIXEIRO DA TAVERNA - confronto.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE.

Autor: Martins Pena.

Levado a termo o exame do texto para fins de confronto, garantindo a indicação da chancela livre ao mesmo em virtude de total consonância com o original.

Brasília, 24 de junho de 1982.

Odila Geralda Valadares
Técnica de Censura
Mat. 2.416.872

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0228, p. 316

1.590/82-SE/DCDP 13-07-82

Chefe do Serviço de Censura da SR/GO

"O CAIXEIRO DA TAVERNA"
"A FARSA DE YARIM NO CEU DE MANDACURU"

Martins Pena e Claudia de Castro, respectiva
mente.

Chefe

Goiânia

ELIEL JOSÉ DE SOUSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 317

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 1.390

PEÇA "O CAIXEIRO DA TAVERNA"

ORIGINAL DE MARTINS PENNA

VÁLIDO ATÉ 25 de JUNHO de 19 87

CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

BRASILIA, 25 de JUNHO de 19 82

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 318

M. J – D.P.F

CERTIFICADO DE CENSURA

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O CAIXEIRO DA TAVERNA

Original de MARTINS PENNA

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por HUGO EUSTÁQUIO DE MACEDO ZORZETTI GOIÂNIA

Tendo sido censurada em 25 de JUNHO de 1982 e recebido a seguinte classificação: LIVRE, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

BSB, 25 de JUNHO de 1982

NEI DE OLIVEIRA
Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.319

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.
Nº4034 /84- SCDP/SR/SP Em 23 de JANEIRO de 1984

Senhor Diretor

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, estamos encaminhando a V.S. uma via do texto e relatórios de leitura e de ensaio geral da (s) peça (s) teatral (is):

1 - DUETO PARA UM SÓ de TOM KEMPLINSKI

2 - O BELO INDIFERENTE de JEAN COCTEAU

3 - O CAIXEIRO DA TAVERNA de MARTINS PENA

4 - O CIRCO DO ZÉ MINHOCA de MARCOS TADEU

5 - O GATO DE BOTAS de CRISPIM GOMES JUNIOR

6 - O PEQUENO PRINCIPE de ANTOINE DE SAINT-EXUPERY

7 - JOÃO BOBO e AS BONECAS INFLÁVEIS de ROBINSON ANTONIO VIEIRA e PAULO ESTEVÃO BARNABÉ

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

MARIA INÊS ROLIM CAUCHIOLI

CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DRa. SOLANGE M. T. HERNANDES
DD. Diretor da DCDP
BRASILIA/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0228, p. 320
Ord - 00019

02/01/84

Sia Santa
sociedade cultural teatro sia santa

EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 259 339/0001-08

ILUSTRÍSSIMO SENHOR CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL EM SÃO PAULO

CRISPIM GOMES JÚNIOR, portador da Cédula de Identidade RG nº 6.777.575, brasileiro, solteiro, advogado, artista, residente e domiciliado à Rua Orlando Carpino nº 842, bairro Castelo, em Campinas, Estado de São Paulo, representando a Sociedade Cultural Teatro "SIA SANTA", com séde à Rua Rafael Sales nº 934, bairro Castelo, em Campinas, Estado de São Paulo, pretendendo encenar a peça teatral "O CAIXEIRO DA TAVERNA", de Martins Pena, cujo texto se encontra anexo a este em três vias, vem mui respeitosamente requerer a V.Sa. se digne mandar proceder à leitura e exame censório do Ensáio Geral, em data e hora a serem designadas por essa Chefia.

Para tanto, presta as seguintes informações:

NOME DA PEÇA: O CAIXEIRO DA TAVERNA
AUTOR: MARTINS PENA
TRADUTOR: -
PRODUTOR: SOCIEDADE CULTURAL TEATRO SIA SANTA
CATEGORIA: PROFISSIONAL
LOCAL: CAMPINAS-SP
TELEFONE PARA CONTATO: (0192) 42-4337

Termos em que,
P. Deferimento.

Campinas, 27 de Dezembro de 1983.

CRISPIM GOMES JÚNIOR
RG nº 6.777.575

Sia Santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 259 339/0001-08

OS AUTORES INCLUÍDOS NÊSTE PROGRAMA, NÃO SÃO REPRESENTADOS PELA "SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS — SBAT".
MARTINS PENA

Campinas 03/02/84 Nausa

O CAIXEIRO DA TAVERNA

Original de Martins Pena

PERSONAGENS :

MANUEL, primeiro caixeiro
ANGÉLICA, dona da casa
DEOLINDA, costureira
FRANCISCO, oficial de latoeiro
QUINTINO, sargento de fuzileiros
ANTONIO, caixeiro

A cena passa-se na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1845.

ATO ÚNICO

O teatro, na antecena, representa uma sala com portas laterais e duas no fundo, pelas quais se vê o interior de uma taverna com seu balcão, onde estará um caixeiro e mais arranjos necessários - tudo distribuido de modo tal, que fiquem bem à vista do espectador as pessoas de diferentes condições que entram na taverna durante a representação. De um e outro lado da sala, haverão algumas pipas, como é costume nas tavernas. No primeiro plano, à esquerda, uma escrivaninha apropriada ao lugar, etc.

CENA I

Ao levantar do pano, MANUEL estará sentado à escrivaninha, verificando contas.

MANUEL, continuando a somar - ... E 4 são 10, e 9, 19, e 7, 26, soma tudo ... duzentos e sessenta e oito mil trezentos e vinte reis ... que deve o Sr. Laurindo da Costa à Viúva Pereira, por gêneros comprados em sua taverna durante cinco meses. Este é bom pagador, dinheiro seguro. (Pegando em outra conta) O Major José Felix deve à Viúva Pereira, etc, cento e vinte e nove

BR DFANBSB NS CPR TEA PTE 0228 e 3/21

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.322

sia santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 259 339/0001-08

mil e oitocentos reis ... Contem com este ... dinheiro perdido... É isto, querem todos comer a boa manteiga, o quiejo frescal, o gordo paio ... É só mandar um bilhetinho: Sr. Manuel, mande-me aquilo; mas quando chega a ocasião de pagar as contas é que são elas. Este não paga, aquele desculpa-se, outro descompõe, quer dar no pobre cobrador ... É um inferno!... Ora, deste pobre major tenho eu pena.Mal lhe chega o soldo para pagar casa e educar quatro filhos que tem; mas, bem pensado, a venda de minha ama não é montepio militar ... A nação que pague!(Chamando)Antonio!

CENA II

Entra ANTONIO em mangas de camisa, calçado de tamancos e muito sujo.

MANUEL - Toma estas contas, vai cobrá-las. Os nomes aí estão (Dá um maço de papéis) Se algum dos devedores não quiser pagar diz-lhe que o mandarei pôr no Jornal do Comércio. Anda, vai. É o que se vê - tudo anda pingando. (Levantando-se)É boa ! Quem come, pague! E quem não pode pagar, não coma ... Ó Sr. Antonio? Sr. Antonio?

ANTONIO - Senhor?

MANUEL - Chegue cá.

CENA III

MANUEL - Chegou a pipa de aguardente que se foi buscar ao Trapiche da Ordem ?

ANTONIO - Já, sim senhor.

MANUEL - Pois recolha-a, e logo à noite tempere-a com quatro barris de água.

ANTONIO - Sim senhor.

MANUEL - Os direitos cada vez estão mais subidos, e como não podemos encurtar as medidas, aumentemos o liquido ... Em que estado estão aquelas pipas de vinho de Lisboa?

ANTONIO - Ambas pelo meio.

MANUEL - Pois acabe de as encher com agua fresca e

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0228, p.323

Sia Santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 259 339/0001-08

e bote-lhe dentro dois engaços de bananas e uma porção de pau-campeche para lhe dar cor e tom; e quando o vender, diga aos fregueses que é vinho superior da Companhia do Alto-Douro.

ANTONIO - Sim senhor.

MANUEL - E não se esqueça de pendurar à porta este letreiro.(Tira de sobre a carteira um rótulo com letras grandes que digam: ÚNICO DEPÓSITO DA COMPANHIA DO ALTO-DOURO) O público deixa-se levar por estas imposturas. Pode ir. (Antonio sai com o rótulo)

CENA IV

MANUEL e depois FRANCISCO.

MANUEL - Estou fatigado! Muito custa dirigir-se uma venda bem afreguesada como esta. Mas, ah, se eu dela fosse dono, outro galo cantaria ... Há seis anos que cheguei do Porto e ainda sou caixeiro. Não pensei, quando vim para o Brasil, que fizesse fortuna tão devagar. è verdade que sou primeiro caixeiro da taverna da viúva de meu amo, mas o que é isto para mim? Para mim, que sou ambicioso? Sim, uma ambição roedora me estraga a alma, dorme e acorda comigo, não me deixa um só instante tranquilo; traz-me em delirio, confunde-me as idéias. Ah, quantas vezes tenho eu vendido aguardente de França por aguardente do Reino, linguiças por paios e cebolas por alhos! Ambição, horrivel martirio, quando te verei eu satisfeita?(Entra FRANCISCO)

FRANCISCO - Adeus, Manuel.

MANUEL - Como estás, Chico?

FRANCISCO - Vamos remando contra a maré.

MANUEL - Chico, tu és bem feliz!

FRANCISCO - Eh? Estás engraçado, no mundo não se pode ser feliz sem dinheiro, e eu não o tenho.

MANUEL - Trabalha e terás.

FRANCISCO - Trabalha!.Sou, como bem sabes, oficial de lavoeiro, e já por muitas vezes te tenho dito o que presen-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.324

Sia Santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 259 939/0001-08

temente ganha um oficial de latoeiro. Olha, Manuel, Minha avó dizia que no tempo dos vice-reis e mesmo no tempo de el-rei, qualquer que tivesse um oficio ganhava a vida e ainda ajuntava dinheiro. Agora o caso é outro.

MANUEL - Deixa-te disso.

FRANCISCO - Ora, dize-me, o que pode fazer um pobre latoeiro do país, quando a Rua do Ouvidor está cheia de latoeiros e lampistas franceses? Meu caro, se não fossem as seringas que fazemos para os moleques brincarem o entrudo, não sei o que seria de nós.

MANUEL - Se voces trabalhassem tão bem como eles ...

FRANCISCO - É um engano, é uma mania, e todos vão com ela; é obra estrangeira, e basta! Não se vê por esta cidade senão alfaiates franceses, dentistas americanos, maquinistas ingleses, médicos alemães, relojoeiros suiços, cabelereiros franceses, estrangeiros de todas as seis partes do mundo. E resistam os artistas do país, se são capazes, a essa torrente! Porém meu pai é que é o culpado de eu estar hoje como estou.

MANUEL - Como assim?

FRANCISCO - Em lugar de ensinar-me o seu oficio, como ensinou-me, podia ter-me mandado para S. Paulo estudar leis. Bem podia estar deputado.

MANUEL - Ah,ah,ah! Deste modo podemos ser tudo ...

FRANCISCO - Manuel, tu és filho de Portugal e não estás bem ao fato da nossa Constituição. Ela diz: A lei é igual para todos. Isto quer dizer que todos podem ser tudo.

MANUEL - Ah, entendes assim?

FRANCISCO - No talento é que está a diferença. O homem de talento pode ser tudo quanto quiser, e tu bem sabes que eu tenho talento ... Ainda ninguem pode fazer, como eu, uma seringa de entrudo que esguiche agua mais longe.

MANUEL - Ora, Chico! (Sorrindo-se)

FRANCISCO - Olha, Manuel, não sei o que te diga; às

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0229, p. 325

Sia Santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 259 389/0001-08

vezes custa mais fazer-se uma seringa de esguicho do que certas leis.

MANUEL - Estás hoje pregador.

FRANCISCO - Estou zangado; tu és feliz.

MANUEL - Feliz?

FRANCISCO - Há oito meses que teu amo morreu e a viúva não poderia continuar com a taverna aberta sem o teu auxílio. Eras o único, como primeiro caixeiro, que sabia das transações do defunto.

MANUEL(à parte e concentrado) - E ainda sou caixeiro.

FRANCISCO - Manuel, um negócio aqui me traz. És meu amigo, devo comunicar-to, até porque és nele interessado.

MANUEL - Interessado? E como?

FRANCISCO - Estou resolvido a casar-me.

MANUEL - Queres-me dar interesse no teu casamento?

FRANCISCO - Não. A mulher escolhida por mim é tua ama.

MANUEL - Minha ama?

FRANCISCO - Ela mesma, e tenho razões para supor que lhe não sou indiferente.

MANUEL (pegando-lhe no braço) - Chico, és meu amigo?

FRANCISCO - Duvidas? Experimenta.

MANUEL - Desiste desse casamento.

FRANCISCO - Que eu desista? E por que?

MANUEL - Por que? Não posso dizer.

FRANCISCO - Percebo ... Queres-te casar com ela. Pois bem, mostrarei que sou teu amigo. Casa-te; tens mais direito do que eu ... já estás em casa.

MANUEL (abraçando-o) - Obrigado, amigo.

FRANCISCO - Pois bem, casar-me-ei com a nossa vizinha Deolinda.

MANUEL - Chico, tu não te casarás com Deolinda!

FRANCISCO - Hem?

MANUEL - Digo-te que não casarás com ela.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p326

Sia Santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 259 339/0001-08

FRANCISCO - Essa agora é melhor! E por que não me casarei?

MANUEL - A Deolinda já está casada.

FRANCISCO - Casada? E com quem?

MANUEL (em voz baixa) - Comigo.

FRANCISCO - Contigo? Mas que diabo de trapalhada é essa? És casado e queres casar?

MANUEL - Chico, olha atentamente para mim.

FRANCISCO - Estou olhando.

MANUEL - Vês em mim um homem profundamente ambicioso.

FRANCISCO - Tu?

MANUEL - Sim, eu! E de uma ambição tão frenética, que me levará à sepultura se a não vejo realizada ... De uma ambição ambiciosa!

FRANCISCO - Tu me assustas! Acaso queres ser major da da Guarda Nacional?

MANUEL (com desprezo) - Não.

FRANCISCO - Chefe de legião?

MANUEL - Não.

FRANCISCO - Tenente-general?

MANUEL - Não.

FRANCISCO - Conde? Marques? Ministro?

MANUEL - Não.

FRANCISCO - Manuel, Manuel, que queres tu ser?

MANUEL (com mistério) - Sócio de minha ama!

FRANCISCO (rindo-se) - Ah,ah! E só isso?

MANUEL - Só, dizes tu? E que felicidade pode haver no mundo maior para mim? Ah, não sabes que satisfação será a minha quando escrever em uma conta: Fulano deve a Manuel Pacheco e Viúva Pereira a quantia de tanto, por generos comprados em sua venda. Sua amigo, sua! Ela será também minha!

FRANCISCO - Enfim, cada um tem lá ambição a seu modo.

MANUEL - E ainda sou caixeiro! Caixeiro! Sabes tu o

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.327

Sia Santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 259 339/0001-08

que é um caixeiro? É um traste que paga imposto à Câmara Municipal, como qualquer carruagem ou burro.

FRANCISCO - Mas não vejo por que não queres que eu case com tua ama.

MANUEL - Não vês?

FRANCISCO - Logo que estiver casado, prometo dar-te sociedade.

MANUEL - Sabes tu se ela te ama?

FRANCISCO - Julgo que não lhe sou indiferente.

MANUEL - Pois digo-te que eu ela não te ama, porque ama-me.

FRANCISCO - A ti?

MANUEL - Sim, e de uma maneira desesperada e danada. Amigo, Deus te guarde de amor de mulher velha; é pior do que carrapato em orelha de burro. Compreendes agora a minha posição?

FRANCISCO - Ainda não muito bem.

MANUEL - Por amor - maldito amor! - casei-me em segredo com Deolinda; nem o seu proprio irmão, o Sargento Quintino, o sabe. Pensa agora o que será de mim, se minha ama desconfiar que a desprezei por causa de outra mulher ... Raivosa, expulsar-me-á desta casa e minhas esperanças serão malogradas. É preciso enganá-la até o dia em que assinarmos a escritura de sociedade.

ANGÉLICA (dentro) - Manuel?

MANUEL - Ela que me chama! Vai-te embora!

FRANCISCO - Adeus, e estimo que sejas bem sucedido.

MANUEL - Nem palavra ...

FRANCISCO - Fica descansado. (sai)

CENA V

MANUEL e depois ANGÉLICA

MANUEL - Ela aí vem. Estou frio! Ai, que bocado amargoso! Ai-la.

ANGÉLICA (entrando) - Manuel?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.328

MANUEL - Senhora minha ama?

ANGÉLICA - Ah, já estava inquieta ...

MANUEL - Oh, isso é bondade de minha ama. Trabalhava.

ANGÉLICA - Não quero que trabalhes tanto, que podes adoecer. Far-me-ias muita falta.

MANUEL - Ninguém faz falta.

ANGÉLICA - As pessoas como tu fazem sempre falta.

MANUEL (à parte) - Temo-la!

ANGÉLICA - Não se encontram muitos caixeiros como tu.

MANUEL - Oh, minha ama, dá licença que vá ver aquilo lá pelo balcão como vai.

ANGÉLICA - Espera! Tens sempre tanta pressa quando falo contigo ...

MANUEL - Acudiu às minhas obrigações.

ANGÉLICA - Já te disse que não quero que te mates. Não acharei outra pessoa com as tuas qualidades.

MANUEL - Oh, minha ama, não mereço.

ANGÉLICA - Mereces tudo. A experiência do mundo tem-me feito conhecer os homens.

MANUEL (à parte) - Que tal a experiência?

ANGÉLICA - É todo o meu cuidado zelar a tua saúde.

MANUEL - Tanta bondade!

ANGÉLICA (suspirando e olhando para ele) - Ai, ai!

MANUEL - Minha ama, sente alguma dor?

ANGÉLICA - Não.

MANUEL (à parte) - O caso está mau.

ANGÉLICA - Manuel, uma coisa te quero eu pedir.

MANUEL - É uma ordem que recebo.

ANGÉLICA - Espero que não frequentes certas ruas desta cidade e que, sobretudo, não arranches para essas patuscadas dos domingos, que fazem os caixeiros no Jardim Botânico, nos canos da Carioca e nas Paineiras. Tens visto o resultado.

MANUEL - Nunca gostei desses pagodes.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.329

Sia Santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 259 339/0001-08

ANGÉLICA - Nem deves do mesmo modo frequentar os bailes mascarados.

MANUEL - Bailes? Não sei dançar.

ANGÉLICA - Manuel, nos bailes mascarados não se dança, joga-se! Dever-se-iam antes chamar jogos mascarados, ou outro nome que eu não quero dizer. Aí é que a perdição é certa ... E o jogo tem levado muita gente boa à força; vê lá se queres também ...

MANUEL - Morrer enforcado? Nada!

ANGÉLICA - Tu morreres? Ah! (chegando-se para ele) O que seria de mim, quero dizer, da minha venda. Manuel? Não fales em morrer. (Pegando-lhe na mão) Eu te seguiria ...

MANUEL (à parte) - Oh, homem, até depois de morto!

ANGÉLICA (caindo em si, à parte) - Ia traindo-me!(Alto) Digo-te isto, porque se me faltares, o meu negócio vai por agua abaixo.

CENA VI

MANUEL, ANGÉLICA e QUINTINO com farda de sargento de fuzileiros.

QUINTINO (entrando) - Licença.

MANUEL (à parte) - Abençoada visita!

ANGÉLICA - Quem é?

QUINTINO - Um criado.

MANUEL (reconhecendo-o e à parte) - Oh, diabo, é o irmão de minha mulher e meu cunhado sem o saber!

ANGÉLICA - Deseja alguma coisa?

QUINTINO - Dois dedos de conversa ali com o Sr. ...

MANUEL - Comigo?

QUINTINO - Sim senhor.

MANUEL - Pois vamos cá para fora.

ANGÉLICA - Espera, Manuel, onde vai?

QUINTINO - Podemos falar aqui mesmo.

MANUEL (à parte) - Eu tremo ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.330

Sia Santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 259 339/0001-08

QUINTINO (pondo a barretina à cabeça, de lado) - Dizem neste quarteirão que o senhor namora minha irmã.

MANUEL - Não há tal.

ANGÉLICA - Como é lá isso?

MANUEL (à parte) - Estou arranjado ...

QUINTINO - Foi a primeira noticia que hoje tive, assim que cheguei da Praia Vermelha. O sapateiro da esquina disse-me ...

ANGÉLICA (enfurecida) - Como é isso, Manuel?

MANUEL - O senhor está enganado. (Para Angélica:) Não sabe o que diz, está bêbado.

QUINTINO - O sapateiro da esquina disse-me que o viu entrar ontem à noite lá.

ANGÉLICA - Entrar lá?

MANUEL - E o que prova isso?

ANGÉLICA - O que prova? E esta! ...

MANUEL - Sua irmã não cose para fora?

QUINTINO - Cose, sim senhor, e com muita honestidade

MANUEL - Pois então? Mandei fazer por ela umas camisas e fui ontem ver se estavam prontas; se quiser, vá perguntar.

QUINTINO - Se foi só por isso, o caso é outro ...

MANUEL - E por que mais havia de ser? Importo-me cá com sua irmã? O que tenho eu com sua irmã? Faço lá caso dela?

ANGÉLICA - Manuel !

MANUEL - Deixe-me.

QUINTINO - Está bom, homem.

ANGÉLICA - Manuel!

MANUEL - Estou zangado! Assim se desacredita ao homem de bem.

QUINTINO - Em uma palavra, não a namora?

MANUEL - Vá-se com todos os diabos você, sua irmã e toda a sua parentalha.

QUINTINO - Mais repeito!

MANUEL - Pois não me esquente a cabeça! Ora, não te-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.331

sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 259 339/0001-08

nho eu mais que fazer! Deixar de cuidar nos interesses de minha boa ama, para namorar sua irmã. Era o que me faltava ... Diga ao sapateiro que vá conversar com os defuntos. Irra!

QUINTINO - Basta'. Como não se importa com ela ...

MANUEL - Nem com você, só barbaças!

QUINTINO (puxando da espada) - Barbaças? (Manuel corre para traz de Angélica)

ANGÉLICA (para Quintino) - Senhor!

QUINTINO - Barbaças? Eu lhe ensinarei.

ANGÉLICA - Senhor Sargento ...

QUINTINO - Deixe-me sangrá-lo.

MANUEL (à parte) - Quer fazer a irmã viúva ...

ANGÉLICA (para Quintino) - Tranquilize-se, embainhe a espada.

QUINTINO (para Manuel) - Já eu te rezava por alma. Respeito as senhoras; é o que te salva.

MANUEL (à parte) - Belo cunhado!

ANGÉLICA - O senhor sargento pode ficar descansado; o Sr. Manuel, meu primeiro caixeiro, não é capaz de desinquietar sua irmã.

MANUEL - Que dúvida!

ANGÉLICA - Tem outras cousas em que cuidar.

MANUEL - Sim, tenho outras muitas cousas. (Assim dizendo, pega na mão de Angélica e beija)

ANGÉLICA - Ah! (pondo a mão sobre o coração)

QUINTINO - Muito estimo, porque tenho cá certas vistas a seu respeito .... Quero casá-la ...

MANUEL (à parte) - Casar minha mulher!

QUINTINO (continuando) - ... com o alferes de minha companhia.

MANUEL - Casá-la com o alferes?

QUINTINO - Sim. E tem que dizer?

MANUEL - Casá-la!

ANGÉLICA - E o que tens tu com isto?

MANUEL (constrangendo-se) - Nada, nada! (à parte)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0229, p.332

E então? (Alto) Pode casá-la com quem quiser. (à parte) O diabo é se ela se esquece que está casada comigo ...

QUINTINO - Meu menino, esta espada corta muito bem orelhas ... E guarde-os Deus (sai).

CENA VII

MANUEL E ANGÉLICA

MANUEL - Ora, aí está como se bota um homem a perder. Vem o diabo de um Ferrabrás destes provocá-lo.

ANGÉLICA - É um desaforo!

MANUEL - Se não fosse o repeito que tenho a esta casa, tinha-lhe atirado com aquela pipa à cabeça.

ANGÉLICA - Soldado de tarimba!

MANUEL - Case lá a irmã com quem quiser.

ANGÉLICA - Mas tú te surpreendeste quando ele disse que a ia casar com o alferes.

MANUEL - Foi surpresa de compaixão. Quem pode ver de sangue frio entregar uma pobre menina daquelas a um extravagante como é o alferes?

ANGÉLICA - É extravagante ?

MANUEL - Xi, como não faz idéia! Já foi coronel, e por causa de sua má cabeça tem descido de postos; breve estará soldado raso. Mas deixá-lo ...

ANGÉLICA - Assim o querem, assim o tenham. Tratemos nós.

MANUEL (à parte) - Ai!

ANGÉLICA - Manuel, eu estou resolvida a dar sociedade nesta minha venda a certa pessoa ...

MANUEL (à parte) - Meu Deus!

ANGÉLICA - Uma mulher, por si só, pouco representa. Que dizes do meu projeto?

MANUEL - Que só me resta sair desta casa.

ANGÉLICA - Sair de minha casa?

MANUEL - Enquanto sois dela única senhora, sirvo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.333

Sia Santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 256 930/0001-08

com prazer; [illegible] quando tiverdes um sócio, um homem estranho, não posso, não devo.

ANGÉLICA (sorrindo-se) - Não sejas tão precipitado; espera um instante. Eu vou lá dentro escrever um papel; não te digo mais nada ... Lerás ... Espera, Manuelinho, espera, lerás ... (sai).

CENA VIII

MANUEL só, e depois DEOLINDA

MANUEL - Será possivel? Ouviram bem meus ouvidos suas palavras? Espera, Manuelinho, espera e lerás. Ó dita! Ó fortuna! Serei sócio! Oh! o prazer sufoca-me; daqui a uma hora já não serei caixeiro; vou andar de cabeça levantada, orgulhoso, ufano ... Sócio! Palavra mágica! Ninguém no mundo pertubará a minha felicidade.

DEOLINDA (entrando) - Manuel?

MANUEL - Oh, que havia-me esquecido de minha mulher!

DEOLINDA - Ouve ...

MANUEL - Vai-te embora!

DEOLINDA - Hem?

MANUEL (empurrando-a) - Vai-te embora, vai-te embora, diabo!

DEOLINDA - Assim me recebes? Queres que me vá?

MANUEL - Sim, sim.

DEOLINDA - Sabes que mais? Isto assim não pode durar ... É preciso que declares o nosso casamento.

MANUEL (com cólera e falando baixo) - Desgraçada, cala-te, cala-te!

DEOLINDA - Se és meu marido ...

MANUEL (tapando-lhe a boca com a mão) - Cala-te, ou meto-te esta mão pela boca dentro.

DEOLINDA (chorando alto) - Hi!.hi! hi!

MANUEL (raivoso e falanddo entre os dentes)-Olha

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.334

sia santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 259 339/0001-08

que te mato'.

DEOLINDA - Hi! hi! hi!

MANUEL (na maior aflição) - Se minha ama chega, estou arranjado! (irritoso) Mulher! (indo espiar à porta) Hoje me perco! Ainda está escrevendo? (com ternura) Deolinda ...

DEOLINDA - Hi! hi! hi!

MANUEL - Deolinda, não chores, tem compaixão de teu marido, que tanto te ama.

DEOLINDA - Deixe-me! Hi! hi! hi!

MANUEL (à parte) - Se o velho chega ... (para Deolinda) Mesmo ou depois tudo declararei, mas hoje, oh!

DEOLINDA - E até lá, meu irmão estará maltratando-me e atormentando-me para que eu me case com o alferes.

MANUEL - Mas tu não te casarás!

DEOLINDA - Quem sabe!

MANUEL - Quem sabe? Isso são graças? Vê lá ...

DEOLINDA - Tenho muito medo de meu irmão, e demais meu marido está tão misterioso ... Não quer declarar-se ...

MANUEL - E julgas que não tenho razões para assim fazer? Deolinda, minha cara Deolinda, escuta-me. Minha ama quer dar-me sociedade nesta venda, mas se ela souber que estou casado tudo desfará.

DEOLINDA - E por quê?

MANUEL - Ela julga que um homem casado não deve ter sociedade com outra mulher e nem pode dirigir com todo o cuidado uma casa como esta. A mulher os filhos, a família ... tomam tempo ...

DEOLINDA - E logo que fores sócio ...

MANUEL - Oh, então declarar-me-ei ...

DEOLINDA - Bem, esperarei, visto que esse é o motivo.

MANUEL - E que outro poderia ser? Não és tu a minha querida mulher? Dá-me um abraço e vai-te embora. Dá-me. (Abre os braços para abraçar Deolinda. Angélica entra nesse momento.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.335

Sia Santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 259 339/0001-08

CENA IX

ANGÉLICA com um papel e os ditos

ANGÉLICA - Manuel? (Manuel ouvindo a voz de Angélica, fica com os braços abertos, na ação de abraçar Deolinda)

DEOLINDA - Ah!

ANGÉLICA - O que é isto? Com os braços abertos?

MANUEL (confuso) - Estava mostrando o comprimento dos braços, para a medida das camisas.

ANGÉLICA - Ah, a senhora é a Sra. Deolinda, que cose para fora e com muita honestidade?

DEOLINDA - Uma sua criada.

ANGÉLICA - E que vem em pessoa tomar medida aos fregueses ... em suas próprias casas ... e tudo com muita honestidade? ...

MANUEL (à parte) - Elas pegam-se! (alto) Minha ama!

DEOLINDA - Minha senhora, a honestidade guarda-se em toda a parte quando se é honesta; e quando não se é ...

MANUEL (para Deolinda) - Deolinda!

DEOLINDA (continuando) - ... mesmo sem que seja necessário sair-se de casa, praticam-se atos que envergonham ...

ANGÉLICA - O quê?

MANUEL (para Deolinda) - Cala-te!

DEOLINDA - ... e dizem-se palavras indignas de uma senhora de bem ...

ANGÉLICA - A menina fala comigo?

DEOLINDA - ... e só próprias de uma vendelhona!

ANGÉLICA - Insolente!

MANUEL - Minha ama!

ANGÉLICA - Já desta porta para fora ... Já!

DEOLINDA (com zombaria) - Ofendi a duquesa?

ANGÉLICA (querendo ir sobre ela) - Desavergonhada!

MANUEL (retendo-a) - Prudência!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.336

sia santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 259 339/0001-08

DEOLINDA - Será ela ...

MANUEL (afastando-as) - Prudência ... Senhora minha ama! Sra. Deolinda!

ANGÉLICA - Deixa-me ensinar esta malcriada !

DEOLINDA - Malcriada será ela, velha de uma figa!

ANGÉLICA - Velha? (Angélica e Deolinda forcejam para ir uma contra a outra)

MANUEL (para Deolinda, enganando-se) - Senhora minha ama! (para Angélica, do mesmo modo) Deolinda! Diabo! ...

CENA X

FRANCISCO e os ditos

FRANCISCO - Então, o que temos?

MANUEL - Prudência, que aí vem gente.

FRANCISCO - Sra. D. Angélica ... (à parte, vendo Deolinda) Deolinda por cá? Mau!

ANGÉLICA - Sr. Francisco, isto é um horror, um desaforo! O Sr. Manuel traz as suas costureiras - costureiras! - para casa e elas vêm insultarem-me.

MANUEL - Eu, senhora minha ama? Eu, Manuel Pacheco? Foi bem, hoje mesmo sairei desta casa.

ANGÉLICA - Saires de minha casa?

MANUEL - Desconfiam de mim ... Que faço aqui? Não faço nada. Vou-me, vou-me com cem milhões de diabos!

ANGÉLICA - Manuel!

MANUEL - Adeus, senhora.

ANGÉLICA (retendo-o) - Não, tu naõ sairás ... não posso ... meu negócio não pode estar sem ti.

MANUEL - Deixe-me!

ANGÉLICA - Não! Sr. Francisco, ajude a segurá-lo.

FRANCISCO - Então, Manuel, o que é isto?

DEOLINDA - Desgraçada de mim! Ela o ama! (vai a sair pelo fundo)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.337

sia santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46.256.339/0001-08

ANGÉLICA - Manuel, Manuel, não me abandones ...

CENA XI

QUINTINO e os ditos

QUINTINO (encontrando-se à porta com Deolinda) - Espere lá.

ANGÉLICA - Quem é?

MANUEL (à parte) - Meu cunhado ...

FRANCISCO (à parte) - Temos! ...

QUINTINO (trazendo Deolinda para a frente) - Preciso de uma explicação.

DEOLINDA - Deixa-me!

ANGÉLICA (para Quintino) - Mas o que é isto, senhor?

MANUEL - Sim, o que é isto? Assim se entra por uma casa?

QUINTINO (para Deolinda, sem dar atenção aos mais) - Não estavas em casa. Muito estimo encontrar-te aqui. É preciso que todos me ouçam: Deolinda, disseram-me que tu te casaste ocultamente ...

DEOLINDA - Eu?

MANUEL - (à parte) - Meu!

ANGÉLICA - Casada!

QUINTINO - Não procures enganar-me, estou bem informado.

DEOLINDA - Pois bem, confessarei: sou casada.

QUINTINO - Ah, confessas?

MANUEL (à parte) - Estou perdido!

FRANCISCO (à parte e ao mesmo tempo) - No que dará isto?

ANGÉLICA - É possível?

QUINTINO - Agora quero saber quem é teu marido.

DEOLINDA - Ah, ainda não sabe? Pois então pergunta ali ao Sr. Manuel.

MANUEL - A mim?

ANGÉLICA (ao mesmo tempo) - A ele?

DEOLINDA - Sim; diga a meu irmão quem é meu marido.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.338

sia santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 259 339/0001-08

MANUEL - Que eu diga?

ANGÉLICA - Que horrível desconfiança ... E esta escritura? (querendo rasgar o papel)

MANUEL (pegando-lhe [illegible]) - Espere!

DECLINDA (à parte) - O que is eu fazendo?

MANUEL (para Quintino) - Senhor sargento, eu queria guardar o segredo, porque assim me pediram; mas como o negócio está meio divulgado, falarei. Fui padrinho do casamento ...

ANGÉLICA - Tu?

MANUEL - E assim sei quem é o marido.

QUINTINO - E quem é?

MANUEL - O Sr. Francisco.

FRANCISCO - Hem?

DECLINDA - O que diz?

ANGÉLICA (ao mesmo tempo) - O Sr. Francisco?

QUINTINO - Ah, o senhor é meu cunhado?

FRANCISCO - Eu, senhor?

MANUEL (abraçando-se com Francisco) - Amigo perdoa se falei ...(à parte, para ele) Salva-me Chico, salva-me! (Alto) O negócio estava meio sabido ... (à parte) Salva-me, Chico ... (Alto) De que serviria ocultar mais tempo? (à parte) Dize que casaste ...

FRANCISCO - Mas, se tu ...

MANUEL - Estas zangado porque falei. (à parte) Salva-me, Chico!

FRANCISCO (à parte) - Tranquiliza-te ... (Alto) Enfim, como já se sabe, que remédio? ... Estou casado com a Sra. A Sra. ... é minha mulher ... (à parte) Já que assim quer seu marido ...

ANGÉLICA (à parte) - Aqui há mistério...

QUINTINO - O que está feito, está feito. Lograrame. Cunhado, aperta esta manopla. Quisera antes que a Declinda se casasse com o alferes; mas enfim, também és bom rapaz. Vou ao " Gradil" encomendar um jantar; há-de haver bebedeira grossa. Com

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.339

Sia Santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 259 339/0001-08

Com licença da companhia; volto. (Sai-se)

MANUEL (à parte) - Descobri-se bom!

ANGÉLICA - Com que o Sr. Francisco é casado!

FRANCISCO - O homem sacrifica-se, às vezes.

ANGÉLICA (para Manuel) - E nunca me disseste nada.

MANUEL - Segredo de um amigo.

DEOLINDA (à parte) - Que papel faço eu aqui?

ANGÉLICA (à parte) - Estou desconfiada; aqui engana-se alguém. Ah, se for a mim ... (Alto) Manuel, vem comigo; o Sr. Francisco quererá ficar só com sua mulher ...

MANUEL - Só, com ela!

ANGÉLICA - E o que tem isso?

MANUEL (à parte) - Pergunta o que tem ... (Alto) Nada, nada!

ANGÉLICA - Pois segue-me (à parte) Há mistério!

MANUEL - Eu vou. (à parte, para Francisco) Chico! (Angélica sai. Manuel acompanha Angélica, fazendo sinais para Francisco)

CENA XII

Francisco e Deolinda.

FRANCISCO - Pobre Manuel, a quanto o obriga a ambição!

DEOLINDA - Belo marido tenho eu, que me entrega a outro.

FRANCISCO - Então Sra. Deolinda, que me diz a esta? Devo-me estar agradecida; salvei seu marido.

DEOLINDA - Que marido! Envergonha-me de ter-me por mulher.

FRANCISCO - Não é vergonha, é mêdo.

DEOLINDA - Mêdo? Antes me tivesse casado com outro.

FRANCISCO - Não me quiseste a mim por marido ...

DEOLINDA - Vou-me embora.

FRANCISCO (retendo-a) - Espere.

DEOLINDA - Não posso mais estar aqui.

FRANCISCO - Devagar, não comprometa seu marido.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, e 340

Sia Santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 259 339/0001-08

DEOLINDA - Deixe-me.

FRANCISCO - Sinto passos; aí vem ela. Dê-me um abraço (abraça-a).

DEOLINDA (esforçando-se por sair de seus braços) - Senhor!

CENA XIII

Os ditos, ANGÉLICA? seguida de MANUEL, que traz algumas garrafas. Param à porta vendo Francisco abraçar Deolinda.

FRANCISCO - Não se espante. Isto é por conta dele Abrace-me, que ela nos vê.

DEOLINDA (vendo Manuel) - Ah, pois bem, abracemo-nos (abraça-o) Assim me vingarei dele.

FRANCISCO - Bravo! (Abraçam-se)

MANUEL (à porta) - Isto não pode ser! ...

ANGÉLICA (retendo-o) - E que importa que o Sr. Francisco abrace sua mulher?

MANUEL - É indecente!

ANGÉLICA - Deixa-os lá e vem comigo. (Vai atravessando a cena e sai. Manuel vai acompanhando Angélica)

DEOLINDA (correndo e retendo Manuel no momento deste sair) - Vem cá!

MANUEL - Traidora!

DEOLINDA - Ah, está zangado?

MANUEL - Abraçando-o!

DEOLINDA - Fiz muito bem; é para teu ensino.

FRANCISCO - Pateta, não vês que era para melhor enganar tua ama?

MANUEL - Ah, era para isso? Perdoa-me Deolinda. Chico, pega nestas garrafas. (Dando-as a Francisco) Se soubesses, Deolinda, o que tenho sofrido hoje!

FRANCISCO - Agora abracem-se.

MANUEL - Perdoa-me se te dei outro marido, era

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 341

Sia Santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 259 339/0001-08

para nosso bem. Dá cá um abraço.

DEOLINDA(abraçando-o) -Sou muito boa em perdoar-te! (Francisco, enquanto os dois se abraçam, desarrolha uma garrafa e bebe).

MANUEL - Minha mulherzinha, aperta!

CENA XIV

ANGÉLICA e os ditos.

ANGÉLICA(da porta) - Que escândalo!.Que escândalo! (Francisco, Manuel e Deolinda ficam espantados) Assim deixa abraçar sua mulher? E vê isso bebendo? Que imoralidade! Que escândalo!

FRANCISCO - Foi por distração e sede.

MANUEL - É minha afilhada ... Sou padrinho, e bem vê ...

ANGÉLICA - Sim, é afilhada! (para Francisco) O senhor, pelo que vejo, não é ciumento... E a menina... Está bonito!

FRANCISCO - Entre amigos não deve haver ciúmes - e quando há confiança na amizade, bebe-se.

ANGÉLICA - E dorme-se... Tem razão. Mas olhe que há muita gente que assim se perde a confiança que tem nos amigos... (à parte) Eu saberei como isto é. (para Manuel) Vai acabar de arrumar as garrafas.

MANUEL (à parte, para Francisco) - Cuidado com a bicha (vai-se).

ANGÉLICA (para Francisco) - Tinha que lhe dar uma palavra ... Mas ao senhor só.

FRANCISCO - Deolinda, vai-me esperar lá em casa.

DEOLINDA - Eu vou. (à parte, para Francisco) Diga a Manuel que lá o espero (sai).

CENA XV

ANGÉLICA e FRANCISCO (e depois MANUEL e QUINTINO)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p342

Sia Santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 259 339/0001-08

ANGÉLICA (à parte) - Hei-de saber como isto é... Empregarei um meio ...

FRANCISCO - A Sra. Da. Angélica está tão pensativa!

ANGÉLICA - E tenho motivos para isso. Sr. Francisco, é preciso que eu seja sincera com o senhor.

FRANCISCO - Há muito que isso desejo.

ANGÉLICA - O senhor tem-me dado a entender que minha mão lhe seria agradável ...

FRANCISCO - Senhora ...

ANGÉLICA - Não tenho correspondido às suas finezas, porque, enfim,.. uma mulher vexa-se ... Esperava poder confessar um dia esse segrêdo, mas ah, enganei-me, enganei-me!

FRANCISCO - Da. Angélica!

ANGÉLICA _ Foi uma zombaria! Eu, que o amava ...

FRANCISCO - A mim ?

ANGÉLICA - Sim, ingrato, a ti.

FRANCISCO - Oh! (à parte) O Manuel que se arranje como puder, eu falo.

ANGÉLICA - A mim, semelhante traição! A mim, que já havia feito esta escritura de casamento, vê ... Só o nome está em branco. O lugar era para o teu.

FRANCISCO - Dá-ma!

ANGÉLICA - Agora de nada serve. (Quer rasgar)

FRANCISCO - Não rasgue!

ANGÉLICA - Estás casado.

FRANCISCO - Casado! (à parte) Leve o diabo o Manuel! (Alto) Angélica, quem te disse que estava casado, mentiu.

ANGÉLICA - Mentiu?

FRANCISCO - Eu não estou casado.

ANGÉLICA - Não estás casado? E quem é o marido de Deolinda?

FRANCISCO - Não lhe posso dizer, mas juro-lhe que estou tão solteiro como quando nasci. Lanço-me a seus pés! (Ajoe-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0229, p.343

sia santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 [illegible]/0001-08

lha) Dá-me essa promessa.

ANGÉLICA - Levanta-te. (Quintino aparece à porta do fundo e fica surpreendido, vendo Francisco aos pés de Angélica).

FRANCISCO - Não me levantarei enquanto não me der [illegible] que me fará ditoso.

QUINTINO - O marido de minha irmã aos pés de outra mulher?

ANGÉLICA - Lá de fora podem ver-nos ...

FRANCISCO - E que vejam! Não serei eu seu esposo? (Manuel aparece à porta da direitae, vendo Francisco de joelhos, fica estupefato).

ANGÉLICA - Talvez, mas levanta-te.

FRANCISCO - Não !

MANUEL - Muito bem, muito bem! Amigo falso!

FRANCISCO (levantando-se) - Ah!

ANGÉLICA - Ah!

MANUEL - Muito bem!

FRANCISCO - Desculpa-me ... Ela me ama e eu também a amo.

QUINTINO (que nesse tempo tem-se aproximado , segura a Francisco pela gola da jaqueta, dizendo)- Ah! tu a amas? E minha irmã, tua mulher?

FRANCISCO - Ai!

QUINTINO - Assim a enganas, patife?

FRANCISCO - Sua irmã não é minha mulher.

QUINTINO - Negas?

ANGÉLICA (para Manuel) - Quem é o marido?

MANUEL - Não sei. (Angélica toma a Manuel pelo braço. Quintino faz o mesmo a Francisco. Todos falam ao mesmo tempo).

ANGÉLICA (para Manuel - Quem é o marido? Para que me enganaste? Dize já, quero saber. Ah, não dizes? Eu me vingarei! Não dizes,porque tens mêdo? Ingrato, mal-agradecido; eu me vingarei, me vingarei.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.344

Sia Santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 250 339/0001-06

MANUEL (para Angélica) - Não sei ... Posso lá saber quem é o marido de todas as mulheres? Disse o que me disseram; pode ser que me engane. Senhora minha ama, deixe-me, assim não nos entendemos.

QUINTINO (para Francisco, a quem ameaça com a espada) - Pensas que assim hás-de mangar com o Sargento Quintino? Primeiro hei-de tirar-te as tripas, pô-las ao sol. Enganar minha irmã! tira as mãos ... enfio-te ... mariola... tira as mãos!

FRANCISCO (esforçando-se para sair das mãos de Quintino) - Deixe-me, que não sou seu cunhado, já lhe disse. Ai, ai, não me mat ! Ai, quem me acode? Juro que não é minha mulher! Ai! ai'. (Todos acabam gritando)

CENA FINAL

ANTONIO armado de achas de lenha, DEOLINDA e os ditos.

ANTONIO (entrando) - O que aconteceu?

DEOLINDA - O que é, Quintino?

ANTONIO - Senhora minha ama?

DEOLINDA - O que foi?

QUINTINO (para Deolinda) - O que foi? Vim encontrar meu marido aos pés desta senhora.

DEOLINDA - Meu marido de joelhos a seus pés?

QUINTINO - Sim, dizendo que a amava.

DEOLINDA (indo para Manuel) - Traidor!

MANUEL - Hem?

DEOLINDA - Assim é que me guardavas fidelidade?

ANGÉLICA - Ah!

QUINTINO - Olha que te enganas!

DEOLINDA - Não, não me engano, este é o meu marido.

QUINTINO - Seu marido?

ANGÉLICA (ao mesmo tempo) - Seu marido?

MANUEL (à parte) - Ai, ai, ai!

FRANCISCO (à parte e ao mesmo tempo) - Pobre

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0229, e.345

Sia Santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 256 339/0001-08

Manuel !

ANGÉLICA (para Manuel) - Ah, tu eras casado e enganavas-me!

DEOLINDA - A mim é que enganava.

QUINTINO - Então, com todos os diabos, quem é aqui meu cunhado?

MANUEL (apontando para Francisco) - É ele'. É ele !

FRANCISCO (apontando para Manuel, ao mesmo tempo) - É ele! É ele!

QUINTINO (para Deolinda) - Ambos?

ANGÉLICA - Espere Sr. Sargento, que eu porei estas coisas em ordem. (à parte, para Manuel) Ingrato, tudo está explicado e eu me vingarei!

MANUEL - Minha ama!

ANGÉLICA (repelindo-o com gesto desprezador) - Sr. Francisco, aqui está a escritura de nosso casamento. (Dá-lhe o papel).

FRANCISCO - Quanto sou ditoso!

MANUEL - Mas senhora ...

ANGÉLICA (interrompendo-o) - O Sr. Manuel terá a bondade de procurar outro arranjo, porque hoje deixa de ser meu caixeiro. Tenho um marido e nele um sócio.

MANUEL - Um sócio! (para Francisco, na maior desesperação) Amigo infiel e pérfido, és a causa da minha desgraça e perdição!

FRANCISCO - Eu, Manuel?

MANUEL - Sim.

FRANCISCO - Fiz o que pude por ti, fui marido de tua mulher ... Tu és o culpado, eu não.

MANUEL (voltando-se para Deolinda) - Então foste tu, mulher traidora!

DEOLINDA - Eu? Não guardei segredo? Queixa-te de ti; de mim, não.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p346

Sia Santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 259 339/0001-08

MANUEL (para Quintino) - Então foste tu, barbaça do diabo!

QUINTINO (ameaçando-o) - Passe de largo!

MANUEL (voltando-se para Angélica) - Ou tu, carocha do inferno !

ANGÉLICA - Maroto! Já por esta porta fora e vai ser caixeiro do Belzebu!

MANUEL (como louco) - Caixeiro, sempre caixeiro! Oh, afastem-se de mim, que estou louco, desesperado, furibundo! Para longe! Serei sempre caixeiro, caixeiro, caixeiro! Pagarei sempre imposto, como uma saca de café, um burro, um cavalo. Não sou nada no mundo. Cortem-me esta cabeça, pendurem-me na porta do açougue. Sou um boi; paguei direitos na barreira. Sou um boi. (Assim dizendo principia a berrar como boi) .

TODOS - MANUEL ! (Manuel berra).

DECLINDA - Meu Deus, está louco'.

TODOS - Louco! (Manuel berra).

DECLINDA - Que desgraça!

FRANCISCO (ao mesmo tempo) - Coitado!

QUINTINO (ao mesmo tempo) - Pobre homem!

ANGÉLICA (ao mesmo tempo) - Faz-me pena!

MANUEL (traz Antonio pelo braço para a frente do teatro) - Antonio, eis-me de joelhos a teus pés. (Ajoelha) Lembra-te da amizade que nos uniu e faze-me o último favor. (Abre a camisa) Enterra-me no coração essa acha de lenha, transpassa-me o peito com ela. Não queres?

ANGÉLICA - Manuel!

MANUEL - Quem me chama?

ANGÉLICA - É tua ama! Manuel, esqueço-me da afronta que me fizeste e lembrar-me-ei somente dos serviços que me tens prestado ... Serás nosso sócio, não é assim, Chiquinho?

FRANCISCO - Sim, serás nosso sócio.

DECLINDA - Serás sócio! (Manuel levanta-se pouco a pouco, como procurando fixar-se no sentido das palavras que lh

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.347

Sia Santa
sociedade cultural teatro sia santa
EMPREENDIMENTOS ARTISTICOS
CGC 46 250 330/0001-08

dizem.)

ANGÉLICA - Serás nosso sócio, ficarás conosco.

Eu te perdôo.

MANUEL - Sócio! Ouviram bem meus ouvidos? Serei sócio! (Caindo de joelhos e levantando as mãos para o céu) Oh, meu Deus, está satisfeita a minha ambição! (Todos falam ao mesmo tempo)

DEOLINDA - Está salvo!

QUINTINO - Pobre sócio!

FRANCISCO - Pobre amigo!

MANUEL - Serei sócio!

~~CAI~~ O PANO

F I M

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.348

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"O CAIXEIRO DA TAVERNA"

Livre.

Leitura de Texto

EXPEÇA-SE CERTIFICADO DE
ACORDO COM PARECER DOS CENSO
RES
Em 16 / 01 / 84
DPF / SR / SP
Chefe do SCDP

Identificação

Autor: Martins Pena

Produção: "Sia Santa" - Teatro e Soc. Cult.
Grupo: Profissional
Local: Campinas

Conteúdo

Comédia de Martins Pena, envolvendoo a figura de uma caixeiro muito ambicioso, que , apesar de ser casado, encobre o fato para tornar-se sócio da viúva proprietária do estabelecimento no qual trabalha. Devido à sua ambição desregrada, mil situações embaraçosas surgem, para, no final, desvendar-se toda sua ignóbil trama.

Mensagem

A peça critica o ridículo do excesso de ambição.

Linguagem

Coloquial, popular.

Público Alvo

Generalizado.

Parecer

Comédia de costumes pertencente à nossa dramaturgia, divulgada nos estabelecimentos de ensino e citada em literatura. Sua comicidade e linguagem fazem-na acessível a qualquer tipo de leitor ou público. Opinamos pela sua liberação para Livre, sugerindo a dispensa do Ensaio Geral a realizar-se em Campinas.

São Paulo, 11 de janeiro de 1984.

Dalva R. Marinho
Matr. 2.417.032

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0229, p.349

M.J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____/___

TÍTULO: "O CAIXEIRO DA TAVERNA"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

LEITURA DE TEXTO

EXPEÇA-SE CERTIFICADO DE ACORDO COM PARECER DOS CENSORES
Em 19 / 09 / 84
DPF SR/SP
Chefe do SCDP

01 - Identificação

Título: "O CAIXEIRO DA TAVERNA"
Autor : MARTINS PENA
Prod. : "SIA SANTA" - SOC.CULT. TEATRO SIA SANTA
Grupo : PROFISSIONAL
Local : CAMPINAS/SP.

02 - Conteúdo:- Comédia urbana, seu palco de ação é a cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1845. Ambicioso ao extremo, Manuel, o caixeiro de taverna, deseja tornar-se sócio da proprietária do estabelecimento, a viúva Angélica, abandonando,de vez, sua triste e humilhante condição: para tanto, cria uma série de situações confusas e embaraçosas, tentando ocultar seu casamento com a costureira Declinda. De forma pitoresca e maliciosa, apresenta uma sátira aos costumes da época.

03 - Público-alvo:- para público irrestrito.

04 - Linguagem:- coloquial, simples e acessível.

05 - Grau de persuasão:- convincente.

PARECER

Texto cômico, leve, expresso em linguagem clara e divertida, a presente obra conta com inúmeras encenações, sem implicações de ordem censória (ref. Cert. 1390/78).

Diante do exposto, opino por sua liberação sem restrições etárias, podendo, s.m.j., ser dispensado o exame do ensaio geral.

São Paulo, 05 de janeiro/84.

T.C. 2.417.104

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0228, p-350

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº PROVISÓRIO

PEÇA O CAIXEIRO DA TAVERNA

ORIGINAL DE MARTINS PENA

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

VÁLIDO ATÉ 16 de MARÇO de 1984

S.Paulo, 16 de Janeiro de 1984

MARIA INÊS ROLIM GAUCHIOLI
CHEFE SCDP/SR/SP
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.351

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O CAIXEIRO DA TAVERNA

Original de MARTINS PENA

Tradução de •X•X•X•X•X•X•X•X•X•X•X•X•

Adaptação de •X•X•X•X•X•X•X•X•X•X•X•X•

Produção de •X•X•X•X•X•X•X•X•X•X•X•X•X•

Requerida por SOCIEDADE CULTURAL TEATRO CIA SANTA

Tendo sido censurada em _____ de _____ de 19____ e recebido a seguinte classificação: L I V R E. O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE ACOMPANHADO DE TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO.

S.Paulo, 16 de Janeiro de 19 84

Arleté Aparecida Corrêa
SCC/SCDP/SR/SP

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.352

TEATRO

TÍTULO " O CAIXEIRO DA TAVERNA".

AUTOR: MARTINS PENA.

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE.

Praça SR/SP

Obs.:

DF. 25 / 01 / 84 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de LIVRE anos, Sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: cert. provisório - SR/SP

Brasília-DF, 29 de 01 de 19 84

Hellé Prudente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se do para o qual os censores propõem a classificação etária de LIVRE -

Brasília-DF, 30 de 01 de 1984

Nei de Oliveira
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

- IBERE-SE
na forma do parecer
Em, 30/01/1984

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0228, p.353

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
1390	30 JANEIRO 1984	30 JANEIRO 1989

TÍTULO: O CAIXEIRO DA TAVERNA

AUTOR (ES): MARTINS PENNA

CLASSIFICAÇÃO: LIVRE

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE:

JOSUÉ GUEDES
Diretor da DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: O CAIXEIRO DA TAVERNA

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL — CERTIFICADO Nº 1390

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: SOCIEDADE CULTURAL TEATRO CIA SANTA - S/PAULO/SP

DECISÃO: LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

CLEUSA MARIA BARROS DORNELES
Chefe da SC/DCDP
ASSINATURA

BSB, 30 DE JANEIRO DE 19 84.

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

DPF – 150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.354

02 de fevereiro de 1984

135/84-SE/DDDP

SÃO PAULO

JOÃO BOBO E AS BONECAS INFLÁVEIS - de Robinson Vieira Borba.
O GATO DE BOTAS - de Crispim Gomes Junior.
DUETO PARA UM SÓ - de Tom Kemplinski.
O CIRCO DO ZÉ MINHOCA - de Marcos Tadeu.
O BELO INDIFERENTE - de Jean Cocteau.
O PEQUENO PRINCIPE - de Antoine Saint Exupery.
O CAIXEIRO DA TAVERNA - de Martins Penna.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 355

MJ-DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
CÓDIGO - 08202
29 MAI 1636 003830

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DCDP / BSB

OFÍCIO nº 4.675/84-SCDP EM, Curitiba, 28 de Maio de 1.984

DO Chefe do SCDP/SR/PR

ENDEREÇO SR/DPF/PR

AO Ilma Sra Diretora da DCDP/DPF

ASSUNTO CERTIFICADO DEFINITIVO (solicita)

Senhora Diretora,

Para expedição do competente certificado definitivo, estamos encaminhando o Processo referente à peça teatral de Martins Pena intitulada " O Caixeiro / da Taverna ", liberada por êste Serviço com classificação / LIVRE para a Escola de Artes Cênicas da Fundação Universida de Estadual de Maringá/PR.

Na oportunidade, renovamos nossos/ protestos de consideração e estima.

Atenciosamente,

TC Benedito Zumas Fº
Chefe do SCDP/SR/PR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0229, p.356.

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Valter Decea Pedrosa
Requerente

Brasileiro, Teatrólogo
Nacionalidade, Profissão

Carteira de Identidade 8.846.498 - Secretaria de Segurança Pública
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Rua Nilo Peçanha, 136

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) peça teatral (Espécie) abaixo relacionada (s),

de autoria de: Martins Pena

" O CAIXEIRO DA TAVERNA "
Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Maringá, 25 de maio de 1984
Local e Data

Requerente

Anexos:
Ofício da SBAT

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 357

1 – **EMPRESA OU GRUPO** (Se houver)

Nome: Grupo de Teatro Experimental Universitário CGC: _____

Sede: Av. Colombo, 3690

CEP: 87.100

Diretor ou Responsável: Valter Decea Pedrosa

2 – **DADOS DO AUTOR**

Nome: Martins Pena

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

3 – **PARCERIA**

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: Maringá, 25 de maio de 1984

Ass.: _____

DPF-108

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p-358

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Maringá, 17 de Maio de 1984

IIMº.SR.

BENEDITO ZUMAS FILHO

CURITIBA-PR.

Informamos a V.Sa. que o setor de Teatro da Universidade Estadual de Maringá, está autorizada a montar o Texto " O CAIXEIRO DA TAVERNA " de Autoria de MARTINS PENA. E as condiçoẽs dos - Direitos Autorais, são isentos por ser tratar de uma peça de Domi - nio Publico.

No aguardo de suas provodencias sobre o assunto, - subscrevemos mui

Atenciosamente

Alecio Carreira
Representante da SBAT em Maringá

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.359

Req nº 4939/82
em 07/08/82

ESTADO DO PARANÁ
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
REITORIA
Avenida Colombo, 3690 – Campus Universitário
(DDD 0442) Fone: 22-4242 (PABX) – Telex: 0442 - 198
Caixa Postal, 331 – CEP 87.100 – MARINGÁ – PARANÁ

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS
DIRETORIA DE PROMOÇÃO E DIFUSÃO CULTURAL

Ofício nº 052/82-DPD

Maringá, 22 de julho de 1982

Prezado Senhor:

Pelo presente solicitamos os bons ofícios de Vossa Senhoria no sentido de determinar providências para a censura das peças de teatro "O Caixeiro da Taverna" e "O Baú das Inspirações Perdidas".

Para tanto estamos encaminhando, em anexo, três vias do texto das referidas peças.

Como temos urgência desta liberação para o início imediato dos trabalhos, agradeceríamos muito se Vossa Senhoria nos fornecesse uma autorização provisória por 60 dias.

Tal solicitação prende-se ao nosso interesse em continuar com nossas atividades teatrais nesta Universidade.

Agradecemos antecipadamente por esse gesto de colaboração, e colocamos os nossos préstimos ao seu inteiro dispor.

Com sentimentos de muito apreço e consideração, firmamo-nos.

Cordialmente

Valter Decea Pedrosa

Escola de Artes Cênicas/Setor de Teatro

Ao
Ilustríssimo Senhor
MD. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Departamento de Polícia Federal do Estado do Paraná
Rua Ubaldino do Amaral, 321
80.000 - CURITIBA - PR

1- Consulta DCDP RD Nº 3087 em 270782
2- Rua Nº 622/82 - DCDP 280782
LIVRE

02157 02157 02158 02157 02157 02157 02157 02157

O CAIXEIRO DA TAVERNA

Comédia em 1 ato

De: Martins Pena

PERSONAGENS

MANUEL, primeiro caixeiro.
ANGÉLICA, dona da casa.
DEOLINDA, costureira.
FRANCISCO, oficial de latoeiro.
QUINTINO, sargento de fuzileiros.
ANTÔNIO, caixeiro, personagem muda.

A cena passa-se na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1845.

ATO ÚNICO

O teatro, na antecena, representa uma sala com portas laterais e duas no fundo, pelas quais se vê o interior de uma taverna com seu balcão, onde estará um caixeiro e mais arranjos necessários - tudo distribuído de modo tal que fiquem bem à vista do espectador as pessoas de diferentes condições que entram na taverna durante m a representação. De um outro lado da sala, haverão algumas pipas, como é costume nas tavernas. No primeiro plano, à esquerda, uma escrivaninha apropriada ao lugar, etc.

CENA I

Ao levantar-se do pano, (Manuel) estará sentado à escrivaninha, verificando contas.

Manuel, continuando a somar - ... E 4 são 10, e 9, 19, e 7, 26, soma tudo...duzentos e sessenta e oito mil trezentos e vinte réis... que deve sr o sr. Laurindo da Costa à Viúva Pereira, por gêneros comprados em sua taverna durante cinco meses. Este é bom pagador, dinheiro seguro. (Pegando em outra conta) O Major José Felix deve à Viúva Pereira, etc., cento e cvinte e nove mil e oitocentos réis...Contem com este...dinheiro perdido...É isto, querem todos comer a boa manteiga, o queijo frescal, o gordo paio...É só mandar um bilhetinho: Sr. Manuel, mande-me isto; Sr. Manuel, mande-me aquilo; mas quando chega a ocasião de pagas as contas é

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p-360

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p-361

que são elas. Este não paga, aquele desculpa-se, outro decompõe, quer dar no pobre cobrador...É um inferno!...Ora, deste pobre major tenho eu pena. Mal lhe chega o soldo para pagar casa e educar quatro filhos que tem; mas bem pensando, a venda de minha ama não é montepio militar...A nação que pague! (Chamando) O' José? José?

CENA II

Entra um menino de doze anos, de calça e em mangas de camisa, calçado de tamancos e muito sujo.

Manuel - Toma estas contas, vai cobrá-las. Os nomes aí estão (Dá um maço de papéis) Se algum dos devedores não quiser pagar dize-lhe que o mandarei por no jornal do Comércio. Anda, vai. (O menino sai) É o que se vê - tudo anda pingando. (Levantando-se): É boa! Quem come pague! E quem não pode pagar, não coma...O Sr. Antônio? Sr. Antônio?

Antônio, dentro - Senhor?

Manuel - Chegue cá.

CENA III

Manuel e Antônio, que entra do mesmo modo que José - Chegou a pipa de aguardante que se foi buscar ao Trapiche da Ordem?

Antônio - Já, sim senho .

Manuel - Pois recolha-a, e logo à noite tempere-a com quatro barris de água.

Antônio - Sim senhor.

Manuel - Os direitos cada vez estão mais subidos, e como não podemos encurtar as medidas, aumentemos o líquido...Em que estado estão aquelas pipa de vinho de Lisboa?

Antônio - Ambas pelo meio.

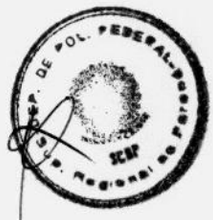
Manuel - Pois acabe de as encher com água fresca e botelhe dentro dois engaços de bananas e uma porção de pau-campeche para lhe dar cor e ton; e quando o vender, diga aos fregueses que é vinho superior da Companhia do Alto-Douro.

Antônio - Sim senhor.

Manuel - E não se esqueça de pendurar à porta este letreiro. (Tira de sobre a carteira um rótulo com letras grandes, que digam:ÚNICO DEPÓSITO DA COMPANHIA DO ALTO-DOURO.) O público deixa-se levar por

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.362

estas imposturas. Pode ir. (Antonio sai com o rótulo).



CENA IV

Manuel de depois Francisco.

Manuel - Estou fatigado! Muito custa dirigir-se uma venda bem afreguesada como esta. Mas, ah, se eu dela fôsse dono, outro galo cantaria... Há seis anos que cheguei do Porto e ainda sou caixeiro. Não pensei, quando vim para o Brasil, que fizesse fortuna tão devagar, É verdade que sou primeiro caixeiro da taverna da viúva de meu amo, mas o que é isto para mim? Para mim, que sou ambicioso? Sim, uma ambição roedora me estraga a alma, dorme e acorda comigo, não me deixa um só instante tranquilo; traz-me em delírio, confunde-me as idéias. Ah, quantas vezes tenho eu vendido aguardente de França por aguardente do Reino, linguiças por paios e cebolas por alhos! Ambição, horrível martírio, quando ... te verei ser satisfeita? (Entra Francisco).

Francisco - Adeus Manuel.

Manuel - Como estás, chico?

Francisco - Vamos remando contra a maré

Manuel - Chico, tu és bem feliz!

Francisco - Eu? estás enganado, no mundo não se pode ser feliz sem dinheiro, e eu não o tenho.

Manuel - Trabalha e terás.

Francisco - Trabalha! Sou, como bem sabes, oficial de latoeiro e já por muitas vezes te tenho dito o que presentemente ganha um oficial de latoeiro. Olha, Manuel, minha avó dizia que no tempo dos vicereis e mesmo no tempo de el-rei, quealquer que tivesse um ofício ganhava a vida e ainda ajuntava dinheiro. Agora o caso é outro.

Manuel - Deixa-te disso.

Francisco - Ora, dize-me, o que pode fazer um pobre latoeiro do país, quando a Rua do Ouvidor está cheia de latoeiros e lampistas franceses? Meu caro, se não fossem as seringas que fazemos para os moleques brincarem o entrudo, não sei o que seria de nós.

Manuel - Se vocês trabalhassem tão bem quanto eles...

Francisco - É um engano, é uma mania, e todos vão com ela; é obra estrangeira, e basta! Não se vê por esta cidade senão alfaia

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 363

tes franceses, dentistas americanos, maquinistas ingleses, médicos alemães, relojoeiros suíços, cabeleireiros franceses, estrangeiros de todas as seis partes do mundo. E resistam os artistas do país, se são capazes a essa torrente! Porém meu pai é que é o culpado de estar eu hoje como estou.

Manuel - Como assim?

Francisco - Em lugar de ensinar-me o seu ofício, como ensinou-me, podia ter-me mandado para S. Paulo estudar leis. Bem podia estar deputado.

Manuel - Ah, ah, ah! Deste modo podemos ser tudo...

Francisco - Manuel, tu és filho de Portugal e não estás bem ao fato da nossa Constituição. Ela diz: A lei é igual para todos. Isto quer dizer que todos podem ser tudo.

Manuel - Ah, entendes assim?

Francisco - No talento é que está a diferença. O homem de tAlento pode ser tudo quanto quiser, e tu bem sabes que eu tenho talento... Ainda ninguém pôde fazer, como eu, uma seringa de entrudo que esguiche água mais longe.

Manuel - Ora, Chico! (Sorrindo-se.)

Francisco - Olha, Manuel, não sei o que te diga; às vezes custa mais fazer-se uma seringa de esguicho do que certas leis.

Manuel - Estás hoje pregador.

Francisco - Estou zangado, tu és feliz.

Manuel - Feliz?

Francisco - Há oito meses que teu amo morreu e a viúva não poderia continuar com a taverna aberta sem o teu auxílio. Eras o único, como primeiro caixeiro, que sabia das transações do defunto.

Manuel, à parte e concentrado - E ainda sou caixeiro.

Francisco - Manuel, um negócio aqui me traz. És meu amigo, devo devo comunicar-te, até porque és nele interessado.

Manuel - Interessado? E como?

Francisco - Estou resolvido a casar-me.

Manuel - Queres-me dar interesse no teu casamento?

Francisco - Não. A mulher escolhida por mim é tua ama.

Manuel - Minha ama?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.364

Francisco - Ela mesma, e tenho razões para supor que lhe não sou indiferente.

Manuel, pegando-lhe no braço - Chico, és meu amigo?

Francisco - Duvida? Experimenta.

Manuel - Desiste desse casamento.

Francisco - Que eu desista? E por que?

Manuel - Por que? Não te posso dizer.

Francisco - Percebo...Queres-te casar com ela. Pois bem, mostrarei que sou teu amigo. Casa-te; tens mais direito do que eu...já estás em casa.

Manuel, abraçando-o - Obrigado, amigo.

Francisco - Pois bem, casar-me-ei com a nossa vizinha Deolinda.

Manuel - Chico, tu não te casarás com Deolinda!

Francisco - Hem?

Manuel - Digo-te que não casarás com ela.

Francisco - Essa agora é melhor! E por que não me casarei?

Manuel - A Deolinda já está casada.

Francisco - Casada? e com quem?

Manuel, em voz baixa - Comigo.

Francisco - Contigo? Mas que diabo de trapalhada é essa? És casado e queres casar?

Manuel - Chico, olha atentamente para mim.

Francisco - Estou olhando.

Manuel - Vês em mim um homem profundamente ambicioso...

Francisco - Tu?

Manuel - Sim, eu! E de uma ambição tão frenética, que me levará = à sepultura se a não vejo realizada...DE uma ambição ambiciosa!

Francisco - Tu me assustas! Acaso queres ser major da Guarda Nacional?

Manuel, com desprezo - Não

Francisco - Chefe de legião?

Manuel - Não.

Francisco - Tenente-General?

Manuel - Não.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.365

Francisco - Conde? Marquês? Ministro?

Manuel - Não.

Francisco - Manuel, Manuel, que queres tu ser?

Manuel, com mistério - Sócio de minha ama!

Francisco, rindo-se - Ah, ah! E só isso?

Manuel - Só, dizes tu? E que felicidade pode haver no mundo maior para mim? Ah, não sabes que satisfação será a minha, quando escrever em uma conta Fulano deve a Manuel Pacheco e Viúva Pereira a quantia de tanto, por gêneros comprados em sua venda. Sua, amigo, sua! Ela também será minha.

Francisco - Enfim, cada um tem lá ambição ao seu modo.

Manuel - E ainda sou caixeiro! Caixeiro! Sabes tu o que é um caixeiro? É um traste que paga imposto à Câmara Municipal, como qualquer carruagem ou burro.

Francisco - Mas não vejo por que não queres que eu case com tua ama.

Manuel - Não vês?

Francisco - Logo que estiver casado, prometo dar-te sociedade.

Manuel - Sabes tu se ela te ama?

Francisco - Julgo que não lhe sou indiferente.

Manuel - Pois digo-te eu que ela não te ama, porque ama-me.

Francisco - A ti?

Manuel - Sim, e de uma maneira desesperada e danada. Amigo, Deus te guarde de amor de mulher velha; é pior do que carrapato em orelha de burro. Compreendes agora a minha posição?

Francisco - Ainda não muito bem.

Manuel - Por amor - maldito amor! -, casei-me em segredo com Deolinda; nem o seu próprio irmão, o Sargento Quintino, o sabe. Pensa agora o que será de mim, se minha ama desconfiar que a desprezei por causa de outra mulher...Raivosa, expulsar-me-à desta casa e minhas esperanças serão malogradas. É preciso enganá-la até o dia em que assinarmos a escritura da sociedade.

Angélica, dentro - Manuel?

Manuel - Ela que me chama! Vai-te embora!

Francisco - Adeus, e estimo que sejas bem sucedido.

Manuel - Nem palavra...

Francisco - Fica descansado. (Sai)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.366

CENA V

Manuel e depois Angélica.

Manuel - Ela aí vem. Estou frio! Ai, que bocado amargoso! Ei-la.

Angélica, entrando - Manuel?

Manuel - Senhora minha ama?

Angélica - Ah, já estava inquieta...

Manuel - Oh, isso é bondade de minha ama. Trabalhava.

Angélica - Não quero que trabalhes tanto, que podes adoecer. Far-me-ias muita falta.

Manuel - Ninguém faz falta.

Angélica - As pessoas como tu fazem sempre falta.

Manuel, à parte - Temo-la!

Angélica - Não se encontra muitos caixeiros como tu.

Manuel - Oh, minha ama, dá licença que vá ver aquilo lá pelo balcão como vai.

Angélica - Espera! tens sempre tanta pressa quando falo contigo...

Manuel - Acudir às minhas obrigações.

Angélica - Já te disse que não quero que te mates. Não acharei outra pessoa com as tuas qualidades.

Manuel - Oh, minha ama, não mereço.

Angélica - Mereces tudo. A experiência do mundo tem-me feito conhecer os homens.

Manuel, à parte - Que tal a experiência?

Angélica - É todo o meu cuidado zelar a tua saúde.

Manuel - Tanta bondade!

Angélica, suspirando e olhando para ele. Ai, ai!

Manuel - Minha ama, sente alguma dor?

Angélica - Não.

Manuel, à parte - O caso está mau,

Angélica - Manuel, uma cousa te quero eu pedir.

Manuel - É uma ordem que recebo.

Angélica - Espero que não frequentes certas ruas desta cidade e que, sobretudo, não arranches para essas patuscadas dos domin

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.367

gos, que fazen os caixeiros no Jardim Botânico, nos canos da Carioca e nas Paineiras. Tens visto o resultado,

Manuel - Nunca gostei desses pagodes.

Angélica - Nem deves do mesmo modo frequentar os bailes nascarados.

Manuel - Bailes? Não sei dançar.

Angélica - Manuel, nos bailes nascarados não se dança, joga-se! Dever-se-iam antes chamar jogos nascarados, ou outro nome que eu não quero dizer. Aí é que a perdição é certa...E o jogo tem levado muita gente boa à forca; vê lá se queres também...

Manuel - Morrer enforcado? Nada?

Angélica - Tu morreres? Ah! (chegando-se para ele:) O que seria de mim, quero dizer, da minha venda, Manuel? Não fales em morrer (Pegando-lhe na mão:) Eu te seguiria...

Manuel, à parte - Oh, homem, até depois de morto!

Angélica, caindo em si, à parte - Ia traindo-me! (alto:) Digo-te isto, porque se me faltares, o meu negócio vai por água abaixo.

CENA VI

Manuel, Angélica e Quintino com farda de sargento de fuzileiros.

Quintino, entrando - Licença.

Manuel, à parte - Abençoada visita!

Angélica - Quem é?

Quintino - Um criado.

Manuel, reconhecendo-o e à parte - Oh, diabo, é o irmão de minha mulher e meu cunhado sem o saber!

Angélica - Deseja alguma cousa?

Quintino - Dous dedos de conversa ali com o Sr...

Manuel - Comigo?

Quintino - Sim senhor.

Manuel - Pois vamos cá para fora.

Angélica - Espera, Manuel, onde vas?

Quintino - Podemos falar aqui mesmo.

Manuel, à parte - Eu treno...

Quintino, pondo a barretina à cabeça, de lado - Dizem neste quarteirão que o senhor namora minha irmã.

Manuel - Não há tal.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.368

Angélica - Como é lá isso?

Manuel, à parte - Estou arranjado...

Quintino - Foi a primeira notícia que hoje tive, assim que cheguei da Praia Vermelha. O sapateiro da esquina disse-me...

Angélica, enfurecida - Como é isto, Manuel?

Manuel - O senhor está enganado. (Para Angélica) Não sabe o que diz está bêbado.

Quintino - O sapateiro da esquina disse-me que o viu entrar ontem à noite lá.

Angélica - Entrar lá?

Manuel - E o que prova isso?

Angélica - O que prova? E esta!

Manuel - Sua irmã não cose para fora?

Quintino - Cose, sim senhor, e com muita honestidade.

Manuel - Pois então? Mandei fazer por ela umas camisas e fui ontem ver se estavam prontas; se quiser, vá perguntar-lhe.

Quintino - Se foi só por isso, o caso é outro...

Manuel - E por que mais havia ser? Importo-me cá com sua irmã? O que tenho eu com sua irmã? Faço lá caso dela? (À parte:) E não me quer deitar a perder?

Angélica - Manuel!

Manuel - Deixe-me.

Quintino - Está bom, homem.

Angélica - Manuel!

Manuel - Estou zangado! Assim se desacredita ao homem de bem.

Quintino - En uma palavra, não a namora?

Manuel - Vá-se com todos os diabos você, sua irmã e toda a sua parentalha.

Quintino - Mais respeito!

Manuel - Pois não me esquente a cabeça! Ora, não tenho eu mais que fazer! DEixar de cuidar nos interesses de minha boa ama, para namorar sua irmã. Era o que me faltava...Diga ao sapateiro que vá conversar com os defuntos. Irra!

Quintino - Basta. Como não se importa com ela...

Manuel - Nem com você, sô barbaças!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p-369

Quintino, puxando da espada?- Barbaças? (Manuel corre para trás da Angélica)

Angélica, para Quintino - Senhor!

Quintino - Barbaças? Eu te ensinarei.

Angélica - Senhor sargento....

Quintino - Deixe-me sangrá-lo.

Manuel, à parte - Quer fazer a irmã viúva...

Angélica, para Quintino - Tranquileze-se, embainhe essa espada.

Quintino, para Manuel - Já eu te rezava por alma. Respeito as senhoras; é o que te salva.

Manuel, à parte - Belo cunhado!

Angélica - O senhor sargento pode ficar descansado; o Sr. Manuel, meu primeiro caixeiro, não é capaz de desinquietar sua irmã.

Manuel - Que dúvida!

Angélica - Tem outras muitas coisas em que cuidar.

Manuel - Sim, tenho outras coisas. (Assim dizendo, pegando na mão de Angélica e beija.)

Angélica - Ah! (Pondo a mão sobre o coração)

Quintino - Muito estimo, porque tenho cá certas vistas a seu respeito...Quero casá-la...

Manuel, à parte - Casar minha mulher!

Quintino, continuando - ...com o alferes de minha companhia.

Manuel - Casá-la com o alferes?

Quintino - Sim. E tem que dizer?

Manuel - Casá-la?

Angélica - E o que tens tu com isto?

Manuel, constrangendo-se - Nada, nada! (À parte:) E então? (Alto:) Pode casá-la com quem quiser. (À parte:) O diabo é se ela se esquece que está casada comigo...

Quintino - Meu menino, esta espada corta muito bem orelhas...E guarde-os Deus. (Sai.)

CENA VII

Manuel e Angélica

Manuel - Ora, aí está como se bota um homem a perder. Vem o diabo de um Ferrabrás destes a provocá-lo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.370

Angélica - É um desaforo!

Manuel - Se não fosse o respeito que tenho a esta casa, tinha-me atirado com aquela pipa à cabeça.

Angélica - Soldado de tarimba!

Manuel - Case lá a irmã com quem quiser.

Angélica - Mas tu te surpreendeste, quando ele disse que ia casar com o alferes.

Manuel - Foi surpresa de compaixão. Quem pode ver de sangue frio entregar uma pobre menina daquelas a um extravagante como é o alferes?

Angélica - É extravagante?

Manuel - Xi, como não faz idéia! Já foi coronel, e por causa de sua má cabeça tem descido de postos; breve estará soldado raso. Mas deixá-lo...

Angélica - Assim o queren, assim o tenham. Tratemos de nós.

Manuel, à parte - Ai!

Angélica - Manuel, eu estou resolvida a dar sociedade nesta minha venda a certa pessoa...

Manuel, à parte - Meu Deus!

Angélica - Uma mulher, por si só, pouco representa. Que dizes do meu projeto?

Manuel - Que só resta-me sair desta casa.

Angélica- Sair de minha casa?

Manuel - Enquanto sois dela única senhora, sirvo com prazer; mas quando tiverdes um sócio, um homem estranho, não posso, não devo.

Angélica, sorrindo-se - Não sejas tão precipitado; espera um instante. Eu vou lá dentro escrever um papel; não te digo mais nada...Lerás ...Espera, Manuelinho, espera; lerás...(Sai.)

CENA VIII

Manuel só, e depois Deolinda

Manuel - Será possível? Ouviram bem meus ouvidos suas palavras? Espera, Manuelinho, espera e lerás. Ó dita! Ó fortuna! Serei sócio! Sócio! Oh, o prazer sufoca-me; daqui a uma hora já não serei caixeiro; vou andar de cabeça levantada, orgulhoso, ufano...Sócio! Palavra mágica! Ninguém no mundo pertubará a minha felicidade.

Deolinda, entrando - Manuel?

Manuel - Oh, que havia-me esquecido de minha mulher!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.371

Deolinda - Ouve...

Manuel - Vai-te embora!

Deolinda - Hem?

Manuel, empurrando-a - Vai-te embora, vai-te embora, diabo!

Deolinda - Assim me recebes? Queres que me vá?

Manuel - Sim, sim.

Deolinda - Sabes que mais? Isto assim não pode durar...É preciso que declares o nosso casamento.

Manuel, com cólera e falando baixo - Desgraçada, cala-te, cala-te!

Deolinda - Se és meu marido...

Manuel, tapando-lhe a boca com a mão - Cala-te, ou meto-te esta mão pela boca a dentro.

Deolinda, chorando alto - Hi! Hi! Hi!

Manuel, raivoso e falando entre os dentes - Olha que te mato!

Deolinda - Hi! hi! hi!

Manuel, na maior aflição - Se minha ama chega, estou arranjado! (Raivoso:) Mulher! (Indo espiar à porta:) Hoje me perco! Ainda estará escrevendo? (Com ternura:) Deolinda...

Deolinda - Hi!hi!hi!

Manuel - Deolinda, não chores, tens compaixão de teu marido, que tanto te ama.

DEolinda - Deixe-me! Hi! hi!

Manuel, à parte - Se a velha chega...(Para Deolinda:) Amanhã ou depois tudo esclarecerei, mas hoje, oh!

Deolinda - E até lá, meu irmão estará maltratando-me e atrapalhando-me para que eu me case com o alferes.

Manuel - Mas tu não te casarás!

Deolinda - Quem sabe!

Manuel - Quem sabe? Isso são graças? Vê lá...

Deolinda - Tenho muito medo de meu irmão, e demais, meu marido está tão misterioso...Não quer declarar-se...

Manuel - E julgas que não tenho razões para assim fazer? Deolinda, minha cara Deolinda, escuta-me? Minha ama quer dar-me sociedade nesta venda, mas se ela souber que estou casado, tudo desfará.

Deolinda - E por que?

Manuel - Ela julga que um homem casado não deve ter sociedade com

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p-372

outra mulher e nem pode dirigir com todo cuidado uma casa como esta. A mulher, os filhos, a família...tomam tempo...

Deolinda - E logo que fores sócio...

Manuel - Oh, então declarar-me-ei...

Deolinda - Bem, esperarei, visto que esse é o motivo.

Manuel - E que outro poderia ser? Não és tu a minha querida mulher? Dá-me um abraço e vai-te embora. Dá-me (Abre os braços para abraçar a Deolinda. Angélica entra neste momento.)

CENA IX

Angélica com um papel e os ditos

Angélica - Manuel? (Manuel, ouvindo a voz de Angélica, fica com os braços abertos, na ação de abraçar Deolinda.)

Deolinda - Ah!

Angélica - O que é isto? Com os braços abertos?

Manuel, confuso - Estava mostrando o comprimento dos braços, para medida das camisas.

Angélica - Ah, a senhora é a Sra. Deolinda, que cose para fora e com muita honestidade?

Deolinda - Uma sua criada.

Angélica - E que vem em pessoa tomar medida aos fregueses... em suas próprias casas...e tudo com muita honestidade?...

Manuel, à parte - Elas pegam-se (Alto:) Minha ama!

Deolinda - Minha senhora, a honestidade guarda-se em toda a parte quando se é honesta; e quando não se é...

Manuel, para Deolinda - Deolinda!

Deolinda, continuando - ...mesmo sem que seja necessário sair-se de casa, praticam-se atos que envergonham...

Angélica - O que?

Manuel, para Deolinda - Cala-te.

Deolinda - ... e dizem-se palavras indignas de uma senhora de bem...

Angélica - A menina fala comigo?

DEolinda - ...e só próprias de uma vendelhona!

Angélica - Insolente!

Manuel - Minha ama!

Angélica - Já desta porta para fora...Já

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.373

Deolinda, com zombaria - Ofendi a duquesa?

Angélica, querendo ir sobre ela - Desavergonhada!

Manuel, retendo-a - Prudência!

Deolinda - Será ela...

Manuel, afastando-a - Prudência...Senhora minha ama Srª. Deolinda!

Angélica - Deixa-me ensinar esta malcriada!

Deolinda - Malcriada será ela, velha de uma figa!

Angélica - Velha? (Angélica e Deolinda forcejam para ir uma contra a outra.)

Manuel, para Deolinda, enganando-se - Senhora minha ama! (Para Angélica, do mesmo modo:) Deolinda! Diabo!...

CENA X

Francisco e os ditos.

Francisco - Então, o que temos?

Manuel - Prudência, que aí vem gente.

Francisco - Srª. D. Angélica ...(À parte, vendo Deolinda:) Deolinda por cá? Mau!

Angélica - Sr. Francisco, isto é um horror, um desaforo! O Sr. Manuel traz as suas costureiras - costureiras! - para casa e elas vêm insultaren me.

Manuel - Eu, senhora ama? Eu, Manuel Pacheco? Pois bem, hoje sairei desta casa.

Angélica - Saíres de minha casa?

Manuel - Desconfiam de mim,..Que faço aqui? Não d faço nada. Vou-me, vou-me com cem milhões de diabos!

Angélica - Manuel!

Manuel - Adeus, senhora.

Angélica, retendo-o - Não, tu não sairás...não posso...meu negócio não pode estar sem ti.

Manuel - Deixe-me!

Angélica - Não Sr. Francisco, ajude a segurá-lo.

Francisco - Então, Manuel, o que é isto?

Deolinda - Desgraçada de mim! Ela o ama! (Vai a sair pelo fundo.)

Angélica - Manuel, Manuel, não me abandones...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.379

CENA XI

Quintino e os ditos

Quintino, encontrando-se à porta com Deolinda - Espere lá.

Angélica - Quem é?

Manuel, à parte - Meu cunhado...

Francisco, à parte - Temos!...

Quintino, trazendo Deolinda para a frente - Preciso de uma explicação.

Deolinda - Deixa-me!

Angélica, para Quintino - Mas o que é isto, senhor?

Manuel - Sim o que é isto? Assim se entra por uma casa?

Quintino, para Deolinda, sem dar atenção aos mais - Não estavas em casa. Muito estimo encontrar-te aqui. É preciso que todos me ouçam: Deolinda, disseram-me que tu casaste ocultamente...

Deolinda - Eu?

Manuel, à parte - Mau!

Angélica - Casada!

Quintino - Não procures enganar-me estou bem informado.

Deolinda - Pois bem, confessarei: Sou casada.

Quintino - Ah, confessas?

Manuel, à parte - Estou perdido!

Francisco, à parte e ao mesmo tempo - No que dará isto?

Angélica - É possível?

Quintino - Agora quero saber quem é o teu marido.

Deolinda - Ah, ainda não sabe? Pois então pergunta ali ao Sr, Manuel.

Manuel - A mim?

Angélica, ao mesmo tempo - A ele?

Deolinda - Sim? diga ao meu irmão quem é meu marido.

Manuel - Que eu diga?

Angélica - Que horrível desconfiança...E esta escritura? (Querendo rasgar o papel)

Manuel, pegando-lhe na mão - Espere!

Deolinda, à parte - O que ia eu fazendo?

Manuel, para Quintino - Senhor sargento, eu queria guardar segredo,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 375

porque assim me pediram; mas como o negócio está meio divulgado, fala-rei. Fui padrinho do casamento...

Angélica - Tu?

Manuel - E assim, sei quem é o marido.

Quintino - E quem é?

Manuel - O Sr. FRancisco.

FRancisco - Hem?

DEolinda - O que diz?

Angélica, ao mesmo tempo - O Sr. FRancisco?

Quintino - Ah, o senhor é meu cunhado?

Francis - Eu, senhor?

Manuel, abraçando com Francisco - Amigo, perdoa se falei...(À parte para ele:) Salve-me Chico, salve-me! (Alto:) O negócio estava meio sabido...(À parte:) Salve-me Chico...(Alto:) DE que serviria ocultar mais tempo? (À parte:) Dize que te casaste...

Francisco - Mas, se tu...

Manuel - Estás zangado porque falei.(À parte:) Salva-me, Chico!

Francisco, à parte- tranquiliza-te...(Alto:) Enfim, como já se sabe, que remédio?...Estou casado com a senhora...A senhora é minha mulher... (À parte:) Já que assim quer seu marido...

Angélica, à parte - Aqui há mistério...

Quintino - O que está feito, está feito. Lograram-me. Cunhado, aperta esta manopla. Quisera antes que a Deolinda se casasse com o alferes; mas enfim, também és bom rapaz. Vou ao "Gradil" encomendar um jantar; há de haver bebedeira grossa. Com licença da companhia; volto. (Vai-se)

Manuel, à parte - Escapei de boas!

Angélica - Com que, o Sr. Francisco é casado!

Francisco - O homem sacrifica-se, às vezes.

Angélica, para Manuel - E nunca me disseste nada.

Manuel - Segredo de um amigo.

Deolinda, à parte - Que papel faço eu aqui?

Angélica, à parte - Estou desconfiada; aqui engana-se alguém. Ah, se for a mim...(Alto:) Manuel, vem comigo; o Sr. Francisco quererá ficar a só com sua mulher...

Manuel - Só, com ela!

Angélica - E o que tem isso?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0228, p376

Manuel, à parte - Pergunta o que tem...(Alto:) Nada, nada!

Angélica - Pois segue-me (À parte:) Há mistério!

Manuel - Eu vou. (À parte, para Francisco:) Chico!... (Angélica sai. Manuel acompanha Angélica, fazendo sinais para Francisco.)

CENA XII

Francisco com Deolinda.

Francisco - Pobre Manuel, a quanto o obriga a ambição!

Deolinda - Belo marido tenho eu, que me entrega a outro.

Francisco - Então, Srª. Deolinda, que me diz a esta? Deve-me estar agradecida, salvei seu marido.

Deolinda - Que marido! Envergonha-se de ter-me por mulher.

Francisco - Não é vergonha, é medo.

Deolinda - Mêdo? Antes me tivesse casado com outro.

Francisco - Não me quiseste a mim por marido...

DEolinda - Vou-me embora.

Francisco, retendo-a - Espere.

Deolinda - Não posso mais estar aqui.

Francisco - Devagar, não comprometa seu marido.

Deolinda - Deixe-me.

Francisco - Sinto passos; aí vem ela. Dê-me um abraço. (Abraça-a)

Deolinda, esforçando-se por sair de seus braços - Senhor!

CENA XIII

Os ditos, Angélica, seguida de Manuel, que traz algumas garrafas. Passam à porta vendo Francisco abraçar.

Francisco - Não se espante. Isto é por conta dele. Abrace-me, que e-la nos vê.

Deolinda, vendo Manuel - Ah, pois bem, abracemo-nos. (Abraça-o) Assim me vingarei dele.

Francisco - Bravo! (Abraçam-se)

Manuel, à porta - Isto não pode ser!...

Angélica, retendo-o - E que te importa que o Sr. Francisco abrace sua mulher?

Manuel - É indecente!

Angélica - Deixa-os lá e vem comigo. (Vai atravessando a cena e sai. Manuel vai acompanhando Angélica.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p 377

Deolinda, correndo e retendo Manuel no momento deste sair - Vem cá!

Manuel - Traidora!

Deolinda - Ah, está zangado?

Manuel - Abraçando-o!

Deolinda - Fiz muito bem; é para teu ensino.

Francisco - Pateta, não vês que era para melhor enganar tua mãe?

Manuel - Ah, era para isso? Perdoa-me Deolinda. Chico, pega nestas garrafas. (Dando-as a Francisco:) Se soubesses, Deolinda, o que tenho sofrido hoje!

Francisco - Agora abracem-se.

Manuel - Perdoa-me se te dei outro marido; era para nosso bem. Dá cá um abraço.

Deolinda, abraçando-o - Sou muito boa em perdoar-te! (Francisco, enquanto os dois se abraçam, desarrolha uma garrafa e bebe.)

Manuel - Minha mulherzinha, aperta!

CENA XIV

Angélica e os ditos

Angélica, da porta - Que escândalo! Que escândalo! (Francisco, Manuel e Deolinda ficam espantados.) Assim deixa abraçar sua mulher? E vê isso bebendo? Que imoralidade! Que escândalo!

Francisco - Foi por distração e sede.

Manuel - É minha afilhada...Sou padrinho, e bem vê...

Angélica - Sim, é afilhada! (Para Francisco:) O senhor, pelo que vejo não é ciumento...E a menina...Está bonito!

Francisco - Entre amigos não deve haver ciúmes - e quando há confiança na amizade, bebe-se.

Angélica - E dorme-se...tem razão. Mas olhe que há muita gente que assim se perde pela confiança que tem nos amigos... (À parte:) Eu saberei como isto é. (Para Manuel.) Vai acabar de arrumar as garrafas.

Manuel, à parte, para Francisco - Cuidado com a bicha. (Vai-se.)

Angélica, para Francisco - Tinha que lhe dar uma palavra...Mas ao senhor só.

Francisco - Deolinda, vai-me esperar lá em casa.

Deolinda - Eu vou. (À parte, para Francisco:) Diga a Manuel que lá o espero. (Sai.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p-378

CENA XV

Angélica e Francisco, (e depois Manuel e Quintino.)

Angélica, à parte - Hei-de saber como isto é...Empregarei um meio...

Francisco - A Srª. D. Angélica está tão pensativa!

Angélica - E tenho motivos para isso. Sr. Francisco, é preciso que eu seja sincera com o senhor.

Francisco - Há muito que isso desejo.

Angélica - O senhor ten-me dado a entender que minha mão lhe seria agradável.

Francisco - Senhora...

Angélica - Não tenho correspondido às suas finezas, porque enfim... uma mulher vexa-se...Esperava poder confessar um dia esse segredo, mas ah, enganei-me, enganei-me!

Francisco - D. Angélica!

Angélica - Foi uma zombaria! Eu, que o amava...

Francisco - A mim?

Angélica - Sim, ingrato, a ti.

Francisco - Oh! (À parte:) O manuel que se arranje como puder, eu falo

Angélica - A mim, semelhante traição! A mim, que já havia feito esta escritura de casamento; vê...Só o nome está em branco. O lugar era para o teu.

Francisco - Dá-ma!

Angélica - Agora de nada serve. (Quer rasgar.)

Francisco - Não rasgue!

Angélica - Estás casado.

Francisco - Casado! (À parte:) Leve o diabo o Manuel (Alto:) Angélica, quem te disse que estava casado, mentiu.

Angélica - Mentiu?

Francisco - Eu não estou casado.

Angélica - Não estás casado? E quem é o marido de Deolinda?

Francisco - Não lhe posso dizer, mas juro-lhe que estou tão solteiro como quando nasci. Eis-me aos seus pés. (Ajoelha-se:) Dê-me essa promessa.

Angélica - Levanta-te. (Quintino aparece à porta do fundo e fica surpreendido, vendo Francisco aos pés de Angélica.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, e 379

Francisco - Não me levantarei enquanto não me der sua palavra que me fará ditoso.

Quintino - O marido de minha irmã aos pés de outra mulher?

Angélica - Lá de fora podem ver-nos...

Francisco - E que vejam! Não serei eu seu esposo? (Manuel aparece à porta da direita e, vendo Francisco de joelhos, fica estupefato.)

Angélica - Talvez, mas levanta-te.

Francisco - Não!

Manuel - Muito bem, muito bem! Amigo falso!

Francisco, levantando-se - Ah!

Angélica - Ah!

Manuel - Muito bem!

FRancisco - Desculpa-me...Ela me ama e eu também a amo.

Quintino, que nesse tempo, tem-se aproximado, segura a Francisco pela gola da jaqueta, dizendo - Ah! tu a amas? E minha irmã, tua mulher?

Francisco - Ai!

Quintino - Assim a enganas, patife?

Francisco - Sua irmã não é minha mulher.

Quintino - Negas?

Angélica, para Manuel - Quem é o marido?

Manuel - Não sei. (Angélica toma a Maneul pelo braço. Quintino faz o mesmo a Francisco. Todos falam ao mesmo tempo.)

Angélica, para Manuel - Quem é o marido? Para que me enganaste? Dize já, quero saber. Ah, não dizes? Eu me vingarei! Não dizes, porque tens medo? Ingrato, mal-agradecido, eu me vingarei, me vingarei.

Manuel, para Angélica - Não sei...Posso lá saber quem é o marido de todas as mulheres? Disse o que me disseram; pode ser que me engane. Senhora minha ama, deixe-me, assim não nos entenderemos.

Quintino, para Francisco, a quem ameaça com a espada - Pensas que assim hás-de mangar com o sargento Quintino? Primeiro hei-de tirar-te as tripas, pô-las ao sol. Enganar minha irmã! Tira as mãos...enfio-te... mariola...tira as mãos!

Francisco, esforçando-se para sair das mãos de Quintino - Deixe-me, não sou seu cunhado, já lhe disse. Ai, ai, não me mate! Ai, quem me acode? Juro que não é minha mulher! Ai, ai! (Todos acabam gritando.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.380

CENA FINAL

Antônio e José, armados de achas de lenha, Deolinda e os ditos

Antônio, entrando - O que aconteceu?

Deolinda - O que é, Quintino?

Antônio - Senhora minha ama!

Deolinda - O que foi?

Quintino para Deolinda - O que foi? Vim encontrar teu marido aos pés desta senhora.

Deolinda - Meu marido de joelhos a seus pés.

Quintino - Sim, dizendo que a amava.

Deolinda, indo para Manuel - Traidor!

Manuel - Hem?

Deolinda - Assim é que me guardavas fidelidade?

Angélica - Ah!

Quintino - Olha que te enganas!

Deolinda - Não, não me engano; este é o meu marido.

Quintino - Seu marido?

Angélica, ao mesmo tempo - Seu marido?

Manuel, à parte - Ai, ai, ai!

Francisco, à parte e ao mesmo tempo - Pobre Manuel!

Angélica, para Manuel - Ah, tu eras casado e enganavas-me!

Deolinda - A mim é que enganava.

Quintino, - Então, com todos os diabos, quem aqui é meu cunhado?

Manuel, apontando para Francisco - É ele! É ele!

Francisco, apontando para Manuel, ao mesmo tempo - É ele! É ele!

Quintino, para Deolinda - Ambos!

Angélica - Espere, Sr. Sargento, que eu porei estas coisas em ordem. (À parte, para Manuel) Ingrato, tudo está explicado e eu me vingarei!

Manuel - Minha ama!

Angélica, repelindo-o com gesto desprezador - Sr. Francisco, aqui está a escritura de nosso casamento. (Dá-lhe o papel.)

Francisco - Quanto sou ditoso!

Manuel - Mas senhora...

Angélica, interrompendo-o - O Sr, Manuel terá a bondade de procurar outro arranjo, porque hoje deixa de ser meu caixeiro. Tenho um marido e nele um sócio.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0229, p-381

Manuel - Un sócio! (Para Francisco, na maior desesperação: Amigo infiel e pérfido, és a causa de minha desgraça e perdição!

Francisco - Eu Manuel?

Manuel - Sim

Francisco - Fiz o que pude por ti, fui marido de tua mulher...Tu és culpado, eu não.

Manuel, voltando para Deolinda - Então foste tu, mulher traidora?

Deolinda - Eu? Não guardei segredo? Queixa-te de ti; de mim, não.

Manuel - para Quintino - Então foste tu, barbaças do diabo!

Quintino, ameaçando-o - Passe de largo!

Manuel, voltando-se para Angélica - Ou tu, carocha do inferno!

Angélica - Maroto! Já por esta porta fora e vai ser caixeiro de Belzebu!

Manuel, como louco - Caixeiro, sempre caixeiro! Oh, afastem-se de mim, que estou louco, desesperado, furibundo! Para longe! Serei sempre caixeiro, caixeiro, caixeiro! Pagarei sempre imposto, como uma saca de café, um burro, um cavalo. Não sou nada no mundo. Cortem-me esta cabeça, pendurem-me na porta do açougue. Sou um boi; paguei direitos na barreira. Sou um boi (Assim dizendo, principia a berrar como boi.)

Todos - Manuel! (Manuel berra.)

Deolinda - Meu Deus, está louco!

Todos - Louco!

Deolinda - Que desgraça!

Francisco, ao mesmo tempo - coitado!

Quintino, ao mesmo tempo - Pobre homem!

Angélica, ao mesmo tempo - Faz-me pena!

Manuel, traz Antonio pelo braço para a frente do teatro - Antônio, eis-me de joelhos a teus pés (Ajoelha.) Lembra-te da amizade que nos uniu e faze-me o último favor. (Abre a camisa.) Enterra-me no coração essa acha de lenha, traspassa-me o peito com ela. Não queres?

Angélica - Manuel!

Manuel - Quem me chama?

Angélica - É tua ama! Manuel, esqueço-me da afronta que me fizeste e lembrar-me-ei somente dos serviços que me tens prestado...Será nosso sócio, não é assim Chiquinho?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.382

Francisco - Sim, serás nosso sócio.

Deolinda - Será sócio! (Manuel levanta pouco a pouco, como procurando fixar-se do sentido das palavras que lhe dizem).

Angélica - Será nosso sócio, ficarás conosco, eu te perdôo.

Manuel - Sócio! Ouviram bem meus ouvidos? Serei sócio! (Caindo de joelhos e levantando as mãos para o céu:) Oh, meu Deus, está satisfeita a minha ambição! (Todos falam ao mesmo tempo:)

Deolinda - Está salvo!

Quintino - Pobre sócio!

Angélica - Pobre Manuel!

Francisco- Pobre amigo!

Manuel - Serei sócio! (Cai o pano.)

F I M.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 383

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ
DIVISÃO DE POLÍCIA FEDERAL EM LONDRINA

RELATÓRIO Nº 04/84-SCDP/DPF/LDA Londrina, 03 de maio de 1984

Do: Chefe da SCDP/DPF/LDA
Ao.Sr.Chefe do SCDP/SR/PR
Assunto: Relatório do Ensaio Geral da peça teatral "O CAIXEIRO DA TAVERNA".

Senhor Chefe

No dia 17 de abril do corrente ano, das 15:00 às 16:30 horas, numa das dependências da Universidade Estadual de Maringá/Pr., assisti ao Ensaio Geral da peça teatral "O CAIXEIRO DA TAVERNA", de Martins Pena, encenada pelo Grupo de Teatro Experimental Universitário de Maringá, composto por seis atores, sob a direção artística de Alaor Gregório de Oliveira.

O cenário, bem simples, composto por um telão ao fundo com uma porta no centro e duas janelas de cada lado; uma escrivaninha de madeira; três fardos e um balcão.

Personagens e indumentárias: Manoel (português), com calça listrada, botinas pretas e camisa branca; Antônio (empregado da taverna) traja calça curta, camisa de linho cru, sem sapatos; Francisco (amigo de Manoel) usa calça e colete listrados, casaco, gravata e botinas pretas; Angélica (viúva e proprietária da taverna) de vestido longo de cetim verde com decote no busto e aplicação de um avental bege sobre a saia; Deolinda (costureira) faz uso de um vestido xadrez vermelho e branco; e Quintino (militar), farda da milícia de 1.845, quepe verde, espada de madeira, botinas pretas e polainas brancas.

Não existe sonoplastia e na iluminação são utilizados sete "spots".

continua ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.384

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ
DIVISÃO DE POLÍCIA FEDERAL EM LONDRINA

continuação ...

A obra retrata a vida de um português que vem para o Brasil e vai trabalhar de caixeiro numa taverna cujo proprietário morreu há alguns mêses. O português de nome Manoel, muito ambicioso, pretendia tornar-se sócio da viúva, proprietária da taverna. Ocorre que o sr.Manoel, em segredo, casa-se com a irmã do Sargento Quintino, mas mesmo assim continua pensando em dona Angélica, proprietária da taverna, com o intuito de fazer-se sócio dela. Com o passar do tempo, a proprietária descobre que o seu caixeiro, o português, está casado com Deolinda, irmã do sargento, então, despede-o de sua taverna. O português, com o acontecimento, vem a ficar quase louco; com isso, a proprietária penalisada, resolve dar-lhe sociedade na taverna. Proprietário de parte da taverna, o português, sr.Manoel, retoma sua sanidade mental, concluindo, assim, o espetáculo teatral.

Quanto às expressões corporais e locuções são adequadas a um espetáculo dirigido ao público infantil, não havendo necessidade de restrição, por isso, sugiro a V.Sa. a liberação da peça "O CAIXEIRO DA TAVERNA", de Martins Pena, com a chancela de "LIVRE", consoante com a determinada no Certificado de Censura nº0.067/82-SCDP/SR/PR, emitido em 04 de agôsto de 1.982.

É o relatório.

Bel.José Pedro de Camargo Neto
Técnico de Censura
Chefe da SCDP/DPF/LONDRINA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.385

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Parecer nº 230 /82-SCDP/SR/PR
XXXXX

04 de agosto de 1982

TC Francisco Surek
SR/DPF/PR

Ilmº. Sr. Chefe do SCDP/SR/PR

Parecer sobre análise de texto teatral (apresenta)

Título da peça: "O CAIXEIRO DA TAVERNA"
Autor: Martins Pena.
Requerente: Valter Decea Pedrosa
Produção: Escola de artes Cênicas da Universida Estadual de Maringá - PR.
Classificação etária: Livre.

A ação da referida peça ocorre no Rio de Janeiro, em 1845. O caixeiro Manuel, vindo do Porto, administra a taverna, da ama Angélica, efetuando a contabilidade e falsifi - cando aguardente e vinho. Ele e o latoeiro Francisco lamentam / que a fortuna seja adquirida vagarosamente, devido à pujança / dos profissionais estrangeiros: alfaiates, cabeleireiros e latoeiros franceses, dentistas americanos, maquinistas ingleses, médicos alemães e relojoeiros suiços. Francisco confidencia que pretende casar-se com a ama de Manuel. Este, casado com Deolinda, dissuade-o porque pretende fingir que ama Angélica até assinar escritura de sociedade da taverna. Contudo Quintino divulga a notícia de que sua irmã Deolinda casou-se ocultamente. Por / certo tempo, Manoel sustenta que é o padrinho e Francisco, marido de Deolinda. O oportunista Francisco provoca escândalo ao abraçar Deolinda e, posteriormente, ao ajoelhar-se perante Angélica que, após a elucidação dos estados civis, dá-lhe a escritura de casamento e despede Manuel. Desesperado, este prefere a morte e pede que seu coração seja traspassado por uma acha de lenha. A velha ama, comovida, perdoa-o pelas ofensas e admite-o também como sócio, em virtude dos bons serviços prestados.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 386

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

A mensagem da peça é a apresentação de Manuel labutando, honestamente e também por meios escusos, para tornar-se abastado. Alcança o objetivo apenas em atenção às virtudes.

Manuel ousa também misturar água em bebidas; a mensagem é proveitosa porque possibilita que, em estabelecimento de marabuto, os espectadores desconfiem das mercadorias.

O público alvo presumível é o povo humilde. A linguagem do script é formal e o grau de persuasão, regular.

O texto examinado conta com 23 folhas e o conteudo é monopolizado pelo ato único.

Em atenção ao radiograma nº 622/82, opinamos pela liberação de "O CAIXEIRO DA TAVERNA" com a classificação LIVRE, crentes de que os idílios e a tentativa de suicídio não atinjam o climax do grau de persuasão.

TC Francisco Surek.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 387

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Curitiba, 02 de agosto de 1 982

Do TC Lilian Filus
Ao Sr. Chefe do SCDP/SR/PR
Assunto: Parecer nº 228/82 (encaminha)

Análise de texto teatral

TÍTULO: "O caixeiro da taverna"
AUTOR: Martins Penna
REQUERENTE: Valter Decea Pedrosa - Escola de Artes Cênicas da Universidade Estadual de Maringá
PARECER: pela liberação com a classificação LIVRE

O texto é a história de Manuel, imigrante português muito ambicioso, que deseja "subir na vida sem fazer muita força". Para isto, decide"enrolar"a patroa, viúva proprietária da taverna onde trabalha e que lhe dedica algum afeto, até tornar-se sócio da empresa, obrigando-se, então, a acobertar as suas recentes núpcias com Deolinda.

Por ironia do destino, seu amigo Francisco também quer casar-se com Angélica. No entanto, por amizade, resolve deixar o caminho livre para Manuel.

Ambos não contavam com um contratempo: Quintino, irmão de Deolinda, que ouvira boatos e resolve por o "caso" a limpo.

A confusão se estabelece quando ele e os outros casais se encontram, dando origem a uma série de cenas cômicas com a troca dos pares.

Por fim, Angélica lança mão de um argumento infalível. Fala da intenção de se casar com Francisco, tornando-o seu sócio. O rapaz prefere salvar a própria pele, contando-lhe toda a verdade.

Manuel, na iminência de se conservar caixeiro, tem um ataque de histeria. Desse modo, consegue sensibilizar os comerciantes que lhe propõem sociedade.

A mensagem da peça é positiva. Apresenta a ambição como um "horrível martírio", com conseqüências graves, tendo o mérito de reforçá-la com a apresentação de personagens capazes de dividir o que possuem. Mostra como todos os atos vêm a público, mesmo que co-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 388

metidos na surdina.

Apesar de antiga, a peça contém referências válidas até hoje: naquele tempo (1845), o povo já preferia produtos estrangeiros, acarretando conseqüências de ordem profissional, com a restrição do mercado de trabalho e já era comum lograr o consumidor com a adulteração dos produtos (colocação de água na aguardente e no vinho para auferir maior margem de lucros).

A linguagem é acessível, apesar de formal; a peça é cômica e nada contém que contrarie a moral e os bons costumes, adequando-se à todas as faixas de idade.

Seu objetivo maior é o entretenimento, mas consegue persuadir, pois prega valores incontestáveis.

Do exposto, opinamos por sua liberação com a classificação LIVRE.

É o nosso parecer.

Lilian Filus
Técnico de Censura.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.389

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

XXXXX PARECER Nº 221/82-SCDP 29 de julho de 1982

T.C. Regina Maria Abil Russ

Chefe do SCDP

Exame de texto teatral (encaminha)
Título:- "O CAIXEIRO DA TAVERNA"
Autor:- Martins Pena
Requerente:- Valter Decéa Pedrosa
Produção:- Escola de Artes Cênicas da Fundação Universidade Estadual de Maringá/PR
CLASSIFICAÇÃO:- LIVRE

A história, ambientada no Brasil de meados do Século XIX, narra as proezas do ambicioso português "Manuel" em enganar pessoas, principalmente a dona da taverna onde é caixeiro, com o intuito de conseguir o maior objetivo de sua vida - tornar-se sócio da viúva.

Embora já estivesse casado por amor com a costureirinha "Deolinda", o rapaz mantém o fato em segredo, pois "Dona Angélica", a patroa, demonstra-lhe um afeto que poderá culminar com a assinatura do sonhado contrato. Aí, já com os documentos de sociedade em mãos, estará livre das atenções da velha senhora, e poderá revelar o casamento.

Tudo estava saindo a contento, até que aparece "Quintino", um sargento irmão de Deolinda, e a história se complica. Ele descobre que a moça casou secretamente e, truculento, procura saber quem é o esposo. Apanhado de surpresa dentro da taverna, Manuel, que está prestes a tornar-se sócio da viúva, não hesita em dizer que seu amigo Francisco é o verdadeiro marido de Deolinda.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 390

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

A viúva Angélica não acreditou na farsa, e arma um plano para descobrir a verdade. Chama Francisco e declara-lhe amor, o que faz o moço revelar não ser casado, e que está apto a contrair núpcias com ela. Manuel é desmascarado, fica no auge do desespero, mas a velha, reconhecendo seus bons serviços, o convida para tornar-se também sócio na taverna. Tudo termina bem.

Considerando que o texto é uma comédia de época, apresentando aspectos históricos curiosos, como a taverna onde os fregueses compram fiado, o caixeiro, tipo já esquecido atualmente; mais a ingenuidade das personagens; mesmo o protagonista Manuel, ao esconder o seu casamento, mostra situação "sui-generis" para os dias de hoje, em que as pessoas, por ambição, desfazem qualquer compromisso; a mocinha bonita que ganha o coração do rapaz, enquanto a velha endinheirada precisa usar da fortuna para conseguir um marido; e que nada traz que possa ferir a moral e os bons costumes; e que já tem certificado expedido pela DCDP/DPF; opinamos pela ratificação da classificação LIVRE.

É o Parecer.

Regina Russ

TC-Regina Maria Abil Russ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.391

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 0.067/82-SCDP/SR/PR + PROVISORIO +

PEÇA " O CAIXEIRO DA TAVERNA "

ORIGINAL DE Martins Pena

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

VÁLIDO ATÉ 04 de Outubro de 19 82

Curitiba, 04 de Agôsto de 19 82

TC Benedito Zumas Filho
Chefe do SCDP/SR/PR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0229, p-392

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " O CAIXEIRO DA TAVERNA "

Original de Martins Pena

Tradução de xxx....xxxxx

Adaptação de ...xxxx.....

Produção de Escola de Artes Cênicas - Setor de Teatro da FUEM - Maringá/PR

Requerida por Valter Decea Pedrosa

Tendo sido censurada em 04 de Agôsto de 1982 e recebido a seguinte classificação: LIVRE. Condicionado ao exame de Ensaio Geral. Este Certificado somente tera validade quando acompanhado do texto devidamente carimbado e rubricado pelo SCDP/SR/PR. xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Curitiba, ~~xxxxx~~ 04 de Agôsto de 1982

DC Francisco Surek
~~xChefe do Serviço de Censura xxxxxxxx~~
Chefe da SCC/SCDP/SR/PRR

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p. 393

TEATRO

TÍTULO O CAIXEIRO DA TAVERNA.

AUTOR: MARTINS PENNA.

1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE.

Praça SR/PR

Obs.:

DF. 30 / 05 / 84 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de LIVRE anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: art. provisório - SR/PR

Brasília-DF, 01 de 06 de 1984

Nellé Prudente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de LIVRE

Brasília-DF, 05 de 06 de 1984

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em 05/06/1984

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.394

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
1390	05 DE JUNHO DE 1984	05 DE JUNHO DE 1989

TÍTULO: "O CAIXEIRO DA TAVERNA"

AUTOR (ES): MARTINS PENA

CLASSIFICAÇÃO: LIVRE

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE:

Solange M. T. Hernandes
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: "O CAIXEIRO DA TAVERNA"

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL CERTIFICADO Nº 1390

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: VALTER DECEA PEDROSA *CURITIBA/PR*

DECISÃO: LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÕ TERÃ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

NEI DE OLIVEIRA
Chefe do SC /DCDP
ASSINATURA

Brasília, 05 DE JUNHO DE 1984.

GRC

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0228, p.395/395

06 de junho de 1984

891/84-SE/DCDP

PR

"HELLO BOY", de autoria de Roberto Gill Camargo; "O CAIXEIRO DA TAVERNA", de autoria Martins Penaa e "O FANTÁSTICO MUNDO DA IMAGINAÇÃO", deuautoria de Marilú Alvarez e Alberto Soares.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP